Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

FLÁVIA BARRETTO CORRÊA CATITA

Antes e depois de “O Almada”: percurso editorial e transcrição diplomática do manuscrito do poema herói-cômico de Machado de Assis

VERSÃO CORRIGIDA

v. 1

São Paulo
2019

FLÁVIA BARRETTO CORRÊA CATITA

Antes e depois de “O Almada”: percurso editorial e transcrição diplomática do manuscrito do poema herói-cômico de Machado de Assis

VERSÃO CORRIGIDA

v. 1

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Letras

Orientador: Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C364a

Catita, Flávia Barretto Corrêa
Antes e depois de “O Almada”: percurso editorial e transcrição diplomática do manuscrito do poema herói-cômico de Machado de Assis / Flávia Barretto Corrêa Catita ; orientador Hélio de Seixas Guimarães. - São Paulo, 2019.
575 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Literatura Brasileira.

1. Literatura Brasileira. 2. Assis, Machado de, 1839-1908. 3. Manuscritos. 4. Transcrição diplomática. I. Guimarães, Hélio de Seixas, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Flávia Barretto Corrêa Catita

Data da defesa: __13___/_12____/_2019___

Nome do Prof. (a) orientador (a): Hélio de Seixas Guimarães

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, _11___/_02____/_2020_____

_____

(Assinatura do (a) orientador (a)

CATITA, Flávia Barretto Corrêa
Antes e depois de “O Almada”: percurso editorial e transcrição diplomática do manuscrito do poema herói-cômico de Machado de Assis

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Letras

Aprovada em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr.:_____

Instituição:_____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr.:_____

Instituição:_____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr.:_____

Instituição:_____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Para Sofia, minha menina-loba.

Agradecimentos

Ao professor Hélio de Seixas Guimarães, pela orientação sempre assertiva e competente desde a Iniciação Científica, há quase 11 anos.

Aos professores presentes na Banca de Qualificação e em diversos momentos da pesquisa, José Américo Miranda e Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, que trouxeram importantes contribuições para o aprimoramento do trabalho.

À professora Lúcia Granja, pela ajuda com as crônicas e catálogos da Garnier.

Aos colegas da graduação e da pós e aos amigos sempre presentes nos bons e maus momentos:

- Ana Carolina Sá Telles (pelas conversas, cafés e horóscopos)
- Camila Russo de Almeida Spagnoli e Lígia Rivello Baranda Kimori (companheiras de pesquisa e maternagem)
- Carolina Zuppo Abed (pelo apoio nos momentos de bloqueio criativo)
- Danielli Giovannetti, Êmili Ramos de Campos, Luiz Roberto de Almeida, Sthephanie Souza e Thays Munhoz (fiéis amigos desde a adolescência, por sempre me apoiarem e trazerem leveza com suas risadas)
- Fernando Borsato, Ingrid Riemount, Rodrigo Trindade, Tiago Seminatti (pelo diálogo sempre produtivo e pelas boas cervejas)
- Luciana Antonini Schoeps (pela ajuda com a leitura do manuscrito e interlocução proveitosa)

Às funcionárias do Arquivo Múcio Leão da Academia Brasileira de Letras, Juliana Amorim e Maria Oliveira.

À bolsa do CNPq, processo nº 142116/2015-7, que possibilitou dedicação exclusiva à pesquisa.

Aos meu pais, pela vida, e à família, pela estrutura e apoio.

Ao Adriano, por tudo que passamos (e ainda vamos passar) juntos.

A história literária é sempre uma maldição para quem escreve no presente, aí todos os livros estão acabados e funcionam como monumentos, dispostos em ordem como quem caminha por uma praça à noite. Uma “verdadeira” história literária deveria ser construída sobre os livros inacabados, sobre as obras malogradas, sobre os inéditos: aí se encontraria o clima mais verdadeiro de uma época e de uma cultura.

Ricardo Piglia, *Os anos felizes*.

Resumo

CATITA, Flávia Barretto Corrêa. *Antes e depois de "O Almada"*: percurso editorial e transcrição diplomática do manuscrito do poema herói-cômico de Machado de Assis. 2019. 575 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta tese analisa o conjunto de versos de um poema herói-cômico machadiano publicado de modo fragmentado em vários momentos da vida do autor, mas nunca integralmente. A tese mostra como a composição final, feita postumamente e que se tornou a versão mais conhecida da obra, é problemática e sugere uma unidade e uma completude que nunca existiram efetivamente como resultados de ações do autor Machado de Assis. Para analisar esse percurso, o trabalho faz uma recolha das primeiras menções do escritor ao gênero herói-cômico, em crônicas da década de 1860 e reúne as publicações de fragmentos do poema, em diferentes momentos ao longo de 22 anos, e, por fim, comenta a configuração mais completa do texto, publicada no livro *Outras relíquias* (1910) com o título "O Almada", atribuído postumamente ao conjunto dos versos. Testemunha desse processo é o manuscrito do poema, em posse da Academia Brasileira de Letras, que se apresenta incompleto, cheio de rasuras e com trechos substancialmente diferentes da versão publicada em 1910, ainda que os organizadores do livro afirmem no prefácio terem se baseado nesse manuscrito para a elaboração do volume. Assim, este trabalho procura mostrar como o texto estabelecido para publicação em 1910 possui uma série de características nunca consideradas anteriormente, como o fato de ter sido construído por várias mãos e não ter encontrado uma forma acabada pelo autor. Portanto, o que há anos se reitera como uma obra una (embora incompleta), intitulada "O Almada", só existiu dessa forma depois de 1910, dois anos após a morte de Machado de Assis. A segunda parte da tese apresenta, pela primeira vez ao público, a reprodução fac-similar de todos os 210 fólios desse manuscrito, acompanhada de uma transcrição diplomática. Essa transcrição apresenta uma cópia digitalizada do original e, na página seguinte, reproduz a transcrição do documento, respeitando ortografia, pontuação e quebra de linhas, o mais próximo possível da última versão conhecida do manuscrito. Esperamos que esse material constitua instrumento de trabalho para futuras pesquisas sobre esse conjunto de versos em particular e sobre a obra de Machado de Assis de maneira mais geral.

Palavras-chave: "O Almada"; Machado de Assis; manuscrito; transcrição diplomática.

Abstract

CATITA, Flávia Barretto Corrêa. *Before and after "O Almada"*: The path of Machado de Assis's mock-heroic poem's publication and diplomatic transcription. 2019. 575 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This dissertation analyses the set of verses of the mock-heroic machadian poem published in pieces in several moments of the author's live, but never fully during Machado's life. The dissertation asserts that the final posthumous composition, which became the best-known version of the work, is not a version authorized by the author and suggests an unity and completion that never actually existed as the result of actions taken by the author, Machado de Assis. In order to show that, this dissertation aims to reconstruct Machado de Assis's path in putting together the mock-heroic poem by collecting his first mentions of this genre in chronicles dating back to the 1860s, gathering the publication of the poem's fragments at different points over a 22-year timespan, and finally, discussing the most complete configuration of the text, published in the book, *Outras Relíquias* (1910), under the title of "O Almada," posthumously attributed to the set of verses. The poem's manuscript, witness to this process and in the possession of the Brazilian Academy of Letters, is incomplete, full of corrections and substantially different passages than those in the version published in 1910, even though the book's organizers claim in the foreword that it is based on this very manuscript. Therefore, this dissertation seeks to show how the text established for publication in 1910 has a series of features never considered before like the fact that it is the product of several hands and its composition is not the one finalized by the author. Consequently, what for years has been reiterated as a unit (albeit incomplete) of work called "O Almada," only existed as such after 1910, two years following the death of Machado de Assis. The second part of this dissertation publicly presents for the first time the diplomatic facsimile of the manuscript's 210 folios. This transcription presents a digitized copy of the original and, on the following page, reproduces the spelling, punctuation and line breaks by following the last known version of the manuscript as closely as possible. The hope is that this material will be instrumental for future research on this set of verses, in particular, and on the work of Machado de Assis, in general.

Keywords: "O Almada"; Machado de Assis; Manuscript; Diplomatic transcription.

Lista de figuras

Figura 1 – Folha de rosto do volume datado de 1910, com vinheta e a inscrição “H. Garnier, Livreiro-Editor”. (IEB)..... 15
Figura 2 – Folha de rosto de outra edição com monograma editorial e sem data (Galante de Sousa supõe que seja de 1925), com a inscrição “Livraria Garnier”. (IEB)..... 16
Figura 3 – Ms Alm, Imagem 10, p. 8 (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 73
Figura 4 – Ms Alm, Imagem 181, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 74
Figura 5 – Ms Alm, Imagem 55, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 89
Figura 6 – Ms Alm, Imagem 19, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 91
Figura 7 – Ms Alm, Imagem 2, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 93
Figura 8 – Ms Alm, Imagem 3, p. 2 (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 93
Figura 9 – Ms Alm, Imagem 5, p. 4 (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 93
Figura 10 – Ms Alm, Imagem 6, p. 5 (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 94
Figura 11 – Ms Alm, Imagem 10, p. 8 (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 95
Figura 12 – Ms Alm, Imagem 12, p. 10 (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 96
Figura 13 – Ms Alm, Imagem 14, p. 3 (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 97
Figura 14 – Ms Alm, Imagem 16, p. 5 (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 97
Figura 15 – Ms Alm, Imagem 210, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 98
Figura 16 – Ms Alm, Imagem 21, p. 2 (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 103
Figura 17 – Ms Alm, Imagem 27, p. 3 (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 104
Figura 18 – Ms Alm, Imagem 47, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 108
Figura 19 – Ms Alm, Imagem 80, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 109
Figura 20 – Ms Alm, Imagem 90, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 110
Figura 21 – Ms Alm, Imagem 94, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 111
Figura 22 – Ms Alm, Imagem 100, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 112
Figura 23 – Ms Alm, Imagem 109, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 113
Figura 24 – Ms Alm, Imagem 101, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 113
Figura 25 – *Outras relíquias* (1910), p. 170. (IEB) 115
Figura 26 – Ms Alm, Imagem 115, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 116
Figura 27 – Ms Alm, Imagem 116, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 116
Figura 28 – Ms Alm, Imagem 138, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 117
Figura 29 – Ms Alm, Imagem 139, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 117
Figura 30 – Ms Alm, Imagem 144, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 118
Figura 31 – Ms Alm, Imagem 151, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 118
Figura 32 – Ms Alm, Imagem 159, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 119
Figura 33 – Ms Alm, Imagem 163, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 119
Figura 34 – Ms Alm, Imagem 165, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 120
Figura 35 – *Outras relíquias* (1910), p. 202. (IEB)..... 120
Figura 36 – Ms Alm, Imagem 175, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 121
Figura 37 – Ms Alm, Imagem 184, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 121
Figura 38 – *Outras relíquias* (1910), p. 232. (IEB)..... 122
Figura 39 – *Outras relíquias* (1910), p. 233. (IEB)..... 122
Figura 40 – Ms Alm, Imagem 45, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 123
Figura 41 – Ms Alm, Imagem 193, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 123

Figura 42 – Ms Alm, Imagem 196, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 124
Figura 43 – Ms Alm, Imagem 198, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 125
Figura 44 – Ms Alm, Imagem 208, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 127
Figura 45 – Ms Alm, Imagem 13, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 130
Figura 46 – Marca d'água "Wisconsin Bond MMC" presente na imagem 19 do manuscrito (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 136
Figura 47 – Marca d'água "L-JDL&Co" presente na imagem 44 do manuscrito (ABL, Arquivo Múcio Leão)..... 137
Figura 48 – *Diário Oficial da União*, 27 de maio de 1900 (Diário Oficial da União, 1900)..... 138

Sumário

Introdução 12
Capítulo 1: Mário de Alencar, o organizador dedicado e o movimento de autoconsagração machadiana 30
O arquivamento do escritor 39
Capítulo 2: Um poema herói-cômico e quatro momentos de publicação 48
O gênero herói-cômico e a emulação dos modelos do passado 48
O hissope nas crônicas machadianas (1861-1863) 52
"A assuada" 56
A sombra de José de Alencar 58
"Trecho de um poema inédito" 64
"Velho fragmento" 67
"O Almada" 71
Capítulo 3: O manuscrito 84
Apresentação e descrição 84
Rasuras nas numerações de cantos e estrofes 92
A Advertência 92
Os cantos 102
Notas explicativas e inéditas 120
As filigranas 133
Considerações sobre o papel 138
A transcrição do manuscrito: decisões editoriais 140
Considerações finais 144
Bibliografia 147
Segunda parte: transcrição diplomática do manuscrito 155

Introdução

O assunto central desta tese, o poema herói-cômico "O Almada", é um verdadeiro desconhecido até mesmo entre os estudiosos machadianos. Poucos são os que se dedicam a estudar a poesia machadiana em geral, e esse poema, em particular, tem recebido pouquíssima atenção, talvez pelo estranhamento que causa a quem dele se aproxima. Incômodo talvez seja a palavra que melhor defina a reação ante essa obra, que, além de pouco conhecida, apresenta dificuldades em vários níveis.

A primeira dá-se no nível mais imediato, o da própria leitura do texto, repleto de inversões, vocabulário desusado e referências a episódios pouco conhecidos do período colonial. A dificuldade permanece quando tentamos entender como esse texto dialoga com o restante da obra machadiana, principalmente quando percebemos que o autor trabalhou na composição desse poema ao longo de, pelo menos, 26 anos e nunca o publicou integralmente em vida. Três excertos foram publicados em momentos diferentes enquanto o autor era vivo: "A Assuada" (1879), "Trecho de um poema inédito" (1885) e "Velho fragmento" (1901). Existe também um manuscrito, incompleto, que tem grande correspondência com esses trechos, além da versão póstuma, pela qual o poema ficou mais conhecido, com modificações não autorais, intitulada "O Almada" (1910).

Esse extenso período de composição sugere que a publicação fragmentária e a incompletude não podem ser explicadas por desinteresse ou negligência do autor, que deixou pouquíssimos manuscritos e raros escritos inéditos; pelo contrário, trata-se de peça em cuja composição Machado de Assis empenhou-se por muito tempo, não tendo podido lhe dar uma configuração final, embora, aparentemente, nunca tenha abandonado a ideia de publicá-la.

Raimundo Magalhães Júnior define o ano de 1873 como a data de composição de "O Almada" (MAGALHÃES JÚNIOR, 1958, p. 134), justificando esse argumento, principalmente, pela então vigente Questão dos Bispos que mobilizou escritores e críticos de todo o Império e que poderia ter servido de mote para Machado compor seu poema.

Segundo o crítico cearense, o manuscrito da Academia Brasileira de Letras está incompleto não porque se perderam algumas páginas, mas sim porque Machado não o terminou. E não o terminou porque não queria, de certa forma, competir com José de Alencar, o qual tinha acabado de publicar *O Garatuja*, tratando do mesmo assunto do

poema herói-cômico machadiano. Para o crítico essa é "a única explicação cabível para a interrupção dessa obra de Machado de Assis, homem que era uma prodigiosa máquina de trabalho e nada deixava inconcluso"[1] (MAGALHÃES JÚNIOR, 1958, p. 142).

No entanto, essa explicação é insuficiente e restam alguns questionamentos, entre eles: por que Machado publicou, no seu livro *Poesias completas*, de 1901, versos do poema herói-cômico, intitulados "Velho fragmento"? Essa foi uma obra da maturidade e, sem dúvida, o poema não foi incluído apenas para preencher espaço e cumprir obrigações, como sugere Magalhães no caso dos trechos que saíram nos jornais. Se Machado não finalizou o poema, por que teria escrito, como se pode verificar na última página do manuscrito, "Fim do poema"?

Astrojildo Pereira, o primeiro a estudar esse manuscrito com mais profundidade, afirmara, em 13 de abril de 1958, que Machado não tinha grande estima pelo poema por nunca o ter finalizado. No entanto, ele corrige essa observação sobre a incompletude do manuscrito na coluna da semana seguinte, publicada em 20 de abril de 1958, no jornal *Imprensa Popular*: "Machado de Assis deixou tudo acabado – os oito cantos do poema, o prefácio e as notas, conforme consta do manuscrito autógrafo pertencente à Academia Brasileira de Letras. Acontece, porém, que algumas folhas do manuscrito se perderam, daí resultando que sua impressão em livro aparecesse truncada" (PEREIRA, 1958b, p. 3).

Essas questões mostram que o poema herói-cômico possui uma importância muito maior do que meramente "circunstancial"; Machado perseguiu a composição desse poema por muitos anos e publicou trechos dele no livro que seria a efetivação de sua obra poética. Além disso, guardou um manuscrito repleto de marcas, que ilustram suas práticas de escrita, como se verá adiante.

Esse é dos poucos manuscritos que deixou para a posteridade, e o único, até onde se sabe, que deixou sem publicar (os outros manuscritos conhecidos são de poemas publicados e dos dois últimos romances que escreveu e publicou, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*).

A hipótese desenvolvida nesta tese é a de que a importância desses escritos não é marginal, mas central para a compreensão do projeto literário machadiano, que tem na peculiar mistura do sério e do cômico, explicitada a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, um dos seus pilares mais importantes.

[1] Todas as citações e transcrições de trechos de obras terão a ortografia atualizada de acordo com o último Acordo Ortográfico (1990). A única exceção é a transcrição diplomática dos trechos do manuscrito.

Outro assunto desenvolvido ao longo desta tese diz respeito à compreensão do processo de composição do poema publicado postumamente, com base no manuscrito. Pode-se imaginar o embaraço do(s) organizador(es) responsável(is) por publicar esses escritos de forma mais acabada ao se deparar(em) com as folhas soltas, fora de ordem e constatarem que faltavam páginas do manuscrito. Diante do objeto fluido, fez-se um trabalho (admirável, por sinal) para tentar conter o sentido e conferir uniformidade a um conjunto refratário à unidade e a definições estanques.

Por fim, outra dificuldade está em ponderar o motivo pelo qual Machado de Assis, um autor tão cioso dos seus escritos e que não deixou nenhum outro texto incompleto, trabalhou nesse poema grande parte da vida e, além de não o ter publicado integralmente, publicou partes dele, chamando atenção para seu caráter fragmentário.

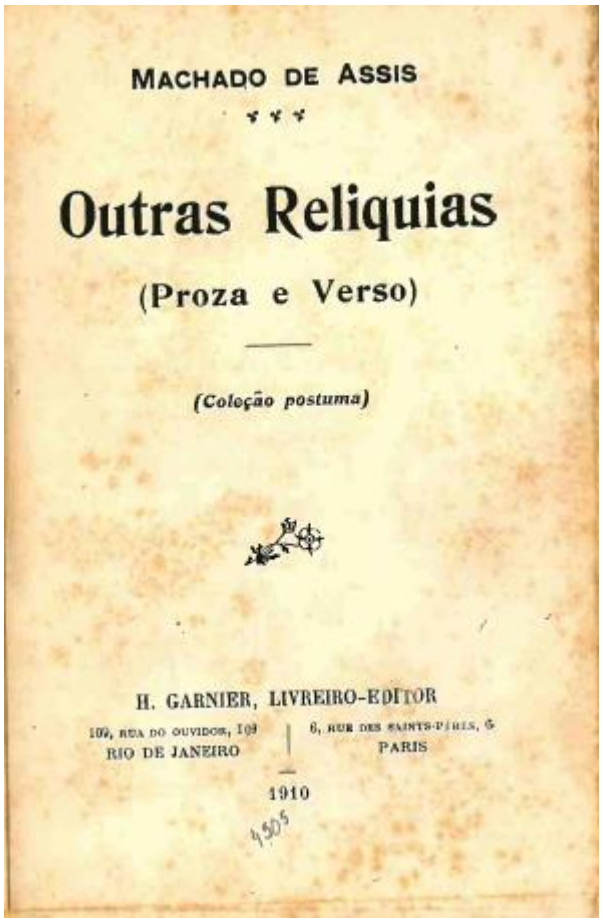
Ademais, são igualmente instigantes os aspectos relacionados com a história editorial desse texto. Uma rápida comparação entre a versão de 1901, a última publicação em vida do autor de um fragmento incluído no manuscrito, e a edição póstuma de 1910 evidencia alterações de grande magnitude e também alguns pormenores relevantes.

Esta tese pretende, portanto, elucidar quais foram essas alterações e chamar atenção para a instabilidade desse texto, lembrando que o livro é "produto da agência humana em contextos altamente voláteis, que o estudo acadêmico responsável deve procurar recuperar" (MCKENZIE, 2018, p. 15).

Os percalços editoriais relativos a "O Almada" permanecem no século XXI, como será mostrado agora ao tratar dos problemas de catalogação e edição encontrados durante a pesquisa.

O acervo digital da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin (BBM) possui um exemplar da obra *Outras relíquias*, datado, no catálogo, de 1910. No entanto, esse exemplar não possui data em lugar algum. Galante de Sousa descreve um exemplar da Biblioteca Nacional com as mesmas características (página de rosto e colofão iguais ao exemplar da BBM) e presume que a data da publicação seja 1925. Apesar das diferenças em relação aos elementos pré e pós-textuais (capa, folha de rosto e colofão), o miolo do livro é o mesmo da 1ª edição de 1910, como foi verificado por cotejo entre os dois exemplares. No catálogo da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), consta uma edição de 1908; no entanto, ao consultá-la, foi verificado que está sem data. O ano de 1908 foi colocado com base na data da Advertência, que também é problemática. Verificou-se que essa é a mesma edição que a BBM possui, possivelmente de 1925. Esses dois exemplos de graves equívocos nas datações dos exemplares mostram como

problemas do passado continuam não resolvidos no presente. Uma maneira de facilitar o trabalho do pesquisador seria, por exemplo, sinalizar, nos exemplares não datados, o ano de publicação como duvidoso, usando colchetes ou um símbolo de interrogação.



MACHADO DE ASSIS

Outras Reliquias

(Proza e Verso)

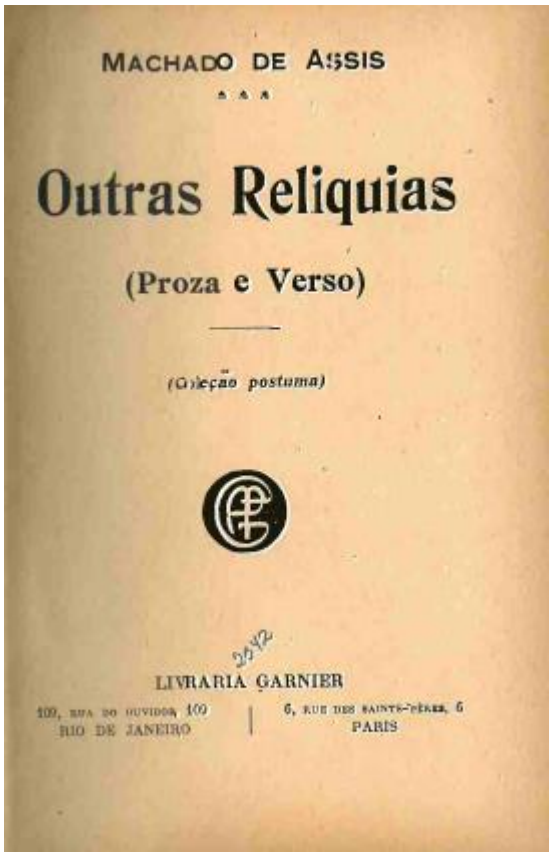
(Coleção postuma)

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109 — RIO DE JANEIRO | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6 — PARIS

1910

Figura 1 – Folha de rosto do volume datado de 1910, com vinheta e a inscrição “H. Garnier, Livreiro-Editor”. (IEB).



MACHADO DE ASSIS

* * *

Outras Reliquias

(Proza e Verso)

(Coleção postuma)

LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109 RIO DE JANEIRO | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6 PARIS

Figura 2 – Folha de rosto de outra edição com monograma editorial e sem data (Galante de Sousa supõe que seja de 1925), com a inscrição "Livraria Garnier". (IEB).

Rutzkaya Queiroz dos Reis comenta sobre uma reimpressão do livro de 1910, com base em uma edição de 1908 (ASSIS, 2009, p. 149). Não se sabe onde a pesquisadora encontrou essa informação, que acreditamos estar equivocada, pelas pesquisas feitas e pelos anúncios de jornal que só começaram a divulgar a publicação de *Outras relíquias* depois de 1910.

Não menos confuso é o tratamento que as edições ditas completas da obra machadiana deram ao poema "O Almada". Rutzkaya Queiroz dos Reis (2003) faz um levantamento exaustivo de todas as edições das *Poesias completas*. Do seu trabalho, depreende-se que o poema ficou perdido entre as edições. Por exemplo, a composição da Editora José Aguilar (1959) reproduziu as *Poesias completas* de acordo com a primeira edição (ou seja, publicando o trecho intitulado "Velho fragmento"). No entanto, "O Almada" (tal qual publicado em *Outras relíquias*) foi incluído na seção designada "Dispersas". Em 1997, a Editora Globo S.A. lançou o volume separadamente também:

Crisálidas, falenas & americanas formam o primeiro volume dedicado à poesia, e *O Almada & outros poemas* formam o segundo volume.

José Américo Miranda (2016), que também estudou as edições de *Poesias completas*, lembra que:

> As edições W. M. Jackson, segundo Galante de Sousa, suprimiram também, sem aviso ao leitor, o "Velho Fragmento", trecho de "O Almada", do conjunto das *Ocidentais* (SOUSA, 1955, p. 515). A supressão pode ser atribuída, naturalmente, à inclusão de "O Almada", em sua totalidade, nessas edições das *Poesias completas*. (MIRANDA, 2016, p. 337)

Entretanto, não se pode considerar que "Velho fragmento" seja apenas parte do todo de "O Almada"; são textos diferentes, que carregam histórias editoriais distintas, e o conteúdo, apesar de bastante semelhante, não é idêntico. A *Obra completa* mais recente, publicada pela Editora Nova Aguilar, em 2015, traz "Velho fragmento" na seção que trata das *Poesias completas*, com a seguinte nota de rodapé:

> "Velho Fragmento" é um excerto, feito por Machado de Assis, de grande parte da primeira estrofe do canto I e das estrofes II a IX do canto III de "O Almada", reproduzido na íntegra mais adiante nesta edição. (ASSIS, 2015b, p. 582)

Quando o volume reproduz o poema "O Almada", assinala, erroneamente, 1879 como data de composição do poema. Não se sabe qual a lógica dessa escolha, já que o texto de 1879 seria o correspondente a "A assuada" e não o copiado de *Outras relíquias*, que é o que efetivamente aparece nessa edição.

Na edição das poesias machadianas publicadas em livro por Rutzkaya Queiroz dos Reis (2009), há a seguinte nota acompanhando o poema "Velho fragmento":

> "Velho Fragmento" é um trecho do poema herói-cômico *O Almada*, dividido em 8 cantos, numerados com algarismos romanos, que soma um total de 2149 versos, e foi publicado em *Outras Relíquias*, em 1910. Para a publicação em *Poesias Completas*, em 1901, Machado

> selecionou partes do poema. Alguns outros trechos d'*O Almada* foram publicados em periódicos antes de saírem em livros; as estrofes II-XV do canto II,[2] com o título *A Assuada*; precedida de nota explicativa foram publicadas pela primeira vez na *Revista Brasileira*, vol. III, de 15/10/1879. As estrofes VIII e XIII do canto V foram publicadas n'*A Estação*, de 15/08/1885, sob o título "Trecho de um poema inédito". (ASSIS, 2009, p. 266)

A pesquisadora detalha com precisão o percurso de publicações do poema, mas comete o mesmo equívoco que a edição da Nova Aguilar: o poema "O Almada" é publicado tal qual saiu na versão de *Outras relíquias*, acompanhado das notas explicativas e datado de 1879. Vale lembrar que em 1879 foi publicada "A assuada", com uma introdução diferente e sem notas explicativas.

A edição crítica publicada em 1976 pela Comissão Machado de Assis não resolve esses problemas e apresenta outros, incluindo imprecisões na contagem de versos, pois enumera 183 versos em "Velho fragmento", quando de fato existem 184. Um exemplo mais grave: ao apresentar a cronologia de publicação dos poemas, os organizadores afirmam que "Velho fragmento" é a reprodução, em parte, dos versos publicados n'*A Estação*, em 1885, com o título "Trecho de um poema inédito" (ASSIS, 1976, p. 48). Como será mostrado mais detalhadamente adiante, os versos de "Velho fragmento" correspondem, parcialmente, aos de "A assuada", publicado em 1879 na *Revista Brasileira*.

A edição crítica publica apenas "Velho fragmento", com os seguintes argumentos:

> Do poema, que M. de Assis deixou incompleto, a Academia Brasileira de Letras possui o manuscrito, constante de 11 cadernos soltos em papel almaço, com uma "Advertência" e notas.
> Neste volume publicam-se, apenas, as estrofes II a IX e parte da I, que constituem, em D, a peça Velho Fragmento. Por dois motivos:
> 1º - Embora, na época, já tivessem sido publicados outros largos trechos do poema, M. de A. selecionou apenas aquelas estrofes para a edição de *Poesias completas*;
> 2º - É intenção da Comissão Machado de Assis dar a público a edição fac-similar da obra, sendo, pois, redundância, incluí-la aqui em sua totalidade. (ASSIS, 1976, p. 84)

[2] Número errado, leia canto III.

Se a intenção foi a de reproduzir apenas o que o autor publicou em vida, há aí uma contradição importante, visto que, apesar de não incluir os trechos de 1910, a Comissão optou por publicar as notas que nunca constaram das *Poesias completas*, tendo aparecido apenas postumamente, em *Outras relíquias*. A ideia da edição fac-similar não foi levada a cabo, como se sabe. Assim, o trabalho empreendido nesta tese pretende completar uma lacuna existente desde a dissolução da Comissão Machado de Assis, na década de 1980.

Aparentemente, nenhuma das publicações retomou o manuscrito, de modo que o que existe hoje em termos de edição é uma repetição do texto da versão de 1910. Vale ainda mais uma vez chamar a atenção para o fato de que todas as edições, quando consideram os outros fragmentos publicados em vida, o analisam *a partir* de "O Almada", mas "O Almada" já é o fim (e não o começo) de um processo composicional que teve interferências não autorais.

Veja, por exemplo, a tabela feita por Fabiana Gonçalves a respeito da composição do poema em *Poesias completas*:

Título original do poema	Periódico (originalmente publicado)	*Ocidentais / Poesias completas* Intervenções
"O Almada"	Estrofes II-XV do canto II, sob o título "A assuada" e precedida de nota explicativa: *Revista Brasileira*, v.III, 15 de outubro de 1879	Seleção de trechos e cantos. Alteração do título para "Velho fragmento".
	Estrofes VIII-XIII do canto V, em *A Estação*, 15 de agosto de 1885, sob o título "Trecho de um poema inédito"	

GONÇALVES (2015, p. 99).

O título "O Almada", como já mencionado, foi dado *a posteriori* pelos responsáveis pela organização e edição de *Outras relíquias*. Não foi, portanto, "O Almada" que teve cantos selecionados e seu título alterado para "Velho fragmento". "O Almada" nem existia nessa época; ele é resultado de um processo editorial realizado postumamente a partir do manuscrito que restou, dos trechos publicados em vida do autor

e de intervenções dos editores[3] que trabalharam para conter o sentido desse poema e preencher sua incompletude em torno da autoridade autoral de Machado de Assis. Essas imprecisões e equívocos parecem resultar da eficácia do procedimento, na medida em que o texto fixado postumamente em 1910 é utilizado para integrar à obra e ao autor textos publicados anteriormente, de maneira isolada e dispersa, sob os títulos de "trecho" e "fragmento".

Por não terem retornado ao manuscrito para confrontá-lo, as edições posteriores simplesmente ignoraram esse capítulo importante da transmissão do texto e repetiram, sem nenhuma relativização, o trabalho publicado em 1910, ao qual foi atribuída uma autoridade final, a despeito de todas as incertezas que rondam o manuscrito. Todas as edições, incluindo a edição crítica, tomaram como base o texto estabelecido na primeira edição de *Poesias completas* ou em *Outras relíquias*, sem considerar os possíveis (e reais) problemas que essa história editorial carrega. Depois do pioneiro trabalho de Astrojildo Pereira (1958a), é a primeira vez, pelo que se sabe, que se revisita o percurso histórico e editorial deste poema, retornando ao manuscrito e oferecendo a primeira transcrição integral já feita dele, apresentada na segunda parte desta tese.

As dificuldades no enfrentamento desses textos e a possibilidade de investigar um assunto que pudesse trazer contribuições novas ao terreno dos estudos machadianos foram o que impulsionou o desenvolvimento desta pesquisa.

A falta de informações sobre esses escritos é notável. Pouca documentação existe sobre sua recepção, sobretudo sobre a recepção coeva ao autor. Em todas as críticas feitas por ocasião da publicação de *Poesias completas*, nada foi escrito especificamente sobre o poema que nessa coletânea recebeu o título "Velho fragmento" e que integra o manuscrito. A história da transmissão do manuscrito também é repleta de lacunas.

Podem-se atribuir, no mínimo, três razões principais para isso. A primeira é o fato de ser um poema. Caso se tratasse de um romance, certamente já haveria muitos outros

[3] É importante fazer uma distinção a respeito dos vocábulos "editor(es)" e "organizador(es)". Consideramos, neste trabalho, que os organizadores/editores foram os responsáveis pela preparação do manuscrito para publicação, provavelmente compondo novos fólios para organizar o conteúdo e torná-lo passível de ser acrescido ao livro. Decidimos usar a expressão "editores", uma vez que esse é o termo utilizado em diversos momentos no prefácio do livro *Outras relíquias* para se referir aos organizadores do livro. Isso ocorre, por exemplo, nos seguintes trechos: "Dos que vão aqui reunidos, contos, poesias e páginas avulsas, nenhuns davam matéria bastante a formar volumes destacados, e aos editores não pareceu mal juntá-los, seguindo o exemplo do autor. […] / Acudiu essa suposição aos editores, mas cedeu à razão de que se tal fosse o pensamento do autor. […] / O manuscrito autógrafo pertence à Academia Brasileira, à qual os editores devem o agradecimento público […]" (ASSIS, 1910, p. V e VI). Não confundir com editor comercial, que, nesse caso, tem a figura bem clara de Hippolyte Garnier, dono da Livraria Garnier nessa época, depois da morte de Baptiste-Louis Garnier, em 1893.

estudos sobre ele. Há tempos se criou um estigma a respeito da poesia de Machado de Assis. É famosa a frase de Múcio Teixeira, de 1901, segundo a qual "há no Sr. Machado de Assis um bom prosador a amparar um medíocre poeta" (ASSIS, 2009, p. 722). De lá para cá, muitos críticos reforçaram, com a ideia de duas fases, o desprezo pela obra poética do autor, associada à sua juventude. Gradativamente, esse cenário vem mudando e hoje já existem vários estudos que contradizem esse senso comum. Outra possível razão para o esquecimento é o fato de o poema se encaixar no gênero herói-cômico, em desuso já na época em que foi escrito. A terceira razão para a pouca atenção recebida por esse texto se relaciona com a tentativa de apagamento da presença das referências portuguesas na obra de Machado de Assis, o que se verificou de maneira branda no século XIX e de maneira mais aguda no período posterior ao modernismo. Logo na advertência ao poema, o autor insiste em afirmar que uma das suas inspirações foi o poeta satírico português António Diniz da Cruz e Silva, autor de *O hissope*, também um poema herói-cômico. Em pleno vigor do nacionalismo romântico, Portugal era uma presença incômoda, que deveria ser apagada para o projeto de afirmação nacional empreendido pelos românticos. Como escreve Antonio Candido, "afirmar a autonomia no setor literário significava cortar mais um laço com a mãe Pátria" (CANDIDO, 2009, p. 312). No século XX, em plena afirmação modernista de uma literatura e uma língua brasileiras, Mário de Andrade sintetizaria o repúdio a Portugal ao se referir a ele como "paisinho desimportante" (ANDRADE e ANDRADE, 2003, p. 100), em carta a Carlos Drummond de Andrade, de 18 de fevereiro de 1925.

A recepção modesta do poema já é, em si, significativa. A pouca repercussão que teve na época contribuiu para o relativo esquecimento dessa obra, o que permanece ainda hoje. Como afirma Jauss:

> Afinal, a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão. (JAUSS, 1994, p. 7-8)

Assim, além do valor estético, o que determina também o sucesso (ou não) de uma obra é a sua implicação histórica. Ela "manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de

recepções, a compreensão dos primeiros leitores ter continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética" (JAUSS, 1994, p. 23). O contrário também pode acontecer, ou seja, essa obra pode ser ignorada na "cadeia de recepções" e não alcançar a fama almejada ou merecida.

Apesar de ter tido pouca repercussão, não se pode negar o fato de que dois anos após a morte do autor publicou-se o conteúdo desse poema (acrescido de modificações não autorais que lhe deram uma aparência de unidade) no livro *Outras relíquias*. Esse texto parece ter sido, portanto, considerado importante o suficiente para merecer essa reorganização e posterior publicação.

John Gledson afirma que, apesar dos poucos estudos sobre "O Almada", ele abrange um vasto campo de possibilidades de análise e interpretação a quem se propuser a tal tarefa:

> Como diz Astrojildo, o poema foi ignorado pelos críticos, sendo um documento fascinante em mais de um sentido – por exemplo, na história da complexa relação de Machado com José de Alencar, cujo romance *O Garatuja* (1872)[4] trata dos mesmos eventos históricos (de 1659); mas também para a dívida de Machado para com a poesia satírica portuguesa […]; finalmente, para o argumento, que acho bem sustentável, que o talento de Machado para o verso era sobretudo cômico e satírico. Este livro é uma mina de tais *aperçus*, caminhos que podem atrair mais de um pesquisador atual. (GLEDSON, 2010, p. 116)

Essa é uma visão mais recente sobre "O Almada". Em 1939, no artigo "O poeta", publicado na *Revista do Brasil* e posteriormente coligido no volume *Obra completa*, de Machado de Assis, organizado por Afrânio Coutinho, Manuel Bandeira analisa a produção poética machadiana e, em determinado momento, desconsidera o poema "O Almada", afirmando que ele era apenas um "frio exercício literário à imitação de *O hissope*" (BANDEIRA, 1973, p. 12).

Mário de Andrade, que declaradamente tinha muitas reservas ao homem e à obra de Machado de Assis, deixou anotações substanciosas na marginália do livro *Poesias completas*, edição de 1902, que ele possuía em sua biblioteca, conforme levantamento feito pela pesquisadora Lígia Kimori (2018). Nas páginas de "Velho fragmento", ele

[4] Data errada, leia 1873.

apenas sublinhou algumas ideias e imagens poéticas, mas na página de guarda do volume escreveu sobre a falta de musicalidade da poesia machadiana:

> Machado era um artista seco e duro. Nunca ele pôde reproduzir na poética dele aquela suavidade ingênua, aquela musicalidade de sons meigos e ritmos balanceados que são a invenção grande dos românticos e que provindos da instância nativa são caracteres gerais e tradicionalizados do lirismo poético brasileiro. Em Machado raro um verso musical, mesmo nas peças mais admiráveis e mesmo de algumas geniais como "Última Jornada", como os versos ao Artur de Oliveira e mais alguns poemas da última fase. Era dentro da frase secarrona, com a palavra valendo só pelo sentido que tem e pela medida contada, sem adivinhação de número, nem fatalização de movimentos rítmicos interiores, era dentro duma comoção pensada mas não menos intensa por isso que ele vazava em formas poéticas os movimentos líricos que possuía. É sabido que o som musical não é um som único porém a resultante de sons múltiplos somados. Essa multiplicidade de sons é que dá o timbre. Machado de Assis é o som teórico, o som desprovido desses sons concomitantes, harmônicos, que fazem o encanto meigo, acariciador, violento, agressivo dos sons realizados. M. de Assis escreveu uma Poesia destimbrada quase sempre. […]. (KIMORI, 2018, p. 95-96)

Mário Casasanta escreve em duas ocasiões, pelo menos, sobre "O Almada". A primeira foi em 27 de junho de 1939, em plena comemoração dos 100 anos de nascimento de Machado, quando publica o texto "A lição d'O Almada". Nesse artigo, chama a atenção para o esforço empregado pelo escritor na observação de modelos, os quais procurava estudar profundamente. Casasanta entende que "O Almada" condensa características que reverberam em toda a obra machadiana: "Culto dos antigos, culto dos novos, respeito aos cânones, estudo meticuloso da língua, probidade intelectual, justa apreciação de antigos e modernos, língua nacional, tema nacional, – não está aí, porventura todo o nosso Machado?" (CASASANTA, 1939, n.p.).

No prefácio ao livro *Alfarrábios*, de José de Alencar, Casasanta traça um paralelo entre *O Garatuja* e o "O Almada", já que os dois textos tratam do mesmo assunto e foram baseados nas mesmas fontes histórica. Para o crítico, "O Almada" também é considerado um "exercício de escola" e sai em desvantagem ao ser comparado com *O Garatuja* (CASASANTA, 1951, p. 18).

Portanto, a recepção crítica de “O Almada” é constituída, maiormente, de artigos esparsos publicados, principalmente, ao longo dos últimos anos.

Só no final da década de 1950, com um ensaio de Astrojildo Pereira (1958a) publicado em jornal e em seguida desenvolvido para publicação em livro, começaram a aparecer estudos mais aprofundados sobre o poema. O texto de Pereira (1959), intitulado “O Almada e a história da cidade”, mostra como Machado de Assis faz uma descrição da paisagem urbana carioca do século XVII ao mesmo tempo que acompanha de perto o material histórico tratado no poema herói-cômico. O texto de Pereira é importante ainda pelo rigor filológico, já que faz uma primeira análise sobre o manuscrito do poema e transcreve algumas notas inéditas guardadas no arquivo da ABL.

Da mesma época é o artigo “O Almada visto por Alencar e Machado”, publicado no *Correio da Manhã*, que faz a comparação entre a obra *O Garatuja* e o poema machadiano, ressaltando o assunto comum. Assinado com o pseudônimo N. C., o artigo termina afirmando que o poema de Machado “não revela apenas uma faceta rara do seu engenho, mas também o seu amor e carinho pela terra carioca em que nascera e de que se orgulhava” (N.C., 1959, n.p.).

Ainda em 1959, Carlos Heitor Cony assinou o artigo “Machado de Assis – o romance carioca”, publicado no *Jornal do Brasil*. No texto, o jornalista e escritor discorre sobre a ausência de paisagem na obra machadiana alardeada pelos críticos e relativiza esse lugar comum, já que para ele, quem “desejar conhecer a história do Rio, seus hábitos, mesmo sua paisagem, terá forçosamente que procurar Machado” (CONY, 1959, p. 7). Ao final do artigo, tece o seguinte comentário sobre “O Almada”, apresentado como uma “esquisita tentativa épica” (CONY, 1959, p. 7):

> Devemos ao Sr. Astrojildo Pereira, no seu recente livro sobre MA, algumas notas de divulgação. Machado era ambicioso, tentava tudo e não sabendo nem prevendo que um dia teria glória bastante por força de sua obra de ficção, buscava contaminar todos os gêneros e acabou ridiculamente contaminado por todos eles. Temos o Machado da fase romântica, aqueles versinhos de menina moça que ainda andam por aí. Os sonetos da fase parnasiana, aquela “desmedida umbela” que dava uivos a Olavo Bilac. A tradução de “O corvo”, que, por acidente ou não, ficou mesmo como uma das melhores coisas saídas de sua pena. Não contente, tentou discretamente a epopeia. Tinha um assunto: o Rio. A trama seria fornecida por um episódio verdadeiro, no qual predominava a pessoa de um tal Almada. Seria uma história da cidade. Ação no século XVII. Com invocações e tudo:

> *E tu, cidade airosa e grata,*
> *que ufana miras o faceiro gesto*
> *nessas águas tranquilas…*
>
> Espantado da própria mediocridade dos primeiros versos, Machado impreca às musas: "Musa, onde me levas?".
> Para o bem do Almada, do Rio, de Machado e de todos nós, as musas não o levaram a lugar nenhum. O poema ficou em meio, Machado nunca o divulgou, nem mesmo a curiosidade beneditina do Sr. Magalhães Júnior foi capaz de tanto. Mas o poema vem compor, com seu pequeno e inglório quinhão, um vasto mural, vasto e belo mural digamos, daquele que no amor à cidade, na observação de seu povo e de seus hábitos, só teve um que lhe ombreasse e, sob certos aspectos, o suplantasse: LIMA BARRETO. (CONY, 1959, p. 7)

O crítico parece não ter se atentado ao fato de que o poema não é uma tentativa épica, mas sim herói-cômica, o que explica muitas das escolhas feitas por Machado, inclusive a evocação irônica à Musa. Se a questão do gênero fosse bem compreendida, Cony, provavelmente, teria escrito linhas menos ácidas sobre o poema, afinal está no cerne do herói-cômico parodiar a épica, usar linguagem elevada para tratar de assuntos mesquinhos. O desconhecimento sobre a história editorial do poema permitiu também que se afirmasse que Machado nunca o publicou, o que não é verdade, como será mostrado no capítulo 2 desta tese.

Raymundo Faoro, em *A pirâmide e o trapézio*, publicado pela primeira vez em 1974, dedica algumas páginas de seu livro a "O Almada", tratando principalmente da representação dos padres da época:

> O clero, organizado para o desfrute dos bens do mundo, articulado na venda da mercadoria divina, sonha com a tirania, em nome da fé. Dardo liberal com marca anticlerical, na sua inspiração, a silhueta do Almada prepara vinganças, fermentadas pela ambição, em consórcio com a ira e a gula. (FAORO, 2001, p. 481)

Em 1998, Stélio Furlan retoma o texto de Astrojildo com o artigo "Crítica e imaginário urbanos", no qual destaca como ponto de interesse da leitura de Pereira, além da raridade do poema e da representação da vida social no século XVII, o viés do materialismo histórico. Para Furlan, "[a] insatisfação e a luta popular fascinam o olhar do

crítico [Astrojildo Pereira]" (FURLAN, 1998, p. 145), e arremata chamando atenção para o paralelismo metodológico entre o texto de Machado e o do crítico carioca:

> Enfim, sublinho duas questões: em primeiro lugar, a sinonímia, em termos operacionais, entre *O Almada* e a leitura realizada por AP [Astrojildo Pereira]; o duplo movimento entre texto literário e o desejo de historicidade, ou seja, a preocupação pela periodização e pelo lugar de ocorrência das ações, a seleção e construção dos personagens, caucionada por uma pesquisa historiográfica prévia, seja ao poema seja à crítica. Pode-se dizer ainda, a preocupação por situar o leitor: Machado em relação ao estatuto do gênero, AP em relação ao panorama histórico. […]
> E, em segundo lugar, a possibilidade de ler, nesses textos, visões/versões da cidade, se se quiser, dos imaginários urbanos. (FURLAN, 1998, p. 149-150)

Pedro G. Serra, no artigo "Machado de Assis e o *risum movet* do poema herói-cômico. Algumas cláusulas a propósito d'*O Almada*" (SERRA, 2013), refuta o argumento de Manuel Bandeira de que "O Almada" seria apenas um imitação fria de *O hissope* e também considera que a leitura de Astrojildo Pereira peca pelo seu engajamento social:

> Em síntese, trata-se de uma leitura subsumida pelo desejo de encontrar n'*O Almada* um documento histórico e social que simultaneamente contenha índices de comunidade imaginada e compromisso político […]. A interpretação do poema faz-se, por conseguinte, em função de uma argumentação de tipo 'teológico', no conhecido sentido que lhe conferiu Nietzsche. O texto não resiste, digamos, aos protocolos da leitura, que lhe impõem uma dominante conteudística e ideológica. (SERRA, 2013, p. 185)

Em 2006, foi defendida a tese de Rafael Carreiro, intitulada *Entre a galhofa e a melancolia: Machado de Assis e a tradição herói-cômica*. Nesse trabalho, o autor analisa os poemas "O Almada" e "Pálida Elvira", tendo como base as noções de paródia e carnavalização, e mostra como vários conceitos atribuídos à "fase madura" de Machado já estavam presentes na sua obra poética inicial. Resume, por fim, os elementos que o poema herói-cômico machadiano parodia:

> (1) as principais características da epopeia, tais como *invocação*, *argumento*, *dedicatória* e *desenvolvimento*, além da linguagem elevada típica do poema épico, com seus epítetos e suas analogias, para narrar acontecimentos triviais; 2) parodia temas e ideias da literatura e da vida social de sua época, como o comprovaram as análises dos episódios d'A Assuada e de Cardoso e Brígida, únicos trechos do poema publicados em vida do autor; e 3) parodia textos definidos através de citações não literais, o que pudemos verificar pela transcrição de versos truncados da *Ilíada*, da *Eneida*, da *Divina Commedia* e de *Os Lusíadas*. Quanto aos elementos carnavalizantes estudados – o mundo às avessas, o fantástico experimental, a imagem da festa, a imagem do riso, a representação do sonho e a imagem anticlerical do banquete –, vimos que muitos deles se encontram fixados tanto na estrutura profunda das imagens quanto na superfície temática de *O Almada*, tornando-se por isso indispensável a sua compreensão para a boa leitura do poema. (CARREIRO, 2006, p. 178, grifos do autor)

Pelo que se sabe, esse é o único trabalho que trata com mais profundidade e de maneira mais exaustiva o poema herói-cômico machadiano, embora não exclusivamente, já que "Pálida Elvira" também é analisada no estudo.

Adna Candido de Paula escreveu o artigo "*Mimesis* tripartida, uma leitura hermenêutica de 'O Almada' de Machado de Assis" (2008), no qual se concentra na intertextualidade existente entre o texto machadiano, *Le lutrin* e *O hissope*, e, em seguida, interpreta o poema com base nos conceitos da tríplice mimese, de Paul Ricoeur.

Em 2009, foi publicado o artigo de Benedito Costa Neto Filho que trata das *Poesias completas*, de modo geral, e tece alguns comentários sobre "O Almada" e a matéria histórica tratada no poema. Em determinado momento, o autor afirma: "No poema, caminham de mãos dadas a ironia […], a erudição, o dado histórico, o tom dos grandes mestres" (NETO FILHO, 2009, p. 387).

Além desses artigos, algumas comunicações em congressos tocam em assuntos relativos a "O Almada". José Batista de Sales proferiu a comunicação "O Almada, de Machado de Assis: leitura e crítica" (2011), no qual resgata as origens do poema narrativo, analisa algumas estrofes do texto machadiano e afirma:

> *O Almada* contém proposição, invocação e linguagem sublime, além de expor o fito de narrar as proezas de um anti-herói, cujo caráter e pensamento são representados quase ao nível da caricatura. Entretanto, este poema contém um traço bastante renovador graças ao uso muito

> particular da linguagem, recorrendo sistematicamente a figuras como comparação, gradação, ampliação, antítese e ironia. Desta recorrência, resulta o distanciamento do narrador e sua atitude crítica diante das ações representadas. (SALES, 2011)

Certamente, outros autores trataram dessa obra, fazendo pequenas menções ou comentários, muitos dos quais serão citados ao longo deste trabalho, mas, como pode ser vericado nesse primeiro levantamento, são poucos os estudos nos quais o foco principal seja o poema herói-cômico machadiano.

Espera-se, portanto, que esta tese traga contribuições para a compreensão desse poema, notadamente ao elucidar o processo de construção e as implicações das escolhas editoriais feitas com base no manuscrito para publicação de "O Almada". A transcrição diplomática dos fólios pretende facilitar o trabalho de outros pesquisadores que desejem trabalhar com esse manuscrito e pode servir de base para o desenvolvimento de outras reflexões.

Assim, o primeiro capítulo faz um histórico de como se deu a reunião dos papéis e a transmissão do manuscrito para a Academia Brasileira de Letras, enfatizando, mais especificamente, as relações entre Machado de Assis e Mário de Alencar, o qual ficou encarregado de organizar boa parte dos papéis póstumos. Esse capítulo trata também de questões como o arquivamento do escritor e o movimento de consagração literária iniciado, em grande parte, pelo próprio Machado.

O segundo capítulo faz um breve histórico sobre o gênero herói-cômico, trazendo um levantamento das menções a esse gênero feitas por Machado de Assis já em crônicas no início da década de 1860 e as implicações que essa aproximação com a tradição literária portuguesa, e em especial com *O hissope*, trouxe para a recepção crítica machadiana. Em seguida, são descritos e analisados os quatro momentos de publicação de fragmentos do poema: "A assuada" (1879), "Trecho de um poema inédito" (1885), "Velho fragmento" (1901) e, finalmente, a versão mais completa, intitulada "O Almada" (1910).

O terceiro capítulo apresenta uma análise da materialidade do manuscrito do poema, com a descrição do documento e de suas particularidades, bem como a especificação das marcas d'água encontradas em alguns fólios. Nesse momento, a relação do manuscrito com os outros textos publicados (em vida do autor e postumamente) também é explorada; essa seção faz, portanto, uma descrição pormenorizada de como se

deu a composição do texto publicado em *Outras relíquias*, em comparação com o manuscrito e os fragmentos publicados durante a vida de Machado de Assis. Nesse capítulo, também são apresentadas as decisões editoriais tomadas para a transcrição do documento, bem como sua justificativa metodológica.

Por fim, na segunda parte da tese, apresenta-se a edição diplomática fac-similar do manuscrito, bem como as soluções encontradas para sua representação.

Capítulo 1: Mário de Alencar, o organizador dedicado e o movimento de autoconsagração machadiana

Neste capítulo, será feita uma apresentação da relação entre Machado de Assis e Mário de Alencar, em particular pelo estudo da correspondência, do diário e de notícias de jornal publicadas a seu respeito. Tal aproximação se justifica pelo fato de Mário ter sido um dos principais responsáveis pela organização do espólio literário machadiano. Além disso, o levantamento dessa documentação traz informações sobre o percurso do manuscrito. Em seguida, será tratada a questão do arquivamento do escritor e de como ele mesmo trabalhou a sua autoconsagração.

***

No diário publicado em 1910, no livro *Alguns escritos*, Mário de Alencar conta como foi o primeiro encontro com o escritor Machado de Assis quando ele era ainda menino (e Machado um escritor já reconhecido) e discorre sobre como o autor de *Ressurreição* sempre o incentivara a perseverar na seara literária. Após o falecimento de Carolina, em 1906, os dois escritores se aproximam mais e trocam confidências, palavras amigas, desabafos e até receitas médicas para as moléstias que os acometiam.

Apesar da considerável diferença de idade – Mário nasceu em 1872, quando Machado já contava 33 anos –, a leitura da correspondência entre os dois deixa a impressão de que ambos tinham a mesma idade. As queixas sobre as doenças remetem a um diálogo de dois velhos amigos enfermos. Os companheiros dividem ainda o drama da epilepsia.

Mário de Alencar expressa, recorrentemente, o seu apreço e admiração pelo amigo mais velho, como deixou registrado em vários momentos:

> Os que só conhecerem o escritor, não adivinharão o homem, e os que só tiverem lido superficialmente o homem e o escritor, entenderão que houve nele duas figuras distintas e opostas, que entretanto não eram nem distintas nem opostas, senão uma só figura, que se velava ou descobria voluntariamente, pelo respeito de si mesma e o receio de não parecer sincera, aos olhos dos outros. (ALENCAR, 1955, p. 30)

A afeição que Machado de Assis desvela a Mário é digna de nota também. A última carta trocada entre Machado e Magalhães de Azeredo reforça a companhia que o filho de José de Alencar fazia ao autor de *Helena*:

> O *post-scriptum* fala-me da carta que recebera do Mário; ele é ainda o mesmo seu amigo, e meu também. É um dos que me tem valido nestes dias de solidão e de velhice.
> Quando estive doente, – e ainda agora o estou, posto que menos, – ele foi um dos que me acompanharam com carinhos de amigo certo. Aqui me vinha ver a este recanto do Cosme Velho, onde passei tantos anos felizes e onde recebi o grande golpe. (ASSIS, 1969, p. 288)

Além da amizade e da troca de confidências, Mário estava ao lado de Machado nas situações mais cotidianas, dando-lhe apoio físico e emocional, conforme se pode averiguar pelo depoimento de João Luso:

> Mais do que o seu grande amigo e companheiro fidelíssimo, o mestre prosador de *Esaú e Jacó* e do *Memorial de Aires* receava cair na rua, morrer de repente, ao desamparo ou entre gente mais curiosa que comovida. Era então o Mário de Alencar que o levava, todas as tardes, ao Garnier, e lhe dava o braço, quando havia transeuntes demais pelos passeios e o perigo de pisadelas e encontrões. Ele o guiava, ele o protegia, como um homem robusto a uma criança amedrontada. E quando o autor de *Brás Cubas* não podia sair de casa, Mário de Alencar para lá ia distraí-lo, contar-lhe as novidades das livrarias e do círculo dos amigos, garantir-lhe para muito breve o restabelecimento e as voltas às leituras e passeios prediletos, insuflar-lhe em suma a coragem e a esperança na vida que o outro, sozinho, sentia fugir-lhe, abandoná-lo. Várias vezes, no seu gabinete de bibliotecário da Câmara dos Deputados, Mário de Alencar me deu a ideia de quanto aquele dever sagrado que se impusera para com o mestre e ele próprio lhe valia e lhe era providencial. "Não me sinto nada bem…" queixava-se ele, com um arreganho de dor na face ou um brilho de febre no olhar – "Por mim, recolhia-me já a casa, deixava-me cair na cama. Mas tenho que ir buscar o Machado no Ministério, acompanhá-lo numas voltas… Contando que eu possa…" Podia sempre. Uma vez na presença do amigo que reclamava o seu auxílio, enchia-se de energia, de calma, de autoridade protetora. Os conselhos e incitamentos de que tanto precisava e que, em seu favor, não sabia tirar do próprio raciocínio, agora os inventava, e prodigalizava, e impunha. Era o que se chama vulgarmente fazer das fraquezas as forças. Machado de Assis entregava-se-lhe, com a mais profunda confiança naquela superioridade, e enternecidamente agradecia tantos cuidados. (LUSO *apud* MONTELLO, 1961, p. 114-115)

O trecho anterior, não obstante longo, vale ser citado para dar dimensão da intimidade entre os dois escritores. Devido à proximidade que tinham e ao tempo que passavam juntos, imagina-se que Mário tinha acesso a uma faceta pouco conhecida do escritor que, hoje, só se pode entrever por meio desses registros escritos.

Mário de Alencar foi correspondente íntimo de Machado, especialmente nos últimos anos de vida. Na véspera da morte do escritor, Mário registra em seu diário: "Venho da casa de Machado de Assis. Lá estive todo o dia de sábado, ontem e hoje, e agora estou sem ânimo de continuar a ver-lhe o sofrimento; tenho receio de assistir ao fim que eu desejo não tarde" (ALENCAR, 1955, p. 29). Nessa mesma entrada no diário, ele discorre sobre o receio que Machado tinha de sofrer uma moléstia grave que lhe tolhesse a dignidade e o fizesse sofrer por muito tempo, o que, de fato, acabou se verificando. Mário de Alencar registra ainda alguns dos mais comovidos elogios ao autor de *Dom Casmurro*, considerado "um elegante na alma e na inteligência" (ALENCAR, 1955, p. 30). Ao final do registro desse dia, Mário vislumbra o que a obra machadiana se tornaria: "Com o decorrer do tempo, agora que vai acabar a presença corpórea do escritor, crescerá a admiração da sua obra e ficará para sempre" (ALENCAR, 1955, p. 29).

A próxima entrada no diário acontece cerca de um mês após a morte de Machado, em 30 de outubro de 1908. Nela, Mário procura reconstituir o que sentiu com a morte do Mestre:

> Tive um grande abalo no coração, e o aspecto daquele querido corpo sem alma entrou-me pelos olhos como a sensação de uma ruína inesperada.
> Até hoje não senti ainda nitidamente a morte de Machado de Assis. Junto ao seu cadáver, pousado na sala da Academia, durante alguns momentos em que fiquei sozinho velando-o, eu a cada instante me voltava como a fixar-lhe o vulto vivo que viesse ao meu encontro. (ALENCAR, 1955, p. 31-32)

Após ser velado no Silogeu da Academia Brasileira de Letras, o corpo de Machado de Assis foi acompanhado por uma multidão que saiu às ruas ao som das bandas de música da Brigada Policial e dos Bombeiros. As despesas foram pagas pelo governo, e ele foi sepultado no prestigioso cemitério São João Baptista ao lado da companheira Carolina.

Certamente, os registros fotográficos desse evento, bem como as notícias nos jornais da época, trazem relevantes considerações a respeito do falecido autor. Cercado de importantes personalidades na cena cultural, literária e política da época, o caixão do escritor é acompanhado também por centenas de pessoas comuns que prestam suas homenagens. Em 2 de outubro de 1908, o jornal *O País* traz um relato sobre o cortejo, o discurso proferido por Rui Barbosa e as homenagens feitas em memória ao escritor:

> O enterro de Machado de Assis teve a imponência de uma grandiosa consagração cívica […].
> Coche fúnebre, banda do corpo de bombeiros, os estudantes com os seus estandartes, membros da Academia de Letras, ministros, corpo diplomático e mais pessoas.
> As ruas percorridas pelo préstito estavam apinhadas de povo, as janelas e sacadas repletas de famílias, que ali se conservavam curiosas e compungidas, para verem desfilar o enterro do grande mestre. […]. (Machado de Assis: a consagração de ontem, 1908, p. 2-3)

Na ocasião, o representante do governo, Dr. Tavares de Lira, proferiu um discurso, afirmando: "Para homens do valor de Machado de Assis, não bastam lágrimas de saudade, é preciso a glorificação, para exemplo e ensinamento das gerações por vir" (Machado de Assis: a consagração de ontem, 1908, p. 3). Tal comoção já anunciava o processo de consagração machadiana, iniciada, como será mostrado, pelo próprio escritor enquanto ainda estava vivo.

De volta a Mário, sabe-se que ele esteve muito próximo a Machado nos seus últimos anos de vida, o que certamente contribuiu para que ficasse encarregado de organizar grande parte do legado literário machadiano. Ele escreveu vários artigos para jornais, preocupou-se enormemente em conceber um acervo para a Academia e teve a ideia de criação da *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Mário também trabalhou na organização das obras de Alberto de Faria e José de Alencar, tarefas que desempenhava com prazer e esmero, conforme atesta Antônio Austregésilo no discurso "A figura de Mário de Alencar", proferido na ocasião da morte do escritor e publicado no "Suplemento literário" do periódico *A manhã*, em 18 de janeiro de 1942:

> O nosso saudoso companheiro havia gosto especial para reunir, catalogar, preparar e ordenar trabalhos de outrem. Talvez lhe viesse a

> tendência pelo lugar que exercia na Biblioteca da Câmara dos Deputados. Possuía mesmo um método pessoal de catalogações, decimais, aplaudido dos técnicos. […] Preparava tudo por amor ao ilustre morto, mas também pela meticulosidade de índole. (AUSTREGÉSILO, 1942, p. 28)

Esse prazer de reunir, organizar e editar obras foi de suma importância para o legado machadiano. O autor de *Quincas Borba*, anos antes da sua morte, já havia deixado instruções sobre o destino de alguns de seus papéis e objetos mais valiosos, processo que se pode acompanhar pelas cartas a amigos íntimos e pelo testamento do autor. Na carta de 21 de abril de 1908 a José Veríssimo, por exemplo, Machado o autoriza a recolher e publicar a sua correspondência. Em seu testamento de 31 de maio de 1906, o autor de *Dom Casmurro* registra o desejo de que sua sobrinha-neta Laura (filha de Sara Braga da Costa e do Major Bonifácio Gomes da Costa) fosse herdeira universal de seus bens, o que incluía os seus livros, apólices e móveis. A propriedade de suas obras literárias pertenceria ao editor, H. Garnier (FRANCO, 2009, p. 249-250). No entanto, no seu leito de morte, por um depoimento oral, ele legou à Academia a posse de seus papéis.

Após a morte do autor, os seus papéis e livros foram doados pela herdeira para a Academia Brasileira de Letras. As atas das sessões da Academia fornecem dados de como se deu a transferência desse espólio. Na ata de 31 de outubro de 1908, está escrito que, apesar de a Academia estar juridicamente habilitada a manter a biblioteca de Machado, achou-se melhor aguardar o testamenteiro finalizar o inventário. Os responsáveis por acompanhar esse processo seriam José Veríssimo e Mário de Alencar (ASSIS, 2015c, p. 325). Em 30 de novembro do mesmo ano, está registrado na ata do dia:

> O Sr. José Veríssimo pediu a palavra para comunicar o desempenho da comissão que a ele e ao Sr. Mário de Alencar foi incumbida para entender-se com a família do Major Bonifácio da Costa, legatária de Machado de Assis. Diz que receberam, e já fizeram transportar para a Academia papéis manuscritos, originais, e de correspondências, retratos com dedicatórias, pequenos quadros oferecidos por amigos de Machado de Assis, a secretária e a cadeira que lhe serviram desde 1874 e várias obras com dedicatória. (ASSIS, 2015c, p. 325)

Além das atas, várias cartas trocadas entre Mário e José, logo após a morte de Machado, auxiliam a compreensão de como se deu o processo de transferência do legado

machadiano para a Academia. Na carta de 5 de dezembro de 1908, Mário escreve a Veríssimo e comunica-lhe os seus planos:

> Outra coisa. Pesa-me deixar na Academia os manuscritos de Machado no estado em que foram da casa do Major. Acresce que como 2º secretário, encarregado do Arquivo da Academia, tenho a responsabilidade da conservação daqueles papéis preciosos. Desejava por isso levá-los comigo para a Tijuca a fim de os pôr em ordem e catalogá-los. Lá, em sossego, eu farei esse trabalho em poucos dias, ao passo que na Academia não o faria senão em meses, com o risco de perder muita coisa que possa ser tirada sem que o saibamos. (MONTELLO, 1961, p. 232-233)

Mário tem consciência da importância documental dos papéis machadianos e sugere organizá-los na chácara da família, na Tijuca, onde frequentemente se recolhia por questões de saúde. No entanto, não se sabe por quê, ele acabou organizando o material na sua casa na cidade, como se depreende da carta de 18 de dezembro de 1908, quando escreve novamente ao crítico paraense com uma descrição minuciosa de todos os papéis ordenados até o momento. Entre esses papéis consta o manuscrito de "O Almada", que Mário supõe estar incompleto:

> Já tenho aqui as duas latas de papéis do nosso querido Machado de Assis. Examinei tudo e pus tudo em ordem. Trabalhos dele vieram: Manuscrito (talvez incompleto) do poema herói-cômico *O Almada*; Manuscrito de um romance histórico não acabado, e que pela letra parece muito antigo; manuscrito de um conto dialogado, também antigo; manuscrito (cópia) de uma tradução do *Suplício de uma mulher*, de E. Girardin e A. Dumas Filho; manuscrito de uma tradução (história francesa); notas lexicográficas; três folhas do manuscrito do *Dom Casmurro*; algumas folhas soltas de vários trabalhos; retalhos de jornais: parte dos folhetins *A Semana*, do *Cruzeiro*; contos, não publicados em livro: "Viagem à roda de mim mesmo", "Só", "Identidade"; 1 – *Balas de Estalo* – Artigo sobre a literatura brasileira, publicado n'*O Novo Mundo*; 1 – *Semana Literária* carta sobre a morte de Eça de Queirós; Guilherme Malta (carta ao Conselheiro Lopes Neto); artigo sobre *Horas Sagradas*; sobre o *Secretario d'El Rey*; carta a J. Thomas da Porciúncula, sobre Varela; um soneto em francês – *Réfus*; e finalmente *A Semana*, da Gazeta, de 1892 a 1897, quase completa. Separei-a pelos anos, e só falta colar as tiras; notei falta de alguns meses; talvez sejam as crônicas já publicadas nas *Páginas Recolhidas*. – Presumo que ainda há muita coisa em casa do Major, os manuscritos do *Dom Casmurro* e de outras obras, e muito retalho de

> imprensa. – Da correspondência também creio que não veio tudo: coligi e separei as cartas; do Eça encontrei apenas uma, e deveria haver muitas, pois suponho que Machado e ele se corresponderam durante anos. O mais que veio consta de retalhos de jornais (quase que toda a sua *Revista Literária*), sobre vários assuntos, e de crítica à obra dele. – Se tivéssemos a Revista da Academia, poderíamos dar alguns números interessantíssimos com esses vários trabalhos. Veio mais: manuscrito do Casimiro de Abreu – *Camões e o Jaú* – coleção em manuscrito de poesias de Pedro Luís, prontas para o prelo. É outra publicação que faria valer a nossa Revista, além das cartas de mortos, como Artur de Oliveira, Joaquim Serra, Gentil Homem, Henrique Muzzio, etc. – Empacotei todos os papéis e aqui os deixo em casa; não os levo para a Tijuca, porque já fica feito o trabalho mais urgente que era o de reunir e classificar os papéis. (MONTELLO, 1961, p. 233-234)

Como se pode inferir, a quantidade de documentos citados indica o quanto Mário de Alencar se empenhou para organizar os papéis do falecido amigo. Além disso, fica claro que o receio de que os papéis se perdessem não era injustificado; até hoje não sabemos onde está o romance histórico citado na carta, por exemplo. No trecho transcrito, há também informações sobre o processo de transmissão do manuscrito de "O Almada"; ele é transportado da casa do finado autor para a casa do Major Bonifácio e, em seguida, guardado na Academia. Mário de Alencar transfere-o para a sua residência e, conforme indica na correspondência, organiza-o e classifica-o com o restante do espólio. Possivelmente, o documento retornou aos cuidados da Academia após essa organização, onde está até hoje.

O manuscrito é o primeiro documento a ser citado na lista de textos descrita na carta, o que pode indicar a importância que Mário de Alencar atribui a ele bem como à sua extensão. Já nesse primeiro levantamento, Mário indica a possibilidade de o manuscrito estar incompleto, como de fato está, pelo menos no exame das folhas que nos restaram para consulta. A dúvida que fica é se o texto estava incompleto desde o início ou se as folhas foram se perdendo ao longo desse processo de transmissão e arquivamento do manuscrito. Um detalhe que quase passa despercebido é o título do poema. Ele já consta nessa primeira listagem de Mário de Alencar. No entanto, em nenhuma das publicações durante a vida de Machado, nem nas folhas autógrafas que restaram do manuscrito, esse título aparece. Ele foi dado por alguém que dividiu o manuscrito em cadernos e, na capa de cada caderno, subscreveu "O Almada". Esse é um importante indício de que pode ter sido Mário de Alencar quem organizou o volume *Outras relíquias*

e atribuiu o título de "O Almada" ao poema.[5] Não seria a única vez que ele faria isso. John Gledson, ao tratar da história de publicação das crônicas, lembra que nos textos de *A Semana*, publicados por Mário, ele "também fez cortes e pequenas mudanças, e deu títulos a algumas das crônicas mais célebres: 'O punhal de Martinha', 'O autor de si mesmo' etc." (ASSIS, 2013, p. 314).

Em outra carta, de 24 de dezembro de 1908, Mário de Alencar escreve a Veríssimo sobre as saudades que sentia de Machado e dos sentimentos que o consumiam quando estava trabalhando na organização do espólio machadiano:

> […] Quando na cidade eu me ocupava em compor os papéis dele, havia em mim um constrangimento espiritual que em certos momentos se tornava intolerável; não me distraía então a natural curiosidade do que podia encontrar ali de precioso. Fisicamente também eu me sentia mal, porque até aquele cheiro característico da moléstia da boca reaparecia insistentemente. Trazer os papéis para cá era continuar as sensações aborrecidas, eu desisti do propósito de completar em breve tempo a classificação do arquivo. Surpreendeu-me, como lhe disse, o pequeno número de cartas recebidas por ele durante cinquenta anos pelo menos, a contar dos seus 29 anos de idade, tempo em que ele começou a ser mais largamente conhecido como escritor aqui e em Portugal. Ele guardava tudo: cartas, cartões, convites impressos, tudo. Dos jornais não perdia coisa nenhuma, aos menos dos jornais que lia habitualmente: *Jornal do Commercio*, *Gazeta*, e nos últimos anos o *Correio da manhã* […]. (MONTELLO, 1961, p. 235)

Vale observar que o pequeno número de cartas recebido por Mário de Alencar faz supor que muitos manuscritos estivessem dispersos, uma vez que a recente publicação dos cinco volumes da correspondência, pela Academia Brasileira de Letras, prova que o número de cartas não era tão ínfimo assim. Ainda nessa missiva, Mário discorre sobre a folha frontispício de *Dom Casmurro*, que trazia uma citação de Diderot *(Mon ami, faisons toujours des contes… Le temps se passe, et le conte de la vie s'achève, sans qu'on s'en aperçoive*), aproveitada como epígrafe de *Várias histórias*. Para Mário, esse era um indício de que "o primeiro plano de *Dom Casmurro* foi fazê-lo conto; o desenvolvimento em romance teria vindo com a composição do trabalho. Esse foi talvez o processo de todos os romances de Machado" (MONTELLO, 1961, p. 235).

[5] Embora improvável, existe também a possibilidade de que Mário de Alencar tivesse recebido o material já separado em cadernos e com a indicação do título. Essa organização poderia ter sido feita por outra pessoa que não conhecemos, mas não por Machado de Assis, como atesta a caligrafia distinta.

Outro documento que diz respeito à composição de "O Almada" pode ser encontrado nas notas de leitura de Machado de Assis que Mário de Alencar coligiu e publicou na *Revista da Academia Brasileira de Letras* em 1910 e 1911. Na introdução à seção "Lexicografia", Mário lembra como Machado era "aluno assíduo dos escritores da língua portuguesa" (ALENCAR, 1910, p. 137) e, muitas vezes, faltando-lhe os meios para adquirir os livros, lia-os como assinante do Real Gabinete Português de Leitura e fazia anotações do que achava interessante em questão de estilo e dicção.

Uma das primeiras notas refere-se ao vocábulo *muchacho*, retirado da página 154 da obra *Os últimos fins do homem*, do padre Manuel Bernardes. Magalhães Júnior lembra que essa expressão foi usada no canto III de "O Almada": "Abalada a cidade tanto/ Como nos dias de solene festa/ Da grande aclamação, de que inda falam/ Com saudade os muchachos de outro tempo" (MAGALHÃES JÚNIOR, 1958, p. 267). Ao consultar o catálogo dos livros do Real Gabinete Português de Leitura, é possível verificar que essa edição, provavelmente a mesma consultada por Machado, é de 1761 e está classificada na seção "Moral" do catálogo. Isso é indicativo de como Machado apreciava os clássicos portugueses e se interessava por questões desenvolvidas pelo padre Manuel Bernardes, as quais seriam retomadas nos versos de "O Almada", assim como a crítica aos maus eclesiásticos. Além disso, percebe-se, por parte de Machado, a busca pelo costume retórico.

Infelizmente, essas notas não trazem a data de composição, já que eram usadas, principalmente, para fins mnemônicos. Segundo Magalhães, Machado escrevia para facilitar a memorização e, então, essas anotações não eram mais necessárias (MAGALHÃES JÚNIOR, 1958, p. 114). Entretanto, como o verso citado já aparece no trecho do poema que saiu em 1879, fica a hipótese de que Machado tenho feito a consulta antes dessa data.

Entre as pesquisas feitas sobre a recepção do poema, uma notícia que anunciava a venda do livro *Outras relíquias*, publicada em 10 de agosto de 1911 na *Gazeta de Notícias,* se destaca:

> As obras de M. de Assis não necessitam encômios, mas esta tem um sabor especial, porque revela certos aspectos ignorados do grande escritor, e o mais importante é o do poema herói-cômico, o **Almada**, sobre assunto da história colonial que é uma preciosa joia literária. O livro contém ainda deliciosos contos da sua lavra e algumas poesias avulsas. Fazem parte da coleção póstuma,

> agora editada e que era seguro êxito. O **Almada** trata do mesmo assunto d'O Garatuja de José de Alencar e oferece, pois, a mais o interesse do paralelo entre os dous grandes mestres da nossa literatura e os dous insignes romancistas de estilos e predileções tão diferentes. (Anúncios, 1911)

Esse mesmo anúncio foi publicado no *Jornal do Brasil* em 11 de agosto de 1911, no *Correio da Manhã*, em 12 de agosto de 1911, e n'*A Notícia*, também em agosto de 1911. Desse anúncio, destaca-se a importância dada para a relação entre "O Almada" e *O Garatuja*, de José de Alencar. É possível antever a tentativa de equivalência entre os dois escritores e o avanço no processo de consagração de Machado, considerado, junto com Alencar, "mestre da nossa literatura".

Mais uma página na história de transmissão do manuscrito pode ser encontrada em notícia publicada na *Revista Brasileira*, em novembro de 1966, na qual se afirma que Josué Montello entregara à Academia Brasileira de Letras uma cópia integral dos originais do poema. Em consulta à responsável pelo arquivo Múcio Leão, Maria Oliveira, chegou-se à hipótese de que essa deve ter sido uma cópia xerocada do manuscrito que já estava na ABL e, em razão de duplicidade, pode ter sido descartada, já que ela não foi localizada em nenhum local do arquivo.

Não existe, portanto, o registro exato da chegada e condições desse documento à ABL. Pode-se acompanhar esse processo por meio das atas e cartas, nas quais é possível perceber a confusão na cronologia do arquivamento desse manuscrito que foi da casa de Machado para a casa do Major Olímpio; posteriormente para a ABL; em seguida para a casa de Mário de Alencar; para retornar, finalmente, à ABL. Nesse processo, muita coisa pode ter acontecido, inclusive a perda de alguns fólios.

Maria Oliveira esclarece que só a partir da década de 1990 se passou a ter um controle mais moderno, com uso de técnicas arquivísticas, sobre o material depositado no arquivo Múcio Leão. Portanto, é compreensível que existam várias lacunas sobre a transmissão desse material e, apesar de tantas pesquisas, ainda restem muitas dúvidas.

O arquivamento do escritor

Apesar de ser tido como um escritor muito reservado, é possível encontrar, na correspondência de Machado de Assis, algumas informações que ele deixou sobre seus desejos para a posteridade. A preocupação com esse tema já fora manifestada pelo próprio Machado anos antes do seu falecimento, em missivas com seus amigos, tratando, por exemplo, do destino que teriam as suas obras e objetos pessoais após sua morte.

Ao selecionar, organizar e nomear responsáveis para cuidar desses papéis e objetos, o escritor realiza uma prática de "arquivamento do eu" (ARTIÈRES, 1998) construindo a imagem que gostaria de deixar para a posteridade:

> O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo. (ARTIÈRES, 1998, p. 31)

Nesse sentido, é significativo observar o que foi selecionado e o que foi descartado e como essas escolhas indicam como o escritor gostaria de ser lembrado (MARQUES, 2003). Nesta seção, trataremos de como Machado de Assis trabalhou no seu próprio arquivamento e autoconsagração.

Pode-se começar a pensar esse movimento pelo título do livro publicado em 1906, *Relíquias de casa velha*, para o qual Machado escreve a seguinte advertência:

> Uma casa tem muita vez as suas relíquias, lembranças de um dia ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Supõe que o dono pense em as arejar e expor para teu e meu desenfado. Nem todas serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas, se o dono tiver cuidado, pode extrair uma dúzia delas que mereçam sair cá fora.
> Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, ideias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título. Possivelmente não terão a mesma suposta fortuna daquela dúzia de outras, nem todas valerão a pena de sair cá fora. Depende da tua impressão, leitor amigo, como dependerá de ti a absolvição da má escolha. (ASSIS, 1906, p. n.p.)

O livro se inicia com o soneto “A Carolina”, inclui contos hoje muito conhecidos, como “Pai contra mãe”, e outros menos famosos, como “Anedota do cabriolet”; conta também com duas peças de teatro, “Não consultes médico” e “Lição de botânica”. Possui ainda uma seção de “Páginas críticas e comemorativas” que reúne textos em homenagem a Gonçalves Dias e Eduardo Prado, entre outros. A essa miscelânea de assuntos e gêneros, Machado dá o nome de *Relíquias de casa velha*, ou, conforme pode ser entendido pela advertência, inéditos de um homem velho.

O substantivo “relíquias”, portanto, faz a ponte do livro póstumo, *Outras relíquias*, com os últimos escritos de Machado, tais como os reunidos e publicados por ele quatro anos antes em *Relíquias de casa velha* (1906). É como se o título sugerisse uma continuidade entre uma relíquia e a outra, entre a obra póstuma e a obra em vida, conforme consta no prefácio de 1910:

> O título *Outras Relíquias* alude ao de outro livro publicado pelo autor e semelhante a este na diversidade dos trabalhos coligidos. Aqui vai bem ajustado, em seu verdadeiro sentido, não só ao merecimento da coleção, como à saudade do autor que se foi. (ASSIS, 1910, p. V)

Para Krzysztof Pomian, as relíquias podem ser “os objetos que se crê que tenham estado em contato com um deus ou com um herói, ou que se pense que sejam vestígios de qualquer grande acontecimento do passado mítico ou simplesmente longínquo” (POMIAN, 1984, p. 59). O mesmo autor lembra, no entanto, que foi com o cristianismo que esse termo ganhou força; qualquer objeto, por menor que fosse, que tivesse tido contato com algum santo já seria tomado como uma relíquia e “santificava o local onde se encontrava de um modo não menos eficaz do que o próprio santo o teria feito” (POMIAN, 1984, p. 60).

É significativo considerar o sentido religioso das relíquias, associado à ideia de consagração e canonização do escritor. O título de 1906 sugere o processo de autoconsagração iniciado por Machado com um dos seus livros finais. A repetição do termo no título da obra de 1910, por sua vez, parece sugerir a continuidade entre a morte e a vida, numa espécie de imortalização do escritor por meio da edição de seus papéis dispersos.

Aqui, faz-se necessária uma advertência para que essa "sacralização" não transforme os papéis dispersos e manuscritos em objetos intocáveis e divinos, conforme alerta Marcello Moreira:

> Como diria Morse Reckham, ironicamente, nós, filólogos, propendemos a instituir uma hagiografia de autores e, como consequência dessa santificação, quanto mais próximos os textos estiverem do autor, mais preciosos e puros estarão, tornando-se verdadeiras relíquias. (MOREIRA, 2011, p. 56)

É relevante lembrar que os documentos literários foram sendo preservados na medida em que a figura do grande escritor foi ganhando espaço e importância na cena literária. Embora seja possível encontrar manuscritos datados desde o século XIV, eles foram preservados por motivos diferentes (HAY, 2003). Só a partir do século XIX os manuscritos foram ganhando o *status* de preciosidade relacionado com a construção da figura do escritor enquanto indivíduo que poderia ser responsabilizado e recompensado financeiramente por determinada obra.

Portanto, se hoje temos acesso a esses documentos é porque a figura de Machado de Assis já era importante o suficiente para que as pessoas em volta dele se preocupassem em guardar manuscritos, objetos pessoais, livros e quaisquer outros itens que pudessem ser considerados relíquias.

O processo de consagração póstuma machadiana pode ser ilustrado, por exemplo, pelas diversas iniciativas que foram tomadas, mormente por José Veríssimo e Mário de Alencar, para homenagear o escritor. Foi ideia de Veríssimo a publicação de um *In memoriam*, com as notícias, críticas e artigos publicados até então sobre Machado de Assis, bem como a construção de uma estátua em homenagem ao escritor, inaugurada em 1929. Ele ainda sugeriu que se colocasse uma lápide comemorativa, em nome da Academia, na casa da rua Cosme Velho, onde o escritor viveu por 24 anos. A lápide foi instalada no aniversário de um ano da morte do autor, em 29 de setembro de 1909. Na manhã seguinte, o periódico *A Imprensa* noticiou o feito, que contou com uma visita ao túmulo de Machado e um discurso de Olavo Bilac, transcrito na reportagem.

O projeto da publicação do *In memoriam* já estava bem encaminhado, quando Veríssimo escreve a Mário, em 21 de junho de 1911, com algumas ressalvas:

> Creio que poderíamos ter elevado ao nosso amigo um pequeno monumento mais digno dele. O trabalho tipográfico é ruim, as páginas não trazem cabeça e falta mesmo uniformidade. Também senti falta do seu excelente artigo no primeiro aniversário, o qual tínhamos resolvido saísse, e o do Magalhães de Azeredo, que certamente vai ressentir-se dessa falta. – Mando-lhe o índice, que sou o primeiro a não achar bom, e que muito sinceramente o autorizo a refazer, como lhe parecer. (MONTELLO, 1961, p. 240)

Infelizmente, esse interessantíssimo volume foi destruído no incêndio que dizimou grande parte das instalações da Imprensa Nacional em 15 de setembro de 1911. Teriam sobrado apenas as provas tipográficas em posse de José Veríssimo, mas, até o momento, não há notícia delas.

A preocupação com a imagem e a posteridade já fora manifestada pelo próprio Machado anos antes do seu falecimento, no famoso episódio do carvalho de Tasso. Joaquim Nabuco mandou recolher em Roma um galho do carvalho plantado em frente ao mosteiro de Santo Onofre do Monte Janículo, onde Torquato Tasso está sepultado, para oferecê-lo a Machado. Ele enviou o objeto para Graça Aranha e afirmou, em carta de 12 de abril 1905, que seria uma boa ideia a Academia oferecer a relíquia ao escritor, que deveria ser tratado "com o carinho e a veneração com que no Oriente tratam as caravanas a palmeira às vezes solitária no oásis" (ASSIS e NABUCO, 2003, p. 173).

Em carta a Magalhães de Azevedo, de 28 de outubro de 1905, Nabuco se mostra surpreso com a comoção causada pelo presente:

> Em primeiro lugar, esse ramo do Carvalho do Tasso não foi trazido por mim de Roma; foi-me mandado pelo Barros Moreira, a quem o pedi para substituir outro que eu trouxera de lá em 1888. Depois é que me veio a ideia de o mandar ao Machado, mas nunca imaginei tal festa, nem que me publicassem a carta. Tudo foi para mim uma grande surpresa. A amabilidade que eu disse ao Graça Aranha lhe teria dito, se você estivesse lá e ele ausente. Eu sei que o Machado o admira e estremece e que sua saudação a ele seria inimitável, e romana, a que o Tasso mesmo faria. (NABUCO, 1949, p. 227)

De fato, em 10 de agosto de 1905, durante sessão da Academia Brasileira de Letras, foi feita uma cerimônia com a entrega do ramo do carvalho de Tasso. Graça

Aranha fez um discurso homenageando Machado, "[o] incomparável representante da cultura brasileira, pela força do sentimento, pela agudeza do gênio" (ASSIS e NABUCO, 2003, p. 174).

Emocionado, Machado agradece ao amigo Nabuco pelo gesto: "O que a Academia, a seu conselho, me fez ontem, basta de sobra a compensar os esforços da minha vida inteira; eu lhe agradeço haver-se lembrado de mim tão longe e tão generosamente" (ASSIS e NABUCO, 2003, p. 133).

O ramo de carvalho foi tema ainda de um retrato pintado por Henrique Bernardelli e exposto na sala de sessões da Academia, após ter sido exposto na Escola Nacional das Belas Artes.

Machado ainda retoma o assunto na carta seguinte enviada a Nabuco e parece satisfeito e orgulhoso em comentar sobre a preciosidade:

> O próprio galho, com a sua carta ao Graça, já os tenho na minha sala, em caixa, abaixo do retrato que você me mandou de Londres o ano passado. Não falta nada, a não ser os olhos da minha velha e boa esposa que, tanto como eu, seria agradecida a esta dupla lembrança do amigo. (ASSIS e NABUCO, 2003, p. 136)

Próximo da morte, Machado manifesta preocupação com o destino do objeto e escreve a Mário, em 25 de abril de 1908:

> Umas [*sic*] das melhores relíquias da minha vida literária é aquele galho de carvalho de Tasso que Joaquim Nabuco me mandou há três anos por intermédio do Graça Aranha, e este me entregou em sessão da nossa Academia Brasileira. O galho, a carta ao Graça e o documento que os acompanhou conservo-os na mesma caixa, em minha sala.
> Perguntei-lhe há tempos se queria dar destino a essa relíquia, quando eu falecesse; agora renovo a pergunta. Talvez a Academia consinta em recolher o galho como lembrança de três de seus membros e da sua bondade em se reunir para completar o obséquio de Nabuco e de Graça Aranha. Peço-lhe que se incumba de o saber oportunamente. Caso não deva ser ali guardado, estou que haverá em sua casa algum recanto correspondente ao que sei possuir em seu coração, e onde ele possa recordar-lhe a saudade de um velho amigo desaparecido. (ASSIS, 2015c, p. 331)

Novamente, a repetição do termo relíquia chama a atenção, bem como a clara iniciativa de autoconsagração sugerida pelo escritor que vislumbra uma espécie de museu na Academia. Mário de Alencar responde ao amigo, em 3 de maio de 1908, com o coração desolado, aceitando a incumbência de cuidar do carvalho de Tasso:

> Guardo a sua carta como uma relíquia, que vale a outra e de que eu espero não terei que usar, mas só conservar. Se vier porém o que eu não desejo, farei o que a sua bondade me incumbe e a Academia receberá por meu intermédio o legado honroso daquele a quem ela deve todo o seu prestígio e terá na lembrança e guarda da oferta o estímulo para perseverar e a garantia de que não pode extinguir-se. (ASSIS, 2015c, p. 333-334)

A carta de Machado é equiparada ao carvalho de Tasso, e ambos são descritos como relíquias. Torquato Tasso é considerado o grande poeta italiano do século XVI, estando no mesmo patamar de Petrarca e Dante. Escreveu muitos poemas e seus *Dialoghi* sobre filosofia, religião e literatura são leituras relevantes até hoje. *La Gerusalemme liberata* (1581) é sua obra-prima e narra a batalha ficcional entre cristãos e mulçumanos durante a Primeira Cruzada. Essa breve lembrança de quem foi Torquato Tasso revela a grande ambição implícita na comparação.

Machado, insistente, ainda retoma o assunto com Nabuco, em 8 de maio de 1908:

> Escrevo ao Mário de Alencar pedindo-lhe que venha à minha casa, quando eu morrer, e leve aquele galho de carvalho de Tasso que Você me mandou e o Graça me entregou em sessão da Academia. A caixa em que está com o documento que o autentica e a sua carta ao Graça peço ao Mário que os transmita à Academia, a fim de que esta os conserve, como lembrança de nós três: você, o Graça e eu. (ASSIS, 2015c, p. 335)

Como se pode notar, até muito próximo da sua morte, Machado estava preocupado com o que seria feito da sua imagem e como ele poderia, de certa forma, moldar sua posteridade. O ramo do carvalho de Tasso esteve presente até no velório do escritor, como se pode verificar no relato publicado no periódico *O País*, em 30 de setembro de 1908: "À cabeceira da eça, destacava-se um ramo de carvalho de Tasso, colhido há tempos em

Roma pelo dr. Joaquim Nabuco, e por este enviado a Machado de Assis" (Machado de Assis, 1908, p. 2).

Movimento semelhante se observa na iconografia machadiana. Pode-se acompanhar a composição da figura desde os primeiros retratos fotográficos do jovem autor de cabelos revoltos até a imagem contida e sóbria de medalhão, conforme observam Guimarães e Sacchetta (2008):

> Numa ambiguidade muito machadiana, o escritor foi ao mesmo tempo objeto aparentemente dócil e testemunha crítica da nascente era da imagem. Também ele deixou-se construir pela imagem, nesse conjunto de retratos em que ressalta a composição de sua figura tão sóbria e respeitável, uma espécie de ícone da inteligência. (GUIMARÃES e SACCHETTA, 2008, p. 12).

A construção da imagem é, portanto, algo muito caro a Machado de Assis, que de várias maneiras parece ter se preocupado com a posteridade e com a imagem que passaria adiante. Também nas suas cartas, há uma construção do eu cheia de melindres, numa escrita normatizada pelo que se espera de um escritor em sua posição, conforme afirma Luciana Schoeps:

> Vemos […] que o eu se furta a aparecer, a se expandir num relato de si, contraindo-se numa escrita sintética, escondendo-se atrás de bilhetes rápidos e cartas lacunares que não trazem novidade, dizem o que o outro espera e reiteram o que o interlocutor lhe dissera na troca epistolar anterior, repisando o discurso alheio. Além disso, a escrita machadiana volta-se repetidamente para si mesma, numa reflexividade que busca a todo o momento reiterar a contenção da escrita, que não quer desenvolver determinados assuntos ou que não pode expandir-se. (SCHOEPS, 2014, p. 107)

Essa escrita repleta de cuidados revela-se também na forma como o escritor deixa instruções aos seus amigos sobre as providências que deveriam ser tomadas após a sua morte. Encarrega Mário de Alencar de cuidar do ramo de carvalho de Tasso e nomeia José Veríssimo seu "testamenteiro literário" no que diz respeito à correspondência, de certa

forma já editada pelo próprio Machado, que tudo indica selecionou as cartas que chegariam à posteridade.

O arquivamento do escritor e a construção da imagem relacionam-se, portanto, com a seleção de documentos que o autor decide guardar, incluindo, seguramente, os manuscritos a que temos acesso hoje, e em especial os do poema herói-cômico de que vimos tratando nesta tese.

Capítulo 2: Um poema herói-cômico e quatro momentos de publicação

Neste capítulo será feita a) uma breve exposição sobre o gênero herói-cômico e a importância dele para analisar a obra machadiana de uma nova perspectiva; b) uma listagem das menções de Machado de Assis sobre esse gênero nas suas crônicas, em especial à obra *O hissope*; c) uma análise dos quatro momentos de publicação de trechos do poema com o objetivo de traçar um percurso histórico do nascimento desse texto que acabou se tornando conhecido como "O Almada"; e d) uma reflexão sobre o tratamento desse texto em diferentes edições.

O gênero herói-cômico e a emulação dos modelos do passado

Considera-se que o gênero herói-cômico teve início com a publicação da obra *La secchia rapita*, de Alessandro Tassoni, em 1622. Trata-se de poema em tom épico que narra a guerra entre bolonheses e modenenses, por conta de um balde roubado do poço da cidade de Bolonha. No poema, o escritor italiano fazia uma sátira à elite burguesa ao mesmo tempo que parodiava o gênero épico. Este seria, basicamente, o principal objetivo do gênero: narrar um assunto trivial em linguagem elevada. Ou, nas palavras de Antonio Candido, "a celebração, em tom épico, de um acontecimento sem a menor importância" (CANDIDO, 2009, p. 161). O mesmo crítico, no ensaio "Esquema de Machado de Assis", caracteriza a escrita machadiana em termos parecidos, capaz de dizer coisas espantosas da forma mais singela e vice-versa:

> A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície. (CANDIDO, 2004, p. 23)

Como se pode verificar, a procura pelo que soa anacrônico seria também outra característica machadiana. Essa "despreocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica" (CANDIDO, 2004, p. 19) podem explicar o recurso a um gênero tão fora dos hábitos de sua época, como o herói-cômico.

Em língua francesa, Boileau publicou *Le lutrin*, em 1701, que narra a disputa entre o prelado de Saint Chapelle e do seu Chantre a respeito da localização do púlpito na igreja. Em Portugal, António Diniz da Cruz e Silva, inspirado por Boileau, escreveu *O hissope*, publicado em 1802 depois da morte do autor, mas cujo manuscrito já circulava "secretamente" muitos anos antes, possivelmente desde 1772 (CARREIRO, 2006, p. 111-115).

O poema de Cruz e Silva, baseado em uma história verídica (assim como *La secchia rapita* e *Le lutrin*), narra a disputa entre o bispo e o deão da cidade de Elvas pel'*O hissope*, objeto usado para aspersão da água benta durante os rituais religiosos.

No poema, Cruz e Silva critica as vaidades e os abusos do clero, bem como o francesismo em voga na época por conta do Governo de Junot, resultante da invasão francesa. Tanto *Le lutrin* quanto *O hissope* são paródias do gênero épico inspirados em fatos históricos e em conflitos eclesiásticos.

Durante todo o século XIX, houve em Portugal um aumento considerável na publicação de poemas do gênero herói-cômico. No livro *Poemas herói-cômicos portugueses – verbetes e apostilas* (1922), o autor, Alberto Pimentel, lista mais de 100 obras desse gênero.

No Brasil, alguns dos poemas mais famosos foram: *O desertor* (1774), de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, *O reino da estupidez* (1785), de Francisco de Melo Franco, e *A república dos tolos* (1881), de José Joaquim Correia de Almeida. Embora o poema herói-cômico fosse relativamente bastante apreciado, os autores brasileiros não se interessaram muito em produzir esse tipo de texto. Machado surpreende, então, ao se aventurar nesse campo oferecendo "às letras pátrias um primeiro ensaio neste gênero difícil" (ASSIS, 2009, p. 547).

Nessa advertência, mostra grande propriedade ao tratar dos autores fundadores do gênero herói-cômico e define bem o que entende por esse tipo de poesia: "Observei quanto pude o estatuto do gênero, que é parodiar o tom, o jeito e as proporções da poesia épica" (ASSIS, 2009, p. 546), procedimento que também está na base de muitos escritos de Machado. No entanto, mesmo partindo de tantas referências, o autor carioca é capaz de elaborar um texto autêntico, como afirma Stélio Furlan:

> Em *O Almada*, o trabalho parodístico passa por uma atitude de devoração criadora; assimila-se uma "fórmula" para aclimatá-la tropicalmente, com a usual "pena da galhofa e a tinta da melancolia". Longe daqui a simples cópia: antes temos um trabalho de recriação sobre dado, que detona sentido outros, e os rearticula noutras variações. (FURLAN, 2001, p. 192)

Ivan Teixeira afirma que com essa advertência, na qual descreve o que entende por poema herói-cômico e os processos de composição de alguns personagens,

> Machado de Assis pretendia evidenciar a importância do estudo e da dimensão técnica em sua arte. De fato, a leitura atenta desse prólogo deixará claro o interesse pela erudição literária, assim como pelo domínio de esquemas e formas da tradição. (TEIXEIRA, 2010, p. 71)

Assim também, a técnica da emulação, entendida como imitação consciente de um modelo na tentativa de acrescentar-lhe algo novo, era atividade bastante apreciada pelo escritor. A respeito do poema épico *Colombo*, de Manuel de Araújo Porto-Alegre, Machado escreve uma crônica no *Diário do Rio de Janeiro*, em 5 de junho de 1866, na qual resgata a importância do poema épico e defende o aperfeiçoamento da literatura pelo estudo: "A nossa máxima literária é simples: aprender investigando" (ASSIS, 2013, p. 292).

Esse movimento de valorização do aprimoramento e do cuidado no acabamento de um trabalho pode ser visto em diversos textos críticos e crônicas escritos por Machado de Assis, assim como no prefácio do seu primeiro romance, *Ressureição*, no qual afirma:

> Quanto mais versamos os modelos, penetramos as leis do gosto e da arte, compreendemos a extensão da responsabilidade, tanto mais se nos acanham as mãos e o espírito, posto que isso mesmo nos esperte a ambição, não já presunçosa, senão refletida. Esta não é talvez a lei dos gênios, a quem a natureza deu o poder quase inconsciente das supremas audácias; mas é, penso eu, a lei das aptidões médias, a regra geral das inteligências mínimas.
> Eu cheguei já a esse tempo. Grato às afáveis palavras com que juízes benévolos me têm animado, nem por isso deixo de hesitar, e muito.

> Cada dia que passa me faz conhecer melhor o agro dessas tarefas literárias – nobres e consoladoras, é certo –, mas difíceis quando as perfaz a consciência. (ASSIS, 2015a, p. 232-233)

O depoimento sobre o fazer literário, descrito nesse prefácio, pode ser comprovado quando da análise do manuscrito em questão. De fato, são inúmeras hesitações, marcadas pelas rasuras, cortes e reelaborações que sugerem o quanto o escritor trabalhou para escrever seu texto. A escolha da palavra "agro" se encaixa perfeitamente na frase e pode tanto qualificar as "tarefas literárias" como difíceis, ásperas e árduas quanto pode remeter a outro significado da palavra, o de "campo cultivável". Essa imagem da terra que deve ser arada e cuidada para poder dar frutos lembra bem o labor do escritor com sua pena e papel trabalhando e retrabalhando seus "campos literários" a fim de deixá-los férteis.

A crítica estabeleceu, já há algum tempo, que uma das chaves interpretativas da obra machadiana, mormente depois de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, seria a proximidade com a sátira menipeia e a tradição luciânica (GOMES, 1949; MERQUIOR, 1972; SÁ REGO, 1989; FACIOLI, 2002). Algumas características da obra de Machado de Assis foram associadas à tradição da sátira menipeia, entre elas a "extrema dificuldade de classificação genérica, caráter fragmentário e parodístico, ponto de vista irônico, distanciado e geralmente julgado como pessimista" (SÁ REGO, 1989, p. 8), e ainda uma tendência a "misturar assuntos sérios com triviais, e triviais com sérios" (SÁ REGO, 1989, p. 147).

Do mesmo modo, vários autores, como Alcides Maya (1912), já trataram da presença do *humour* inglês na obra de Machado. Entretanto, ainda há muito a ser feito no que diz respeito às relações entre Machado e os satíricos portugueses, com destaque para Faustino Xavier de Novaes e Nicolau Tolentino, e as cantigas de escárnio e maldizer.

Hélio de Seixas Guimarães analisa como a tradição portuguesa sempre esteve presente nas produções literária e crítica machadianas e, ao tratar especificamente do pouco aprofundamento que se fez sobre a presença de Almeida Garrett em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, afirma que o fato é:

> [U]m indício do enorme interesse de Machado pelo autor português [Almeida Garrett] e do pouco interesse pelas especificações das referências portuguesas na obra machadiana, que, no entanto, foram

> constantes e numerosas. Simultaneamente ao *Brás Cubas*, Machado produziu e publicou quatro sonetos a Camões, a peça de assunto camoniano Tu, só tu, puro amor…, catorze sonetos em homenagem ao Marquês de Pombal, além de se dedicar ao inacabado poema herói-cômico baseado n'*O Hissope*, de António Diniz da Cruz e Silva, do qual publicou fragmentos e sobre o qual continuou a trabalhar por mais de vinte anos […]. (GUIMARÃES, 2017, p. 129-130)

Pretende-se, portanto, com este trabalho, contribuir para a melhor compreensão da presença da tradição literária portuguesa na composição da obra machadiana ao evidenciar as íntimas relações de Machado com o gênero herói-cômico, em especial com a obra *O hissope*, que esteve presente também em outro gênero muito apreciado por Machado de Assis, a crônica.

O hissope nas crônicas machadianas (1861-1863)

Nas crônicas d'*O Futuro*, em contos e nos "Comentários da semana", fica clara a importância que Machado dava à sátira e aos poetas satíricos, por meio do aproveitamento de vários trechos com citações de *O hissope*. Já desde meados de 1861, Machado de Assis faz referências a personagens e situações desse poema herói-cômico. A primeira delas aparece em uma crônica, reunida na série "Comentários da semana", do periódico *Diário do Rio de Janeiro*. Essa seção, assinada às vezes por *Gil*, outras vezes por *M.A.*, ocupava cerca de uma coluna e meia da primeira página do jornal; tinha, portanto, posição de destaque. Machado começou a escrever os "Comentários" em 12 de outubro de 1861, aos 22 anos, portanto, e colaborou nessa seção do jornal até 5 de maio de 1862 (ASSIS, 2008).

Na crônica de 24 de dezembro de 1861, ao comentar a questão diplomática brasileira no rio Prata,[6] o cronista afirma: "O que é divertido é ver perturbados o remanso e a paz da igreja de Elvas" (ASSIS, 2008, p. 134), em uma referência explícita ao episódio narrado em *O hissope*.

Em outra crônica de 14 de janeiro de 1862, ao discorrer sobre o boato de que o ministro Cândido Borges teria se aposentado com uma gratificação que não lhe seria devida, o cronista afirma: "Este fato não perturbou o remanso e a paz da igreja d'Elvas.

[6] As Questões Platinas foram um conjunto de conflitos diplomáticos e militares que ocorreram no século XIX, envolvendo Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai, na região do rio da Prata, local marcado por instabilidade e combates diversos desde 1816 (Guerra contra Artigas) até a Guerra do Paraguai (1864-1870). Provavelmente, o cronista se refere, nesse trecho, a tensões que motivaram este último conflito militar.

Ambos conformes, o bispo e o deão, continuarão a dar e a receber o santo hissope" (ASSIS, 2008, p. 158, grifos do autor). É pertinente averiguar que o comentário de Machado, no *Diário*, motivou uma resposta do governo, publicada no *Jornal do Commercio*, explicando o acontecido.

Em 26 de janeiro de 1862, Machado escreve sobre uma notícia recente. De fato, conforme nos esclarecem os organizadores das notas de "Comentários da semana", essa notícia fora publicada dois dias antes no mesmo *Diário* (ASSIS, 2008, p. 170).

A notícia dava conta de que, costumeiramente, os policiais deveriam tocar o sino da igreja às 10 horas da noite, como toque de recolher. No entanto, o sino estava sem badalo, o que fez com que a administração da cidade decretasse que o sacristão ficaria incumbido de tal serviço, o que constituía uma espécie de intervenção do poder temporal sobre o poder eclesiástico, questão que desencadeia todo o conflito em *O hissope*. O absurdo do decreto não levava em conta a impossibilidade de o sacristão (ou quem quer que fosse) fazer soar um sino sem badalo. Machado afirma:

> Para os que não leram o aviso a que alude, poderá parecer isto invenção minha, com o intuito de criar um novo plano de *Hissope*, e assim inspirar as liras cômicas dos Boileaus e dos Dinizes. Protesto contra uma tal suspeita. O fato é real. Parece questão idêntica à que trouxe muito tempo separados o bispo e o deão da igreja d'Elvas, é verdade; mas com isso o que tenho eu, e o que tem a imprensa? (ASSIS, 2008, p. 164)

O acontecimento leva ainda o cronista a escrever um poema de 18 estrofes, sem título, com rimas ABABA, em redondilha maior, parodiando *O hissope*, no qual o sacristão se dirige ao governo e reclama da nova atribuição que agora lhe cabia, como mostram as três estrofes seguintes:

> E quer, ajudando o fado
> Na minha tribulação
> Tornar-me mais onerado
> Fazendo de um sacristão
> Um sineiro despachado?

E hei de eu, deixando o leito,
O leito doce e macio
A que me acho tão afeito,
Ir apanhar ao ar frio
Uma doença no peito?

[...]

Ah! Se ao menos um badalo
Tivesse o citado sino,
Então cantara outro galo!
O fado, menos mofino,
Não me dera tanto abalo! (ASSIS, 2008, p. 165)

Essa hiperligação com outros assuntos do dia e a expectativa de que o leitor volte aos periódicos passados ou recupere o assunto da memória sugerem uma poética que seria retomada, mais tarde, na própria ficção machadiana.

Para se compreender melhor esse movimento, faz-se necessário lembrar que os jornais tinham uma importância muito maior naquela época e não eram tratados como objetos descartáveis como acontece hoje em dia (GRANJA, 1997, p. 94). Isso possibilitava que o leitor recuperasse informações sobre as quais discorria o cronista bem mais facilmente. Como afirma Lúcia Granja, esta é uma das contribuições que o estudo da crônica pode trazer para a interpretação da obra de Machado:

> Assim sendo, podemos assinalar, mais uma vez, que a utilização de alguns recursos literários de que se servirá o narrador machadiano em sua ficção propriamente dita, além de se ligarem à repetição de modelos literários do passado (empréstimo inglês ou da tradição da sátira de Luciano, por exemplo), é decorrente da incorporação à sua prosa de ficção do narrador que na crônica "proseia": faz prosa investindo nos recursos literários que lhe oferece seu texto, ao mesmo tempo em que dialoga com o seu leitor. Assim sendo o tom de "abuso deliberado" do narrador machadiano das *Memórias*, que, no capítulo primeiro, compara o seu livro ao *Pentateuco* de Moisés para quase concluir em favor da superioridade do seu, deve ser entendido também como aproveitamento das lições oferecidas pelo desenvolvimento literário do texto jornalístico de Machado de Assis. (GRANJA, 1997, p. 84)

As referências a *O hissope* também são encontradas no periódico *O Futuro*, editado pelo poeta satírico português (e futuro cunhado de Machado) Faustino Xavier de Novaes. Machado começou a sua colaboração já no primeiro número da revista literária e publicou, ao todo, 16 crônicas entre setembro de 1862 e julho de 1863 (ASSIS, 2014).

Cabe ressaltar que Machado usa as páginas da sua crônica de 24 de março de 1862, no *Diário do Rio de Janeiro*, para comentar o lançamento de *O Futuro*, que afirma ser "mais um laço de união entre a nação brasileira e a nação portuguesa" (ASSIS, 2008, p. 190), sugerindo a importância que atribui aos assuntos portugueses, incluindo-se aí as referências literárias.

Em 31 de janeiro de 1863, Machado escreve uma crônica n' *O Futuro* em que analisa o poema satírico *Roberto ou a dominação dos agiotas*, uma paródia do poema *D. Jaime, ou a dominação de Castela*, de Tomás Ribeiro, e problematiza:

> É um verdadeiro poema cômico? Não; não se pode dizer isso na literatura que possui O Hissope, e as sátiras de Tolentino, que são outros tantos poemas; mas, como amostra de um poeta de futuro, acho que deve ser lido o *Roberto*. O Sr. Roussado mostra ter facilidade, e algumas vezes graça na locução; mas a designação de poema herói-cômico só poderia caber ao livro quando todas as condições necessárias ao gênero estivessem preenchidas; no poema cômico devem concorrer qualidades tão superiores como no poema épico, porque ambos os gêneros se tocam, e daqui vem chamar Vítor Hugo ao *D. Quixote* a *Ilíada* cômica. Estas qualidades superiores não se nos descobrem no *Roberto*. (ASSIS, 2014, p. 86)

Nesse excerto, Machado de Assis esclarece que considera o poema herói-cômico tão superior quanto o poema épico. Quando rejeita o título de herói-cômico ao poema de Roussado, ele explica que o texto é muito insuficiente em comparação aos representantes mais ilustres. O livro também não preencheria as qualidades necessárias para ser assim classificado.

Esse trecho é muito significativo porque evidencia a importância dada ao poema cômico quando o equipara ao poema épico e afirma que os dois gêneros têm pontos de contato entre si. O jovem cronista também demonstra consciência do árduo labor necessário para escrever algo nesse gênero.

Além disso, pode-se perceber também como ele dialogava com questões do dia e com o entorno dos jornais ao tratar desses poemas, que então eram discutidos em diversos periódicos.

Essas citações em crônicas do início da década de 1860 mostram como desde muito tempo o gênero herói-cômico é objeto de atenção e estudo para o autor, que mais tarde reafirmaria, na advertência que consta do manuscrito e que também foi publicada na edição de 1910, ser esse um "gênero difícil" (ASSIS, 2009, p. 547). Ainda sobre *Le lutrin* e *O hissope*, Machado afirma nessa mesma advertência que são "duas composições célebres […], verdadeiramente inimitáveis" (ASSIS, 2009, p. 547).

Em 7 de fevereiro de 1875, em artigo assinado por Salvador de Mendonça, a respeito da tradução pouco noticiada da obra *Jocelyn*, de Lamartine, levada a cabo por João Cardoso de Menezes e Souza (Barão de Paranapiacaba), lê-se que "Machado de Assis tem um poema herói-cômico, em que a veia cômica de um Diniz é reaberta com o estilete de um Laprade, e poucos lhe conhecem uma linha" (MENDONÇA, 1875, p. 2). Essa é a notícia mais antiga (e a única em vida do autor) que foi encontrada a respeito da composição de um poema herói-cômico por Machado de Assis. Salvador de Mendonça era um amigo muito próximo e pode ter tido acesso a essa informação em conversas ou correspondências com o autor. O poema herói-cômico noticiado por ele provavelmente já estaria com um tamanho considerável para que o crítico pudesse chegar às conclusões expressas no artigo. Entretanto, ainda demoraria quatro anos para que um trecho de um poema com essas características fosse revelado ao público, confirmando o que Machado escreve na advertência da publicação de 1879: "Tal é o episódio histórico da crônica fluminense […] que me serviu de assunto a um poema, em oito cantos, *escrito há alguns anos* e até agora inédito" (ASSIS, 1879, p. 138, grifos meus). Isso permite também afirmar que Machado ficou em torno de um texto nesse gênero desde pelo menos 1875 até 1901, ou seja, durante 26 anos.

"A assuada"

Em 15 de outubro de 1879, foi publicado na *Revista Brasileira* o poema "A assuada", precedido de uma introdução. A *Revista Brasileira* teve um importante papel na carreira literária de Machado de Assis. Lá foram impressos vários trabalhos do autor, incluindo *Memórias póstumas de Brás Cubas*. O romance saiu em formato de folhetim entre março e dezembro de 1880, um ano após a aparição de "A assuada". Do mesmo

período, são os artigos “Antônio José e Molière”, de 15 de julho de 1879, e “A nova geração”, de 1º de dezembro do mesmo ano.

“A assuada” é composta por 14 estrofes e 308 versos que narram o triângulo amoroso entre Margarida, uma donzela devota “alta e fina, senhoril e bela” (ASSIS, 1879, p. 141), filha de um mercador de escravos; o tabelião Freire, “varão distinto e honrado” que “falava em prosa” (ASSIS, 1879, p. 145); e o vadio Vasco, “namorador dos adros das igrejas” (ASSIS, 1879, p. 142).

Ao saber do romance proibido entre Margarida e Freire, Vasco fica furioso e orquestra uma emboscada a fim de surrar Freire quando este voltava da casa da namorada à noite. Daí o título do poema, que remete a desordem, briga e confusão.

Entre os versos que contam sobre a aventura amorosa, há ainda a descrição da festa de cavalhada, uma tradição folclórica, popular no século XVII. Também conhecida como jogo de argolinhas, chegou ao Brasil na época colonial, trazida pelos portugueses. Inicialmente reservada à aristocracia, com o tempo foi ganhando apelo popular. Nessa festa, há a disputa coreográfica entre os cavaleiros vestidos de azul (cristãos) e os cavaleiros vestidos de vermelho (mouros), sendo os últimos vencidos e convertidos ao cristianismo.

O poema é precedido de uma introdução de três páginas que traz a explicação histórica do episódio que serviu de inspiração para o escritor. Trata-se do caso de Freire que, levando uma coça ao voltar à noite para casa, faz uma reclamação para o ouvidor-geral, Mustre. Este abre uma investigação e descobre que os responsáveis pelo crime são pessoas ligadas ao prelado Almada. Ao saber que está sendo investigado, o eclesiástico exige a entrega da devassa sob pena de excomunhão. Como o ouvidor-geral se nega a cumprir a exigência de Almada, ele é excomungado e recorre à Câmara. O governador decide reunir várias autoridades religiosas que, unanimemente, mandam anular a excomunhão. Como Machado esclarece neste prefácio: “Não consta de nenhum documento o motivo da assuada ao tabelião Freire; cabia, portanto, à imaginação inventar o que de melhor quadrasse ao plano e à índole da obra” (ASSIS, 1879, p. 139).

Nessa introdução, Machado cita nominalmente o livro que lhe inspirou a escrever sobre esse episódio: *Anais do Rio de Janeiro* (1835), de Baltazar da Silva Lisboa (1761-1840), membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. É oportuno um pequeno adendo a respeito do surgimento do IHGB e da sua importância para a criação de uma ideologia sobre a história brasileira.

Como observa Lilia Schwarcz, o Instituto "tratou de divulgar uma história grandiloquente e patriótica" (SCHWARCZ, 2019, p. 19). Assim, as narrativas que foram sendo construídas pelo IHGB, por meio dos relatos dos historiadores, fomentavam certos mitos, como o da harmonia entre as três raças (europeia, negra e indígena), o que se reflete, ainda hoje, nas questões que o país enfrenta, como o racismo estrutural:

> A construção de uma história oficial não é, portanto, um recurso inócuo ou sem importância; tem um papel estratégico nas políticas de Estado, engrandecendo certos eventos e suavizando problemas que a nação vivenciou no passado mas prefere esquecer, e cujas raízes ainda encontram repercussão no tempo presente. (SCHWARCZ, 2019, p. 21)

Sabendo dessa nuance e de como a história, enquanto disciplina, se organiza em função de instituições (CERTEAU, 2017), é mais fácil relativizar certos conceitos e entender que não existe "a" História ou "a" Verdade, mas sim construções de discursos com recortes específicos de acordo com determinado contexto e época e com determinados objetivos.

Os *Anais*, portanto, não fogem a essa regra, sendo repletos de relatos de narrativas que ocorreram especialmente no Rio de Janeiro, desde o descobrimento até o início do século XIX, e contêm "a descoberta e conquista deste país, a fundação da cidade com a história civil e eclesiástica, até a chegada d'el rei Dom João VI; além de notícias topográficas, zoológicas e botânicas" (LISBOA, 1835).

Tomando como base o tomo III da coleção, que foi publicado em 1835, Machado repete, com bastante proximidade, o conteúdo do texto de Lisboa. Ele aproveita, inclusive, o nome de muitos personagens, e alguns trechos, especialmente os da introdução, parecem até parafrasear a crônica histórica.

Essa advertência também destaca que o poema havia sido escrito há alguns anos e permanecia inédito até aquele momento. Invoca, ainda, o nome de José de Alencar, autor de *O Garatuja*, publicado em 1873, que trata do mesmo assunto, o que veremos a seguir.

A sombra de José de Alencar

Na introdução de "A assuada", pode-se ler o seguinte trecho:

> Tal é o episódio histórico da crônica fluminense (Lisboa, *Anais*, t. III) que me serviu de assunto a um poema, em oito cantos, escrito há alguns anos e até agora inédito. Sobre esse mesmo episódio escreveu Alencar um de seus últimos romances, *O Garatuja*. (ASSIS, 1879, p. 138)

O Garatuja é uma crônica colonial publicada, primeiramente, no livro *Alfarrábios*, de José de Alencar, em 1873. A partir da introdução escrita pelo autor cearense, podem-se notar muitas similaridades com o poema herói-cômico machadiano, que começam com a evocação comum à obra *O hissope*, de António Diniz da Cruz e Silva:

> Todavia, se o leitor no folhear estas páginas, tiver tempo de pensar, e se deixe ir a cogitar na singularidade da revolução, que esteve para ensanguentar a heroica, mas pacata, cidade de São Sebastião, lembre-se da magna questão do martelinho, que por pouco não perturbou a paz maçônica, da mesma forma que outrora *O Hissope* na igreja d'Elvas. (ALENCAR, 1987, p. 03)

E incluem também a indicação de uma mesma referência histórica, os *Anais do Rio de Janeiro*:

> Quem duvidar do cunho histórico desta simples narrativa, poderá facilmente verificá-lo abrindo o 3º volume dos *Anais do Rio de Janeiro* escritos pelo Dr. Baltasar da Silva Lisboa. (ALENCAR, 1987, p. 03)

Rosa Maria de Carvalho Gens, na introdução que escreve ao livro *O Garatuja*, intitulada "Sabor de antigo", lembra que Machado se utilizou do mesmo assunto para elaborar um poema herói-cômico, e acrescenta:

> Mas escrever sobre um texto, utilizando-o como motivo, é, de certa forma, apagar o anterior, deter a sua noção e recuperá-la em outro ponto. A visão alencariana enriquece o episódio do século XVII – os cinco parágrafos do Dr. Baltasar –, ao passá-lo a limpo em ficção. O fato básico caminha de braços dados com o imaginário, e a narrativa histórica, impessoal, é substituída por um foco individualizante e singular. A crônica dos tempos coloniais decerto serve de matriz a *O Garatuja* mas se agrega a outra linha de enredo, que explora o caso sentimental entre Ivo e Marta. Alencar arranha, assim, a História, não para dissecá-la, e sim para torná-la parte harmônica da obra ficcional. (GENS, 1987, p. X)

Pode-se usar o mesmo argumento ao pensar que o texto de Machado apaga, de certa maneira, o de Alencar e o recupera de maneira distinta. A alteração mais significativa diz respeito à mudança de gênero textual. De acordo com o argumento de João Cézar de Castro Rocha, Machado corrige Alencar ao compor o poema utilizando o gênero herói-cômico, que seria mais adequado à situação satírica do que uma crônica histórica dos tempos coloniais. É irônico lembrar que o próprio Alencar criticara duramente a *Confederação dos Tamoios* (1856), de Gonçalves de Magalhães, em particular no que dizia respeito à inadequação do gênero; para o autor de *Iracema*, o poema épico não seria o mais indicado para a matéria tratada. Nesse caso, Machado emendaria Alencar, substituindo a crônica histórica pelo poema herói-cômico (ROCHA, 2013, p. 225).

Começa-se a delinear uma situação complexa da relação entre Machado e Alencar. Por que ambos foram buscar em um episódio de 1659 o assunto de seus textos? Os críticos oferecem visões distintas sobre as semelhanças e diferenças entre os textos de Alencar e Machado. Astrojildo Pereira propõe o seguinte:

> Tudo indica, todavia, que tanto José de Alencar quanto Machado de Assis buscaram na crônica do século XVII menos o motivo real do que o disfarce de que necessitavam para mascarar a sátira de circunstância, que incidia veladamente sobre a briga de bispos e maçons, que produziu a chamada questão religiosa e tão ruidosamente agitou a política do Império pelos anos 72 a 75. (PEREIRA, 2008, p. 118)

Em 1872, durante as comemorações da Lei do Ventre Livre, o padre José Luís de Almeida Martins fez um discurso em uma cerimônia maçônica, contrariando as ordens de seu superior, o bispo dom Pedro Maria de Lacerda. Além de proclamar o discurso, o padre ainda o publicou em vários jornais. Por esse motivo, o padre foi expulso da Igreja, o que gerou uma série de reações que se espalharam por todo o país. No mesmo ano, o bispo de Olinda, dom Vital de Oliveira, afastou dois padres da sua diocese por serem maçons. Ele também não permitiu que o sacerdote monsenhor Pinto Campos celebrasse o casamento de um católico pertencente à maçonaria. Dom Antônio de Macedo Costa, o bispo do Pará, também suspendeu padres maçons de sua diocese.

Dom Pedro II ordenou, então, a prisão dos bispos do Pará e de Olinda, o que gerou uma reação por parte do papa Pio IX, obrigando o imperador a conceder anistia aos sacerdotes. Esse sinal de fraqueza por parte do Estado e o conflito com a Igreja geraram uma grave crise política que ocupou as páginas dos jornais e mobilizou opiniões por todo o país.

Raimundo Magalhães Júnior tem opinião parecida com a de Astrojildo Pereira ao afirmar que tanto "O Almada" quanto *O Garatuja* são "obras de circunstância", que vieram a lume por conta da questão dos bispos vigente na época (MAGALHÃES JÚNIOR, 1958).

Como está documentado, Machado e Alencar se encontravam na Livraria Garnier,[7] junto com outros escritores, e conversavam por horas sobre os mais diversos assuntos, entre eles, os literários. O argumento de Magalhães Júnior é que os escritores já haviam conversado sobre o assunto e teriam trocado ideias para a publicação de seus textos.

Para o crítico, a publicação de *O Garatuja* teria sido uma surpresa para Machado (o qual já estava trabalhando no seu poema), e, desanimado, teria parado a composição da obra. Os trechos que foram publicados nos jornais seriam apenas para cumprir obrigações de prazos e cobranças. Apenas depois da morte de Alencar, Machado se arrisca a publicar seus versos, já que agora não teria problema em aborrecer o Mestre.

O desaparecimento da referência a José de Alencar em edições futuras de trechos do poema herói-cômico pode ser entendido como um embate silencioso que mostra como

[7] Na crônica de 8 de outubro de 1893 de *A Semana*, Machado afirma: "Com José de Alencar foi diferente; ali travamos as nossas relações literárias. Sentados os dois, em frente à rua, quantas vezes tratamos daqueles negócios de arte e poesia, de estilo e imaginação, que valem todas as canseiras deste mundo!" (citado por MAGALHÃES JÚNIOR, 1958, p. 136).

Machado procurou se diferenciar da prosa alencariana, tentando, ao mesmo tempo, encontrar uma voz própria e um estilo que fosse seu. Percebe-se também que a citação à obra de Alencar poderia ter sido necessária na advertência de 1879, quando, dois anos depois da morte de Alencar, Machado talvez quisesse mostrar respeito e fazer uma homenagem a seu antecessor. Conforme Machado de Assis vai conquistando seu espaço e se consagrando no cenário literário, essa necessidade deixa de existir e a referência à obra *O Garatuja*, gradativamente, vai perdendo a sua importância.

Voltando à introdução de "A assuada", as fontes históricas de Machado de Assis ficam em evidência:

> Já em 1657, dois anos antes da ação do poema, D. Afonso VI ordenara se proibisse aos homens falarem com mulheres nas igrejas, nas portas e adros. No ano seguinte foi estendida a proibição aos que somente as esperassem naqueles lugares para as ver, ainda que lhes não falassem (Pizarro, *Mem*. t. V, pag. 17). Com o tempo voltou o abuso, se é que não foi simplesmente continuado; e, no século seguinte, o bispo D. Frei Antônio do Desterro proibiu as conversações e ajuntamentos nas portas e adros dos templos, "principalmente em dias de festa e concorrência", pastoral de 14 de Março de 1767. (Pizarro, VI, 17) (ASSIS, 1879, p. 139)

Essa informação sobre a proibição das conversas entre homens e mulheres está em uma nota de rodapé do livro *Memórias históricas do Rio de Janeiro*.[8] Há um erro (talvez tipográfico) na segunda referência, já que o a passagem citada não faz parte do tomo VI da obra, mas, sim, do tomo V. O trecho é o que segue:

> Com essas mesmas vistas suscitando a Pastoral do seu antecessor de 30 de maio de 1742, inibiu as conversações, e ajuntamentos nas portas, e adros dos Templos, principalmente em dias festivos, e de concurso, como fez saber pela Pastoral de 14 de março de 1767. (PIZARRO E ARAÚJO, 1820, p. 16)

[8] "El rei D. Afonso VI decretou em 15 de Janeiro de 1657 contra os homens, que nas Igrejas, suas Portas, e Adros falavam com mulheres, cuja proibição, e pena, estendeu, por outro Decreto de 16 de Janeiro, de 1658, aos homens, que somente esperassem as mulheres n'aqueles lugares para as verem, ainda que não lhes falassem" (PIZARRO E ARAÚJO, 1820, p. 17).

Em outro momento da introdução, o autor de *A mão e a luva* especifica de onde tirou material para a composição dos versos sobre a festa da cavalhada, quando da aclamação de d. João IV como legítimo rei de Portugal, depois de mais de 60 anos de dominação espanhola:

> Esta aclamação foi a de D. João IV, em 1641, quando chegou ao Rio de Janeiro a notícia da queda da dominação castelhana. Foram esplêndidas as festas, e delas há uma curiosa *Relação*, obra anônima, que o Sr. Varnhagen comunicou ao Instituto Histórico, em cuja *Revista Trimensal*, tomo V, foi impressa. (ASSIS, 1879, p. 140)

Esse artigo de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), publicado nas páginas 343 a 352 da citada revista no ano de 1843, intitulava-se "Relação da aclamação que se fez na Capitania do Rio de Janeiro, do Estado do Brasil, e nas mais do Sul, ao Senhor Rei D. João IV, por verdadeiro Rei e Senhor do seu Reino de Portugal, com a felicíssima restituição que dele se fez a Sua Majestade, que Deus Guarde, etc." (VARNHAGEN, 1843, p. 343) e descrevia com detalhes como se deram as comemorações desse evento.

Da leitura desse artigo, Machado recolhe material para compor os versos da V estrofe, que fica assim:

> Ora, em certo domingo, houve luzida
> Festa de cavalhadas e argolinhas,
> Com danças ao ar livre e outros folgares,
> Recreios do bom tempo, infância d'arte,
> Que o progresso apagou, e nós trocamos
> Por brincos mais da nossa juventude
> E melhores decerto; tão ingênuos,
> Tão simples, não. Vão longe aquelas festas,
> Usos, costumes são que se perderam,
> Como se hão de perder os nossos de hoje,
> Nesse rio caudal que tudo leva
> Impetuoso ao vasto mar dos séculos. (ASSIS, 1879, p. 143)

Embora os elementos históricos estejam marcadamente evidentes nessa obra, é essencial lembrar que Machado sempre refutou a "reprodução fotográfica e servil das

coisas" (ASSIS, 2015b, p. 1207), conforme escreveu na crítica a *O primo Basílio*, em 1878. Na resenha que fez do livro *O culto do dever*, de Joaquim Manuel de Macedo, em 1886, Machado também alertava: "[s]e a missão do romancista fosse copiar os fatos, tais quais eles se dão na vida, a arte era uma coisa inútil; a memória substituiria a imaginação" (ASSIS, 2015b, p. 1087).

No texto crítico "O teatro de Gonçalves Magalhães" (1866), Machado chama a atenção para o necessário distanciamento entre arte e história: "[a] poesia não tem o dever de copiar integralmente a história sem cair no papel secundário e passivo do cronista" (ASSIS, 2015b, p. 1110).

Machado possuía uma consciência muito clara disso, como se pode verificar em vários de seus textos críticos, conforme afirma Guimarães:

> A literatura, Machado afirma de maneiras diversas, não deve submeter-se às determinações da história natural, conforme a voga do naturalismo, nem se confundir com o discurso da etnologia, da sociologia ou da história, como se fez no romantismo, porque a literatura e a arte têm exigências próprias. (GUIMARÃES, 2017, p. 127)

Desse modo, apesar de primar pela construção literária, nem por isso Machado deixou de tratar de assuntos polêmicos da sua época, ironizando e criticando os acontecimentos de seu tempo, como a "Questão religiosa", o tráfico de escravos, o abuso do clero e das autoridades.

"Trecho de um poema inédito"

No dia 15 de agosto de 1885, "Trecho de um poema inédito" foi publicado n'*A Estação*. Machado contribuiu com essa revista por quase 20 anos e publicou várias obras importantes nesse periódico, entre elas o romance *Quincas Borba* em formato de folhetim durante o período de 5 de junho de 1886 a 15 de setembro de 1891.

Este trecho do poema herói-cômico não possui introdução. Ele tem seis estrofes e 154 versos que contam outra história amorosa proibida. Ao final do texto, antes da assinatura de Machado de Assis, há a indicação "(Canto V)" (ASSIS, 1885, p. 68), o que

pressupõe a existência de outros cantos e deixa entrever a possibilidade de o manuscrito já estar completo ou em construção avançada, pelo menos. O título do poema vem acompanhado de um asterisco que explica: "Este episódio é uma imitação familiar da grande cena patética de Homero, entre Heitor e Andrômaca" (ASSIS, 1885, p. 65).

Na *Ilíada*, Heitor retorna do campo de batalha e vai a Troia consultar os anciães e falar com as esposas dos guerreiros, inclusive a sua, Andrômaca. O diálogo entre eles é marcado por forte lirismo e emoção. A mulher, com o filho nos braços, suplica para que Heitor não volte para a guerra, mas ele se recusa a isso, por questão de honra. Heitor aproxima-se do filho, mas a criança, estranhando a armadura do pai, recolhe-se ao colo da mãe. O pai retira o elmo, beija a criança e roga aos deuses que protejam o menino e o façam ainda maior que ele.

Na composição de Machado, o casal Brígida e Cardoso são os protagonistas da cena. Ele, sendo um padre, não poderia se envolver em um relacionamento amoroso. No entanto, acaba tendo um filho ilegítimo com Brígida, sua escrava. Cardoso se oferece a intimar Mustre e restituir a devassa que ele havia feito contra Almada. Brígida, "mocetona de mão cheia/ Caseira sem rival, mescla robusta/ De áfrico sangue e sangue d'alva Europa" (ASSIS, 1885, p. 65), aparece, chorosa, a Cardoso, com o filho nos braços e suplica para que ele desista dessa ideia. Afinal, como pergunta ela,

X

[…]
Que será desta mísera criança,
Se o padrinho lhe falta, e sem conforto,
Nem amparo, nem mão experiente
Houver de caminhar do berço à campa? […] (ASSIS, 1885, p. 66)

Ao que Cardoso responde, na próxima estrofe:

XI

Ó Brígida (o Cardoso lhe responde)
Justos receios são do teu afeto.
Mas se eu agora depusesse as armas,
Que seria da honra desta igreja?
Onde iria parar o nosso Almada? […] (ASSIS, 1885, p. 66)

Em seguida, a narração continua:

XII
Disse, e do tenro infante os lindos braços
Brandamente puxou. Logo desperta
Do sono a criancinha, os olhos volve
Ao heroico escrivão; porém, ao ver-lhe
O gigante chapéu de três pancadas,
Grita, recua e no roliço colo
Da mãe, esconde o apavorado rosto.
Leve sorriso então assoma aos lábios
Da tenra mãe, do intrépido padrinho.
Descobre-se o Cardoso, e pondo em terra
O medonho chapéu, toma nos braços
A criancinha, um ósculo lhe imprime,
E aos céus envia estas ardentes vozes:
– Céus que me ouvis, fazei que ilustre e grande
Este menino seja; igual audácia,
Igual força lhe dai com que ele assombre
A raça toda de ouvidores novos.
Que diga o mundo ao vê-lo: – "Ali renasce
Do valente padrinho o brio e o sangue!
E à doce mãe console esta homenagem". (ASSIS, 1885, p. 66-68)

Nessa recomposição os elementos foram alterados e rebaixados para produzir o efeito satírico: o bravo guerreiro Heitor é representado pelo pífio padre escrivão Cardoso, o elmo transforma-se em extravagante chapéu, a relação conjugal vira uma relação imprópria entre um padre e uma escrava.

O caráter violento do padre Rafael Cardoso é explicitado logo no início do poema, já que ele nascera "com balda de meirinho/ Ou capitão do mato" (ASSIS, 1885, p. 65). A presença da escrava produz uma perturbação na cena que aponta para os problemas sociais da época, num momento agudo da campanha abolicionista. Embora em 1885 o tráfico de escravos já houvesse sido proibido, e a lei do Ventre Livre tivesse sido promulgada há 14 anos, a escravidão estava em toda parte, como principal meio de produção e exploração mercadológica.

Machado afirma, no ensaio "Notícia da atual literatura brasileira – instinto de nacionalidade" (1873), que o escritor pode ser "homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço" (ASSIS, 2015b, p. 1179). É evidente que esse trecho lança um olhar crítico ao presente do escritor, mesmo tratando, aparentemente, de um acontecimento tão distante no tempo.

“Velho fragmento”

O livro *Poesias completas* foi publicado em 1901[9] como síntese da produção poética machadiana. Na folha de rosto, encontra-se um retrato fotográfico de Machado de Assis, como uma figura de medalhão. Como lembra Chartier (2017, p. 52-53), a partir do século XVI, o retrato do autor impresso em livros sinaliza uma concepção da escrita como expressão de uma individualidade que respalda a autenticidade da obra. Na mesma edição, abaixo do nome de Machado de Assis vem a indicação “Da Academia brasileira”. No prefácio, datado de 22 de julho de 1900, lê-se:

> Podia dizer, sem mentir, que me pediram a reunião de versos que andavam esparsos; mas, a verdade anterior é que era minha intenção dá-los um dia. […]. Não direi de uns e de outros versos senão que os fiz com amor, e dos primeiros que os reli com saudades. Suprimo da primeira série algumas páginas; as restantes bastam para notar a diferença de idade e de composição. (ASSIS, 1901, p. V)

Dessa introdução, pode-se depreender que os poemas escolhidos faziam parte de um projeto cuidadosamente trabalhado pelo autor, compondo um livro, nas palavras de Machado em carta ao seu editor datada de 30 de outubro de 1899, em que toda a sua bagagem poética seria unificada (GONÇALVES, 2015, p. 125). Tal constatação evidencia também a preocupação do escritor com a edição da própria obra, como se verá mais adiante. Sobre os versos suprimidos, que não foram poucos, vale consultar a dissertação de Rutzkaya Queiroz dos Reis (2003) e o trabalho de Fabiana Gonçalves (2015) para se ter ideia da dimensão da edição feita pelo autor, assim como o artigo de Miranda (2016), intitulado “Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis”.

[9] O livro ganhou uma segunda edição em 1902, mas se trata, na verdade, de uma reimpressão da versão anterior, acrescida de erros tipográficos (o mais famoso está no prefácio, onde foi impresso “cagara” em vez de “cegara”). Feito o cotejo entre as duas versões de “Velho fragmento” nos dois livros, apenas dois erros tipográficos são notados na segunda edição; na página 353, a palavra “figura” está grafada “figur”; na página 359, falta um ponto e vírgula no final do primeiro verso da página. Por se tratar de uma reimpressão sem variantes significativas, a segunda edição do livro não será utilizada nesta tese.

O livro *Poesias completas* é uma reunião de outros três já publicados –*Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875), com várias modificações –, e a parte inédita, intitulada *Ocidentais*, na qual se encontra-se o "Velho fragmento".

"Velho fragmento" é composto por 184 versos divididos em 8 estrofes (embora, por um erro tipográfico, a numeração das estrofes vá até IX). Apresentando muitas semelhanças com "A assuada", o texto chama atenção pelos cortes. Nessa publicação, não existe a advertência que antecedia o poema em 1879, e a narrativa termina antes do episódio da surra de Freire.

"Velho fragmento" começa com uma primeira estrofe que não existia em "A assuada" (que já se iniciava com a estrofe número II). Os novos versos trazem a descrição do tempo e do lugar dos acontecimentos:

> Reinava
> Afonso VI. Da coroa em nome
> Governava Alvarenga, incorruptível
> No serviço do rei, astuto e manso,
> Alcaide-mor e protetor das armas;
> No mais, amigo deste povo infante,
> Em cujo seio plácido vivia
> Até que uma revolta misteriosa
> Na cadeia o meteu. O douto Mustre
> A vara de ouvidor nas mãos sustinha. (ASSIS, 1901, p. 352)

Na descrição da mocinha Margarida, três versos que aparecem na versão de 1879 foram suprimidos em 1901, conforme mostra o quadro a seguir:

"A assuada" (1879)	**"Velho fragmento" (1901)**
II Que lance há hi nessa comédia humana, Em que não entrem moças? Descorada, Como heroína de romance de hoje, Alva, como as mais alvas deste mundo, Tal, que disseras lhe negara o sangue A madre natureza, Margarida Tinha o suave, delicado aspecto De uma santa de cera, antes que a tinta O matiz beatífico lhe ponha. Era alta e fina, senhoril e bela. **Olhos, tinha-os da cor incerta e vaga**	II Que lance há hi, nessa comédia humana, Em que não entrem moças? Descorada, Como heroína de romance de hoje, Alva, como as mais alvas deste mundo, Tal, que disseras lhe negara o sangue A madre natureza, Margarida Tinha o suave, delicado aspecto De uma santa de cera, antes que a tinta O matiz beatífico lhe ponha. Era alta e fina, senhoril e bela, Delicada e sutil. Nunca mais vivo

Que não é puro azul nem branco puro, **Antes combinação de ambas as cores.** Delicada e sutil. Nunca mais vivo Transparecera em rosto de donzela Vergonhoso pudor, agreste e rude, […]	Transparecera em rosto de donzela Vergonhoso pudor, agreste e rude, […]

É pertinente notar que foram suprimidos justamente os versos que retratam os olhos da personagem feminina, o que não deixa de ser intrigante para um escritor tão cuidadoso nesse tipo de descrição, da qual costuma tirar a máxima expressividade em sua prosa, como nos célebres "olhos de ressaca" e "olhos de cigana oblíqua e dissimulada".

Quando da descrição do pai de Margarida, outro verso é excluído:

"A assuada" (1879)	**"Velho fragmento" (1901)**
Que o pai, varão de bolsa e qualidade, Que repousava das fadigas longas Havidas no mercado de africanos, Era um tipo de sólidas virtudes E muita experiência. Poucas vezes Ia à rua. Nas horas de fastio, A jogar o gamão, ou recostado, **Molemente na rede ou na camilha,** Com um vizinho, a tasquinhar nos outros, Sem trabalho maior, passava o tempo.	Que o pai, varão de bolsa e qualidade, Que repousava das fadigas longas Havidas no mercado de africanos, Era um tipo de sólidas virtudes E muita experiência. Poucas vezes Ia à rua. Nas horas de fastio, A jogar o gamão, ou recostado, Com um vizinho, a tasquinhar nos outros, Sem trabalho maior, passava o tempo.

As camilhas, também chamadas de espreguiceiros, eram bastante usadas pela classe privilegiada para fazer a sesta e descansar; "eram muito procuradas por quantos, dispondo de bens materiais, queriam desperdiçar o tempo confortavelmente instalados" (NASCIMENTO apud SARMENTO, 1969, p. 44). No livro *Guerra dos mascates* (1874), de José de Alencar, o capitão-mor e senhor de engenho João Cavalcante, "vivendo à lei da grandeza, com todos os regalos da vida; bravo, cortês e generoso, […] liberal até a prodigalidade, de bolsa aberta sempre para quem a ele recorria" (ALENCAR, 1874, p. 136), é descrito, em determinado momento, de modo semelhante. Depois de um dia cheio de "fadigas", João Cavalcante se deita na camilha para descansar e esperar o jantar. Pode-se pensar que a exclusão desse verso, na versão de 1901, procura de novo um distanciamento de Alencar.

Outros cortes ainda mais radicais são feitos em "Velho fragmento" em comparação com "A assuada". As últimas seis estrofes, que contavam sobre o namoro de Margarida e a surra de Freire, foram excluídas. Ao final do livro, há um conjunto

significativo de notas a vários poemas, mas nenhuma nota se refere a “Velho fragmento”. Como se mostrará a seguir, tanto o manuscrito quanto o texto publicado em *Outras relíquias* são repletos de notas históricas explicativas ao poema. Por que nenhuma delas aparece na versão de 1901? Por que o texto de 1901 é tão reduzido, se comparado a “A assuada”?

Essa espécie de sintetização parece ser um movimento característico do processo de reescrita de Machado de Assis. Conforme analisado na dissertação *Por uma edição crítico-genética virtual do livro* Histórias da meia-noite*, de Machado de Assis* (2014), durante a revisão e reescrita, existe a tendência, em Machado, de que o texto se torne cada vez mais sucinto e menos explicativo. Pode-se ver movimento semelhante no caso de “Velho fragmento”.

Entretanto, muita coisa permanece. As referências à escravidão, por exemplo, continuam presentes no fragmento. Pelo menos em três momentos, há referência ao assunto, como se pode verificar a seguir.

Na segunda estofe:

> Era vê-la, ao domingo, caminhando
> A missa, co’os parentes e os escravos. (ASSIS, 1901, p. 353)

Na quarta estrofe, em dois momentos:

> Inúteis os suspiros lhe brotavam
> Do íntimo do peito; nem da esperta
> Mucama, — natural cúmplice amiga
> Desta sorte de crimes, — lhe valiam
> Os recados de boca; […]
> […]
> Se a topava à janela, — raro evento,
> Que o pai, varão de bolsa e qualidade,
> Que repousava das fadigas longas
> Havidas no mercado de africanos,
> Era um tipo de sólidas virtudes
> E muita experiência. (ASSIS, 1901, p. 355)

Por mais que o poema tenha sido condensado, desaparecendo, por exemplo, todo o episódio da surra de Freire, os trechos que tocam na escravidão foram mantidos. Tal movimento parece justificar a hipótese de que esse seria um dos temas mais importantes do poema; mesmo tocado tangencialmente, ele se faz presente em todos os trechos publicados. Muitos versos foram alterados ao longo do tempo nas várias versões do poema, mas essas referências foram mantidas em todas elas.

"O Almada"

Outras relíquias, publicação de 1910, traz a reunião de várias obras esparsas e heterogêneas de Machado. Entre contos, versos e discursos da Academia, consta, pela primeira vez, a versão mais completa do poema herói-cômico machadiano. "O Almada: poema herói-cômico em 8 cantos", título dado ao poema nesse livro, é composto por uma advertência seguida de 2.261 versos divididos em 116 estrofes e 8 cantos.

Nessa versão, além dos elementos já conhecidos da história, publicados nos três momentos anteriores, como o triângulo amoroso de Margarida, Freire e Vasco, o episódio da assuada e o diálogo entre Cardoso e Brígida, há também uma narrativa que ocupa a maior parte do poema: a disputa de poder entre o prelado Almada e o ouvidor Mustre.

Outra novidade é a presença de personagens alegóricas, tais como a Ira, a Gula e a Lisonja, que motivam as reações dos humanos. A advertência ao poema é substancialmente diferente daquela publicada em 1879, já que aqui, mais do que as referências históricas, que continuam presentes, insiste-se na elucidação das referências literárias, especialmente Boileau, autor de *Le lutrin*, e Diniz, autor do já citado *O hissope.*

O escritor esclarece, nesse prefácio, seu método de composição; "[b]usquei o cômico onde ele estava: no contraste da causa com os seus efeitos, tão graves, tão solenes, tão fora de proporção" (ASSIS, 1910, p. 104). Machado aproveita também para justificar as imitações ("porque é foro deste ramo de poesia" (ASSIS, 1910, p. 106)) descrevendo esse mesmo movimento operado por Boileau e Diniz quando imitam cenas dos clássicos. Tudo dentro do que era esperado, já que "o estatuto do gênero, […] é parodiar o tom, o jeito e as proporções da poesia épica" (ASSIS, 1910, p. 105).

Segundo Machado, não existia, no Brasil, um verdadeiro poema herói-cômico, já que os outros livros com essa mesma designação eram apenas "sátiras de ocasião" (ASSIS, 1910, p. 107), e por isso ele se propõe a escrever o primeiro desse "gênero difícil"

(ASSIS, 1910, p. 107). As intenções desta obra eram “exclusivamente literárias” (ASSIS, 1910, p. 107).

No poema, os personagens eclesiásticos são comilões, agressivos, preguiçosos, sedentos por poder e se julgam acima da lei. Machado justifica essa representação do clero do século XVI citando o padre Manuel da Nóbrega, que afirma:

> Os clérigos desta terra têm mais ofício de demônios que de clérigos; porque, além do seu mau exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Cristo e dizem publicamente aos homens que lhes é lícito estar em pecado… e outras coisas semelhantes por escusar seus pecados e abominações. De maneira que nenhum demônio temos agora que nos persiga senão estes. Querem-nos mal porque lhes somos contrários aos seus maus costumes, e não podem sofrer que digamos as missas de graça em detrimento de seu interesse. (ASSIS, 1910, p. 107)

O trecho da carta suprimido por Machado (marcado pelas reticências) trata de uma questão bastante significativa: a escravidão. O trecho é o seguinte: “[…] que lhes é lícito estar em pecado com suas negras, pois são suas escravas e que podem ter os salteados, pois que são cães, e outras coisas semelhantes […]” (NÓBREGA, 1955, p. 89). O trecho diz respeito a uma prática bastante comum na época: o estupro sistemático das mulheres negras e a captura de índios de suas terras para serem escravizados (salteados). Essa questão sensível, que estaria explícita se Machado a mantivesse na advertência, é desenvolvida dentro da obra literária de forma mais discreta. Basta lembrar no episódio de padre Cardoso, sua escrava e o filho bastardo. Trata-se de movimento operado diversas vezes na prosa machadiana, que foge das explicações irrefutáveis/incontestáveis para caminhar ao lado da dubiedade, da indeterminação, forçando o leitor a extrair o que está nas entrelinhas.

Nessa versão, a advertência se inicia com a seguinte frase: “O assunto deste poema é rigorosamente histórico”. No entanto, como será mostrado, a tendência da narrativa é relativizar essa afirmação categórica, já que o próprio texto informa como se deu a criação de personagens e situações.

Machado esclarece, nesse prefácio, que, apesar do assunto “rigorosamente histórico”, ele fez as modificações e acréscimos “que é de regra e de direito fazer numa obra de imaginação” (ASSIS, 1910, p. 104). Portanto, segue de perto o que havia recomendado no já citado texto sobre “O teatro de Gonçalves Magalhães”,

> quando o poeta, seja trágico, dramático ou cômico, vai estudar no passado os modelos históricos, uma única lei deve guiá-lo, a mesma lei que o deve guiar no estudo da natureza, e essa lei impõe-lhe o desejo de alterar, segundo os preceitos da boa arte, a realidade da natureza e da história. (ASSIS, 2015b, p. 1110)

Mais adiante, escreve que, em uma obra literária, é permitido e necessário alterar a realidade dos acontecimentos quando for necessário; "mas as feições gerais do tempo e da sociedade, a essas é necessária a fidelidade histórica" (ASSIS, 1910, p. 108-109). Termina afirmando que foi esse o processo empreendido no seu livro e que "tudo aqui se refere ao clero do lugar e do tempo" (ASSIS, 1910, p. 108).

Entretanto, ao consultar o manuscrito do poema, pode-se vislumbrar uma rasura muito significativa nesse trecho, mostrada logo abaixo, seguida da transcrição diplomática:

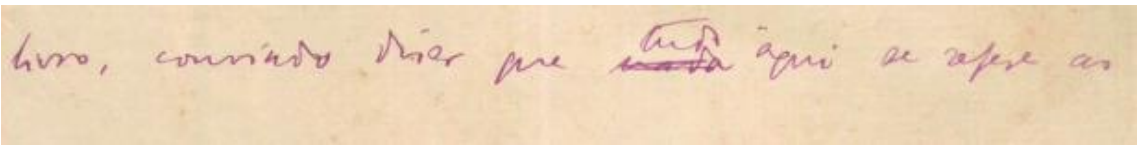


Figura 3 – Ms Alm, Imagem 10, p. 8[10] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

tudo
livro, convindo dizer que ~~nada~~ aqui se refere ao

Movimento semelhante está presente na imagem 181, com a rasura da data:

[10] Optamos por apresentar o número da imagem de acordo com a digitalização feita pelo Arquivo, seguida pelo número do fólio, quando houver.

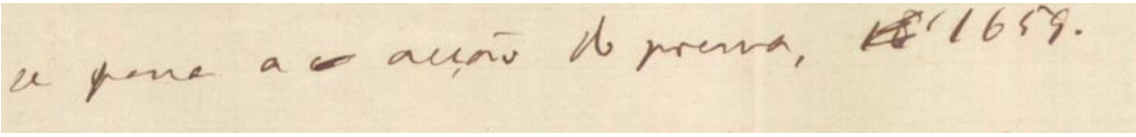


Figura 4 – Ms Alm, Imagem 181, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

se passa a ~~e~~ acção do poema, ~~18~~ 1659.

No melhor estilo "*Our doubts are traitors*",[11] a hesitação revelada no manuscrito trai o escritor e deixa entrever, pelo lapso, que nada se refere ao passado, mas sim ao presente. O "rigorosamente histórico" é, portanto, questionado pela rasura e pelo curso da narrativa, que revela continuidades entre passado e presente.

Questões de autoria

É necessário reafirmar que em nenhum momento anterior a 1910 o título "O Almada" havia aparecido. Essa é a primeira vez que ele é usado. Ao consultar o manuscrito, verifica-se que esse título não foi grafado por Machado de Assis no original que, aliás, não possui título algum. O título "O Almada" existe apenas nas folhas introdutórias aos cantos, divididos em cadernos, evidentemente organizados por outra pessoa que não Machado de Assis. As principais evidências são a caligrafia e o papel distintos, inclusive com marca d'água que sugere composição mais recente do papel utilizado nessas folhas introdutórias em relação aos papéis utilizados na redação do corpo do poema.

O organizador do volume poderia simplesmente ter optado por algum dos títulos que o autor deu para suas publicações em vida: "A assuada", por exemplo. No entanto,

[11] Os versos de Shakespeare aparecem no seguinte trecho da advertência à primeira edição de *Ressurreição* (1872):

> Minha ideia ao escrever este livro foi pôr em ação aquele pensamento de Shakespeare:
>
> > Our doubts are traitors,
> > And make us lose the good we oft might win,
> > By fearing to attempt.
>
> Não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dois caracteres; com esses simples elementos busquei o interesse do livro. (ASSIS, 2015a, p. 233)

ele escolhe “O Almada” e adiciona o subtítulo “poema herói-cômico em oito cantos”. Fazendo essa escolha, ele dirige o foco do interesse para o personagem Almada, dá destaque para o gênero do poema e, sobretudo, atribui ao texto uma unidade e uma completude que aparentemente não foram estabelecidas por Machado de Assis. Ao levar esses pontos em consideração, cria-se um efeito talvez nunca imaginado pelo próprio Machado quando escrevia o texto, mas que responde principalmente ao processo de restauração e consagração póstuma da figura machadiana.

A introdução ao volume *Outras relíquias*, sem indicação de autoria, adverte que o poema está incompleto:

> Trabalho da mocidade e inédito é o poema herói-cômico *O Almada*, do qual só foi publicado um trecho na *Revista Brasileira*, em 1873, e nas *Poesias*, em 1901. O manuscrito autógrafo pertence à Academia Brasileira, à qual os editores devem o agradecimento público pela gentileza de lhes haver cedido cópia para esta publicação. É pena que não esteja completo; dos oito cantos em que foi composto, somente estão inteiros o 5º, 6º e 7º, por se haverem perdido algumas folhas do manuscrito. (ASSIS, 1910, p. VI)

A análise dessas linhas do prefácio suscita algumas questões. É curioso que o poema seja tratado como “trabalho da mocidade”, mesmo que um trecho tenha sido publicado em 1901, quando o escritor tinha 62 anos. Além dessa imprecisão, há um erro na datação do trecho publicado na *Revista Brasileira*, que saiu em 1879 e não em 1873, como afirmam os organizadores, além de um completo desconhecimento dos versos publicados n’*A Estação* com o título “Trecho de um poema inédito” (1885).

Uma informação importante refere-se ao processo editorial empreendido. Nota-se que, quando da organização da edição de 1910, o manuscrito já estava institucionalizado e arquivado na ABL e que uma cópia teria sido feita especialmente para essa edição. No colofão do volume, verifica-se que o livro *Outras relíquias* foi impresso na tipografia H. Garnier, em Paris. Portanto, é muito provável que o manuscrito enviado para impressão não seja o mesmo hoje depositado na Academia Brasileira de Letras. Tal hipótese se justifica, notadamente, pelas diferenças encontradas entre as duas versões, uma vez que há centenas de variações entre o texto de *Outras relíquias* e o manuscrito a que se tem acesso hoje, e também porque sabemos que os manuscritos usados nas tipografias eram,

via de regra, descartados.[12] Além disso, a quantidade de rasuras e a desorganização do material, como veremos, seriam impeditivas para a montagem dos tipos. Pode-se conjeturar que o manuscrito enviado para Paris tenha sido passado a limpo e organizado pelos editores, tendo como base a cópia cedida pela Academia. Esse movimento suscita algumas questões relativas à autoria literária, que nos levam a problematizar conceitos cristalizados (e, por vezes, ultrapassados) que dizem respeito à busca do "texto autêntico" e da "última vontade do autor".

A data de assinatura dessa introdução – novembro de 1908 – é duvidosa. Pelo que se pode depreender das cartas de Mário de Alencar a José Veríssimo, esse manuscrito só chegou à Academia depois de dezembro de 1908, o que corrobora a dúvida sobre a datação.

Em outro trecho da mesma introdução, pode-se ler o seguinte:

> Em outro prefácio que escreveu para o fragmento publicado na *Revista brasileira* há estas palavras, que porventura dizem discretamente o motivo da não publicação anterior e integral desse trabalho:
> "Tal é o episódio da nossa crônica fluminense (Lisboa, *Anais*, t. III), que me serviu de assunto a um poema em oito cantos, escrito há alguns anos e até agora inédito. Sobre esse mesmo episódio escreveu Alencar um dos seus últimos romances, *O Garatuja.*
> Não consta de nenhum documento o motivo dA Assuada do tabelião Freire; cabia, portanto, à imaginação inventar o que melhor quadrasse ao plano e à índole da obra. Ao engenho de Alencar não era difícil achar um motivo interessante. Eu dei-lhe o que consta do trecho adiante publicado."
> A crítica achará nesse poema, mais do que em nenhum outro escrito de Machado de Assis, a revelação das influências literárias que concorreram para formar ou preparar o seu belo e forte espírito; e, verificando certas feições de sinceridade juvenil e de humorismo cômico, não repetidos no resto da obra do romancista e poeta, achará também que seria injustificável perpetuar o inédito desta produção engraçada, curiosa e interessante por tantos títulos para os admiradores do grande escritor. (ASSIS, 1910, p. VII)

É sintomático que os organizadores de *Outras relíquias* façam questão de retomar o prefácio antigo, de 1879, em que Machado cita o texto de Alencar. É como se essa

[12] Parecem ser exceções os manuscritos de *Esaú e Jacob* (1904) e *Memorial de Ayres* (1908), analisados por Ana Claudia Suriani da Silva (2019). A pesquisadora defende que manchas tipográficas de páginas de livros, impressões digitais e anotações tipográficas em francês presentes nos manuscritos sugeririam que esses documentos serviram de base para a composição das primeiras provas dos romances e retornaram ao Brasil depois da morte do autor.

indicação lembrasse o leitor de que o autor de *O Garatuja* foi pioneiro ao escrever sobre esse assunto, conferindo certa subordinação de Machado a José de Alencar. Sugere também que Machado não teria publicado os seus versos por respeito ao trabalho de Alencar, que seria uma das "influências literárias que concorreram para formar ou preparar o seu belo e forte espírito", numa espécie de sujeição para evitar comparação.

Quanto à afirmação a respeito do humorismo cômico e de sua não repetição no restante da obra, é difícil concordar com ela, bastando lembrar de Brás Cubas e sua pena galhofeira.

Retomando a questão do processo editorial, uma das dificuldades encontradas foi determinar quem foi o organizador do volume *Outras relíquias*. Em 1910 foram publicados outros três volumes de obras machadianas, (além de *Outras relíquias*) que já constavam no Catálogo da Livraria no ano de 1913; são eles: *Teatro*, *A Semana* e *Crítica*. Todos os três trazem advertências assinadas por Mário de Alencar e inscrição na contracapa indicando que foram organizados por ele. Isso não acontece com *Outras relíquias*; não há nenhuma anotação de quem organizou o volume. O prefácio não traz assinatura, mas se refere, em diversos momentos, aos "editores".

No prefácio de *A Semana*, Mário de Alencar trata da organização do volume:

> Quando eu lhe lembrava a necessidade de coligir os seus escritos velhos e passados para obstar que depois de sua morte o fizessem indiscretamente e sem outra intenção que a do interesse mercantil, ele respondia que mais tarde. Mas não desaprovava o pensamento.
> Decidindo realizá-lo, o meu empenho, como amigo e admirador de Machado de Assis, foi sobretudo ser discreto e esforçar-me por suprir o critério com que ele faria esse trabalho. (ASSIS, [s.d.], p. VI)

Mário de Alencar foi o responsável por organizar grande parte das primeiras edições póstumas de Machado, tendo investido grande esforço no recenseamento do espólio machadiano e na publicação dos inéditos do escritor. Muito provavelmente, foi ele o responsável pela organização do manuscrito de "O Almada", mas durante a pesquisa não foram encontrados documentos conclusivos a esse respeito.

Foi encontrada uma breve notícia sobre o poema "A assuada" no necrológico de Machado que saiu um dia após a sua morte, em 30 de setembro de 1908. Está claro que houve um lapso do escritor que confundiu o título do poema ("A devassa" em vez de "A assuada"), mas nem por isso o comentário deixa de ser relevante. Pode-se ler o seguinte:

> A produção anônima de Machado de Assis, e a que se acha esparsa e esquecida em numerosos jornais e periódicos, dariam outros tantos volumes, ou mais […].
> E nessa resenha dos jornais colaborados por Machado de Assis escaparam, necessariamente, muitos, como a *Revista Brasileira*, onde ele publicou trechos de um belo poema inédito, a *Devassa*. (Machado de Assis, 1908, p. 2)

De fato, como se verifica, a obra de Machado é realmente numerosa e até hoje não existe uma edição verdadeiramente completa que contemple todos os seus escritos. A recolha desse material esparso nos periódicos começou logo após a sua morte, como se atesta pelas notícias dos jornais. A *Gazeta de Notícias* publicou, em janeiro de 1910, um anúncio afirmando que a obra de Machado dispersa pelos jornais e em páginas inéditas seria publicada pelo editor Garnier e que a responsabilidade por essa tarefa de organização dos textos cabia a Mário de Alencar. Segue a transcrição completa do trecho:

> A obra de Machado de Assis não terminou naquele volume que tão melancolicamente ele dizia ser o último.
> Como os editores de Eça, o Sr. Garnier achou um dever coligir e publicar a obra esparsa pelos jornais e principalmente muitas páginas inéditas.
> Para essa obra era preciso o que os editores de Eça encontraram: um homem de letras, amigo íntimo do escritor, que tivesse por Machado, além da morte, a mesma amizade, o mesmo respeito, a mesma carinhosa veneração. E felizmente, a Casa Garnier incumbiu desse trabalho enorme o Sr. Mário de Alencar, o [f]ino homem de letras tão ligado a Machado.
> De modo que teremos a acrescer à obra de Machado de Assis, mais seis volumes a aparecerem sucessivamente (Anúncio, 1910).

A comparação com Eça de Queirós chama atenção por vários motivos, a começar pelo grande sucesso e prestígio que tinha o escritor português no meio literário e pela quantidade de livros seus vendidos no Brasil. A popularidade do escritor era tanta que em um levantamento realizado pelo periódico *A Semana*, em 23 de setembro 1893, sobre os seis melhores romances em língua portuguesa, constam nada menos que três títulos de

Eça.[13] O escritor português também deixou várias obras inteiramente inéditas, ou inéditas em livro, que foram editadas após sua morte. Essa notícia é relevante também pela descrição elogiosa de Mário de Alencar, nomeado o responsável pela organização dos textos esparsos e pelos trabalhos inéditos, como de fato se verificou.

No artigo "Machado de Assis crítico", publicado no jornal *O Imparcial*, em 24 de maio de 1913, José Veríssimo discorre sobre o livro *Crítica*, e afirma:

> Com tocante piedade de amigo e discípulo, continua o Sr. Mário de Alencar a recolher as obras avulsas de Machado de Assis. […] Devemos-lhe emboras e agradecimentos os amadores das boas letras nacionais pela diligência posta na recolha e publicação dos, com este, *três* volumes póstumos da obra dispersa de Machado de Assis. (VERÍSSIMO, 1913, grifo meu)

De acordo com este artigo de Veríssimo, Mário publicou três volumes da obra de Machado, referindo-se provavelmente aos três de que temos certeza: *Teatro*, *A Semana* e *Crítica*. Logo, *Outras relíquias* não entraria nessa conta.

No *Catálogo geral da Livraria Garnier*, do ano de 1913, consta essa mesma informação: Mário de Alencar é expressamente nomeado como organizador dos livros *Teatro*, *Crítica* e *A Semana*. Ao consultar o título *Outras relíquias*, não há qualquer informação sobre a organização desse volume. No mesmo *Catálogo*, no verbete sobre o livro *Teatro*, Mário é descrito como o "discípulo querido do grande escritor […] e um dos mais belos talentos da geração atual" (Catálogo geral da Livraria Garnier, 1913, p. 78) a quem foi confiada a tarefa de coligir as peças de Machado de Assis.

Avançando um pouco no tempo, diferentes críticos oferecem informações sobre a organização de *Outras relíquias*. No prefácio ao livro *Novas relíquias* (1932), os editores afirmam:

> Em 1906 publicou Machado de Assis as suas *Relíquias de Casa Velha*, a que o carinho de Mario de Alencar deu por companheiras, em 1920,[14]

[13] O plebiscito literário apurou a seguinte classificação: 1º lugar: *Os Maias*, Eça de Queirós; 2º lugar: *Primo Basílio*, Eça de Queirós; 3º lugar: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis; 4º lugar: *A relíquia*, Eça de Queirós; 5º lugar: *A mão e a luva*, Machado de Assis; 6º lugar: *O Ateneu*, Raul Pompeia (Plebiscito literário, 1893).
[14] Data errada, leia 1910.

> *Outras Relíquias*, coleção póstuma, em prosa e verso, de vários escritos do Mestre. (ASSIS, [1932], p. 5)

O erro de datação do livro lança dúvidas sobre o papel atribuído a Mário de Alencar na preparação de *Outras relíquias*.

Em 13 de abril de 1958, Astrojildo Pereira escreve o já citado artigo sobre "O Almada" na *Imprensa Popular*, no qual supõe, inicialmente, que o livro tenha sido organizado "presumivelmente por Mário de Alencar" (PEREIRA, 1958a). Ao longo da análise, ele é tratado, sem hesitação, como organizador da edição.

No terceiro volume da obra completa de Machado de Assis, organizado por Afrânio Coutinho, existe a informação, na seção "Bibliografia", de que a seleção dos textos de *Outras relíquias* havia sido feita por Mário de Alencar (ASSIS, 1959, p. 1216).

Em *A juventude de Machado de Assis*, Jean-Michel Massa apresenta *Outras relíquias* com os outros três livros publicados em 1910 (*Teatro*, *A semana* e *Crítica*) e afirma que são "[t]extos reunidos por Mário de Alencar, considerado, com justiça, o legatário literário de Machado de Assis" (MASSA, 2009, p. 538).

No *Dicionário de Machado de Assis*, de Ubiratan Machado, há os verbetes "Mário de Alencar" e "*Outras relíquias*". No primeiro, o autor afirma que após a "morte de Machado, [Mário] empenhou-se em recuperar um pouco da obra machadiana inédita em livro, ou de difícil acesso, organizando e prefaciando os volumes *Teatro*, *A Semana* e *Crítica*. […]" (MACHADO, 2008, p. 14). No verbete "*Outras relíquias*", está escrito: "Volume póstumo, editado por H. Garnier, em 1910, com o subtítulo 'Prosa e verso'. Organizado por Mário de Alencar, transcreve de maneira infiel várias peças. […]" (MACHADO, 2008, p. 14).

Sobre a infidelidade dessa edição, Galante de Sousa já fazia várias observações em 1955, na sua *Bibliografia de Machado de Assis*. Para o pesquisador, o texto de *Outras relíquias* não é digno de confiança porque várias peças divergem da fonte legítima. Ao mesmo tempo, pondera que "para alguns casos, essa é a única fonte" (SOUSA, 1955, p. 42).

Todas essas questões, e a própria ideia de transformar as folhas manuscritas em um texto único, coerente e estável, estão pautadas em conceitos tradicionais de autoria, texto ideal e intenção autoral. Os estudos filológicos podem adotar tanto uma perspectiva do tipo platônica como pragmática (KASTAN, 2001). No primeiro caso, busca-se reconstituir o texto original, recompor a última vontade do autor, "limpando" o texto de

todas as intromissões causadas pelos processos históricos e editoriais. A outra perspectiva, no entanto, vê essas alterações ocorridas ao longo do tempo como inerentes ao processo, considerando que devem ser estudadas e respeitadas pelo que são.

Essa segunda perspectiva é a adotada nesta tese, porque acredito que não há o "texto verdadeiro", nem o estabelecimento definitivo de um texto, desconectado das questões materiais. Nas palavras de Ivo Castro:

> O original perdido é irrecuperável. A sua reconstituição, mesmo que seja certeira, não tem meios de saber que o é. Os originais examinados pelo geneticista apenas revelam uma fração do processo criador do texto. A intenção autoral é impalpável, só as suas manifestações materiais podem ser consideradas. Nenhuma edição crítica é mais que uma "proposta de trabalho", nenhuma encerra definitivamente a forma e a significação de um texto. A letra do texto não segrega um sentido literal. Assim como muito autor compartilha com outros participantes a responsabilidade final pela obra, assim nenhum filólogo trabalha liberto das condições do seu tempo. A transcrição é menos uma função do texto que do público a que se destina. (CASTRO, 1995, p. 6-7)

Outros pontos, portanto, tornam-se mais importantes nesse processo: por exemplo, o que significa essa busca pelos escritos não publicados de Machado, sua recolha e publicação póstumas? O que se pretendia afirmar com isso? Pode-se dizer que a construção de um projeto autoral e de consagração do escritor morto foi um dos principais motivos que sustentaram a organização dos escritos dispersos e a publicação deles.

Assim, a ausência da menção do nome do(s) organizador(es) parece pôr ainda mais em evidência a autoria de Machado de Assis, o único nome próprio que aparece na capa e na folha de rosto e que passa a responder, sozinho, pelos textos incluídos naquele volume. O nome de Mário de Alencar, ou de quem quer que tenha organizado os manuscritos, pode ter sido retirado para eximi-lo(s) da responsabilidade sobre um texto que aparentemente foi bastante manipulado, e ao qual se quis associar tão somente o nome de Machado de Assis.

Apesar da indefinição sobre vários aspectos (quem foi o organizador do volume, como era exatamente esse arquétipo de manuscrito enviado para Paris, qual era o estado do manuscrito deixado por Machado de Assis), essas questões são de segunda ordem. Todo esse percurso editorial nos faz lembrar da sociologia dos textos (MCKENZIE, 2018)

e da história que eles carregam, sendo impossível dissociá-los "dos suportes […] de que são os veículos" (CHARTIER, 2002, p. 61-62), muito menos ignorar os coa(u)tores envolvidos no processo de elaboração de uma obra, como o editor, o corretor ou o tipógrafo. Assim, a obra literária passa a ser entendida como um evento cultural e social; o significado literário da obra compreende também as etapas de escrita, revisão, edição (em vida e póstuma), transmissão e as relações entre autor, editor e leitor.

Desta maneira, o texto é retirado de um lugar sagrado, centrado na "última vontade do autor", e trazido para a realidade mais imediata e material, onde está inserido em um processo colaborativo e composicional caracterizado pela instabilidade:

> Ao associar o papel da crítica textual à socialização dos textos, a teoria social da edição rejeita a edição intencionalista de Greg e Bowers pelo seu idealismo editorial, pela ênfase nas versões mais antigas de um texto e pela ilusão da possibilidade de fixação de um texto, que, historicamente, nunca existiu nessa forma. Por esse motivo, rejeita também os pressupostos fundamentais em que a teoria do *copy-text* assenta: a possibilidade de atribuir e localizar a *autoridade literária* exclusivamente na figura do autor, e os conceitos de *intenção final*, de *autor autônomo* e de *texto ideal*. […] Esta questão põe-se não apenas relativamente aos textos de que existem múltiplas versões, mas também àqueles que, apesar de revistos pelo autor, acabaram por ser impressos a partir de manuscritos anteriores a essa revisão, ou a outros que nunca vieram a lume em vida do autor. Noutros casos, face a diferentes intenções manifestadas em diferentes momentos por um autor, o editor pode decidir exercer a sua autoridade em relação a uma obra, incluindo em edições póstumas textos ou partes de textos excluídos pelos autores num dado momento, o que relativiza a autoridade destes últimos. (LOURENÇO, 2009, p. 220-221, grifos da autora)

No caso do poema trabalhado nesta tese temos um caso singular. A publicação do texto póstumo, não autorizado por Machado, e repleto de intervenções de mãos alheias, por um lado relativiza a autoridade literária baseada exclusivamente na figura do Bruxo. Por outro lado, a omissão do(s) responsável(veis) por essa organização, sem nenhuma indicação de quem coligiu o material ou transcreveu o manuscrito, restitui a autoridade máxima do autor Machado de Assis, pois dele é o único nome que acaba restando no livro.

Esse olhar dirigido para as particularidades materiais de um texto nos liberta da fantasia da autonomia literária, desmistificando o ato da escrita, clareando as verdadeiras condições da criatividade, localizando o texto dentro de uma rede de intenções, entre elas,

a do autor, que, embora dominante, é apenas uma entre tantas intenções (KASTAN, 2001, p. 5).

Pino e Zular já advertiam sobre o perigo de considerar manuscritos inacabados como livro prontos, publicados postumamente,

> já que o editor tentará dar aos documentos uma aparência de texto final […]. Para isso, não só tentará eliminar as marcas de rasuras, mas manipulará os documentos para que eles pareçam uma continuação daquilo que já foi escrito. O editor, em geral, considera que o leitor não gosta de decepções e evitará, assim, que ele seja exposto a um processo tão angustiante e incerto quanto a criação. (PINO e ZULAR, 2007, p. 111)

É exatamente esse o processo sofrido pelo manuscrito em questão; o texto de *Outras relíquias* apresenta um texto contido, como se tivesse sido terminado, sem as muitas hesitações e rasuras que efetivamente existem no original.

A publicação do poema nesse livro é uma tentativa de contenção de papéis dispersos, unificados em torno da figura autoral "Machado de Assis". Pautados em conceitos que se cristalizavam no século XIX, como a ideia moderna de autoria e propriedade intelectual, os organizadores do volume fizeram o que puderam na tentativa de entregar aos leitores a melhor versão que foram capazes de compor daquele apanhado de folhas soltas.

Capítulo 3: O manuscrito

Neste capítulo, serão feitas uma apresentação e uma descrição do manuscrito consultado, bem como uma análise do material e de algumas rasuras. Em seguida, será feita uma descrição pormenorizada de como se deu a composição da Advertência e dos cantos de *Outras relíquias,* em comparação com o manuscrito e os fragmentos publicados em vida.

***

Apresentação e descrição

Os originais manuscritos do poema herói-cômico de Machado de Assis estão localizados no acervo "Acadêmicos ABL", dentro da coleção "Arquivo Machado de Assis". A notação é "MA pi po/002-F", e a descrição do conteúdo é a seguinte: "Originais manuscritos do poema 'O Almada', de Machado de Assis, publicado na obra *Outras Relíquias* em 1910". Em nota, é informado que a advertência possui um rascunho da página 8 e que estão faltando 13 versos da 5ª página do Canto III. Como anexo, existe uma nota de Plínio Doyle datada de 30 de junho de 1976.

O documento digitalizado contém 210 fólios porque inclui também essa nota de Plínio Doyle.[15] O documento abrange a introdução ao poema (com duas variantes dessa introdução), cinco folhas introdutórias aos cantos (em papel almaço sem pauta, com uma caligrafia diferente da de Machado de Assis), oito cantos (alguns incompletos e bem rasurados quanto à numeração) e vinte e sete notas explicativas (entre as quais, duas são inéditas). Os materiais usados para escrita são papel almaço pautado, bico de pena em tinta preta e azul e lápis grafite. O manuscrito apresenta 17 fólios colados, cortados ou cortados e colados. Segundo o catálogo da Exposição Machado de Assis, o tamanho dos fólios seria de 0,335 por 0,225 (Exposição Machado de Assis: centenário de nascimento de Machado de Assis 1839-1939, 1939, p. 211). No entanto, o que se verificou é que as folhas têm tamanho variado, e ficam na média de 0,323 por 0,210.[16]

[15] A cópia digitalizada pode ser acessada em: <http://servbib.academia.org.br/arquivo>. Último acesso em: 10 ago. 2019.

[16] A arquivista Juliana Amorim tirou cinco medidas e chegou a essa média. As medidas foram: 0,320 × 0,205mm, 0,325 × 0,205mm, 0,321 × 0,207mm, 0,325 × 0,218mm, 0,328 × 0,218mm.

Esse documento não possui título. “O Almada” foi escolhido posteriormente à produção do manuscrito principal, provavelmente pelo organizador do livro *Outras relíquias*, e aparece apenas nas folhas introdutórias aos cantos do manuscrito, como já foi discutido anteriormente.

Durante a visita ao Arquivo, o documento original em papel também foi consultado para esclarecimento de alguns pontos. Antes do manuscrito propriamente dito, há a seguinte nota, escrita por Plínio Doyle:

> Os originais de O Almada (poema herói-cômico em oito cantos), de Machado de Assis, foram colocados em ordem, de acordo com a publicação feita em Outras Relíquias, Edição Garnier, de 1910.
> As páginas dos originais não foram numeradas, e as indicações dos números dos “cantos” e de suas subdivisões estão muito alteradas e emendadas pelo autor.
> Observamos a falta de alguns trechos nos originais, bem como a existência de divergências entre os dois textos; e ainda, alguns trechos dos originais estão incluídos na publicação em “cantos” diferentes.
> Há uma variante da “Advertência” que está assinada pelo autor, e há também “notas” que não foram incluídas na publicação.
> Rio de Janeiro, trinta de junho de mil novecentos e setenta e seis. (DOYLE, 1976)

A nota reproduz o problema discutido anteriormente na seção “Edições e edição crítica”. A primeira informação controversa é a de que o manuscrito foi organizado de acordo com o texto de *Outras relíquias*, que foi coligido postumamente. Ou seja, a própria disposição das páginas do manuscrito pode não ser (e, provavelmente, não é) aquela deixada por Machado de Assis, mas sim pelo organizador de *Outras relíquias*.

No segundo parágrafo da nota, lê-se que há várias alterações e emendas nos números dos cantos feitas pelo autor. Pode-se supor que se trata do autor Machado de Assis. Entretanto, consultando atentamente as folhas dos manuscritos, é possível identificar outra caligrafia que não a de Machado em várias dessas rasuras.

A nota descreve a existência de várias divergências (trechos, notas, número dos cantos) entre a publicação em livro e o manuscrito, mas não especifica quais são essas diferenças. Nesta tese, as variantes mais significativas serão apresentadas.

Na consulta aos originais em papel, havia uma folha impressa com a descrição do conteúdo de cada caderno, a qual não consta do documento digitalizado. Abaixo são reproduzidas as informações que estão na tabela dessa folha impressa:

Contém este livro 1 (uma) nota de Plínio Doyle, 1 (uma) advertência, 1 (uma) variante da advertência, 8 (oito) cantos e 7 (sete) notas referentes aos cantos, agrupados em 18 cadernos, conforme segue abaixo.

Caderno 1	Nota de Plínio Doyle realizada em 30.06.1976, a respeito dos originais de O Almada (poema herói-cômico em oito cantos)	1 folha
Caderno 2	Advertência	11 folhas
Caderno 3	Variante da advertência, assinada pelo autor	6 folhas
Caderno 4	O Almada – Canto 1º	6 folhas
Caderno 5	O Almada – Canto 2º (Canto IV) parte do Canto 2º e parte do Canto 4º)	17 folhas
Caderno 6	O Almada – Canto 3º (parte do Canto 3º)	22 folhas
Caderno 7	O Almada – Canto II (Canto IV)	27 folhas
Caderno 8	O Almada – Canto IV	19 folhas
Caderno 9	O Almada – Canto VI	20 folhas
Caderno 10	O Almada – Canto VII	21 folhas
Caderno 11	O Almada – Canto VIII	22 folhas
Caderno 12	O Almada (nota do Canto I)	16 folhas
Caderno 13	O Almada (nota do Canto II)	1 folha
Caderno 14	O Almada (nota do Canto IV)	6 folhas
Caderno 15	O Almada (nota do Canto V)	4 folhas
Caderno 16	O Almada (nota do Canto VI)	1 folha
Caderno 17	O Almada (nota do Canto VII)	5 folhas
Caderno 18	O Almada (nota do Canto VIII)	3 folhas

Feita a comparação sistemática entre essa tabela e o que de fato consta do manuscrito digitalizado, notaram-se algumas divergências, indicadas na tabela a seguir:

Tabela Manuscrito	Documento Digitalizado
Caderno 1 nota Plínio Doyle – 1 folha	Nota Plínio Doyle – 1 folha
Caderno 2 Advertência (11 folhas) e Caderno 3 Variante da advertência (6 folhas) – 17 folhas	Advertência e variante – 17 folhas (a imagem 13 é uma nota e não faz parte da advertência)

Caderno 4 Canto 1º – 6 folhas	Canto 1º – 6 folhas
Caderno 5 Canto 2º – 17 folhas	Canto 2º – 17 folhas (a imagem 35 é o verso da folha anterior)
Caderno 6 Canto 3º – 22 folhas	Canto 3º – 22 folhas
Caderno 7 Canto 2º (Canto 4º) – 27 folhas	Canto 2º (Canto 4º) – 29 folhas (a imagem 83 é o verso da folha anterior)
Caderno 8 Canto 4º – 19 folhas	Canto 4º – 19 folhas
Caderno 9 Canto 6º – 20 folhas	Canto 6º – 20 folhas
Caderno 10 Canto 7º – 21 folhas	Canto 7º – 21 folhas
Caderno 11 Canto 8º – 22 folhas	Canto 8º – 22 folhas
Caderno 12 Nota ao Canto 1º – 16 folhas	Nota ao Canto 1º – 16 folhas (na imagem 189 está escrito Canto II)
Caderno 13 Nota ao Canto 2º – 1 folha	Nota ao Canto 2º – 1 folha
Caderno 14 Nota ao Canto 4º – 6 folhas	Nota ao Canto 4º – 6 folhas
Caderno 15 Nota ao Canto 5º – 4 folhas	Nota ao Canto 5º – 4 folhas (na imagem 201 não sabemos a qual canto se refere)
Caderno 16 Nota ao Canto 6º – 1 folha	Nota ao Canto 6º – 1 folha
Caderno 17 Nota ao Canto 7º – 5 folhas	Nota ao Canto 7º – 5 folhas (fora de ordem)
Caderno 18 Nota ao Canto 8º – 3 folhas	Nota ao Canto 8º – 2 folhas (fora de ordem) – (a última folha se refere à Advertência publicada em 1879)

Apesar das diferenças entre a descrição dos Cadernos e o que efetivamente se verificou, o número de páginas é o mesmo nos dois casos, se levarmos em conta que na digitalização o verso da página é contado como uma folha.

Este manuscrito é particularmente relevante porque nos mostra de modo muito instigante as práticas de escrita e composição da obra de Machado de Assis, assim como o percurso editorial do texto, o qual é afetado por vários agentes que não o próprio autor. Outros manuscritos existentes, tais como os dos romances *Memorial de Aires* e *Esaú e Jacó*, estão num processo bem mais acabado e adiantado de escrita e são considerados, por muitos críticos, cópias passadas a limpo, praticamente prontos para ser enviados à tipografia. No entanto, como bem ressaltou Luciana Schoeps, mesmo esses manuscritos "apresentam movimentos de trabalho escritural bem definidos" (SCHOEPS, 2016, p. 93) e, apesar de serem cópias, ainda eram usados para o trabalho redacional.

No caso do manuscrito desse poema herói-cômico, algumas páginas sugerem um fluxo de escrita muito rápido, como se as palavras fossem surgindo e o escritor se apressasse a anotá-las antes que fossem esquecidas; as muitas rasuras e hesitações, confirmadas pelas pausas e manchas no papel, vão desvendando algumas práticas de escrita ainda pouco exploradas nos estudos machadianos.

Como lembra Grésillon,

> a rasura é simultaneamente perda e ganho. Ela anula o que foi escrito, ao mesmo tempo em que aumenta o número de vestígios escritos. É nesse próprio paradoxo que repousa o interessa genético da rasura: seu gesto negativo transforma-se para o geneticista em tesouro de possibilidades, sua função de apagamento dá acesso ao que poderia ter-se tornado texto. (GRÉSILLON, 2007, p. 97)

As rasuras podem aparecer de três maneiras distintas. A primeira é a linha de rasura ou hachuras que permite ler o que estava escrito antes; uma outra forma, também visível, é o borrão de tinta que apaga completamente o escrito anterior e não permite a restituição do texto mais antigo; uma terceira forma de rasura é aquela que não é visível à primeira vista: são as diversas reescrituras de um texto, geralmente feitas em fólios diferentes, sem que haja marcas de apagamento nos fólios anteriores.

Todas essas três formas de rasura podem ser encontradas no manuscrito em questão. A seguir, será apresentado um exemplo da imagem 55 contendo várias rasuras:

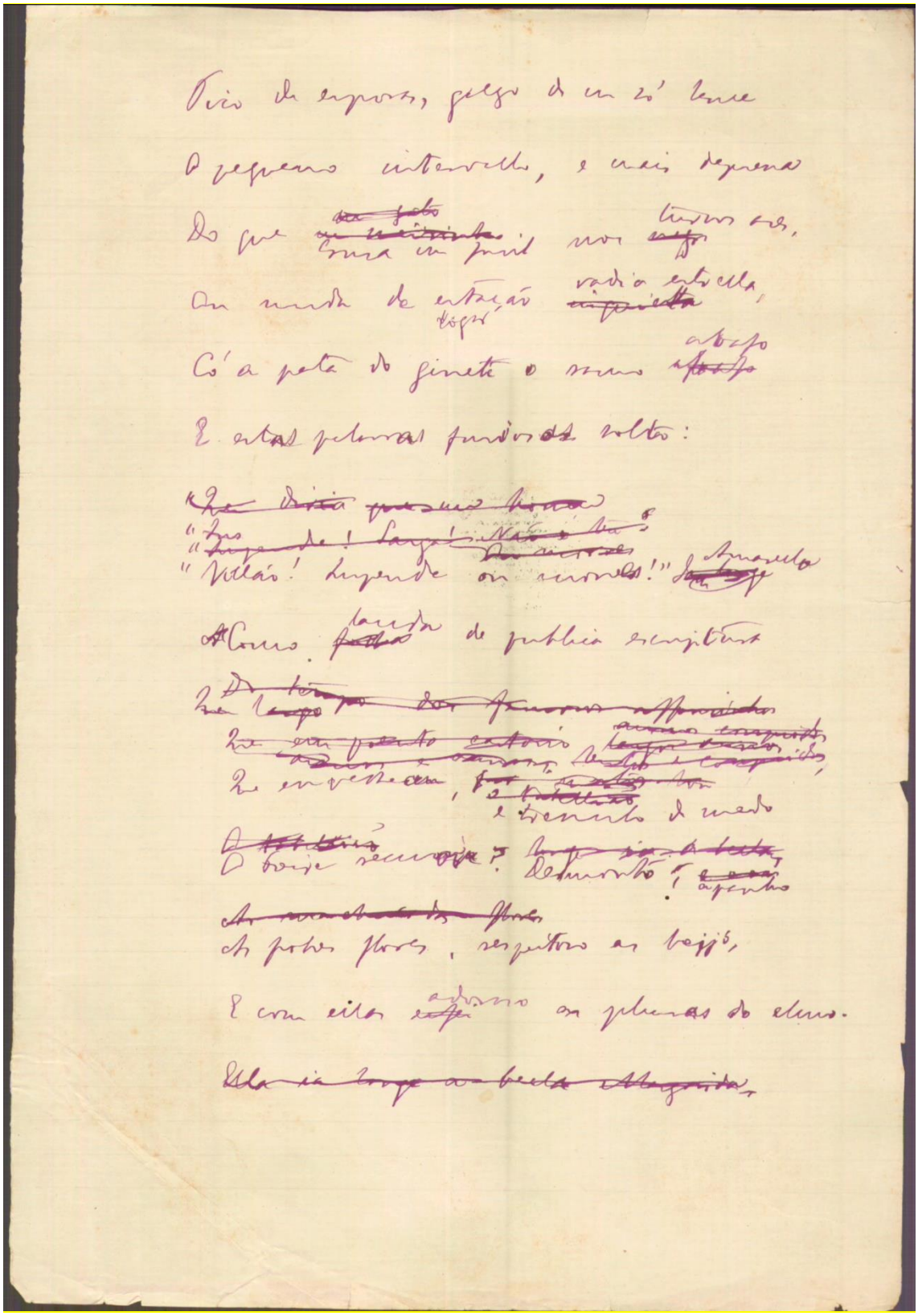


Figura 5 – Ms Alm, Imagem 55, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Em alguns momentos, mais do que em outros, verifica-se o esforço do escritor que insiste no apagamento de determinado trecho e não se contenta com apenas um traçado, mas insiste no vaivém da pena até que um grosso borrão apague para sempre o que primeiro estava escrito.

O manuscrito se inicia com uma folha de rosto onde há o título e o conteúdo daquele caderno, como se vê abaixo:

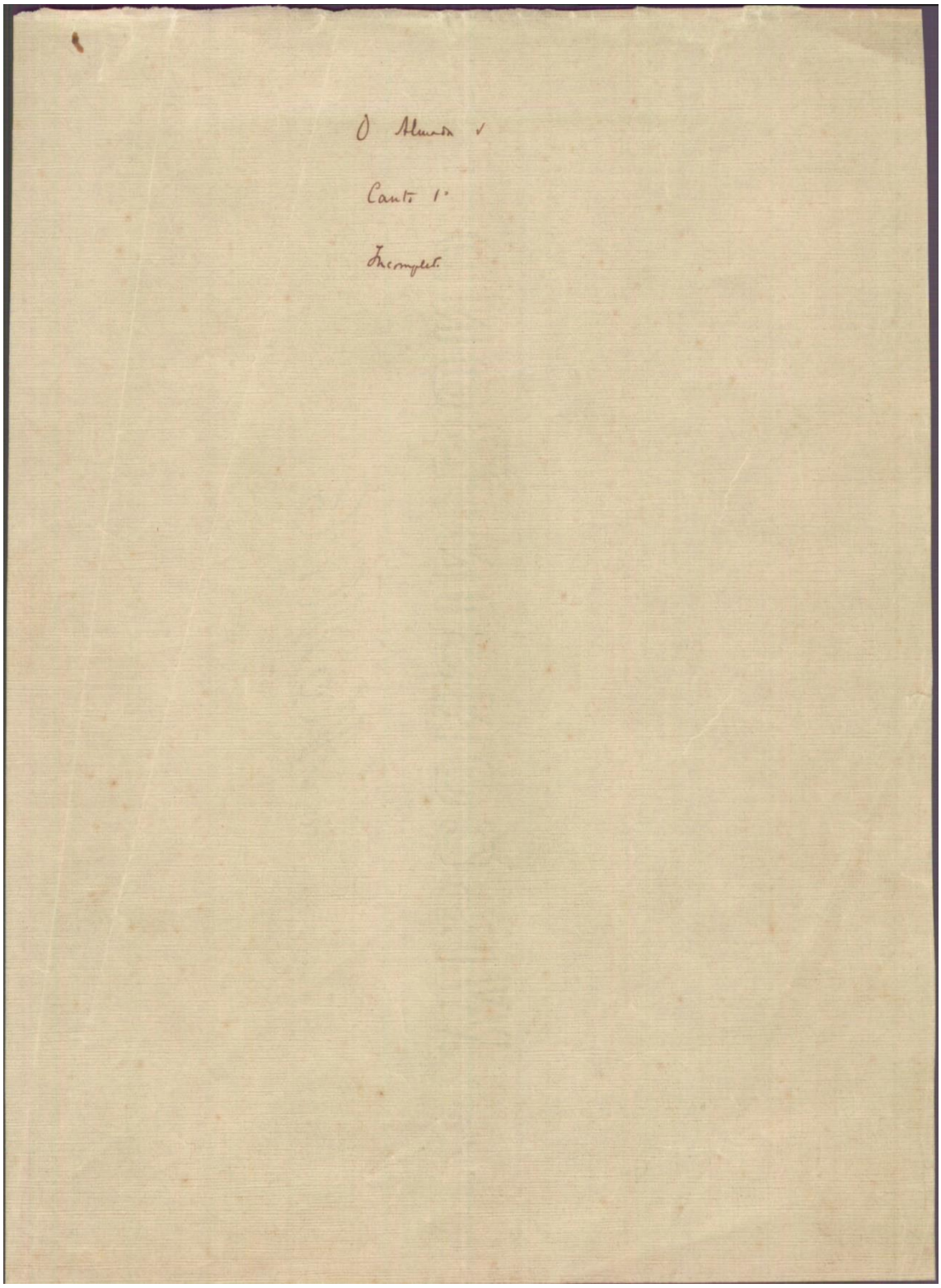


Figura 6 – Ms Alm, Imagem 19, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Percebe-se que essas folhas introdutórias ao poema foram feitas em um papel diferente, em outra época, e a caligrafia não corresponde à de Machado de Assis. Sua letra

começa a aparecer apenas na “Advertência”. Não há título nem qualquer tipo de capa ou introdução, o que põe em xeque o próprio título da obra.

Rasuras nas numerações de cantos e estrofes

O estudo das rasuras nos cantos e estrofes valeria um trabalho à parte, dadas as muitas alterações existentes. Neste momento, esse assunto não será objeto de análise, mas pode-se afirmar que essas rasuras são muitas e, não raro, de mão alheia. Pode-se afirmar, com certa segurança, que muita numeração feita a lápis coincide com a numeração de cantos e estrofes de “O Almada”, o que leva à inferência de que o organizador de *Outras relíquias* tenha sido o responsável por essas rasuras.

A Advertência

A Advertência de “O Almada” foi composta por algumas partes do manuscrito, enquanto outros fólios foram desprezados por completo. No livro, existe a reprodução do seguinte conteúdo do manuscrito:

Advertência
Imagens 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11(metade) e 12

Para explicar melhor o quadro, lembramos que a imagem 1 se refere a uma nota de Plínio Doyle, escrita na década de 1970. A imagem 13 está fora de ordem; é uma nota explicativa que será analisada adiante. A imagem 11 possui um asterisco, localizado no meio do fólio, que marca o ponto de continuação da narrativa; o conteúdo que vinha antes era a citação do padre Manuel da Nóbrega. Portanto, as imagens 10, metade da 11, 14, 15, 16, 17 e 18 formam uma variante da Advertência e não foram reproduzidas no livro.

As imagens 2 a 9 formam um conjunto mais ou menos homogêneo que apresenta uma fase mais adiantada da composição. Possivelmente, são páginas passadas a limpo pelo baixo número de rasuras que apresentam. Além disso, a letra está bem mais apurada, o que sugere que não tenham sidos escritas com tanta pressa. Esse primeiro bloco ainda

foi revisto pelo autor que fez várias emendas no texto. Podemos afirmar que as rasuras apresentadas aqui são de uma segunda leitura e não erros de cópia. Alguns exemplos de trechos desses fólios são apresentados abaixo, seguidos da transcrição diplomática:

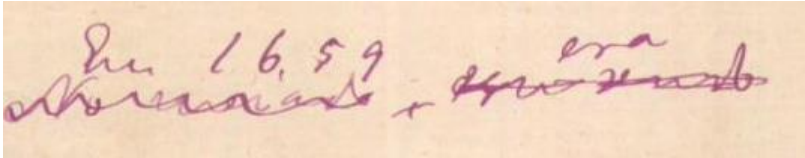


Figura 7 – Ms Alm, Imagem 2, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Em 1659 era
~~No meiado, [ileg.]~~

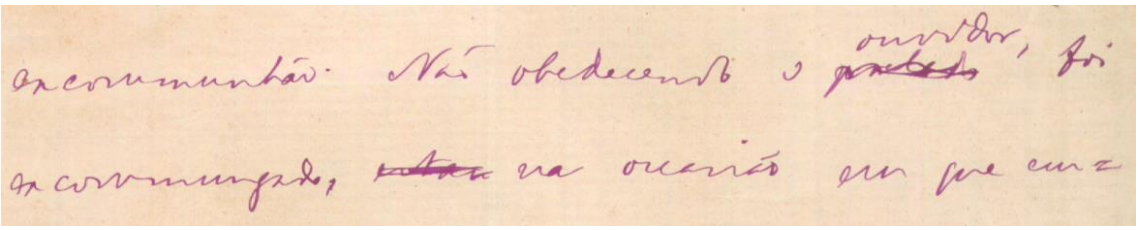


Figura 8 – Ms Alm, Imagem 3, p. 2 (ABL, Arquivo Múcio Leão).

ouvidor
excommunhão. Não obedecendo o ~~prelado~~, foi

excommungado, *~~estan~~* na occasião em que em=

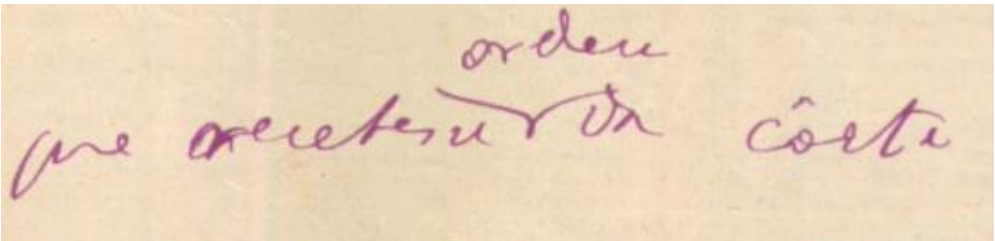


Figura 9 – Ms Alm, Imagem 5, p. 4 (ABL, Arquivo Múcio Leão).

ordem
que recebeu da côrte

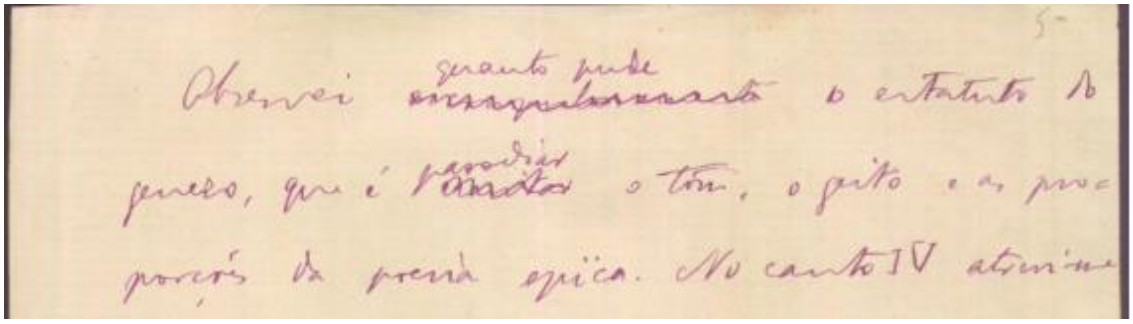


Figura 10 – Ms Alm, Imagem 6, p. 5 (ABL, Arquivo Múcio Leão).

quanto pude
Observei ~~escrupulosamente~~ o estatuto do
parodiar
genero, que é ~~imitar~~ o tom, o geito e as pro=

porções da poesia epica. No canto IV atrevi-me

A partir do exame desses trechos, pode-se imaginar o escritor revisando o seu texto e fazendo os ajustes que julgou necessários.

No primeiro exemplo, decide especificar o ano em que se passou a ação, uma forma de trazer mais legitimidade ao conteúdo que seria narrado, já que a incerteza não caberia em uma narrativa que supunha acompanhar de perto os acontecimentos históricos.

No segundo exemplo, existe uma correção vocabular de adequação à narrativa. Não faria sentido dizer que o "prelado" fora excomungado, por isso a correção feita para "ouvidor". A rasura em "estava" serviu ao propósito de adequação gramatical, já que não faria sentido a frase "foi excomungado, estava na ocasião em que embarcava…".

O terceiro exemplo é de uma adição posterior, que pode ter sido feita em um dos momentos de releitura. A primeira rasura da imagem 6, que anula "escrupulosamente" e substitui por "quanto pude", vem ao encontro do já anunciado conteúdo ficcional que o escritor irá desenvolver em seu texto, esclarecendo ao leitor que, apesar das referências históricas, essa é uma "obra de imaginação". Na segunda linha, há a substituição de

“imitar” por “parodiar”. “Imitar” é fazer da mesma maneira, já “parodiar” é uma imitação cômica, ou seja, o vocábulo se encaixa melhor na definição do gênero que está sendo perseguido pelo autor.

A análise dos outros fólios pode trazer contribuições importantes:

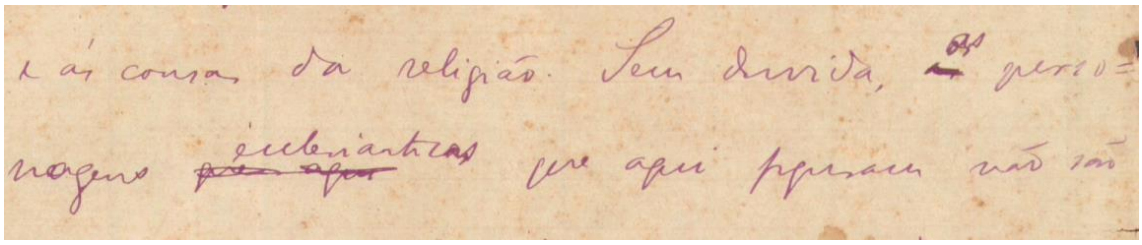


Figura 11 – Ms Alm, Imagem 10, p. 8 (ABL, Arquivo Múcio Leão).

as
e ás cousas da religião. Sem duvida, ~~as~~ perso=
ecclesiastic*as*
nagens ~~que aqui~~ que aqui figuram não são

A repetição de “que aqui”, na imagem 10, à primeira vista pode sugerir um erro de cópia, mas não necessariamente. É bem provável que o escritor tenha sentido a necessidade de encontrar um adjetivo para o termo anterior (personagens), por isso tenha riscado o primeiro “que aqui”, acrescentado “eclesiásticas” e, em seguida, continuado a narrativa a partir do segundo “que aqui”.

Ao fazer o cotejo entre a imagem 9 e a imagem 10, observa-se que esta última é uma versão anterior, já que recebeu a inscrição “rascunho” no canto superior direito do fólio. Ademais, na imagem 10, há uma explicação sobre o porquê de os clérigos terem sido representados de maneira tão vil; essa explicação deixa de existir na imagem 9. O que permanece igual nas duas versões é a citação do padre Manuel da Nóbrega. A busca pela concisão na reescrita dos seus textos parece indicar certa cronologia, na medida em que o texto se torna mais sucinto cada vez que é reescrito. Além disso, a grande quantidade de rasuras pode indicar um momento anterior de escrita, ainda de elaboração e muitas dúvidas.

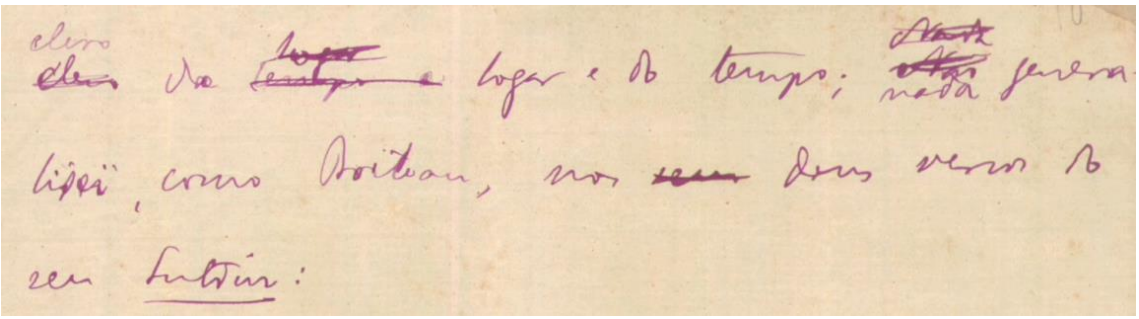


Figura 12 – Ms Alm, Imagem 12, p. 10 (ABL, Arquivo Múcio Leão).

~~clero~~ ~~logar~~ ~~Nada~~
clero do ~~tempo e~~ logar e do tempo; ~~Não~~ genera-
nada
lizei, como Boileau, nos ~~seus~~ dous versos do

seu Lutrin:

Na imagem 12, nota-se a indecisão na hora de escolher um vocábulo; a alternância entre tempo/lugar e, finalmente, a escolha por "lugar e do tempo". Na rasura seguinte, vê-se que a primeira opção escolhida foi "Não generalizei". Logo é riscada e substituída por "Nada generalizei". Finalmente, essa opção é rasurada novamente, e a opção adotada acaba sendo "nada generalizei", com um acréscimo na entrelinha. Essa alteração de "não" (advérbio) para "nada" (pronome indefinido) pode ser interpretada como uma mudança muito mais substantiva, de alguém que afirma, incialmente, que não generalizou alguma coisa para depois afirmar que não generalizou coisa alguma. Esse trecho trata também do gênero herói-cômico e mostra a ambiguidade machadiana (ilustrada pela própria dúvida quanto à escolha do vocábulo) quando coloca os gêneros clássicos em ação em pleno século XIX.

O conjunto que compreende as imagens 14 a 18 chama a atenção, primeiramente, pela cor da tinta (preta), diferente da usada nos fólios anteriores (azul, embora pareça roxa na digitalização). Além disso, a letra está bem mais corrida, como a de quem escreve com pressa, e as rasuras são abundantes. Há alguns acréscimos e supressões feitas com tinta diferente, sugerindo que o escritor voltou a esse texto e o reelaborou.

Eis alguns exemplos:

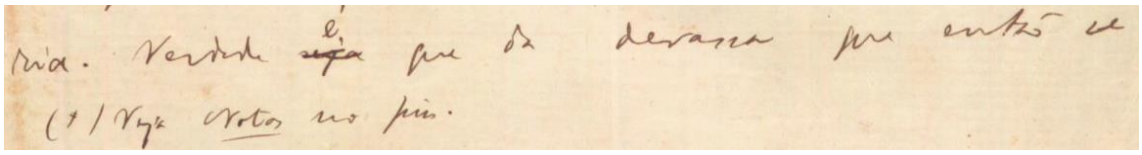


Figura 13 – Ms Alm, Imagem 14, p. 3 (ABL, Arquivo Múcio Leão).

é
ria. Verdade ~~seja~~ que da devassa que então se

(1) Veja Notas no fim.

Este trecho foi destacado para exemplificar a correção feita durante uma releitura (seja > é) e também para chamar a atenção para a nota de rodapé feita pelo escritor, na qual ele sinaliza a existência das Notas e indica ao leitor que elas devem ser lidas ("Veja Notas no fim"). Essa nota de rodapé resolve uma dúvida que surgiu durante a pesquisa: como as notas explicativas nunca apareceram em nenhuma publicação em vida do autor, deveriam ser consideradas apenas notas de referência para o próprio escritor? Essa ocorrência nos indica que não, que se trata de notas voltadas para o leitor.

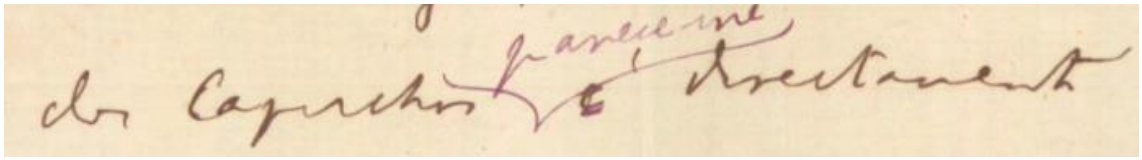


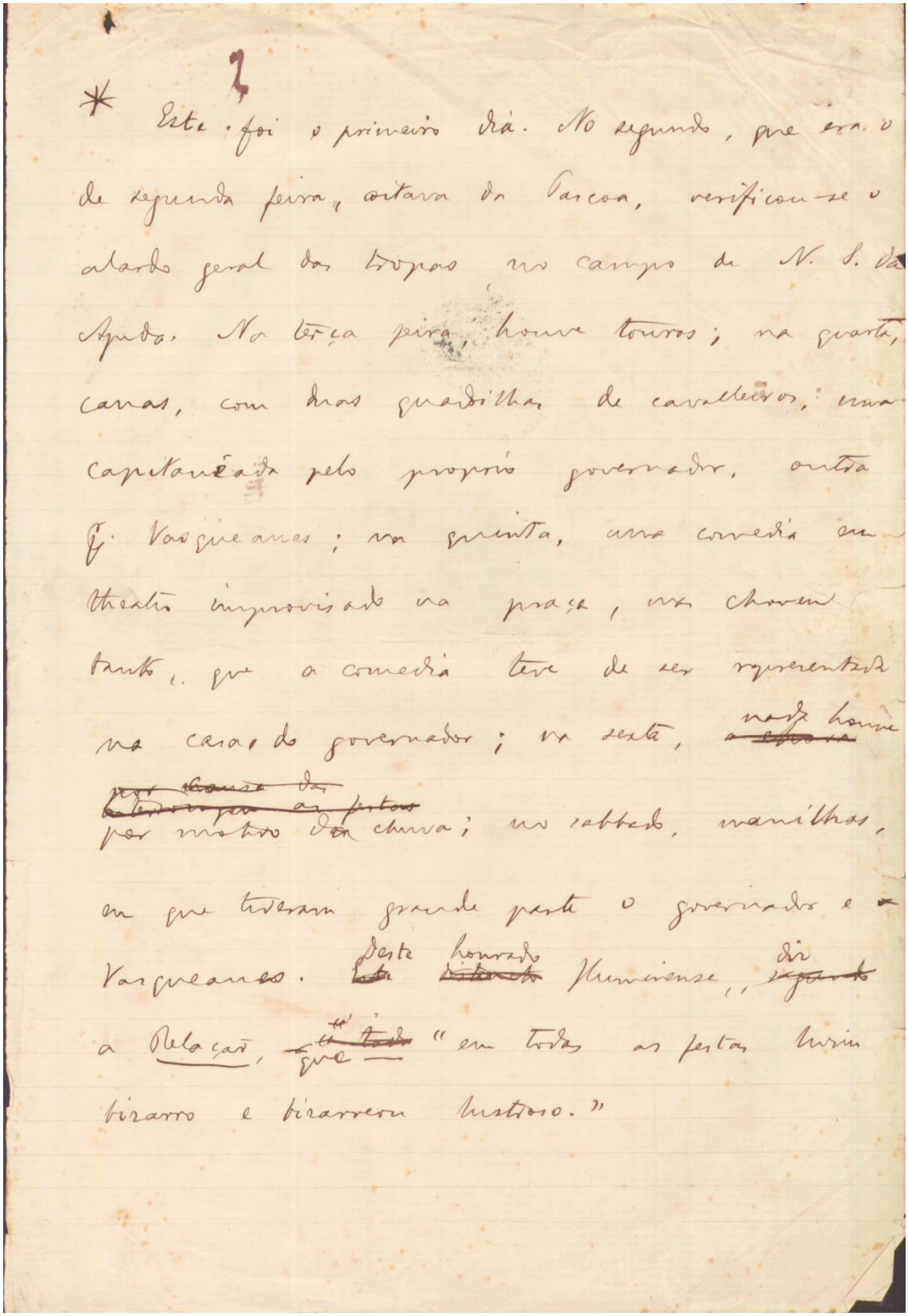
Figura 14 – Ms Alm, Imagem 16, p. 5 (ABL, Arquivo Múcio Leão).

parece-me
dos Capuchos ~~é~~ discretamente

Esse trecho mostra com clareza a emenda feita posteriormente com tinta diferente e na entrelinha. O conteúdo também é relevante. Em vez de usar um verbo indicativo de uma certeza (é), o escritor opta pela dúvida (parece-me), procedimento bem característico na obra de Machado, que também se repete nos romances e nos contos que analisei durante a pesquisa no mestrado.

A última imagem do manuscrito, localizada ao final e, portanto, com a numeração 210, é uma parte da Advertência publicada em 1879; ela faz referência ao último

parágrafo da Advertência publicada em 1879, na *Revista Brasileira*, com o título “A assuada”, como pode ser visto na imagem abaixo, à qual se segue a transcrição diplomática:



* Este foi o primeiro dia. No segundo, que era o de segunda feira, oitava da Pascoa, verificou-se o alardo geral das tropas no campo de N. S. da Ajuda. Na terça feira, houve touros; na quarta, canas, com duas quadilhas de cavalleiros: uma capitaneada pelo proprio governador, outra G. Vasqueanes; na quinta, uma comedia em theatro improvisado na praça, mas choveu tanto, que a comedia teve de ser representada na casa do governador; na sexta, ~~a festa~~ nada houve ~~por causa das~~ ~~determinou os frios~~ por motivo da chuva; no sabbado, manilhas, em que tiveram grande parte o governador e Vasqueanes. ~~Este~~ Deste ~~illustrado~~ honrado Fluminense, ~~segundo~~ dia a Relação, ~~e tudo~~ que "em todas as festas houve bizarro e bizarreou lustroso."

Figura 15 – Ms Alm, Imagem 210, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

* Este foi o primeiro dia. No segundo, que era o

de segunda feira, oitava da Pascoa, verificou-se o

alardo geral das tropas no campo de N. S. da

Ajuda. Na terça feira, houve touros; na quarta,

canas, com duas quadrilhas de cavalleiros; uma

capitaneada pelo proprio governador, outra

p^{r}. Vasqueanes; na quinta, uma comedia em

theatro improvisado na praça, mas choveu

tanto, que a comedia teve de ser representada
nada houve
na casa do governador; na sexta, ~~a chuva~~
~~por causa da~~
~~interrompeu as festas~~
por motivo da chuva; no sabbado, manilhas,

em que tiveram grande parte o governador e ~~o~~
Deste honrado diz
Vasqueanes~~. Este distincto~~ fluminense, , s~~egundo~~
"
"~~todas~~
a Relação que "em todas as festas luziu

bizarro e bizarreou lustroso."

Se for feita a comparação entre a Advertência de 1879 e a versão de 1910, baseada no manuscrito, nota-se uma reelaboração que chama a atenção. Em "A assuada" (1879), temos o seguinte trecho na Advertência:

> Naturalmente, tratando-se agora de um simples episódio, abstenho-me das reflexões que só o complexo da obra chegaria a exigir; mas há duas alusões que precisam ser anotadas.
> Uma é a que se faz nestes versos da est. II, *in-fine*.
>
> E que ali mesmo, à luz dos bentos círios,
> (Tão de longe vêm já os maus costumes!)
> Ousavam inda suspirar por ela.

e neste terceiro verso da est. III:

Namorador dos adros da igreja

Não há aí, como se poderia crer, um simples gracejo, mas um vestígio dos costumes desse e ainda de tempos posteriores. Era um velho abuso que resistia à força de decretos. Já em 1657, dois anos antes da ação do poema, D. Afonso VI ordenara se proibisse aos homens falarem com mulheres nas igrejas, nas portas e adros. No ano seguinte foi estendida a proibição aos que somente as esperassem naqueles lugares para as ver, ainda que lhes não falassem (Pizarro, *Mem*. t. V, pag. 17). Com o tempo voltou o abuso, se é que não foi simplesmente continuado; e, no século seguinte, o bispo D. Frei Antônio do Desterro proibiu as conversações e ajuntamentos nas portas e adros dos templos, "principalmente em dias de festa e concorrência", pastoral de 14 de Março de 1767 (Pizarro, VI, 17).

A outra alusão vem na est. VI:

….....quase tanto
Como nos dias da solene festa
Da grande aclamação, de que inda falam
Com saudade os muchachos de outro tempo.

Esta aclamação foi a de D. João IV, em 1641, quando chegou ao Rio de Janeiro a notícia da queda da dominação castelhana. Foram esplêndidas as festas, e delas há uma curiosa *Relação*, obra anônima, que o Sr. Varnhagen comunicou ao Instituto Histórico, em cuja *Revista Trimensal*, tomo V, foi impressa.

Duraram as festas sete dias e constaram de um alardo de tropas, touros, encamisada, carros, manilhas, máscaras, luminárias e comédia. Um trecho da aludida *Relação* dará ideia não só do esplendor da manifestação pública, como do estilo do narrador: "Foi o princípio das festas uma encamisada, que passara mostra, alegrando todas as ruas da cidade 116 cavaleiros, com tanta competência luzidos, tão luzidamente lustrosos, e tão lustrosamente custosos, que nem Milão foi avaro nem Itália deixou de ser prodigamente liberal… E para maior alegria se lhe agregaram dous carros, ornados de sedas e aparatos de ramos e flores, e tão prenhados de música, que em cada esquina de rua parecia que o coro do céu se havia humanado; ação do licenciado Jorge Fernandes da Fonseca, e obrada com seus filhos únicos nesta arte, e que mereceu o louro, não só da invenção como do sonoro". (ASSIS, 1879:139-140)

Esse excerto foi reelaborado e dividido em duas notas explicativas, as de número (14) e (15), que aparecem tanto no manuscrito[17] como em *Outras relíquias* da seguinte maneira:

> (14) E que ali mesmo à luz dos bentos círios
> (Bem de longe vêm já os maus costumes!)
> Ousavam inda suspirar por ela.

> Era este um dos mais inveterados abusos; apesar de todos os decretos, os rapazes de todos os tempos iam namorar as moças nas igrejas. Já em 1657, dois anos antes da ação do poema, D. Afonso VI ordenara que se proibisse que os homens falassem com mulheres nas igrejas, suas portas e adros. No ano seguinte foi estendida a proibição aos que somente as esperassem naqueles lugares para as verem, ainda que lhes não falassem. (Vide Pizarro, tomo V, pág. 19).
>
> Com o tempo voltou o abuso, e no século seguinte o bispo D. Frei Antônio do Desterro proibiu as conversações e ajuntamentos nas portas e adros dos templos, "principalmente em dias de festa e concorrência"; pastoral de 14 de março de 1767. (Vide Pizarro, VI, pág. 17).

> (15) Como nos dias da solene festa
> Da grande aclamação

> As festas a que aludo nesta estância foram as da aclamação de D. João IV, em 1641, quando aqui chegou a notícia da queda da dominação castelhana. Foram esplêndidas, a ser exata a Relação que delas faz um anônimo, e que o Sr. Varnhagen comunicou ao Instituto Histórico, em cuja *Revista*, tomo V, foi reproduzida.
>
> Duraram sete dias e constaram de alardo de tropas, touros, encamisada, canas, manilhas, máscaras e comédia. Um trecho da aludida relação dará ideia, não só do que foi a festa, mas também do estilo do narrador: "Foi o princípio das festas uma encamisada que fizera mostra, alegrando todas as ruas da cidade 116 cavaleiros, com tanta competência luzidos, tão luzidamente lustrosos, e tão lustrosamente custosos, que nem Milão foi avaro nem Itália deixou de ser prodigamente liberal… E para maior alegria se lhe agregaram dois carros, ornados de sedas e aparatos de ramos e flores, e tão prenhados de música, que em cada esquina de rua parecia que o coro do céu se havia humanado; ação do licenciado Jorge Fernandes da Fonseca, e obrada com seus filhos únicos nesta… e que merecem o louro, não só da invenção como do sonoro".
>
> Não menos curioso é o que diz o narrador acerca das luminárias: "… se viu a cidade tão cheia de luminárias, que não fazendo

[17] O manuscrito apresenta algumas diferenças em relação ao texto publicado, as quais serão analisadas na seção "Notas explicativas e inéditas".

> falta o brilhante esplendor do planeta monarca e substituídas as estrelas nas janelas e ruas, formavam tantos cambiantes tornassóis no vário de invenções, que se enredava o pensamento nas luzes e se confundia no número, pois o limitado do lugar parece que se dilatava com elas nesta ocasião" (ASSIS, 1910, p. 235-236).

A observação inicial que se pode fazer sobre essa rasura de deslocamento (BIASI, 2010, p. 74) é a impossibilidade de afirmar, com certeza, o que existia primeiro, se a advertência ou as notas. A hipótese mais aceitável é a de que a advertência foi escrita primeiro e depois retrabalhada nas notas; no entanto, como o manuscrito não é datado (e teve várias campanhas de escritura), é possível também que o contrário tenha acontecido. Em 1879, esse excerto do manuscrito estava pronto, e o escritor o transformou para a advertência de "A assuada".

É fato que quando o escritor volta ao seu exemplar de trabalho, o texto está sempre passível de reelaborações e revisões. Machado fez, portanto, uma reavaliação e operou essas modificações, mantendo o conteúdo das referências históricas.

No entanto, algumas diferenças entre esses conteúdos podem ser analisadas, já que o escritor não fez o simples movimento de dividir a advertência em nota (ou vice-versa). Para facilitar a argumentação, vamos trabalhar com a hipótese de que a advertência tenha se transformado em nota. Para isso, ele precisou fazer alterações textuais até para adequar a mudança de gênero textual. O tom e a estrutura de uma advertência são substancialmente diversos dos de uma nota; enquanto no prefácio o autor busca conquistar o leitor, as notas têm função mais "fria", meramente informativa. Esse movimento pode ser percebido quando há a exclusão dos trechos que antecediam a citação dos versos. Por fim, há um acréscimo substancioso de um parágrafo inteiro, que não existia na advertência de 1879, com a citação de trecho de Pizarro a respeito da iluminação da cidade. Com esse movimento, há o encolhimento da voz narrativa e ouvem-se mais as referências históricas, como se o texto falasse mais por si mesmo.

Os cantos

Canto I

O canto I de “O Almada” segue bem de perto o texto do manuscrito. Alguns detalhes, no entanto, chamam a atenção. Ao final da primeira estrofe, há um conjunto de reticências indicando a existência de mais versos que foram perdidos. Isso não está indicado de nenhuma maneira nesse trecho do manuscrito, o que leva a indagar como o organizador sabia que tal trecho teria mais versos.

A imagem 24 do manuscrito traz uma variante de parte da segunda estrofe. Essa variante foi descartada pelo organizador. A partir da terceira estrofe, percebe-se um distanciamento bem grande em relação ao manuscrito, já que essa estrofe não existe lá. O que restou foram notas explicativas referentes ao canto I, “encaixadas” nessa estrofe (imagens 178, 181, 182), fazendo uma espécie de reconstituição do texto perdido. Os dois versos iniciais, inexistentes no manuscrito (Reinava/ Afonso VI), foram copiados do trecho “Velho fragmento”, publicado em 1901.

Para o primeiro canto, tem-se o seguinte diagrama do material usado para composição dos versos de “O Almada”:

Canto I
Estrofe I – Ms.
Estrofe II – Ms.
Estrofe III – notas Ms. + “Velho fragmento”

Nesse canto, destaca-se uma rasura, presente na imagem 21 do manuscrito, apresentada abaixo e seguida pela transcrição diplomática:

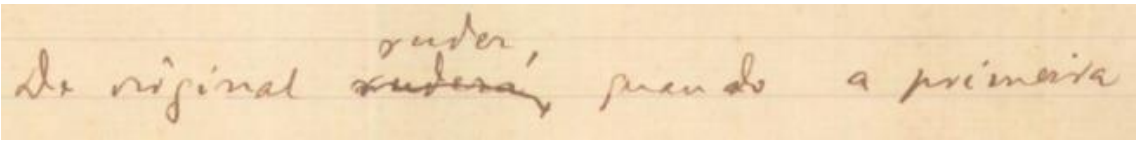


Figura 16 – Ms Alm, Imagem 21, p. 2 (ABL, Arquivo Múcio Leão).

rudez,
De original ~~rudeza~~, quando a primeira

A substituição de “rudeza” por “rudez” foi feita, muito provavelmente, em um momento de releitura, quando o escritor fez a alteração para que o verso mantivesse as

10 sílabas poéticas e não fugisse do decassílabo heroico com que vinha trabalhando até então.

Canto II

O canto II é praticamente igual ao manuscrito, exceto por um detalhe. No último verso da estrofe IX, o manuscrito traz “desastre”, e “O Almada” traz a variante “dezaire”. Pode ser um erro tipográfico ou uma alteração do editor que pode ter achado mais adequada a segunda variante nesse contexto.

<u>Canto II</u>
Segue o manuscrito.

Uma substituição relevante também acontece nesse canto, conforme se vê abaixo:

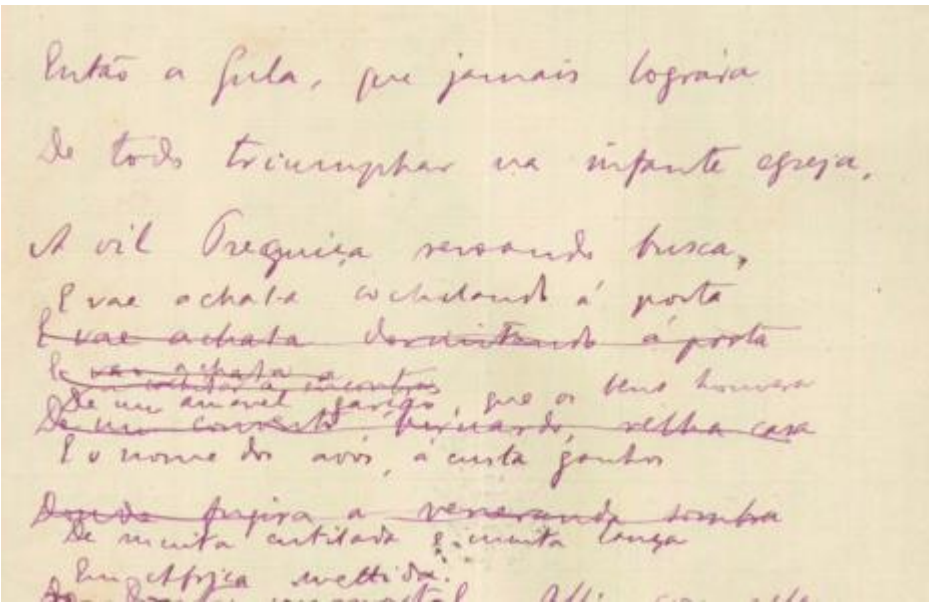


Figura 17 – Ms Alm, Imagem 27, p. 3 (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Então a Gula, que jamais lograria

De todo triumphar na infante egreja,

A vil Preguiça revoando busca~~,~~
E vae achal-a cochilando á porta
~~E vae achal-a dormitando á porta~~
~~E vai achal-a a~~
~~a cochilar a encontra~~
De um amavel garçao, que os bens houvera
~~De um convento, buscando, velha casa~~
E o nome dos avós, á custa ganhos

~~Donde fugira a veneranda sombra~~
De muita cutilada e muita lança
Em Africa mettida

Nessa reelaboração, a Preguiça não está mais em um convento, mas sim na casa de moço rico, herdeiro de mercadores de escravos. Vê-se, portanto, como a questão da escravidão, discutida anteriormente, parece ser mesmo tema importante nesse poema, a ponto de produzir uma alteração de versos que redireciona o alvo da crítica dos religiosos para os que lucravam com a escravidão.

Canto III

O canto III possui diferenças substanciais em comparação com o manuscrito e segue, em grande parte, a versão publicada em "A assuada", em 1879. Esse movimento de seguir o que havia sido publicado anteriormente pelo autor é uma prática recorrente em casos semelhantes. No entanto, somente algumas partes do texto de 1879 foram selecionadas; outras, como a advertência, foram deixadas de lado. Percebe-se, assim, uma falta de coerência quanto a qual lição seguir, e nenhuma nota sobre os critérios utilizados é apresentada ao leitor.

Canto III
Oscila entre as lições de "A assuada" (1879) e as do manuscrito.

As diferenças observadas no texto podem ser atribuídas a escolhas pessoais do próprio editor ou mesmo a erros tipográficos. Entre essas diferenças, destacam-se:

- O verso “Molemente na rede ou na camilha” suprimido na estrofe IV;
- O acréscimo de uma divisão não existente em “A assuada”, entre as estrofes VI e VII;
- em “A assuada”, o verso vinte e oito da estrofe VI traz o seguinte: “Que a linda mão de moça arregaçava”. Em “O Almada”, esse verso é o que se segue: “Que a linda mão da moça alevantava”.
- a supressão de dois versos da estrofe XIV de “A assuada”: “Antes que a aurora descosesse as sombras/ Freire voltou aos seus desertos lares”.

No terceiro verso da segunda estrofe, “O Almada” traz a lição “heroina de romance antigo”. O manuscrito traz “heroina de rimance antigo”, e “A assuada” traz “heroina de romance de hoje”. Esse exemplo ilustra bem a miscelânea feita para o estabelecimento do texto de 1910, já que “romance” vem da versão de 1879 e “antigo”, da versão do manuscrito.

Movimento semelhante acontece ainda nessa mesma estrofe, no verso doze, talvez mais bem representado em formato de tabela:

Manuscrito	“A assuada”	“O Almada”
Que não é puro azul nem alvo puro,	Que não é puro azul, nem branco puro,	Que não é puro azul nem alvo puro,

Pode-se afirmar que, nesse caso, o editor seguiu aqui a lição do manuscrito. No entanto, ainda nessa mesma estrofe, o manuscrito traz rasuras ignoradas pelo organizador, que voltou a seguir a lição de “A assuada”:

Manuscrito

doce
ver-lhe a ~~grave~~
Procissão; ~~Era ver-lhe a~~ compostura,
ella escuta
A devoção com que ~~escutava~~ o padre,
levanta
E no agnus – dei ~~levava~~ *m/a* mão ao peito,
abona
Mão que ~~enchia~~ de fogos e dezejos

"A assuada"

Procissão ; era ver-lhe a compostura,
A devoção com que escutava o padre,
E no *agnus-dei* levava a mão ao peito,
Mão que enchia de fogos e desejos

"O Almada"

Procissão ; era ver-lhe a compostura,
A devoção com que escutava o padre,
E no *agnus dei* levava a mão ao peito,
Mão que enchia de fogos e dezejos

Percebe-se que o pretérito imperfeito, rasurado no manuscrito e substituído pelo presente do indicativo, foi mantido em "O Almada", que nesse caso seguiu a lição de "A assuada". O uso do presente do indicativo traz a descrição da personagem para mais perto de quem está lendo. Essa presentificação da cena, reiterada no manuscrito, permite uma participação mais direta do leitor, aproximando-o da narrativa.

Esse mesmo movimento continua nas próximas páginas. Como se pode verificar na imagem 47, além do movimento de presentificação, existe também a alteração da terceira para a primeira pessoa do singular, feita em tinta azul, em um momento de releitura, movimento que não aparece em "O Almada", que mantém o presente do indicativo e a terceira pessoa do singular:

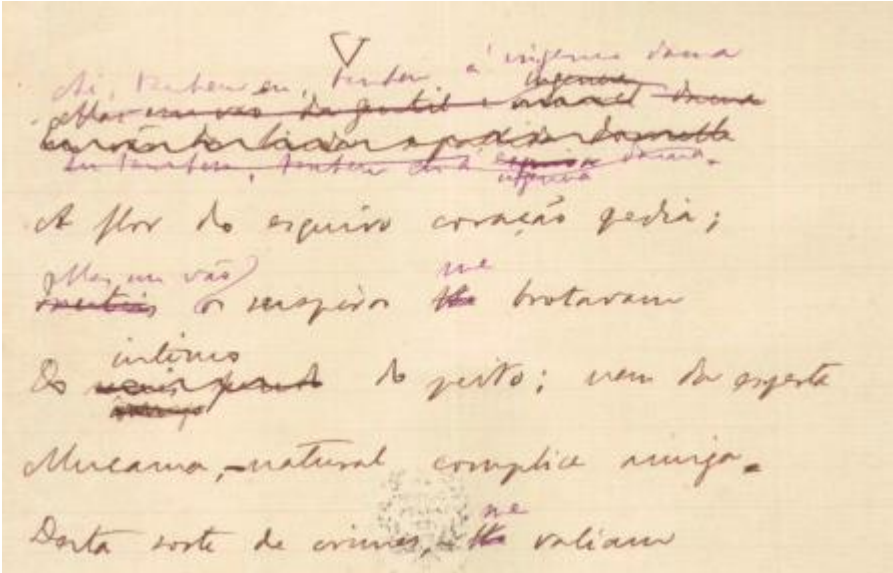


Figura 18 – Ms Alm, Imagem 47, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

V

Ai, tambem eu, tambem á ingenua dama
~~ingenua~~
~~Mas em vão da gentil e amavel dama~~
~~Em vão da linda e pallida donzella~~
~~Eu tambem, tambem eu á *esquiva* dama~~
~~ingenua~~
A flor do esquivo coração pedia;
Mas em vão me
~~Inuteis~~ os suspiros ~~lhe~~ brotavam
intimo
Do ~~mais fundo~~ do peito: nem da esperta
~~âmago~~
Mucama, - natural cumplice amiga ~~,~~
me
Desta sorte de crimes, - ~~lhe~~ valiam

O que se destaca, portanto, é a titubeação de quem organizou o texto de “O Almada” na escolha da variante a adotar: ora escolhe a lição do manuscrito, ora opta pela lição de “A assuada”. Isso resulta num texto compósito, que mescla várias versões de acordo com o gosto do organizador.

Canto IV

O canto IV segue de maneira geral a lição do manuscrito até a estrofe XXV. Nesse ponto, existe uma mudança em relação ao manuscrito, pois a primeira estrofe do canto III do manuscrito foi deslocada para o final do canto IV em *Outras relíquias*, deixando, assim, a narração mais coerente. Nessa mesma estrofe XXV é incluída outra estrofe (imagem 92) que estava dispersa no manuscrito.

Essa mistura de estrofes não aparece em nenhuma publicação anterior. Trata-se de uma composição própria do editor, que rearranjou os versos atribuindo-lhes um sentido. A reorganização final faz bastante sentido, pelo enredo que vinha sendo desenvolvido até aquele momento. Outra imagem, a de número 87, estava fora de ordem e também foi realocada pelo editor no canto III.

Canto IV
Segue a lição do manuscrito com reorganização feita pelo editor.

Outra pequena diferença em relação ao manuscrito se nota no penúltimo verso, que em *Outras relíquias* aparece incompleto: “Os reverendos … sacudidas,”. No manuscrito: “Os reverendos cochos sacudidos”.

O manuscrito traz alguns movimentos escriturais de exclusão e reelaboração bastante intrigantes, que ilustram a busca pelo melhor vocábulo, pela melhor sonoridade, pelo verso mais adequado, como no exemplo abaixo, em que o verso com o substantivo “paspalhão”, talvez não muito adequado à linguagem elevada que vinha sendo usada, é suprimido por completo:

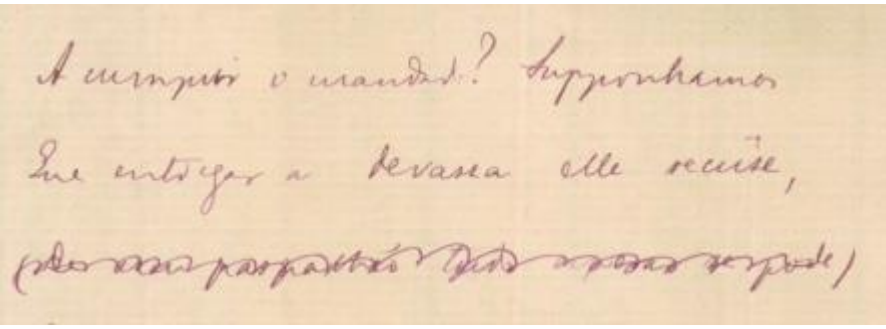


Figura 19 – Ms Alm, Imagem 80, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Imagem 80

A cumprir o mandado? Supponhamos

Que entregar a devassa elle recuse,

~~(De um paspalhão tudo esperar se pode)~~

O exemplo abaixo ilustra a busca incessante pelo melhor verso:

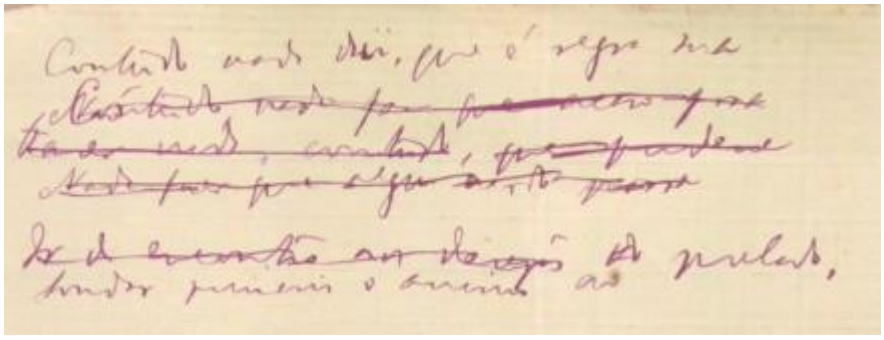


Figura 20 – Ms Alm, Imagem 90, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Contudo nada diz: que é regra sua
~~Contudo nada faz que acaso possa~~
~~Fazer nada, contudo, que pudesse~~
~~Nada faz que alguem ainda possa~~
~~Ir de encontro aos desejos do~~ prelado,
Sondar primeiro o animo ao

Canto V

O Canto V segue a lição do manuscrito e introduz alguns erros tipográficos, como se vê, por exemplo, no final da primeira estrofe: “Deixai lá que se esbafe a inculta plebe” (*Outras relíquias*) em vez de “Deixai lá que se esbofe a inculta plebe” (Manuscrito).

Canto V

Segue a lição do manuscrito.

A seguinte anotação na margem do manuscrito chama a atenção:

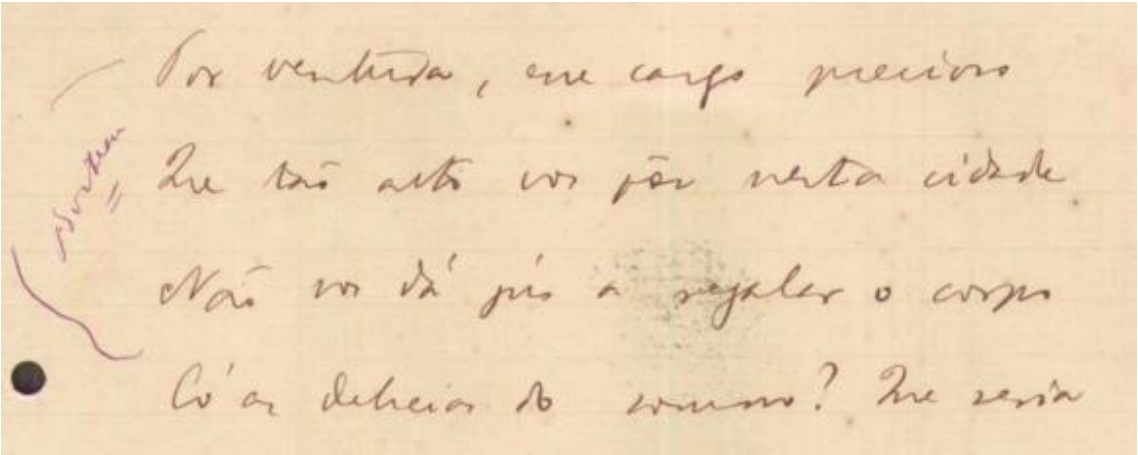


Figura 21 – Ms Alm, Imagem 94, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Boileau

Por ventura, esse cargo precioso

Que tão alto vos pôz nesta cidade

Não vos dá jús a regalar o corpo

Co'as delicias do somno? Que seria

Essa anotação à margem, feita em tinta azul, remete ao autor de *Le lutrin*, já evocado desde a Advertência. Pode-se especular que tenha sido inspirada no trecho do livro de Boileau, no qual o *Prélat*, sonolento e preguiçoso, depois de ser desafiado pela *Discorde* a acordar e sair da cama, é questionado pelo capelão Gilotin, que estranhara tal disposição:

> “Quelle fureur, dit-il, quel aveugle caprice,
> Quand le dîner est prêt, vous appelle à l’office?
> De votre dignité soutenez mieux l’éclat :
> *Est-ce pour travailler que vous êtes prélat?*
> *A quoi bon ce dégoût et ce zèle inutile?*
> Est-il donc pour jeûner quatre-temps ou vigile?
> reprenez vos esprits et souvenez-vous bien
> Qu’un dîner réchauffé ne valut jamais rien.” (BOILEAU-DESPRÉAUX, 1873, p. 177, grifos meus)[18]

Não parece ser coincidência que esse último verso do poema, sobre a desgraça que é um jantar requentado, apareça no conto “O relógio de ouro”, publicado no *Jornal das Famílias*, em 1873 (ASSIS, 1873, p. 130). Isso também permite afirmar que Machado tinha contato com *Le lutrin* há bastante tempo e o lia desde a época da publicação do conto, pelo menos.

Há também várias exclusões de versos inteiros, ilustradas abaixo:

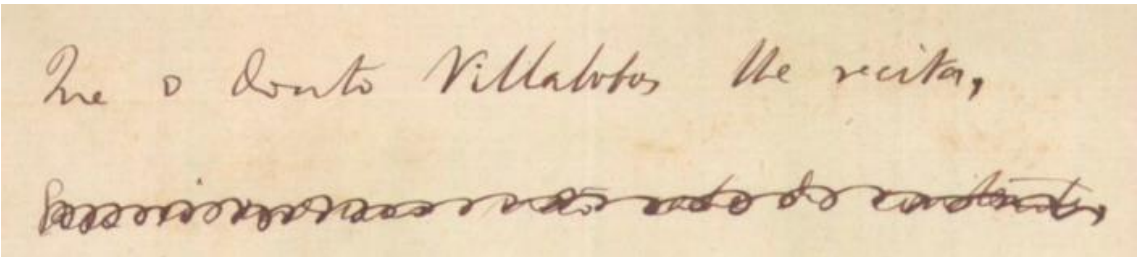


Figura 22 – Ms Alm, Imagem 100, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

[18] Tradução de António José de Lima Leitão:

> “Qual furor, (diz-lhe), qual capricho cego
> Te chama à reza estando o jantar pronto?
> Melhor sustenta a dignidade tua:
> É para trabalhar que tu és Bispo?
> Que vale esse desgosto e zelo inútil?
> Para jejum são têmporas, é festa?
> Entra, senhor, em ti e bem recorda
> Que o jantar nunca presta requentado.” (BOILEAU-DESPRÉAUX, 1834, p. 4)

Que o douto Villalobos lhe recita,

~~E em si mesmo não cabe de contente,~~

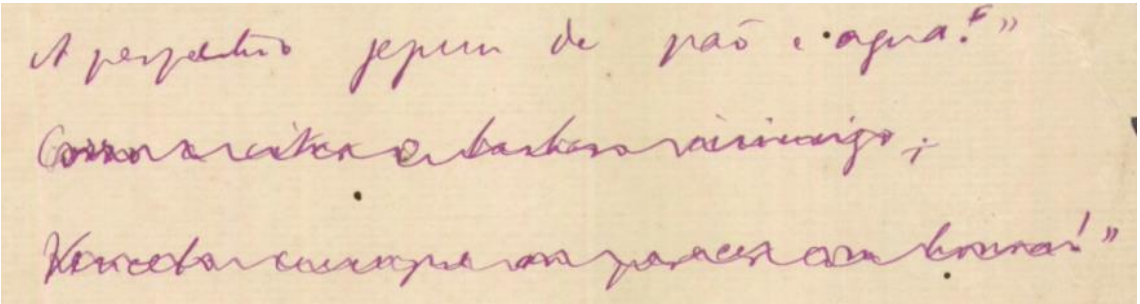


Figura 23 – Ms Alm, Imagem 109, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

A perpetuo jejum de pão e agua~~!~~"

~~Corro a citar o barbaro inimigo;~~

~~Vence-lo cumpre ou perecer com honra!"~~

No exemplo abaixo, a substituição de “elogios” por “zumbaias” acentua o tom satírico do verso, já que zumbaia se refere a uma saudação exagerada, um cumprimento com afetação. Além disso, mais adiante na narração, ao visitar a Lisonja, aparecem as figuras personificadas das Zumbaias, já introduzidas, de certa forma, nesta substituição:

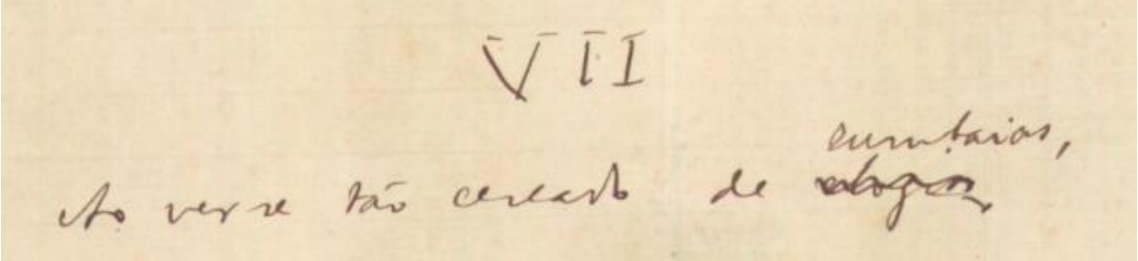


Figura 24 – Ms Alm, Imagem 101, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

VII

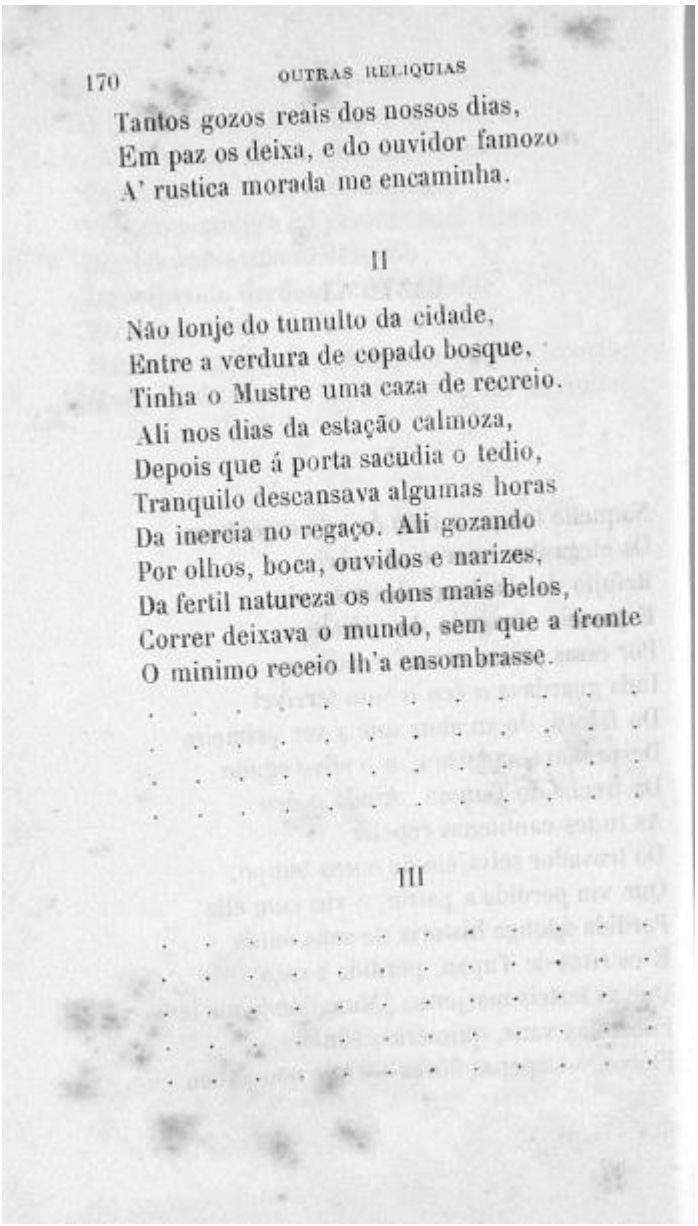
zumbaias,

Ao ver-se tão cercado de ~~elogios,~~

Canto VI

O canto VI foi inteiramente transcrito tendo como base o manuscrito. Como existem algumas folhas perdidas, em “O Almada” os trechos faltantes foram substituídos por linhas pontilhadas. Não se sabe qual critério o editor utilizou para decidir o número de linhas que cada estrofe teria. Não sendo possível saber quantos versos foram perdidos, imagina-se que escolheu de acordo com o que lhe parecia mais apropriado.

Abaixo, um exemplo desse movimento:



170 OUTRAS RELIQUIAS

Tantos gozos reais dos nossos dias,
Em paz os deixa, e do ouvidor famozo
A' rustica morada me encaminha.

II

Não lonje do tumulto da cidade,
Entre a verdura de copado bosque,
Tinha o Mustre uma caza de recreio.
Ali nos dias da estação calmoza,
Depois que á porta sacudia o tedio,
Tranquilo descansava algumas horas
Da inercia no regaço. Ali gozando
Por olhos, boca, ouvidos e narizes,
Da fertil natureza os dons mais belos,
Correr deixava o mundo, sem que a fronte
O minimo receio lh'a ensombrasse.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

III

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Figura 25 – *Outras relíquias* (1910), p. 170. (IEB).

No manuscrito, a segunda estrofe termina sem indicação de qualquer continuação, como fica sugerido em *Outras relíquias*. No fólio seguinte, vê-se apenas a quarta estrofe precedida por uma parte da terceira estrofe, mas não se pode afirmar quantos versos dessa estrofe foram perdidos de fato.

<u>Canto VI</u>

Segue a lição do manuscrito.

Neste trecho, existem também várias rasuras, ilustrando os movimentos escriturais de busca pelo vocábulo mais adequado, como se vê nos exemplos abaixo:

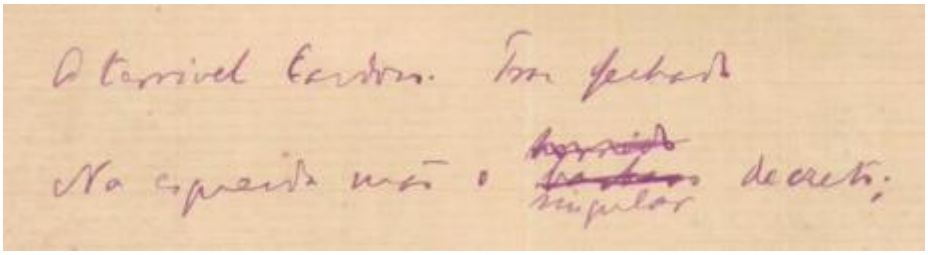


Figura 26 – Ms Alm, Imagem 115, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

O terrivel Cardoso. Traz fechado
~~horrido~~
Na esquerda mão o ~~barbaro~~ decreto;
singular

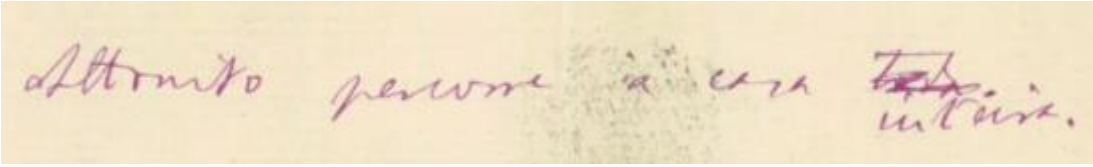


Figura 27 – Ms Alm, Imagem 116, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Attonito percorre à casa ~~toda~~.
inteira

Canto VII

Canto VII
Segue o manuscrito.

O Canto VII segue de perto o manuscrito. Nele, percebe-se um movimento que ocorre no poema inteiro: a substituição do nome do padre Fonseca para Veloso:

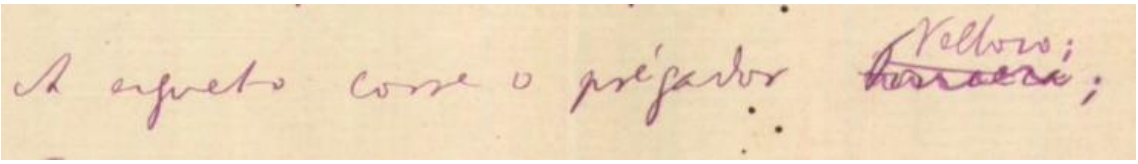


Figura 28 – Ms Alm, Imagem 138, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Velloso
A erguel-o corre o prégador ~~Fonseca~~;

Na reelaboração mostrada abaixo, é possível notar o prolongamento da duração da cena, já que, na versão rasurada, a notícia do encaminhamento da causa ao governo era rapidamente resumida pelo Lucas.

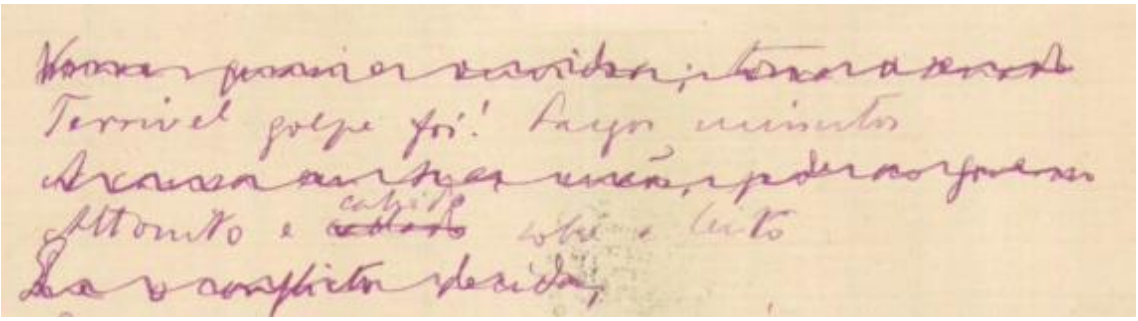


Figura 29 – Ms Alm, Imagem 139, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

~~Vence quasi o ouvidor; toma o senado~~
Terrivel golpe foi! Largos minutos
~~A causa em suas mãos, pede ao governo~~
cahido
Attonito e ~~callado~~ sobre o leito
~~Que o conflicto decida,~~

Vários movimentos escriturais apontam para uma busca de mais inversões, que tornam o verso mais rebuscado, mais complexo e mais difícil de ser compreendido, como se vê no exemplo abaixo:

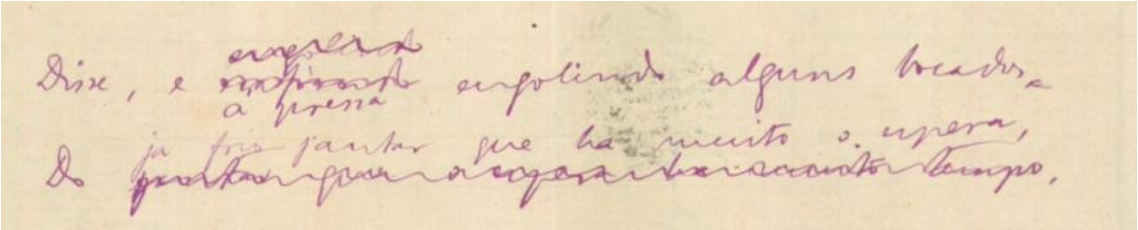


Figura 30 – Ms Alm, Imagem 144, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

engolindo
Disse, e ~~enfiando~~ engolindo alguns bocados~~,~~
à pressa

já frio jantar que ha muito o espera,
Do ~~jantar que o espera ha muito tempo,~~

Em outro momento, há a busca por um estilo formal, com a mudança da 3ª pessoa do singular para a 2ª pessoa do plural, mais condizente com a posição do personagem que fala:

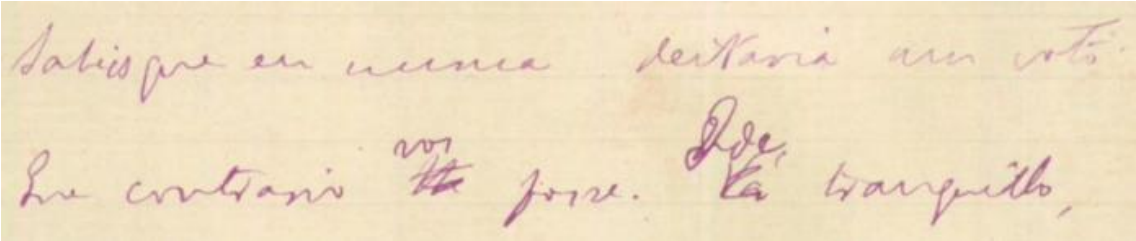


Figura 31 – Ms Alm, Imagem 151, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Sabeis que eu nunca deitaria um voto
vos Ide
Que contrario ~~lhe~~ fosse. ~~Vá~~ tranquillo,

Canto VIII

O Canto VIII segue o manuscrito, mas apresenta algumas diferenças em relação à numeração de estrofes, já que o manuscrito apresenta um lapso e não segue numeração ordenada.

Canto VIII
Segue o manuscrito, com renumeração de estrofes.

No exemplo abaixo, percebe-se a substituição do vocábulo de maneira a manter o verso decassílabo:

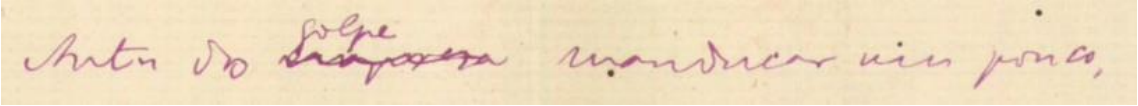


Figura 32 – Ms Alm, Imagem 159, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

golpe
Antes do ~~surpresa~~ manducar um pouco,

No exemplo abaixo, a inversão da ordem dos verbos sugere a busca de uma linguagem mais apurada:

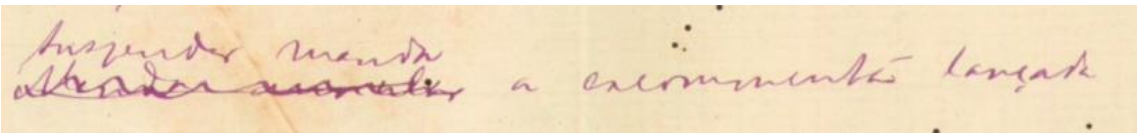
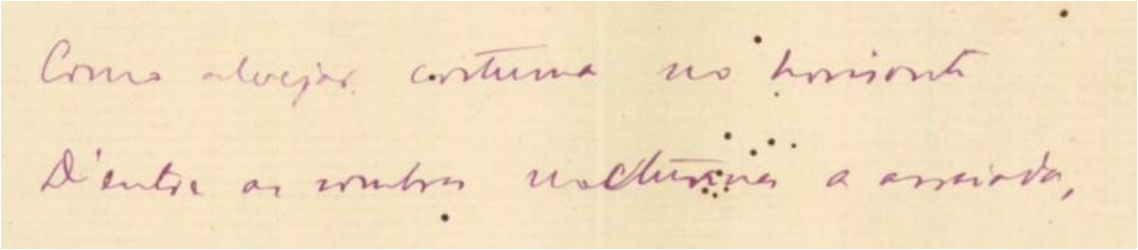


Figura 33 – Ms Alm, Imagem 163, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

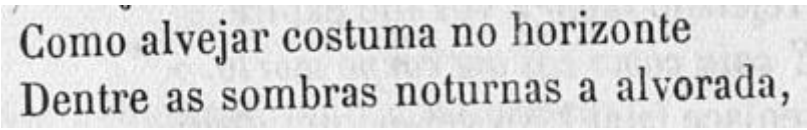
Suspender manda
~~Manda annular~~ a excomunhão lançada

Entre alguns erros tipográficos (como “sarrateira” em vez de sorrateira), sobressai uma diferença entre o que se lê no livro e o que está no manuscrito:



Como alvejar costuma no horizonte
D'entre as sombras nocturnas a anciada,

Figura 34 – Ms Alm, Imagem 165, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).



Como alvejar costuma no horizonte
Dentre as sombras noturnas a alvorada,

Figura 35 – *Outras relíquias* (1910), p. 202. (IEB).

Se lemos corretamente, no manuscrito está “anciada”, e não “alvorada”, como aparece em “O Almada”. Como essa última escolha parece fazer mais sentido no contexto da estrofe, podemos levantar a hipótese de hipercorreção do editor.

Outra diferença significativa está na inscrição “Fim do poema”, presente no manuscrito e não reproduzida em “O Almada”. Isso levou a muitas elucubrações sobre a incompletude do poema, que não teria sido terminado por Machado; entretanto, a inscrição do manuscrito desfaz esse equívoco.

Notas explicativas e inéditas

Ao final do manuscrito, há 35 fólios referentes a notas explicativas de determinados versos. Elas não trazem a página à qual se referem, o que é natural, já que não se podia ter ideia de qual seria a paginação do livro quando o manuscrito estivesse pronto para impressão. O escritor usou a notação “pag.” para assinalar essa informação, que seria acrescentada quando da composição do livro.

A estrutura que se observa nessas notas é a seguinte: a indicação “Nota” e o canto a que se refere entre parênteses. Em seguida, um conjunto que pode variar de um a quatro versos aos quais a nota faz remissão, seguido por reticências e pela abreviatura “pag.”.

Abaixo, um exemplo:

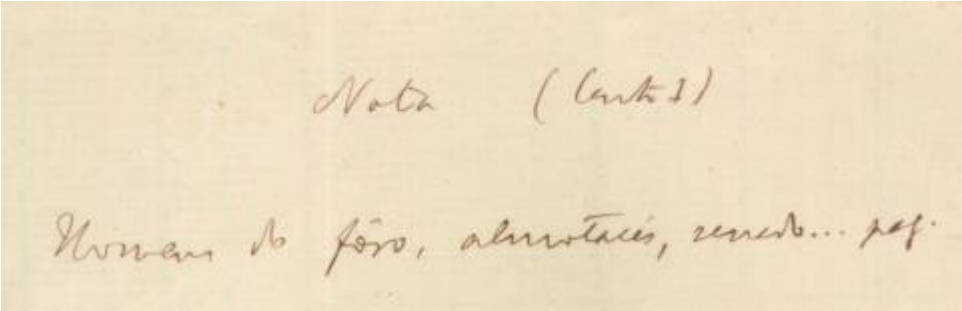


Figura 36 – Ms Alm, Imagem 175, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

A solução encontrada pelo organizador do manuscrito foi sinalizar no próprio verso, entre parênteses, o número correspondente à nota explicativa; no final do livro, foi reservada uma parte para essas notas, as quais foram divididas em cantos e numeradas conforme a ordem atribuída anteriormente aos versos. O conteúdo foi mantido de acordo com o manuscrito, com pequenas alterações, como se verá. Seis notas estão muito rasuradas e referem-se a estrofes perdidas; muito provavelmente, esses foram os motivos pelos quais elas foram rejeitadas pelo organizador.

Por causa das muitas renumerações de cantos e estrofes, várias notas foram renumeradas também, como ocorreu com a nota abaixo, que no manuscrito se refere ao Canto I e em *Outras relíquias* diz respeito ao Canto II:

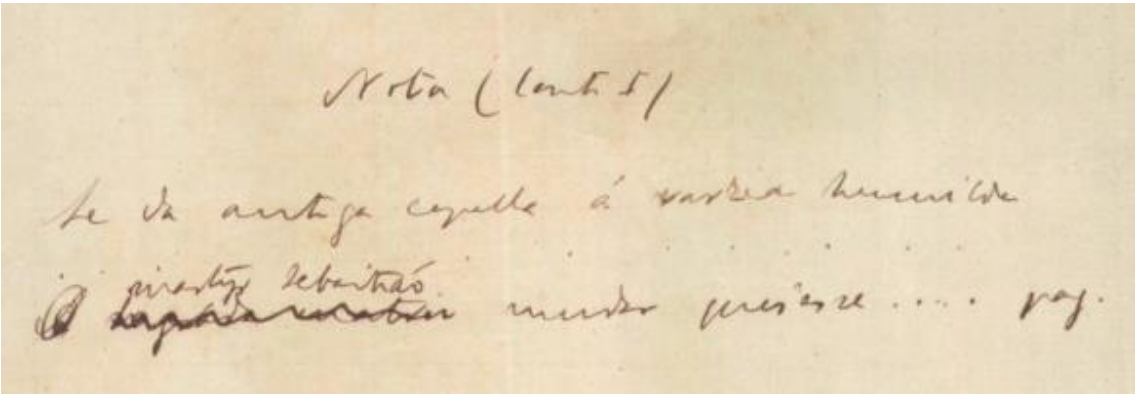
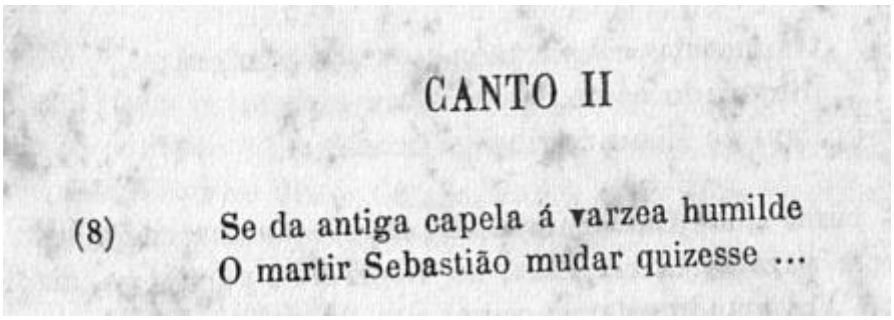


Figura 37 – Ms Alm, Imagem 184, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

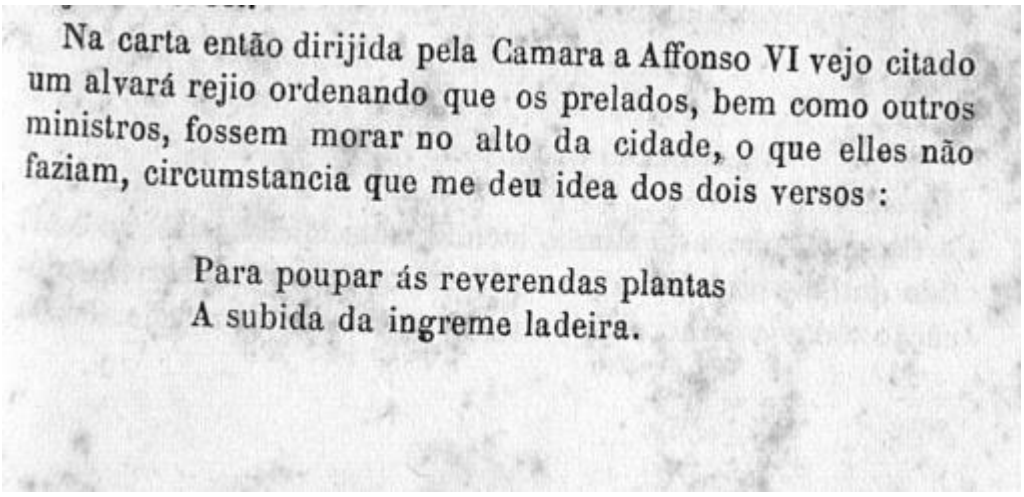


CANTO II

(8) Se da antiga capela á varzea humilde
O martir Sebastião mudar quizesse ...

Figura 38 – *Outras relíquias* (1910), p. 232. (IEB).

Ao final da nota 8, transcrita na imagem 186 e no excerto reproduzido abaixo do livro, o escritor conta como se baseou em uma carta escrita na época da ação do poema; essa carta narra o apelo da Câmara a Afonso VI para que os padres se mudassem para os lugares mais altos da cidade, o que eles, naturalmente, se recusavam a fazer. Segundo Machado, essa história lhe rendeu dois versos do poema. Esse é um dos poucos escritos que documentam seu processo de escrita de maneira tão clara:



Na carta então dirijida pela Camara a Affonso VI vejo citado um alvará rejio ordenando que os prelados, bem como outros ministros, fossem morar no alto da cidade, o que elles não faziam, circumstancia que me deu idea dos dois versos :

Para poupar ás reverendas plantas
A subida da ingreme ladeira.

Figura 39 – *Outras relíquias* (1910), p. 233. (IEB).

A nota 14 de "O Almada" tem uma peculiaridade. Embora no verso a que faz referência esteja escrito "Tão de longe vem já os maus costumes", na transcrição da nota o verso aparece da seguinte maneira: "Bem de longe vem já os maus costumes". A imagem 45 do manuscrito traz esse verso rasurado, o que, talvez, tenha causado a confusão:

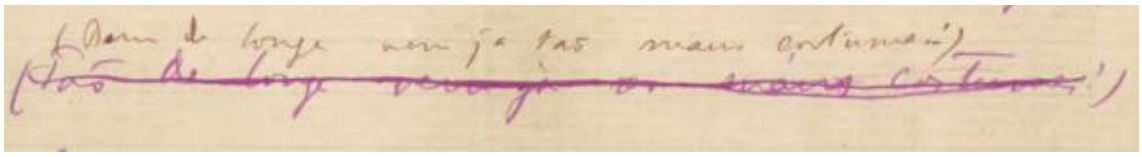


Figura 40 – Ms Alm, Imagem 45, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

(Bem de longe vem já tão maus costumes!)
(~~Tão de longe vem já os maus costumes!~~)

É possível também que a nota tenha redação anterior à correção de releitura que estabeleceu o verso que se inicia com “Bem de longe”. Desse modo, pode-se pensar que tenha havido hipercorreção do editor, que prefere a versão “Bem de longe”, corrigindo um possível lapso de Machado durante a elaboração da nota.

A nota presente na imagem 193 do manuscrito (correspondente à nota 14 de “O Almada”) suprime uma referência importante ao poeta satírico português Nicolau Tolentino. Os versos copiados por Machado aparecem no poema “Os amantes”, no qual o narrador, desiludido com as promessas do Amor, pede para que ele se dirija a outros e o deixe em paz:

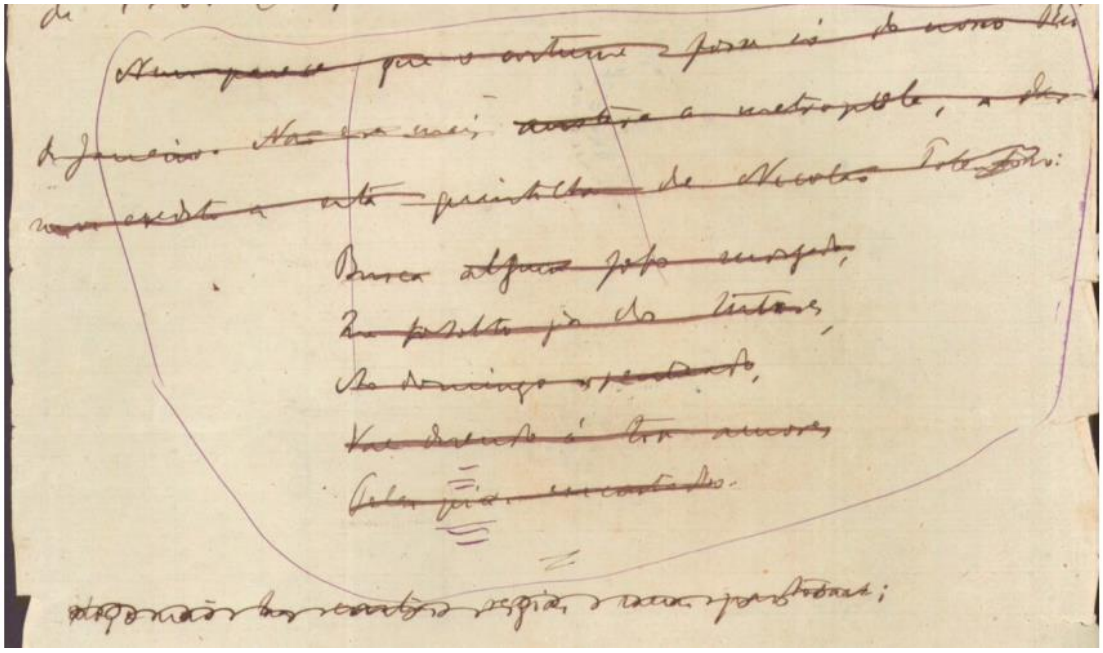


Figura 41 – Ms Alm, Imagem 193, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

~~Nem parece que o costume fosse só do nosso Rio de Janeiro. Não era mais austera a metropole, a dar novo *credito* a esta quintilha de Nicolao Tolentino:~~

~~Busca algum fofo morgado,~~
~~Que *já* solto já dos tutores,~~
~~Ao domingo penteado,~~
~~Vae dizendo á toa amores~~
~~Pelas pias encostado.~~

~~*Logo não há cartas régias nem pastoraes;*~~

Na nota da imagem 196 (correspondente à nota 16 de "O Almada"), que trata da iluminação da cidade do Rio de Janeiro no século XVIII, há o seguinte excerto:

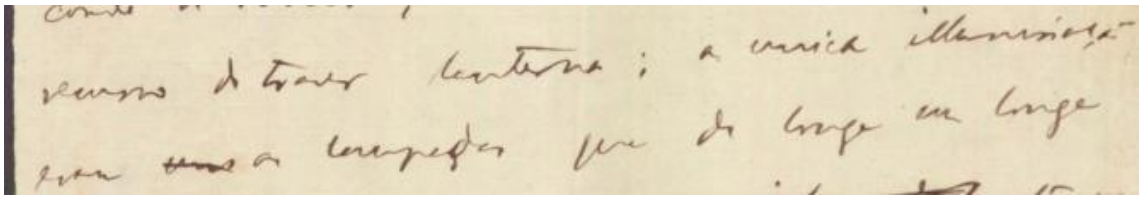


Figura 42 – Ms Alm, Imagem 196, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

recurso de trazer lanterna; a unica illuminação
eram ~~umas~~ as lampadas que de longe em longe

Em “O Almada”, o editor acrescenta a locução adverbial “de azeite” ao substantivo “lâmpada”. Como ilustrado, essa especificação não existe no manuscrito; trata-se de uma adição feita pelo organizador.

A nota 17 de “O Almada” não transcreve o restante da frase que consta do manuscrito – “bem como a população da cidade” –, sendo finalizada com a narração da ameaça à vida e à propriedade dos senhores de engenho. Todo o trecho rasurado no documento é significativo e vem reproduzido abaixo:

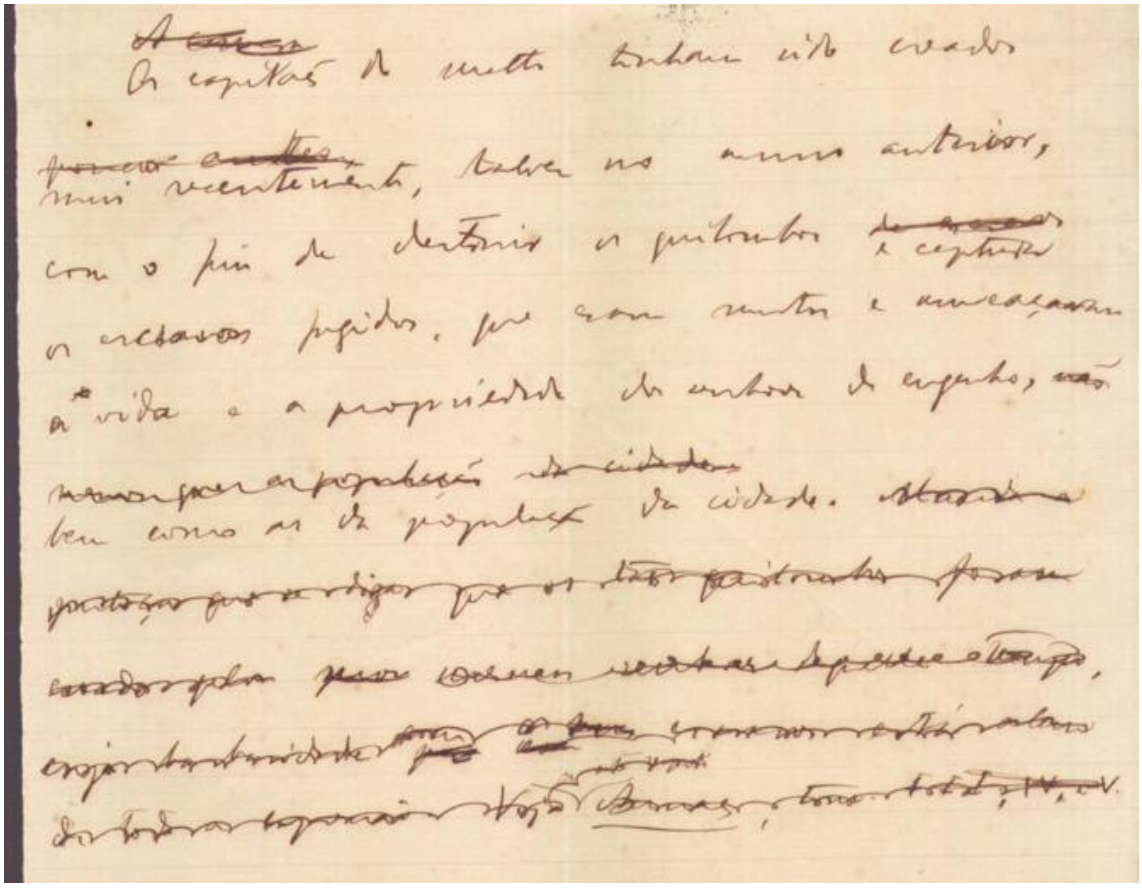


Figura 43 – Ms Alm, Imagem 198, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

~~A causa~~
Os capitães de matto tinham sido creados
~~pouco antes~~
mui recentemente, talvez no anno anterior,

com o fim de destruir os quilombos ~~de escravos~~
e capturar
os escravos fugidos, que eram muitos e ameaç*av*am

a vida e a propriedade dos senhores de engenho, ~~não~~

~~menos que a população da cidade.~~
bem como as da população da cidade. ~~Manda a~~

~~justiça que se diga que os taes quilombos foram~~

~~*creados* pelo *povo* [ileg.] [ileg.] daquelle tempo,~~
~~com os seus~~
~~cuja barbaridade [ileg.] [ileg.] escravos está *além*~~
~~a este respeito~~
~~de todo a *expressão*. Veja Annaes, tomo III, IV e V.~~

O trecho riscado no manuscrito faz uma espécie de defesa dos escravos, justificando a criação dos quilombos como modo de resistência e luta contra um sistema abusivo e desumano. As rasuras desse trecho sugerem a busca de uma crítica velada à opressão, o que se dá por meio da voz irônica do narrador, que inverte a posição entre opressores e oprimidos, atribuindo aos escravos a "ameaça" à vida dos pobres senhores de engenho e da população em geral. Em uma primeira leitura, a crítica sutil pode passar despercebida, mas a ironia é facilmente notada numa leitura mais atenta.

A nota 21 de "O Almada" (correspondente à imagem 205) apresenta duas variantes em relação ao manuscrito. A primeira, provavelmente um erro tipográfico, é um erro de concordância verbal que aparece na versão impressa: "aos collegios" (Manuscrito) > "aos collegio" (*Outras relíquias*). Em seguida, há a supressão do adjetivo "mercianas", presente no manuscrito na seguinte frase: "couves mercianas bem duras".

Devido à desorganização do manuscrito, é necessário reconstituir a ordem de uma importante passagem reelaborada para a publicação em livro, mas que tem outro formato no manuscrito. Segue a imagem 208, acompanhada da transcrição:

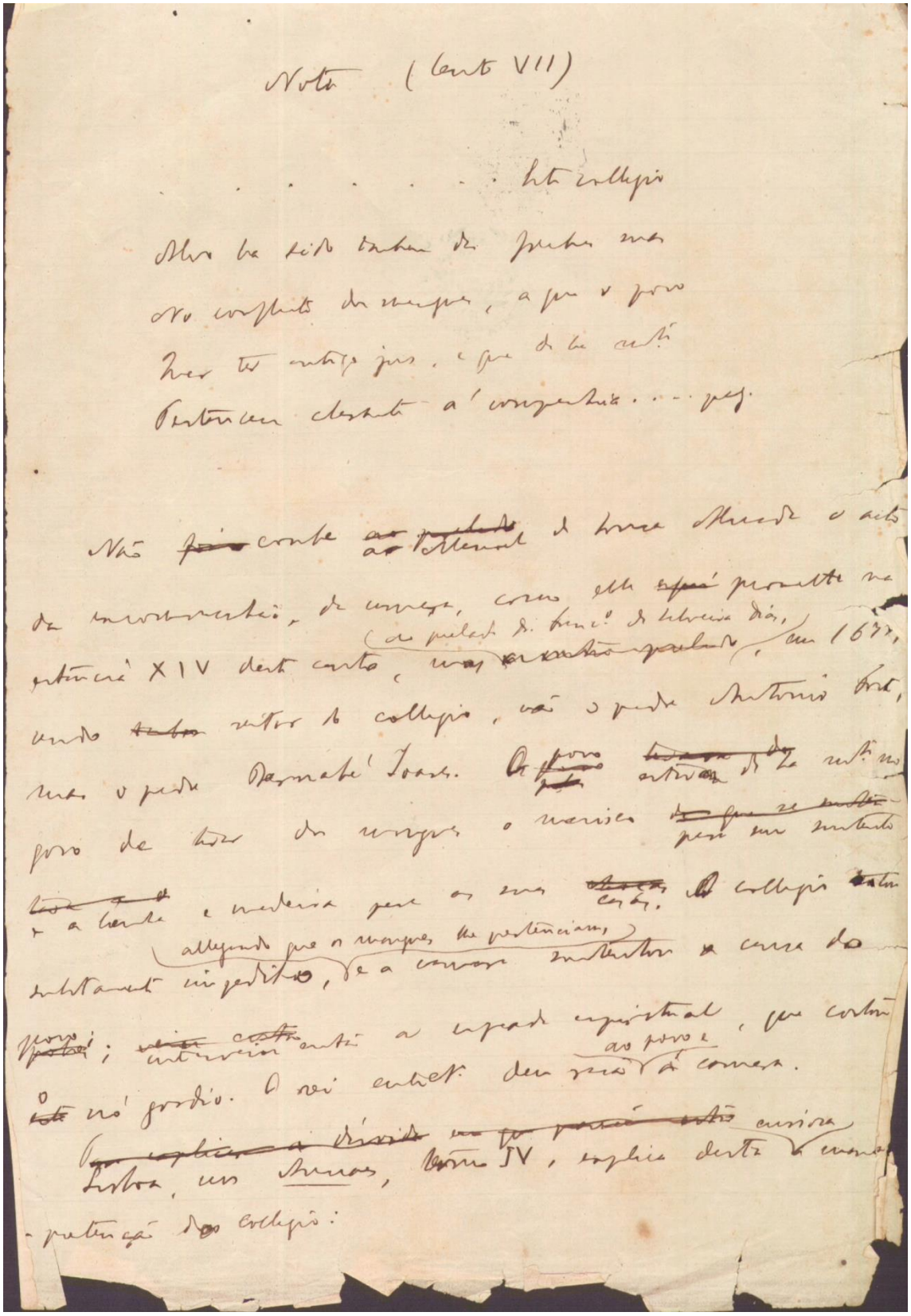


Figura 44 – Ms Alm, Imagem 208, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Imagem 208

Nota (Canto VII)

. . . . . Este collegio

Alvo ha sido tambem das frechas suas

No conflicto dos mangues, a que o povo

Quer ter antigo jus, e que de ha muito

Pertencem *claramente*| á companhia. . . . pag.

Não ~~foi o~~ coube ~~ao prelado~~ de Souza Almada o acto
ao Manuel
da excommunhao, da ameaça, como elle ~~enfim~~ promette na
ao prelado S. Franc.º da Silveira Dias,
estancia XIV deste canto, mas ~~a outro prelado,~~ em 1677,

sendo ~~[ileg.]~~ reitor do collegio, não o padre Antonio Forti,
povo *~~tentava~~* de
mas o padre Barnabé Soares. *O* ~~povo~~
~~pobres~~ estav*a* de ha muito no
gozo de tirar dos mangues o marisco ~~de que se susten-~~
~~tava , e~~ para seu sustento
e a lenha e madeira para as suas ~~[ileg.]~~. *O* collegio tentou
casas
allegando que os mangues lhe pertenciam,
subbitamente impedill-o, e a camara sustentava *a* causa d*o*
povo; *~~veio* [ileg.]~~
~~pobres~~; interveio então a espada espiritual, que cortou
o ao povo e
~~este~~ nó gordio. O rei entret. deu razão á câmara.

~~Para explicar a dúvida em que [ileg.] *estão*~~ curiosa
Lisboa, nos Annaes , t*o*mo IV, explica desta mane*ira*

a pretenção d*o* collegio:

A imagem 13, que aparece misturada com a Advertência, é a continuação desse trecho e traz uma transcrição, quase literal, de um trecho do livro *Anais do Rio de Janeiro*, tomo IV, p. 277:

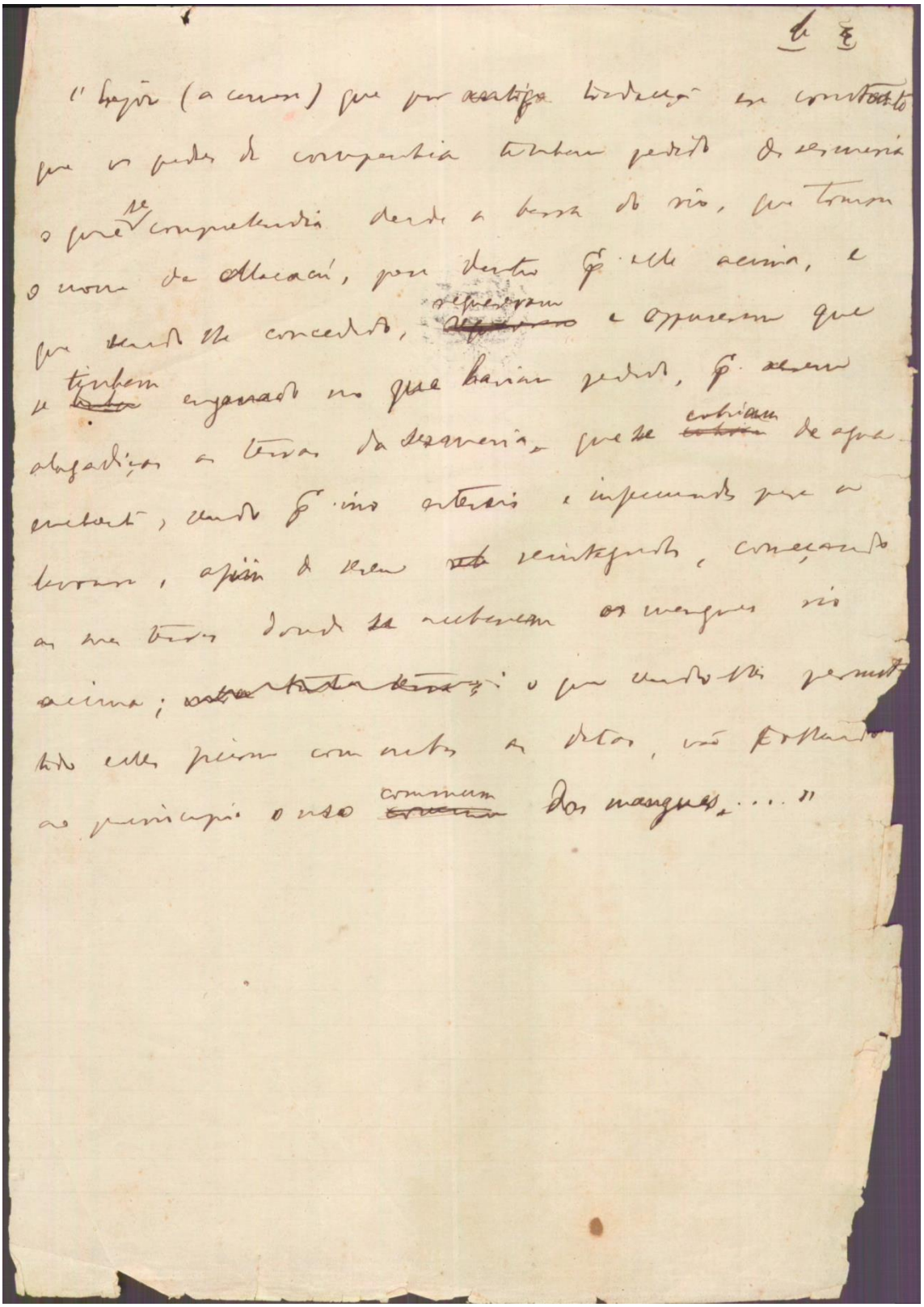


Figura 45 – Ms Alm, Imagem 13, [s/p] (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Imagem 13

b c

" Expôs (a camera) que por antiga tradição era constante

que os padres da companhia tinham pedido de sesmaria
se
o que comprehendia desde a barra do rio, que tomou

o nome de Macacú, para dentro p^{r}. elle acima, e
requereram
que sendo lhe concedido, ~~requereram~~ e oppuseram que |
tinham
se ~~tinha~~ enganado no que haviam pedido, p^{r}. serem
cobriam
alagadiças as terras da sesmaria que se ~~cobriam~~ de agua

enchente, sendo p^{r}. isso estereis e infecundas para a

lavoura, afim de serem ~~ret~~ reintegrados, começando

as suas terras donde se accabassem os mangues rio

acima; ~~outra tanta terra~~; o que sendo-lhes permit-

tido elles *ficaram* com ambas as datas, não *tolhendo*
commum
ao principio o uso ~~commum~~ dos mangues~~.~~ ...."

No texto de *Outras relíquias*, essa nota descrita nas imagens 13 e 208 não aparece. Existe apenas a estrofe XIII do canto VII, que trata da disputa pelo direito de exploração da terra, sem nenhuma anotação de que aquele episódio teria ligação com um elemento externo explicativo, qual seja, a nota que consta do manuscrito. Pelo fato de essa nota estar fora de ordem, distante da nota da imagem 208 onde há as estrofes do poema, é possível tomá-la como uma nota de leitura, seguindo a hipótese de Schoeps (2016):

> Podemos aqui considerar que a leitura de tal obra [*Anais do Rio de Janeiro*] e a subsequente anotação do excerto teriam como objetivo a realização de uma nota explicativa, como as muitas inseridas ao longo do poema; contudo, como se vê, o excerto foi condensado como uma alusão comparativa e integrado à trama ficcional na fala de uma personagem do poema, demonstrando um afastamento com relação à citação e uma apropriação daquilo que foi lido, já que o trecho aparece em vestígios, em traços tênues do discurso do outro transformado em discurso próprio, isto é, em discurso assimilado, tornado *seu*. Assim,

> vemos que, apesar de não efetivar praticamente nenhuma anotação na marginália de sua biblioteca, Machado era um leitor e pesquisador voraz que empreendia, antes de seus projetos literários, intensas leituras e anotações, incorporadas das formas mais explícitas até as mais discretas em sua obra, fazendo, portanto, parte de suas práticas de leitura e de escrita o procedimento de anotar. Nesse sentido, podemos imaginar dentro da ficção do manuscrito construída nesta tese, a exemplo desse fólio de citação encontrado no manuscrito de *O Almada*, a existência de inúmeras folhas de citações e anotações diversas, efetivadas de forma sistemática ao longo da vida do autor e correspondendo seja a leituras de caráter geral, seja à preparação prévia específica a cada uma de suas obras. (SCHOEPS, 2016, p. 142)

A argumentação é válida e consistente; no entanto, o objetivo original era sim transformar essa citação em nota explicativa ao leitor, conforme podemos verificar nas imagens 13 e 208 do manuscrito. Isso não aconteceu porque o organizador do texto de *Outras relíquias* desconsiderou a instrução.

Outras notas explicativas que constam apenas do manuscrito também não foram incluídas na edição de *Outras relíquias*. Pelo levantamento feito, são seis notas que existem apenas no manuscrito e que nunca foram publicadas com o poema. Duas dessas notas e mais uma que está desaparecida foram transcritas por Astrogildo Pereira no texto de 1959; as outras quatro seguiam inéditas até o momento, pelo que se sabe. A primeira nota inédita refere-se ao verso "Ou que uma nau da Bellicosa Hollanda" (imagem 197). Esse verso não aparece em nenhuma versão do poema e nem no manuscrito, o que confirma a hipótese de que há folhas perdidas desse documento. A nota está bem rasurada, mas é possível entender que ela discorre sobre os receios de uma invasão holandesa.

A segunda nota inédita diz respeito aos versos "[…] Tive irmãos; soldados foram/ Morreram todos na hollandesa guerra". Esses versos estão na estofe X do canto V de "O Almada" e no fragmento publicado em 1885 com o título "Trecho de um poema inédito". Nenhuma das duas versões, no entanto, inclui essa nota explicativa, que aparece completamente rasurada no manuscrito (imagem 200) e versa sobre a restauração de Pernambuco.

A terceira nota inédita (imagem 201), referente ao verso "Como aquelle cavallo da Escriptura", inclui uma longa descrição bíblica sobre o cavalo de Jó (*Jó*, 39, versículos 19-25) e também não aparece em nenhuma edição consultada de "O Almada".

A quarta nota inédita (imagem 202) também diz respeito a outro verso perdido ("E a plebe de hervas que juncava o solo"). Na explicação, o escritor esclarece que se baseou

na expressão “plebe de riachos”, uma metáfora de João de Barros, encontrada no livro *Décadas da Ásia*. Ele ainda faz uma anotação posterior na entrelinha, com tinta de outra cor, especificando a localização do trecho.

A próxima nota, já referida nas páginas anteriores, trata da situação dos padres e das sesmarias (imagens 13 e 208). Por fim, a sexta nota (imagem 209), que só existe no manuscrito, refere-se aos versos, também perdidos, “Curta saia de seda, alva cambraia,/ Que mal encobre o luzidio collo,/ Em africanas servas”. O trecho refere-se à situação de luxo em que viviam algumas escravas, o que motivou uma ordem por carta régia, em 1696, proibindo-as de vestirem roupas de tecidos finos (seda, cambraia ou renda) e adereços de ouro ou prata.

Essas duas notas citadas no parágrafo anterior são transcritas por Astrojildo Pereira. No texto dele, existe ainda mais uma nota que desapareceu. O autor explica que o verso “Da mal tecida rótula de palha…” pertencia ao canto VIII, mas não aparece nem no manuscrito nem no impresso. Existe apenas uma nota de Pizarro, transcrita por Machado:

> As rótulas das janelas, e portadas das casas inferiores, eram tecidas de palhas; e essas gelosias chamadas peneiras ou grupemas [*sic*], que se dependuravam no amanhecer, desapareciam com a noite. (PEREIRA, 2008, p. 120)

As filigranas

Em parte do manuscrito, mais precisamente em 46 folhas (cerca de 22% do total de fólios), é possível encontrar filigranas. A filigrana ou marca d’água pode ser definida como uma área de maior transparência, que se torna visível quando examinada a contraluz. Ela pode ser resultado do próprio processo de fabricação do papel (como as linhas d’água paralelas do papel avergoado) e pode também ser feita com o intuito de registrar alguma imagem ou inscrição na folha. Essa marca é feita com arames finos fixados na peneira usada para fabricar a folha de papel. Ela é muito útil para os estudos históricos porque permite a identificação de elementos tais como o local de fabricação e até mesmo a data aproximada de fabricação do papel (RODÉS, 1995a, p. 18).

Apesar de a marca d’água não conferir qualidade superior ao papel, segundo Ródes (RODÉS, 1995b, p. 57), as melhores fábricas utilizavam as filigranas no processo

de fabricação do seu produto, o que faz com que a presença de uma marca d'água esteja associada a papéis de boa qualidade.

Há bastante documentação sobre as marcas d'água dos séculos XII ao XVIII, incluindo bancos de dados online[19] e referências bibliográficas consagradas; no entanto, não há muitas publicações sobre as filigranas do século XIX, que nessa época já estavam em desuso.

Nos papéis que compõem o manuscrito do poema herói-cômico, foram identificadas as seguintes marcas d'água: Wisconsin Bond MMC, L-JDL&Cº, Al Masso, Smith & Meynier e Fiume. Um breve histórico de cada uma delas será apresentado a seguir. Antes, porém, ressalta-se a metodologia usada para a datação das marcas d'água. Foi usado o método clássico de comparação com outros documentos que possuíam a mesma filigrana e estavam datados para estabelecer a janela de tempo possível na qual o papel tenha sido usado. Para tanto, foi necessário consultar teses, dissertações, catálogos de manuscritos e também bancos de dados online, como o CAHIP (Conservación, Análisis e Historia del Papel).[20]

Wisconsin Bond MMC

As folhas introdutórias aos cantos (imagens 19, 25, 42, 153) possuem a marca d'água Winconsin Bond MMC e não têm pontusais[21] ou vergaturas,[22] o que sugere fabricação tardia do papel, quando as técnicas de fabrico estavam mais avançadas. Segundo Ataíde e Melo, no livro *O papel como elemento de identificação*, "À medida que a fabricação progride, tanto mais a finura do papel aumenta, e tanto mais também a vergatura se torna fina e serrada" (ATAÍDE E MELO, 1926, p. 15). Sabe-se, no entanto, que esse não é um fator decisivo para determinar a idade do papel, já que é possível reproduzir essas linhas d'água mesmo nos dias de hoje.

---

[19] Consultar, por exemplo, o excelente catálogo disponível em: <www.paperhistory.org/Watermark-catalogues/>. Último acesso em: 10 ago. 2019.

[20] Disponível em: <www.cahip.org/archivo>. Último acesso em: 10 ago. 2019.

[21] "PONTUSAIS – no fabrico manual de papel, pequenas varas de madeira ou de metal que unem os dois lados da moldura da forma e que sustentam o fio de latão que constitui o seu fundo. Na forma, os fios transversais, os pontusais, apresentavam-se separados por vários centímetros – linhas claras e espaçadas que aparecem à transparência no papel manual e que cortam perpendicularmente as vergaturas" (FARIA e PERICÃO, 2008, p. 586).

[22] "VERGATURAS – fios de latão colocados no fundo da forma no processo de fabrico de papel na cuba. Na forma os fios longitudinais, as vergaturas, apresentavam-se separados por uma pequena distância, alguns milímetros, e cruzavam-se com os pontusais. Essas linhas cerradas e paralelas aparecem por transparência no papel fabricado deste modo. […]" (FARIA e PERICÃO, 2008, p. 725).

Ao longo da pesquisa, não foi encontrada exatamente essa marca d'água, mas apenas Wisconsin Bond (sem MMC), pertencente à fábrica American Writing Paper Company (Registry of Water Marks and Trade Marks, 1903), que começou a funcionar em 1899 e chegou a controlar 75% de toda a produção de papel nos EUA.

Apesar de a maior parte da empresa estar estabelecida em Massachusetts, existiam também moinhos em outras cidades, como em De Pere, no estado de Wisconsin (AMERICAN WRITING PAPER COMPANY, 1922, p. 1), o que pode explicar parte do nome dessa marca d'água, já que era comum que o local de fabricação aparecesse na filigrana. No entanto, esse esclarecimento não é definitivo, uma vez que existiam papéis da American Writing Paper com nomes de cidades que não tinham moinhos, como Aberdeen e Alberta.

A explicação sobre o MMC não está tão clara; uma hipótese é que essas letras se refiram às iniciais de algum cliente ou empresa importante que, por uma quantia de dinheiro, tenha solicitado o monograma impresso na folha.

No Brasil, constam no *Diário Oficial da União* notícias de compra desse papel no período de 1913 a 1926. Por exemplo, em 2 de abril de 1913, num edital para fornecimento de material de escritório para a Estrada de Ferro Central do Brasil, encontra-se o pedido de 10 resmas da marca Wisconsin Bond MMC (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 1913). Essa mesma filigrana – Wisconsin Bond MMC – aparece também em um manuscrito de Fernando Pessoa, datado de 12 de junho de 1914 (PESSOA, 2016, p. 377).

Portanto, essas informações derrubam a hipótese de que o MMC tenha sido feito por encomenda de algum cliente específico, já que papéis desse tipo estão espalhados no tempo e no espaço. Outra hipótese a ser considerada é a de que as iniciais se refiram ao fabricante, embora tal marcação fosse mais comum na contramarca e não na marca d'água, conforme (CARTER e BARKER, 2004):

> As iniciais ou o nome do fabricante, o local ou data de fabricação, se adicionados, costumavam aparecer na *contramarca*, uma unidade menor e subsidiária introduzida no século XVII, geralmente localizada no metade oposta da folha em relação à marca d'água, propriamente. (CARTER; BARKER, 2004, p. 230, tradução nossa, grifo do original)[23]

[23] "*The maker's name or initials, the place or date of manufacture, if added, were more apt to be embodied in the* countermark*, a subsidiary and smaller unit introduced in the 17th century, generally placed in the opposite half of the sheet to the watermark proper*" (CARTER; BARKER, 2004, p. 230, grifo do original).

O papel do tipo Bond era feito com trapos de algodão e era muito apropriado tanto para a escrita quanto para a datilografia. No livro *Handbook of quality-standard papers*, entende-se que este papel que levava a marca d'água Wisconsin Bond era um papel "5th grade", o que significa que era bem resistente e feito para durar mais tempo (em uma escala de 1 a 9, sendo 1 o mais resistente).

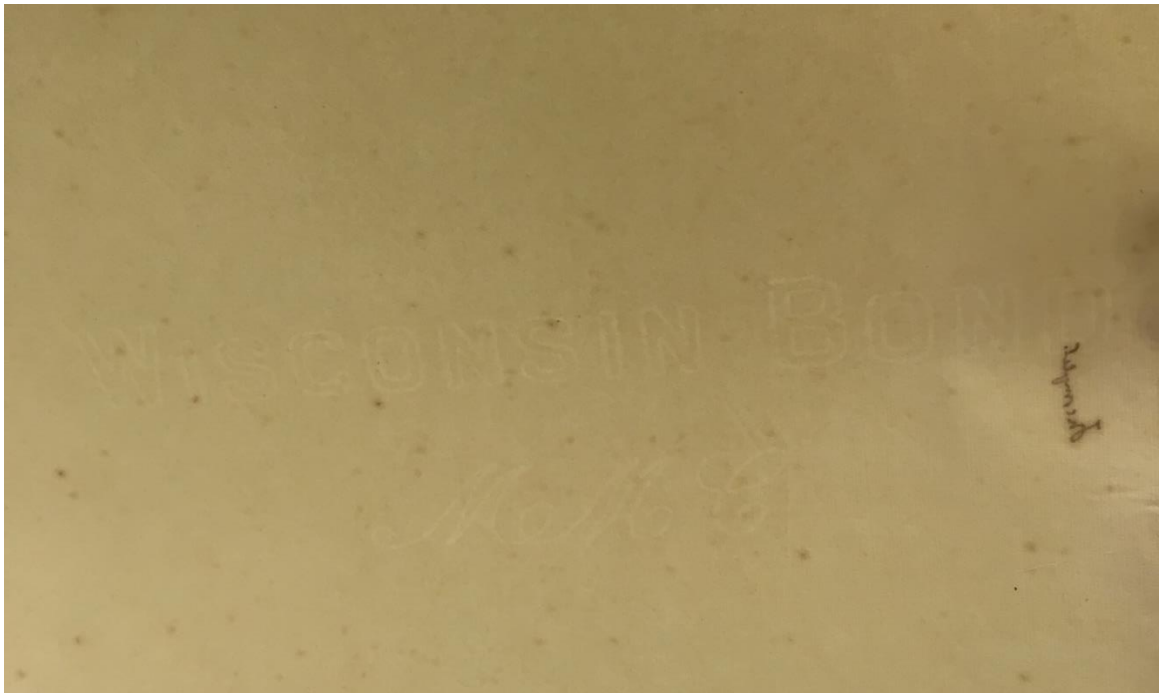


Figura 46 – Marca d'água "Wisconsin Bond MMC" presente na imagem 19 do manuscrito (ABL, Arquivo Múcio Leão).

L-JDL&Cº

A marca d'água L-JDL&Cº aparece em três fólios do manuscrito (imagens 44, 45 e 127). O papel é de fabricação francesa e a sigla corresponde às iniciais dos nomes dos donos; Laroche-Joubert, Domergue e Lacroix. A família Lacroix foi uma das mais importantes na fabricação e comércio do papel francês no século XIX.

Essa filigrana só começou a ser usada após 1852, quando foi feita uma sociedade com o importante fabricante Adolphe Lacroix. Por conseguinte, foi acrescentada uma letra L à marca anterior, passando de L-JD&Cº para L-JDL&Cº (BALMACENA, 2007). Foram encontrados outros documentos com essa marca d'água datados de 1867, 1870, 1872, 1878 e 1888.

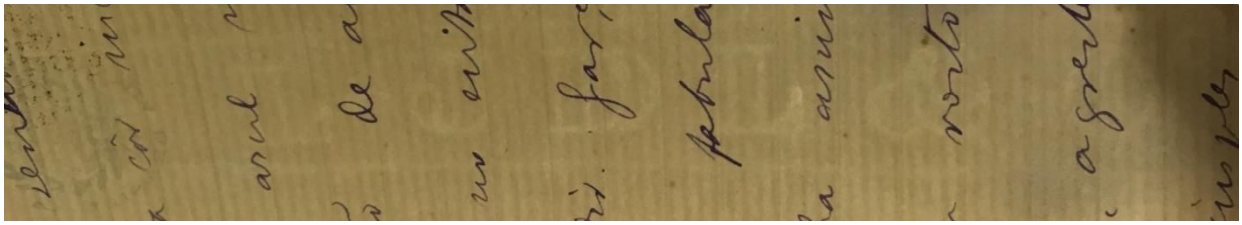


Figura 47 – Marca d'água "L-JDL&Co" presente na imagem 44 do manuscrito (ABL, Arquivo Múcio Leão).

Smith & Meynier

Outras marcas d'água encontradas foram: Al Masso, Smith & Meynier, Fiume e um desenho de uma estrela de seis pontas. Somadas, elas aparecem em 36 folhas do documento. Verificou-se que pertencem todas a um mesmo grupo. Al Masso se refere ao tipo de papel;[24] Fiume é a cidade onde o moinho estava localizado; e Smith & Meynier, o fabricante. Esse moinho na Croácia foi comprado pelos ingleses Walter Crafton Smith e seu sócio Charles Meynier que, em 1829, registraram a marca Smith & Meynier.[25] Eles investiram bastante em tecnologia, o que rendeu vários prêmios pela qualidade do papel produzido nessa fábrica. A fábrica foi construída na cidade de Rijeka, também chamada de Fiume em italiano e húngaro, por isso a marca d'água traz esse nome também.

Outra informação muito útil foi a imagem abaixo, do *Diário Oficial da União* de 27 de maio de 1900, que traz exatamente o desenho das filigranas encontradas nesses papéis e as agrupam numa mesma marca registrada.

[24] "PAPEL ALMAÇO – papel grosso, branco ou levemente azulado, que serve para documentos, registros, livros de contabilidade, etc. Diz-se do formato peculiar a esse papel (330 x 440 mm), cuja folha dobrada ao meio dá as dimensões exigidas para os papéis destinados à correspondência oficial." (FARIA e PERICÃO, 2008, p. 548)

[25] Informações retiradas do site do museu da cidade de Rijeka. Disponível em: <www.muzej-rijeka.hr/tvornica-papira/kronologija.html>. Acesso em: 31 ago. 2018.

MARCAS REGISTRADAS

SMITH & MEYNIER

FIUME AL MASSO

N. 947

Smith & Meynier, estabelecidos em Fiume, Reino da Hungria, apresentam a marca supra, que consiste em uma estrella de seis pontas, tendo por baixo a palavra *Al Masso* e á esquerda as palavras *Smith & Meynier*, na parte superior, e *Fiume* na parte inferior. Esta marca, que póde variar em suas dimensões, applica-se, impressa em transparencia, no papel e productos cartonaceos, da fabricação dos depositantes. — Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1899.—Como procuradores : *Jules Géraud & Leclerc* (sobre uma estampilha no valor de 300 réis). Apresentada na Secretaria da Junta Commercial da Capital Federal às 2 horas da tarde de 26 dezembro de 1899.—O secretario, *Cesar de Oliveira*. Registrada sob n. 947 por despacho da Junta Commercial em sessão de hoje. Pagou no primeiro exemplar 6$600 de sello por estampilhas.— Rio de Janeiro, 21 de maio de 1900.— O secretario, *Cesar de Oliveira*. (Ao lado achava-se o carimbo da Junta Commercial da Capital Federal.)

Figura 48 – *Diário Oficial da União*, 27 de maio de 1900 (Diário Oficial da União, 1900).

A explicação para que essas inscrições apareçam separadas é que se trata de papel almaço, que foi cortado ao meio, dividindo-se, portanto, as marcas d'água.

Machado escreve em suas crônicas sobre a preparação desse papel. Por exemplo, em 25 de julho de 1864 lê-se sobre as tiras de papel cortado: "Assim, mil fantasias de ordem poética atravessavam o meu espírito, e eu estava longe de pensar nas tiras de papel almaço que tenho agora diante de mim, e que espero enchê-las ao acaso – se Deus quiser" (ASSIS, 2015d, p. 137).

Essa mesma marca d'água foi encontrada em documentos diversos dos mais diferentes tipos, com datação que variava de 1843 até 1894.

Considerações sobre o papel

As diferentes filigranas e os variados instrumentos de escritura (lápis, tinta preta e azul), assim como as diferentes caligrafias existentes no manuscrito evidenciam que esse poema não foi escrito de uma só vez e que passou pela mão de outras pessoas além de Machado de Assis.

Outro dado que fica comprovado é o fato de que as folhas introdutórias aos cantos foram feitas posteriormente à finalização do manuscrito. Considerando que a marca d'água Wisconsin Bond MMC seja a mesma Wisconsin Bond, da fabricante American Writing Paper, devido à datação dos documentos encontrados com a mesma marca, essas

folhas introdutórias aos cantos (imagens 19, 25, 42 e 153) são mais recentes, possivelmente de meados do ano de 1900, o que, junto com a caligrafia diferente, sustenta a hipótese de que foram escritas por outra pessoa que não Machado de Assis.

Entretanto, ainda sobram muitas incertezas.

Não é possível datar exatamente cada folha do manuscrito, por várias razões: nem todos os fólios possuem marca d'água; algumas filigranas coincidem nas datas de fabricação e uso, desconhece-se se o papel era comprado em lote e guardado para ser vendido ao longo dos anos. Existia, portanto, um período de armazenamento desconhecido que dificulta o estabelecimento da data exata de quando cada folha foi escrita. Tal constatação pode ser confirmada pela citação de Maria José Ferreira dos Santos (2014), no artigo "Marcas de água e história do papel":

> Naturalmente que ao ano de fabrico do papel, há que somar a possibilidade do uso das mesmas formas de produção em anos posteriores ao da data filigranada, sem esquecer os períodos de armazenamento, quer na própria fábrica, quer nos depósitos dos comerciantes ou no consumidor final, e sem esquecer também os tempos inerentes aos transportes. Por todas estas razões, é comum encontrarmos nos arquivos papel que foi utilizado decorridos vinte anos da sua data de fabrico. (SANTOS, 2014, p. 3)

Até a folha 47 do manuscrito, tudo que foi escrito em tinta preta levava a marca d'água Fiume e Al Masso, o que sugere uma campanha de escritura[26] única. As folhas com a marca d'água L-JDL&Cº (imagens 44, 45 e 127) foram escritas, provavelmente, entre 1852 e 1888. Toda a introdução, até a imagem 18, não possui marca d'água, o que corrobora a hipótese de outra campanha de escritura.

Ao considerar os trechos do manuscrito publicados durante a vida do autor, é possível ter mais um elemento que auxilie na datação do texto. Uma folha da introdução de "A assuada", publicada na *Revista Brasileira* em 1879, faz parte do manuscrito e está fora de ordem, agrupada junto com as notas explicativas (as quais nunca foram publicadas em vida). Em 1885, saiu, na revista *A Estação*, um agrupamento de versos com o título

[26] "CAMPANHA DE ESCRITURA – operação de escritura correspondendo a uma certa unidade de tempo e de coerência escritural; depois de uma interrupção mais ou menos longa pode começar uma nova *campanha de escritura*, que frequentemente implica uma reescritura" (GRÉSILLON, 2007, p. 329).

“Trecho de um poema inédito”. Finalmente, em 1901, no livro *Poesias completas*, foi publicado o “Velho fragmento”.

Nas publicações “A assuada” e “Velho fragmento”, um conjunto parecido de versos, que correspondem, em partes, ao canto III publicado em *Outras relíquias* (1910), está presente, com variações, algumas importantes, outras de menor monta. O trecho parece, então, ser a espinha dorsal de um texto retrabalhado por Machado durante esses vários anos, de 1875 a 1901 (ou além), pelo menos.

Pode-se afirmar, portanto, que o estudo da materialidade do suporte de escrita e sua história editorial, atestam que esse manuscrito é muito mais heterogêneo do que se havia pensado e que esse texto foi acompanhado de perto por Machado ao longo de muitos anos, sofrendo também modificações feitas por outra(s) pessoa(s) quando da organização das folhas introdutórias aos cantos para posterior publicação em *Outras relíquias*.

A transcrição do manuscrito: decisões editoriais

Pretende-se, com a edição apresentada a seguir, contribuir para uma maior divulgação e abrangência desse poema herói-cômico e também discutir alguns conceitos relacionados com a crítica textual suscitados por esse processo. Uma questão que se coloca é o conceito de genuinidade do texto ou “última vontade do autor” (SPINA, 1977). Trata-se de conceitos altamente questionáveis, ainda mais por se tratar de um manuscrito que nunca foi publicado na íntegra durante a vida de Machado de Assis. Como lembra Castro (2001), essa intenção autoral pode ter permanecido em segredo o tempo todo e, provavelmente, nunca saberemos qual foi. Nesse sentido, o foco deste trabalho passa da “intenção final do autor” para os aspectos colaborativo, material e social da produção dos textos.

Além disso, todas as decisões editoriais alheias ao autor, tomadas durante o processo de produção desses textos, são elementos importantes a considerar. Jerome McGann, no livro *A critique of modern textual criticism*, afirma sobre o conceito de intenção autoral:

> Como o conceito de intenção autoral não encontra uma compreensão clara e inequívoca na realidade das circunstâncias de produção, ele não

> pode ser usado como a medida final para determinar decisões editoriais. (MCGANN, 1992, p. 55, tradução nossa)[27]

O texto é considerado, então, "entidade polivocal, caracterizada por uma densidade resultante não apenas das manifestações recursivas da linguagem, mas da rede de intenções que vão construindo as suas formas finais" (LOURENÇO, 2009, p. 188).

Antes de avançar, é preciso ter em mente que nenhum trabalho de transcrição é "neutro", mas sempre modelado pelo olhar do pesquisador (HAY, 2002, p. 37), desde o recorte feito até a escolha dos símbolos que representarão os movimentos escriturais; todas essas escolhas afetam, em maior ou menor grau, os sentidos. Sabe-se, igualmente, que transcrever não é apenas um trabalho manual, mas uma leitura tão intelectual quanto outras leituras (PINO e ZULAR, 2007, p. 31).

Tem-se a consciência de que a transcrição feita nesta tese tem suas limitações e não pretende, de maneira, alguma, "esgotar" a análise desse manuscrito, já que, como afirma Hay (2002, p. 35),os manuscritos "possuem uma realidade refratária a qualquer interpretação especulativa e uma riqueza que nenhuma tentativa de análise pode esgotar".

Na segunda parte da tese, o objetivo é apresentar a edição fac-similada do manuscrito, acompanhada de uma transcrição diplomática desse documento. A edição fac-similar traz as cópias digitalizadas do manuscrito; a transcrição serve para auxiliar a decodificação do que está escrito na folha, já que, muitas vezes, a letra do escritor mais as rasuras apresentam grande dificuldade de leitura. Uma transcrição diplomática busca reproduzir rigorosamente a lição de um testemunho, mantendo, por exemplo, a ortografia, pontuação, fronteiras de palavra e erros, tais quais se apresentam no texto original.

Optou-se pela transcrição diplomática porque ela representa de modo mais fiel o manuscrito. Segundo Grésillon (GRÉSILLON, 2007, p. 170-171), existem alguns pontos importantes a se considerar nesse tipo de transcrição, tais como: a reprodução da ortografia e pontuação originais, assim como os sinais metaescriturais; e a apresentação do original fac-similar ao lado da transcrição. Essa é uma tentativa de procurar representar a multidimensionalidade e polimorfia do documento, embora se reconheça que existem

[27] "*Because the concept of author's intention does not find a clear and unambiguous purchase in the reality of those productive circumstances, it cannot be used as the ultimate measure for determining editorial decisions*" (MCGANN, 1992, p. 55).

restrições e distâncias insuperáveis; nunca uma transcrição, ou mesmo um fac-símile, substituirá o manuscrito.

Portanto, ao lado de cada imagem reproduzida, o leitor poderá visualizar a transcrição do manuscrito digitalizado, o que lhe permite comparar, corrigir, questionar ou concordar com as escolhas feitas.

O leitor verá o título da imagem com a numeração correspondente e, logo abaixo, a reprodução do fólio. Na página seguinte, poderá acompanhar a transcrição da imagem correspondente. A página da transcrição está dividida por uma barra lateral direita na qual estarão os comentários a respeito da materialidade do trecho em questão. À parte de elementos gráficos não textuais, como rabiscos, todos os demais elementos, como pontuação, ortografia, acentuação e quebra de linhas, foram respeitados e transcritos conforme o manuscrito. As rasuras foram representadas por um tachado. Quando possível, transcreveu-se o que estava por baixo do traço; em outros casos, usou-se a indicação [ileg.] para trechos ilegíveis.

Em resumo, os critérios para transcrição são os seguintes:

1) letras e palavras sobrepostas serão representadas em itálico;

2) a rasura será reproduzida pelo seu significante tachado;

3) acréscimo interlinear será representado no espaço entre linhas correspondente;

5) nos trechos ou palavras ilegíveis será feita a marcação [ileg.];

6) marcações a lápis serão representadas pela cor cinza;

7) hipóteses de leitura serão assinaladas com asterisco;

8) as abreviaturas não serão desenvolvidas;

9) observações sobre a materialidade do manuscrito serão feitas à direita do texto transcrito.

A letra de Machado de Assis, muitas vezes, é de difícil decodificação. Em muitos momentos, é difícil afirmar quando se trata de uma letra “v” ou de uma letra “r”; o uso de “z” e “s” entre vogais também gera dúvidas. Além disso, temos as rasuras, o que pode resultar em trechos praticamente ilegíveis.

Não se tem aqui a pretensão de chegar exatamente ao que o “autor quis dizer” (vários críticos já teorizaram precisamente sobre a falácia dessa afirmação, ver Castro (2001), por exemplo) ou descortinar o passo a passo do “processo de criação” da obra, por algumas razões exemplificadas a seguir.

Antes de tudo, como afirma Genette (1987), é necessário lembrar que só temos acesso ao prototexto, ou seja, ao conjunto de papéis, rascunhos, roteiros deixados pelo escritor e organizados pelo pesquisador, os quais correspondem à preparação de uma obra. Portanto, não é possível elaborar uma hipótese que dê conta do processo de criação de uma obra e que permita reconstruir esse percurso, visto que o que existe é uma ficção construída, já de antemão, pelo próprio autor. Como afirma Genette, ao elaborarmos um prototexto, é necessário ter em mente o seguinte: "Eis aqui aquilo que o autor *deixou* saber de como ele escreveu esse livro" (Genette, 1987 *apud* PINO, 2004, p. 84).

Segundo ponto a ser lembrado: os papéis perdidos ou as partes faltantes do dossiê serão, até segunda ordem, sempre uma incógnita para o pesquisador. Ele poderá até questionar qual seria o conteúdo desses fólios e por que desapareceram, mas fará nada mais do que suposições. Essas considerações são importantes porque relativizam nosso olhar ao lidar com as práticas de escrita.

Como afirma Michel de Certeau, na tentativa de reconstituir o processo de escrita de *Moisés e o monoteísmo*, de Freud, é preciso ter em mente que o próprio processo constrói "outra lenda" no texto:

> Através do meu relato oblitero a falha, traçada desde o começo, que organiza a forma desse texto disseminado em fragmentos e que se repete no seu conteúdo com a obsedante menção de 'lacunas', com a pontuação de contradições a partir das quais se desenvolve […]. Eu o trago de volta a uma linearidade que o denuncia. (CERTEAU, 2017, p. 335-336)

Feitas essas observações, o leitor poderá acessar a transcrição diplomática do manuscrito na segunda parte da tese.

Considerações finais

Esta tese discorreu, em um primeiro momento, sobre o desconhecimento do poema herói-cômico machadiano, intitulado, postumamente, "O Almada"; poucos foram os estudos dedicados a ele, apesar de oferecer um campo vasto de possibilidades de pesquisa. Também foi feita uma reflexão sobre a edição desse (proto)poema ao longo do tempo e sobre a repetição de erros no decorrer da transmissão da obra.

No primeiro capítulo, explorou-se, com mais profundidade, a relação entre Machado de Assis e Mário de Alencar, por meio das cartas trocadas entre eles. Outros documentos, como as atas da ABL e notícias de jornal, ajudaram a traçar a cronologia mais ou menos difusa da transmissão do manuscrito e sua história editorial. Nesse capítulo refletiu-se sobre o arquivamento do escritor e o movimento de autoconsagração iniciado pelo escritor-editor Machado de Assis.

Em seguida, no segundo capítulo, foi apresentado o modo como Machado de Assis aproveitou as referências dos modelos do passado para emulá-los. Ficou demonstrada, por meio das crônicas, como, em particular a obra *O hissope* era admirada por Machado. Depois, analisaram-se os quatro momentos de publicações do poema herói-cômico machadiano; três em vida do autor, e o último, postumamente. Pôde-se ver como Machado reaproveitou elementos históricos, satirizou situações da época e sintetizou os versos mais importantes para ele em "Velho fragmento". Em todos os fragmentos publicados, como foi demonstrado, aparece a questão da escravidão, em maior ou menor grau. A coletânea póstuma *Outras relíquias* foi analisada a partir da tentativa de contenção do manuscrito e dos problemas de edição e de autoria que esse movimento trouxe consigo.

O terceiro capítulo analisou e descreveu com detalhes o manuscrito em posse da Academia Brasileira de Letras, bem como trouxe contribuições inéditas a respeito da materialidade desse documento. Também foi feita uma comparação minuciosa entre o texto contido nesse documento e aquele publicado no livro de 1910, a fim de esclarecer o método de composição seguido pelo(s) organizador(es) do volume.

Por fim, na segunda parte da tese, apresentou-se a transcrição diplomática e fac-similar da obra, elucidando quais os critérios usados neste trabalho e trazendo discussões a respeito desta edição.

A busca pela gênese, pela unidade e pelo sentido completo desse texto chegou a ser um objetivo no início deste trabalho. Tal jornada se mostrou, em um primeiro

momento, frustrante e, posteriormente, sem sentido. Como afirma Louis Hay (2002, p. 216), “a criação não é um processo de acumulação, mas de renúncia. A gênese é uma série de sacrifícios”, pôde-se experimentar na prática tal afirmação durante a construção desta tese. A falta de unidade e dispersão cronológica do manuscrito foram, inicialmente, problemas relevantes para o andamento da pesquisa. Outra dúvida que causou bastante inquietação diz respeito à impossibilidade de afirmar com certeza quem foi/foram o(s) organizador(es) de *Outras relíquias*, entre tantas outras indagações.

Chegou-se ao limite da minúcia ao analisar as marcas d’água das folhas de papel utilizadas na escrita do documento, mas nem isso foi o suficiente para determinar com exatidão, por exemplo, a datação do texto.

As múltiplas versões do manuscrito e sua dispersão geraram reações de todo o tipo, na busca, sem sucesso, de uma linha cronológica e interpretativa que desse conta de fechar o sentido desse texto. No entanto, após várias leituras e reflexões, ficou evidente que, justamente o que se acreditava ser um defeito do documento (essa dispersão, desorganização), era a sua verdadeira riqueza, sendo possível, a partir daí estabelecer certas relações intrínsecas a esse processo. A busca pela origem, pela “verdade”, por uma historiografia horizontal e linear já não fazia mais sentido diante da arqueologia foucaultiana, que tem efeito multiplicador, não remete à síntese, mas à dispersão (FOUCAULT, 2017, p. 65-66).

Por meio da descrição do processo de composição de “O Almada”, publicado em *Outras relíquias* (1910), ficou evidente a instabilidade da noção de autoria, uma vez que se estabeleceu um texto compósito que nunca teve esse formato enquanto Machado vivia.

Vale notar que é nessa passagem do particular (manuscrito) para o institucional (arquivamento na Academia e posterior publicação em livro) que se instalam questões importantes de autoria, unidade e integração do texto à obra de Machado de Assis. Essa institucionalização do escritor, considerado cada vez mais um patrimônio, evidencia um movimento de contenção de sentidos na tentativa de limitação e fechamento da obra.

A ideia de constituição autoral é forte, assim como forte é o desejo de delimitar o que seja Machado de Assis. O uso do nome do autor parte dessa busca da consagração, possível somente após a delimitação e recolha do material disperso e que poderia ser atribuído a ele. Dessa delimitação estreita surgem os impasses sobre os quais discutimos ao longo de toda a tese.

A retirada da assinatura do(s) organizador(es) também pode ser entendida como uma estratégia para não se responsabilizar pelas decisões editoriais, impulsionada pelo

propósito de reafirmar o nome de Machado, com o apagamento da intermediação editor-autor. O nome do autor é usado, portanto, para criar coesão e homogeneidade à medida que se ocultam os nomes dos colaboradores que transformaram o manuscrito em texto para publicação em livro. Nesse sentido, o apagamento dos nomes dos organizadores pode ter ocorrido deliberadamente, numa tentativa de isenção de responsabilidade por um texto que se apresenta, muitas vezes, questionável.

Bibliografia

ALENCAR, J. de. **O Garatuja**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987. Disponivel em: <www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101376/garatuja.pdf>. Acesso em: 11 set. 2017.

ALENCAR, J. de. **Guerra dos Mascates:** crônica dos tempos coloniais. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1874.

ALENCAR, M. de. Notas de leitura de Machado de Assis. **Revista da Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, v. I, 1910.

ALENCAR, M. de. **Alguns escritos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1955.

AMERICAN WRITING PAPER COMPANY. **Handbook of quality-standard papers:** a reference book covering a comprehensive line of papers and their employ in printing. Holyoke: The paper service Manufacturing Institution, 1922. Disponivel em: <https://archive.org/details/handbookofqualit00amer>. Acesso em: 23 ago. 2018.

ANDRADE, M. de; ANDRADE, C. D. de. **Carlos & Mário:** correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Organização e pesquisa iconográfica de Lélia Coelho Frota, prefácio e notas de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2003.

ANÚNCIOS. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 10 ago. 1911. p. 8.

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. XI, n. 21, p. 9-34, 1998.

ASSIS, M. de. **A Semana**. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, [1910].

ASSIS, M. de. **Crítica**. Coleção feita por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, [1910].

ASSIS, M. de. **Novas relíquias**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, Waissman, Koogan, [1932].

ASSIS, M. de. **A Semana**. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, [s.d.].

ASSIS, M. de. O relógio de ouro. **Jornal das Famílias** – publicação ilustrada, recreativa, artística, etc. Rio de Janeiro, maio 1873.

ASSIS, M. de. A assuada. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, 15 out. 1879. p. 138-150.

ASSIS, M. de. Trecho de um poema inédito. **A Estação**, Rio de Janeiro, v. XIV, n. 15, p. 65-68, ago. 1885.

ASSIS, M. de. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1901.

ASSIS, M. de. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1901.

ASSIS, M. de. **Relíquias de casa velha**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1906.

ASSIS, M. de. **Outras relíquias**. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1910.

ASSIS, M. de. **Teatro**. Coligido por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1910.

ASSIS, M. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959. v. III.

ASSIS, M. de. **Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo**. Edição preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, M. de. **Poesias completas:** Crisálidas, Falenas, Americanas, Ocidentais. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira; INL, 1976. v. 7.

ASSIS, M. de. **Comentários da Semana**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

ASSIS, M. de. **A poesia completa:** edição anotada: recepção crítica. São Paulo: Nankin; Edusp, 2009.

ASSIS, M. de. **Crônicas escolhidas**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2013.

ASSIS, M. de. **Machado de Assis:** crítica literária e textos diversos. São Paulo: UNESP, 2013.

ASSIS, M. de. **O Futuro**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

ASSIS, M. de. **Obra completa em quatro volumes**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2015. v. 3.

ASSIS, M. de. **Machado de Assis:** obra completa em quatro volumes. 3. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015a. v. 1.

ASSIS, M. de. **Machado de Assis:** obra completa em quatro volumes. 3a. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, v. 3, 2015b.

ASSIS, M. de. **Correspondência de Machado de Assis:** tomo V, 1905-1908. Coordernação e orientação de Sérgio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2015c.

ASSIS, M. de. **Machado de Assis:** obra completa em quatro volumes. 3. ed. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015d.

ASSIS, M. de; NABUCO, J. **Correspondência**. Organização, introdução e notas de Graça Aranha. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2003.

ATAÍDE E MELO, A. F. de. **O papel como elemento de identificação**. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926.

AUSTREGÉSILO, A. A figura de Mário de Alencar. **Suplemento literário de "A Manhã"**, Rio de Janeiro, 18 jan. 1942. p. 28-29.

BALMACENA, J. C. A. **Aproximación al estudio del papel a través de la filigranas relevadas en el proyecto CAHIP**. Actas del VII Congreso Nacional de historia del papel en España. Madri: Asociación Hispánica de Historiados del Papel, 2007. p. 147-210.

BANDEIRA, M. O poeta. In: ASSIS, M. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1973. v. III, p. 11-14.

BIASI, P.-M. de. **A genética dos textos**. Tradução de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BOILEAU-DESPRÉAUX, N. **A estante do coro**. Tradução de António José de Lima Leitão. Lisboa: Imprensa Nacional, 1834. Disponivel em: <https://books.google.com.br/books?id=-vYZAAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=a+estante+do+coro&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjR8PP5oOTkAhUZH7kGHYCuDXEQ6AEIKTAA#v=onepage&q=a%20estante%20do%20coro&f=false>. Acesso em: 22 set. 2019.

BOILEAU-DESPRÉAUX, N. **Oeuvres complètes de N. Boileau**. Paris: Laplace, Sanchez et C.ie, 1873.

CANDIDO, A. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Outro sobre Azul, 2004. p. 15-32.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. 12. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: FAPESP; Ouro sobre azul, 2009.

CARREIRO, D. R. D'A. **Entre a galhofa e a melancolia:** Machado de Assis e a tradição herói-cômica. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

CARTER, J.; BARKER, N. **ABC for book collectors**. New Castle, London: Oak Knoll Press; The British Library, 2004.

CASASANTA, M. A lição d'O Almada. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 27 jun. 1939.

CASASANTA, M. Alencar – um formador de brasileiros. In: ALENCAR, J. D. **Alfarrábios:** crônicas dos tempos coloniais. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. p. 11-22.

CASTRO, I. O retorno à filologia, 1995. Disponivel em: <www.clul.ulisboa.pt/files/ivo_castro/1995_Retorno__Filologia.pdf>. Acesso em: 16 set. 2019.

CASTRO, I. Metodologia do aparato genético. In: SIMÕES, M.; CASTRO, I.; CORREIA, J. D. P. **Memória dos afectos (homenagem da cultura portuguesa a Giuseppe Tavani)**. Lisboa: Edições Colibri, 2001. p. 69-81.

CATÁLOGO geral da livraria Garnier. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1913.

CATITA, F. B. C. **Por uma edição crítico-genética virtual do livro *Histórias da meia-noite*, de Machado de Assis**. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

CONY, C. H. Machado – o romance carioca. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 set. 1959. p. 7.

DIÁRIO Oficial da União. Rio de Janeiro, n. 140, 27 maio 1900.

DIÁRIO Oficial da União. Rio de Janeiro, n. 75, 2 abr. 1913.

DOYLE, P. **Nota introdutória ao manuscrito de "O Almada"**. [s.l.]: Academia Brasileira de Letras, 1976.

EXPOSIÇÃO Machado de Assis: centenário de nascimento de Machado de Assis 1839-1939. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939.

FACIOLI, V. **Um defunto estrambótico**. Análise e interpretação das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Nankin Editorial, 2002.

FAORO, R. **Machado de Assis:** a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Globo, 2001.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. da G. **Dicionário do livro:** da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FRANCO, G. H. B. **A economia em Machado de Assis:** o olhar oblíquo do acionista. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FURLAN, S. Crítica e imaginário urbanos. **Anuário de literatura**, Santa Catarina, v. 6, p. 139-161, 1998.

FURLAN, S. **Machado de Assis o crítico:** seduções e desencantos. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, 19 jan. 1910. p. 1.

GENS, R. M. de C. Sabor de antigo. In: ALENCAR, J. de. **O Garatuja**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987. p. IX-XI.

GLEDSON, J. Resenha de Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos, de Astrojildo Pereira. **Machado de Assis em Linha**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 115-118, dez. 2010.

GOMES, E. **Espelho contra espelho:** estudos e ensaios. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

GONÇALVES, F. **De poeta a editor de poesia:** a trajetória de Machado de Assis para a formação de suas *Poesias completas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

GRANJA, L. **À roda dos jornais (e teatros):** Machado de Assis, escritor em formação. Campinas: UNICAMP-IEL, 1997.

GRÉSILLON, A. Devagar: obras. In: ZULAR, R. **Criação em processo:** ensaios de crítica genética. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002. p. 147-174.

GRÉSILLON, A. **Elementos de crítica genética:** ler os manuscritos modernos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GUIMARÃES, H. de S. O paradigma português nas definições de Machado de Assis sobre a arte. **Revista de Estudos Literários**, v. 6, p. 115-133, dez. 2017.

GUIMARÃES, H. de S.; SACCHETTA, V. **A olhos vistos:** uma iconografia de Machado de Assis. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2008.

HANSEN, J. A. Notas sobre o gênero épico. In: TEIXEIRA, I. **Coleção multiclássicos – épicos**. São Paulo: Imprensa Oficial; Edusp, 2008. v. 1.

HAY, L. O texto não existe: reflexões sobre a crítica genética. In: ZULAR, R. **Criação em processo:** ensaios de crítica genética. São Paulo: Iluminuras, 2002.

HAY, L. A literatura sai dos archivos. In: SOUZA, E. M. D.; MIRANDA, W. M. **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

KASTAN, D. S. **Shakespeare and the book**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

KIMORI, L. R. B. Leitor-crítico, leitor-poeta: a marginália de Mário de Andrade em Machado de Assis parnasiano. **Manuscrítica**, São Paulo, n. 35, p. 90-101, 2018.

KIMORI, L. R. B. **Os mestres dos passado:** Mário de Andrade lê os parnasianos brasileiros. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LISBOA, B. da S. **Anais do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Constitucional de Seignot-Plancher e Cia, 1835. v. III.

LOURENÇO, I. M. G. **The William Blake Archive:** da gravura iluminada à edição eletrônica. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra. 2009.

MACHADO de Assis. **O País**, Rio de Janeiro, 30 set. 1908. p. 1-2.

MACHADO de Assis: a consagração de ontem. **O País**, Rio de Janeiro, 2 out. 1908. p. 2-3.

MACHADO, U. **Dicionário de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Ao redor de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

MARQUES, R. O arquivamento do escritor. In: SOUZA, E. M. D.; MIRANDA, W. M. **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 141-156.

MASSA, J.-M. **A juventude de Machado de Assis:** ensaio de biografia intelectual. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2009.

MAYA, A. **Machado de Assis (algumas notas sobre o "humour")**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Jacintho Silva, 1912.

MCGANN, J. **A critique of modern textual criticism**. Virginia: The University Press of Virginia, 1992.

MCKENZIE, D. F. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. São Paulo: EDUSP, 2018.

MENDONÇA, S. de. Jocelyn. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 fev. 1875.

MERQUIOR, J. G. Gênero e estilo nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*. **Colóquio/Letras**, p. 12-20, jul. 1972.

MIRANDA, J. A. Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 20, n. 39, p. 331-349, 2016.

MONTELLO, J. **O presidente Machado de Assis**. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.

MOREIRA, M. **Critica textualis in caelum revocata?** Uma proposta de edição e estudo da tradição de Gregório de Matos e Guerra. São Paulo: Edusp, 2011.

N. C. [pseud.]. O Almada visto por Alencar e Machado. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 5 mar. 1959. p. 13.

NABUCO, J. **Obras completas de Joaquim Nabuco. XIX. Cartas a amigos**. Coligidas e anotadas por Carolina Nabuco. São Paulo: Ipê – Instituto Progresso Editorial, 1949.

NASCIMENTO, J. F. da S.; SARMENTO, T. de M. **Um preguiceiro no Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1969. p. 43-52.

NETO FILHO, B. C. Caderno do mestre – exercícios de poligrafia. **Itinerários**, Araraquara, n. 29, p. 381-392, jul./dez. 2009.

NÓBREGA, M. da. **Cartas do Brasil e mais escritos**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955.

PAULA, A. C. de. Mimesis tripartida, uma leitura hermenêutica de "O Almada" de Machado de Assis. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 24, p. 18, jul. 2008.

PEREIRA, A. Folhetim. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, 13 abr. 1958a.

PEREIRA, A. Folhetim. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, 20 abr. 1958b. p. 3.

PEREIRA, A. O Almada e a história da cidade. In: PEREIRA, A. **Machado de Assis, ensaios e apontamentos avulsos**. [s.l.]: [s.n.], 1959.

PEREIRA, A. “O Almada” e a história da cidade. In: PEREIRA, A. **Machado de assis, ensaios e apontamentos avulsos**. 3. ed. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2008. p. 97-121.

PESSOA, F. **Obras completas de Ricardo Reis**. Edição de Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe. Lisboa: Tinta da China, 2016.

PIMENTEL, A. **Poemas herói-cômicos portugueses:** verbetes e apostilas. Porto; Rio de Janeiro: Renascença Portuguesa; Anuário do Brasil, 1922.

PINO, C. A. **A ficção da escrita**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

PINO, C. A.; ZULAR, R. **Escrever sobre escrever:** uma introdução crítica à crítica genética. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

PIZARRO E ARAÚJO, J. de S. A. **Memórias históricas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1820. v. V.

PLEBISCITO literário. **A Semana**, Rio de Janeiro, 23 set. 1893. p. 51.

POMIAN, K. Coleção. In: POMIAN, K. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Casa da Moeda, 1984. v. I.

REGISTRY of water marks and trade marks. New York: Andrew Geyer, 1903. Disponivel em: <https://archive.org/details/registryofwaterm00newy>. Acesso em: 23 ago. 2018.

REIS, R. Q. dos. **Poesias completas de Machado de Assis:** um passeio pelas edições para o estabelecimento dos textos. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2003.

ROCHA, J. C. de C. **Machado de Assis:** por uma poética da emulação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

RODÉS, L. Marcas d’água: suas origens e características. **O Papel**, p. 16-18,jul. 1995a. Disponivel em: <www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/16%20-%20Marcas%20dagua%20-%20%20origens%20e%20caracteristicas.pdf>. Acesso em: 7 maio 2018.

RODÉS, L. Marcas d’água: filigranas III. Tipologia e classificação sistemática. **O Papel**, dez. 1995b. Disponivel em: <www.celso-foelkel.com.br/artigos/outros/21%20-%20Marcas%20dagua%20-%20Filigranas%20III%20-%20Tipologia.pdf>. Acesso em: 7 maio 2018.

SÁ REGO, E. J. de. **O calundu e a panaceia:** Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SALES, J. B. de. O Almada, de Machado de Assis: leitura e crítica. O poema narrativo: épico, heroico e cômico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, XII. *Anais*... Curitiba: [s.n.], 2011. p. 8.

SALLES, C. A. **Crítica genética.** Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. São Paulo: Educ, 2008.

SANTOS, M. J. F. dos. Marcas de água e história do papel: o convergência de um estudo. **Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias**, v. 33, 2014. Disponivel em: <http://journals.openedition.org/cultura/2334>. Acesso em: 14 maio 2018.

SCHOEPS, L. A. O defunto autor na correspondência de Machado de Assis: ethos, retórica e narrador ficcional. **Manuscrítica**, n. 26, p. 97-112, 2014.

SCHOEPS, L. A. **As vozes sem boca no manuscrito do cenógrafo Machado de Assis:** Esaú e Jacob. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SERRA, P. G. Machado de Assis e o *risum movet* do poema herói-cômico. Algumas cláusulas a propósito d'*O Almada*. **Diálogos Latinoamericanos**, v. 20, p. 182-200, jun. 2013.

SILVA, A. C. S. da. *Esaú e Jacob* e *Memorial de Ayres*: manuscritos que viajam. **Machado de Assis em Linha**, São Paulo, v. 12, n. 26, p. 125-160, abr. 2019. Disponivel em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212019000100125&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 set. 2019.

SOUSA, J. G. de. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

SPINA, S. **Introdução à edótica:** crítica textual. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1977.

TEIXEIRA, I. Machado de Assis e o costume retórico dos caracteres. **Revista IEB**, p. 67-148, 2010.

VARNHAGEN, F. A. de. Relação da aclamação […]. **Revista Trimensal de História e Geografia**, Rio de Janeiro, p. 343-352, out. 1843.

VERÍSSIMO, J. Machado de Assis crítico. **O imparcial**, Rio de Janeiro, 24 maio 1913. p. 2.

WERNECK, M. H. Veja como ando grego, meu amigo: o corpo e a arte na correspondência de Machado de Assis. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 137-146, 2000.

WILLEMART, P. **Bastidores da criação literária**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

FLÁVIA BARRETTO CORRÊA CATITA

Antes e depois de “O Almada”: percurso editorial e transcrição diplomática do manuscrito do poema herói-cômico de Machado de Assis

VERSÃO CORRIGIDA

v. 2

São Paulo
2019

FLÁVIA BARRETTO CORRÊA CATITA

Antes e depois de “O Almada”: percurso editorial e transcrição diplomática do manuscrito do poema herói-cômico de Machado de Assis

VERSÃO CORRIGIDA

v. 2

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Letras

Orientador: Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C364a

Catita, Flávia Barretto Corrêa
Antes e depois de “O Almada”: percurso editorial e transcrição diplomática do manuscrito do poema herói-cômico de Machado de Assis / Flávia Barretto Corrêa Catita ; orientador Hélio de Seixas Guimarães. - São Paulo, 2019.
575 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Literatura Brasileira.

1. Literatura Brasileira. 2. Assis, Machado de, 1839-1908. 3. Manuscritos. 4. Transcrição diplomática. I. Guimarães, Hélio de Seixas, orient. II. Título.

Sumário

Introdução 12
Capítulo 1: Mário de Alencar, o organizador dedicado e o movimento de autoconsagração machadiana 30
O arquivamento do escritor 39
Capítulo 2: Um poema herói-cômico e quatro momentos de publicação 48
O gênero herói-cômico e a emulação dos modelos do passado 48
O hissope nas crônicas machadianas (1861-1863) 52
"A assuada" 56
A sombra de José de Alencar 58
"Trecho de um poema inédito" 64
"Velho fragmento" 67
"O Almada" 71
Capítulo 3: O manuscrito 84
Apresentação e descrição 84
Rasuras nas numerações de cantos e estrofes 92
A Advertência 92
Os cantos 102
Notas explicativas e inéditas 120
As filigranas 133
Considerações sobre o papel 138
A transcrição do manuscrito: decisões editoriais 140
Considerações finais 144
Bibliografia 147
Segunda parte: transcrição diplomática do manuscrito 155

Segunda parte: transcrição diplomática do manuscrito

Transcrição a partir do manuscrito autógrafo consultado no Arquivo Múcio Leão, da Academia Brasileira de Letras.

ASSIS, Machado de. *O Almada*. (Série Produção Intelectual: Subsérie Poesia). Manuscrito. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, Arquivo Múcio Leão, Arquivo dos Acadêmicos.

Critérios utilizados na transcrição

1) letras e palavras sobrepostas serão representadas em itálico e as duas versões serão apresentadas na ordem cronológica separadas por barra quando for possível identificar o que foi sobrescrito;

2) a rasura será reproduzida pelo seu significante tachado;

3) acréscimo interlinear será representado no espaço entre linhas correspondente;

5) nos trechos ou palavras ilegíveis será feita a marcação [ileg.];

6) marcações a lápis serão representadas pela cor cinza;

7) hipóteses de leitura serão assinaladas com asterisco;

8) as abreviaturas não serão desenvolvidas;

9) observações sobre a materialidade do manuscrito serão feitas ao lado direito do texto transcrito.

Imagem 1

PLINIO DOYLE

OS ORIGINAIS DE O A L M A D A (POEMA HEROI-COMICO EM OITO CANTOS), DE MACHADO DE ASSIS, FORAM COLOCADOS EM ORDEM, DE ACORDO COM A PUBLICAÇÃO FEITA EM O U T R A S R E L I Q U I A S, EDIÇÃO GARNIER, de 1910 . As PÁGINAS DOS ORIGINAIS NÃO FORAM NUMERADAS, E AS INDICAÇÕES DOS NÚMEROS DOS "CANTOS" E DE SUAS SUBDIVISÕES ESTÃO MUITO ALTERADAS E EMENDADAS PELO AUTOR.

OBSERVAMOS A FALTA DE ALGUNS TRECHOS NOS ORIGINAIS, BEM COMO A EXISTENCIA DE DIVERGENCIAS ENTRE OS DOIS TEXTOS; E AINDA, ALGUNS TRECHOS DOS ORIGINAIS, ESTÃO INCLUIDOS NA PUBLICAÇÃO EM "CANTOS" DIFERENTES.

HA UMA VARIANTE DA "ADVERTENCIA", QUE ESTÁ ASSINADA PELO AUTOR, E HA TAMBEM "NOTAS" QUE NÃO FORAM INCLUIDAS NA PUBLICAÇÃO.

RIO DE JANEIRO, TRINTA DE JUNHO DE MIL NOVECENTOS E SETENTA E SEIS.

Transcrição (imagem 1)

OS ORIGINAIS DE O A L M A D A (POEMA HEROI-COMICO EM OITO CANTOS),
DE MACHADO DE ASSIS, FORAM COLOCADOS EM ORDEM, DE ACORDO COM A PUBLICA-
ÇÃO FEITA EM O U T R A S R E L I Q U I A S, EDIÇÃO GARNIER, DE 1910.
As PÁGINAS DOS ORIGINAIS NÃO FORAM NUMERADAS, E AS INDICAÇÕES DOS NÚME-
ROS DOS "CANTOS" E DE SUAS SUBDIVISÕES ESTÃO MUITO ALTERADAS E EMENDADAS
PELO AUTOR.
OBSERVAMOS A FALTA DE ALGUNS TRECHOS NOS ORIGINAIS, BEM COMO A EXISTEN-
CIA DE DIVERGENCIAS ENTRE OS DOIS TEXTOS; E AINDA, ALGUNS TRECHOS DOS
ORIGINAIS, ESTÃO INCLUIDOS NA PUBLICAÇÃO EM "CANTOS" DIFERENTES.
HA UMA VARIANTE DA "ADVERTENCIA", QUE ESTÁ ASSINADA PELO AUTOR, E HA
TAMBEM "NOTAS" QUE NÃO FORAM INCLUIDAS NA PUBLICAÇÃO
RIO DE JANEIRO, TRINTA DE JUNHO DE MIL NOVECENTOS E SETENTA E SEIS.

datiloscrito em papel sulfite com o timbre Plinio Doyle

Imagem 2

Advertencia

O assumpto deste poema é rigorosamente historico. Em 1659, era prelado administrador do Rio de Janeiro o Dr. Manoel de Souza Almeida, presbytero do habito de S. Pedro. Um tabellião, por nome Sebastião Garcia Greve, foi victima de uma assuada, em certa noite, na occasião em que se recolhia para casa. Queixando-se ao ouvidor geral Pedro de Mendoça Portugal, abriu este devassa, vindo a saber-se que eram autores do delicto alguns parentes do prelado. O prelado, apenas teve noticia do procedimento do ouvidor, mandou intimal-o para que lhe fizesse entrega da devassa, no prazo de tres dias, sob pena de

Transcrição (imagem 2)

Advertencia

O assumpto deste poema é rigorozamente
Em 1659 era
historico. ~~No meiado, [ileg.] seculo~~ prelado adminis-

trador do Rio de Janeiro. o Dr. Man*u/o*el de

Souza Almada, presbyptero do habito de S. Pedro~~;~~.

Um tabellião, por nome Sebastião Ferreira

Freire, foi victima de uma assuada, em certa

noite, na occasião em que se recolhia para

casa. Queixando-se ao ouvidor geral Pedro de

Mustre Portugal, abriu este devassa, vindo a

saber-se que eram autores do delicto alguns

famulos do prelado. O prelado, apenas teve

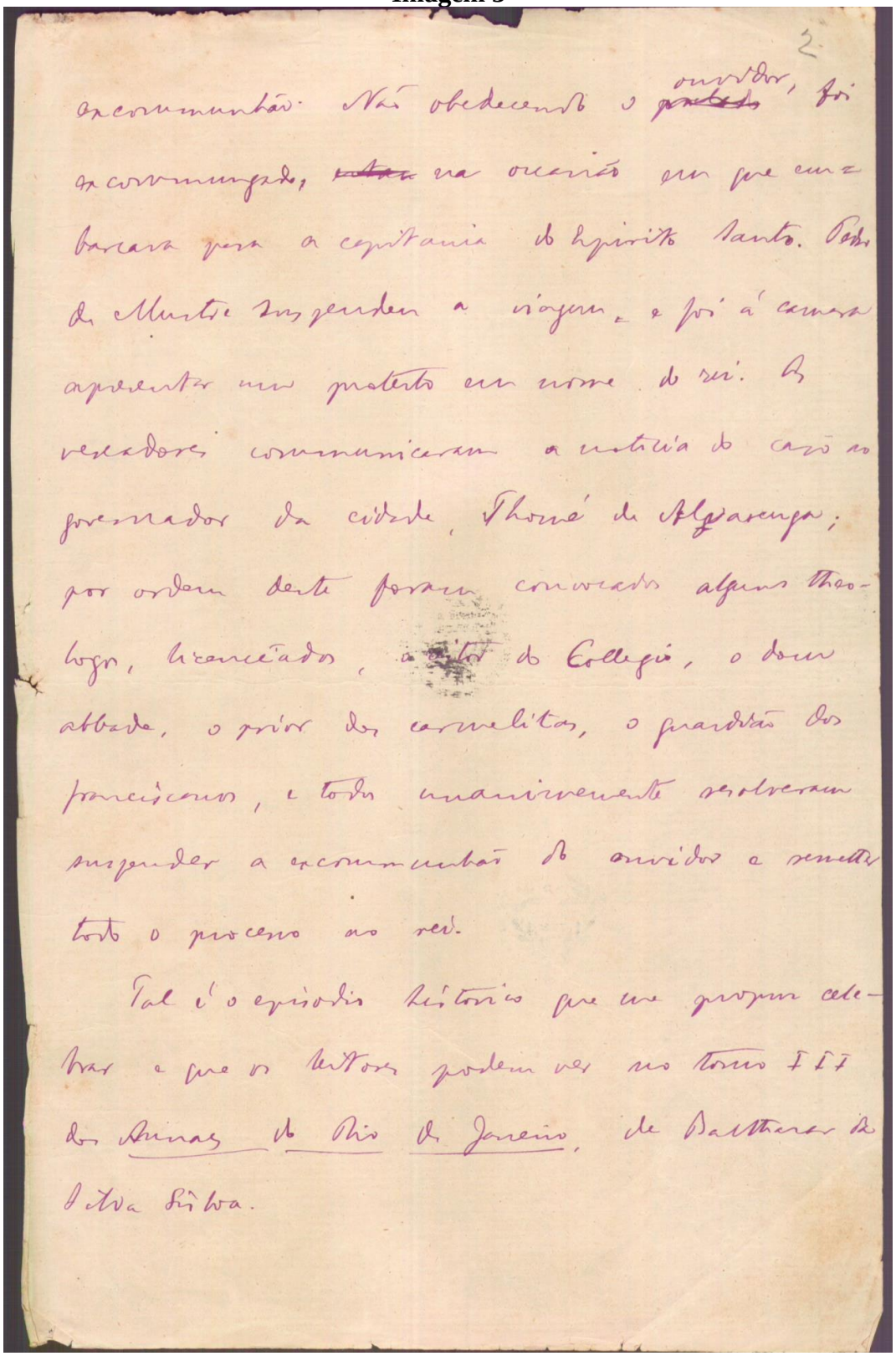
noticia do procedimento do ouvidor, mandou

intimal-o para que ~~f~~ lhe fizesse entrega da

devassa, no prazo de trez dias, sob pena de

tinta azul

Imagem 3



excommunhão. Não obedecendo o ouvidor, foi excommungado, na occasião em que embarcava para a capitania do Espirito Santo. Pedro de Mendoça suspendeu a viagem, e foi á camara apresentar um protesto em nome do rei. Os vereadores communicaram a noticia do caso ao governador da cidade, Thomé de Alvarenga; por ordem deste foram convocados alguns theologos, licenciados, o reitor do Collegio, o dom abbade, o prior dos carmelitas, o guardião dos franciscanos, e todos unanimemente resolveram suspender a excommunhão do ouvidor e remetter todo o processo ao rei.

Tal é o episodio historico que me propunha celebrar e que os leitores podem ver no tomo III dos Annaes do Rio de Janeiro, de Balthazar da Silva Lisboa.

Transcrição (imagem 3)

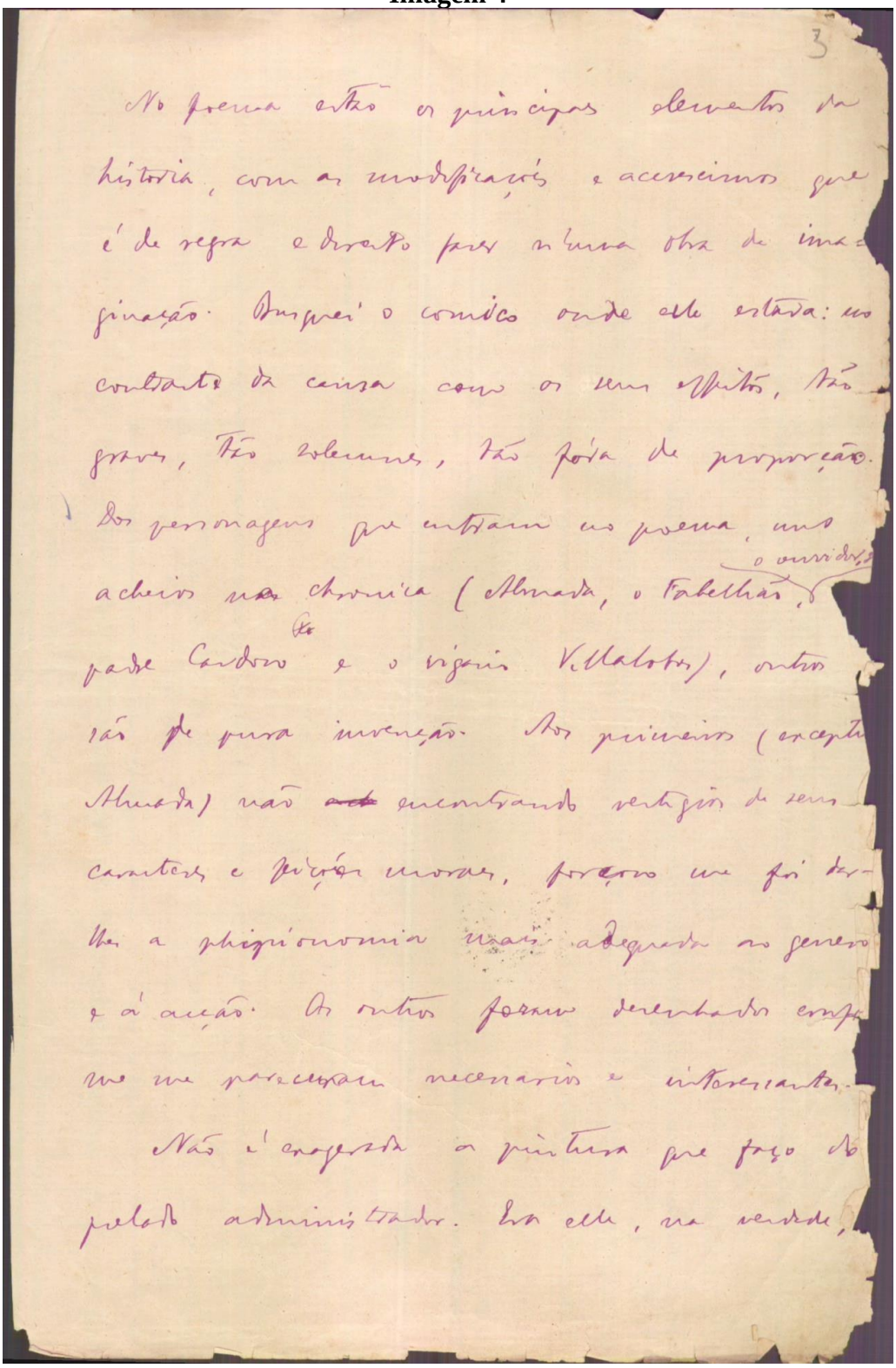
ouvidor
excommunhão. Não obedecendo o ~~prelado~~ foi
excommungado, *~~estan~~* na occasião em que em=
barcava para a capitania do Espirito Santo. Pedro
de Mustre suspendeu a viagem ~~,~~ e foi á camara
apresentar um protesto em nome do rei. Os
vereadores communicaram a notícia do caso ao
governador da cidade, Thomé de Al*g/v*arenga;
por ordem deste foram convocados alguns theo-
logos, licenciados, o reitor do Collegio, o dom
abbade, o prior dos carmelitas, o guardião dos
franciscanos, e todos unanimemente resolveram
suspender a excommunhão do ouvidor e remetter
todo o processo ao rei.

Tal é o episodio historico que me propuz cele-
brar e que os leitores podem ver no tomo III
dos Annaes do Rio de Janeiro, de Balthazar da
Silva Lisboa.

tinta azul

2 a lápis

Imagem 4



3

No poema estão os principaes elementos da historia, com as modificações e accrescimos que é de regra e direito para uma obra de imaginação. Busquei o comico onde elle estava: no contraste da causa com os seus effeitos, tão graves, tão solemnes, tão fóra de proporção. Dos personagens que entraram no poema, uns acheis na chronica (Almeida, o Tabellião, o ouvidor, o padre Cardoso e o vigario Villalobos), outros são de pura invenção. Aos primeiros (excepto Almeida) não encontrando vestigios de seus caracteres e feições moraes, procurei que fosse dar-lhes a physionomia mais adequada ao genero e á acção. Os outros foram desenhados em que me pareceram necessarios e interessantes.

Não é exagerada a pinturesa que faço do palato administrador. Era elle, na verdade,

Transcrição (imagem 4)

No poema estão os principaes elementos da

historia, com as modificações e accrescimos que

é de regra e direito fazer n'uma obra de ima=

ginação. Busquei o comico onde elle estava: no

contraste da causa com os seus effeitos, tão

graves, tão solemnes, tão fóra de proporção.

Dos personagens que entram no poema, uns

acheios n*as/a* chronica (Almada, o tabellião, o ouvidor, *o*

padre Cardoso e o vigario Villalobos), outros ~~Pe~~

são *p/d*e pura invenção. Aos primeiros (except*o*

Almada) não ~~ach~~ encontrando vestigios de seus

caracteres e feiç*ão/ões* moraes, forçoso me foi dar-

lhes a phi*/y*sionomia mais adequada ao genero

e á acção. Os outros foram desenhados conf*or*

me me parece*u/eram* necessarios e interessantes.

Não é exagerada a pintura que faço do

prelado administrador. Era elle, na verdade,

tinta azul

3 a lápis

deteriorado

deteriorado

deteriorado

Imagem 5

homem irritadiço e violento, com grande mon=
ventor Pizarro ~~carbacho~~ nota dê por victima de ~~um~~ genio=
prisão. Primeiro teria de certo, e de tres ou=
tranhas que uma noite lhe dispararam contra
a casa uma peça de artilheria. Verdade é que
da devassa que então se fez resultou ter sido
aquelle attaque nocturno preparado ~~por outro~~ por elle
mesmo com o fim de se dar por victima do
odio popular. O juiz assim o entendeu e
sentenciou, e o polaco foi compellido a pagar
as custas da alçada e do processo. Monsenhor
Pizarro pensa que isto foi ainda um ~~laço~~ lan=
ço dos seus perseguidores. Pode ser; mas capaz
de grandes coisas era certamente o Almada.
Não tardou que ~~recebesse~~ ordem da côrte para desistir
do cargo, como se colhe de um documento
do tempo, citado nas Memorias Historicas, tomo VII

Transcrição (imagem 5)

	tinta azul
4	a lápis
homem irrittadiço e violento, com quanto mon=	
nol-o dê perse=	
senhor Pizarro ~~o tenha~~ por victim*as/a* de ~~ini~~	
guição. Inimigos teria de certo, e de taes en=	
tranhas que uma noite lhe dispararam contra	
a casa uma peça de artilharia. Verdade é que	
da devassa que então se fez resultou ter sido	
por elle	
aquelle attaque nocturno preparado e ~~executado~~	
mesmo com o fim de se dar por victima d*e*	deteriorado
odio popular. O juiz assim o entendeu e	
sentenciou, e o prelado foi compellido a pagar	
as custas da alçada e do processo. Monsenhor	
lan*ce*	deteriorado
Pizarro pensa que isto foi ainda um ~~lance~~	
feliz dos seus perseguidores. Pode ser; mas capaz	
de grandes cousas era certamente o Almada.	
ordem	
Não tardou que *o/r*ecebesse da côrte para desistir	
do cargo, como se colhe *do/e* um documento	
do tempo, citado nas Memorias Historicas, tomo VII.	

Imagem 6

Observei quanto pude o estatuto do genero, que é parodiar o tom, o geito e as proporções da poesia epica. No canto IV atrevi-me a imitar uma das mais bellas paginas da antiguidade, o episodio de Hector e Andromacha na Illiada. Homero e Virgilio tem servido mais de uma vez aos poetas heroe-comicos. Não fallemos agora de Ariosto e Tassoni. Parodiou Boileau, no Lutrin, o episodio de Dido e Enea; Diniz repetiu-lhe as pisadas no dialogo do escrivão Gonsalves e sua esposa, e outros o fizeram em situação analoga ao do episodio em que imitei a ~~grande~~ immortal scena de Homero.

Não se limitou Diniz á unica imitação ~~citada~~. Ellentas por elle da Illiada, as quaes não vi até hoje apontadas por ninguem, talvez por ~~que~~ se não ter advertido nellas. Indical-as-hei summariamente.

Transcrição (imagem 6)

tinta azul

5 a lápis

quanto pude
Observei ~~escrupulosamente~~ o estatuto do
parodiar
genero, que é ~~imitar~~ o tom, o geito e as pro=

porções da poesia epica. No canto IV atrevi-me

a imitar uma das mais bellas paginas da

antiguidade, o episodio de Heitor e Androma=
Homero e Virgilio tem servido
cha, na Illiada. ~~São de uso estas imitações~~.

mais de uma vez aos poetas heroe-comicos. Não

fallemos agora de Ariosto e Tassoni. Parodiou

Boileau, no Lutrin, o episodio de Dido e Eneas;

Diniz seguiu-lhe as pisadas no dialogo do

escrivão Gonsalves e sua esposa, e ambos o fize=

ram em situação analoga ao do episodio em
~~im~~
que imitei a ~~grande~~ immortal scena de Homero.

Não se limitou Diniz á única imitação
citada.
~~*aponta*.~~ Muitas fez elle da Illiada, as quaes

não vi até hoje apontadas por ninguem, talvez
se ter
por ~~que~~ não advertis*sem/do* nellas. Indicalas-hei sum=

mariamente.

Imagem 7

6

Um dos mais engraçados episodios do *Olyssope*, o da cêrca dos capuchos, parece-me directamente inspirado do dialogo de Helena e Priamo, quando este, no alto de seus paços, interroga a esposa de Menelaõ a respeito dos guerreiros gregos que vê diante de Troya. O vaticinio do gallo assado é ~~exactamente~~ menos que o vaticinio do cerdo santo. A pintura do escudo de Achilles não a perdoou certamente a do sachete de Vidigal. Direi por a pessoa ~~dos~~ consideros do deaõ, como ~~Homero~~ a dos guerreiros de Agamemnon. No ultimo canto do *Olyssope* o genio dos Bagatelas põe na balança as razões do deaõ e do ~~bis~~ bispo, como Jupiter, ~~na Ilhiada~~ pela os destinos de Achilles e Hector.

Com tres exemplos, e outros que a instrucção do leitor me dispensa apontar, e, porque é

Transcrição (imagem 7)

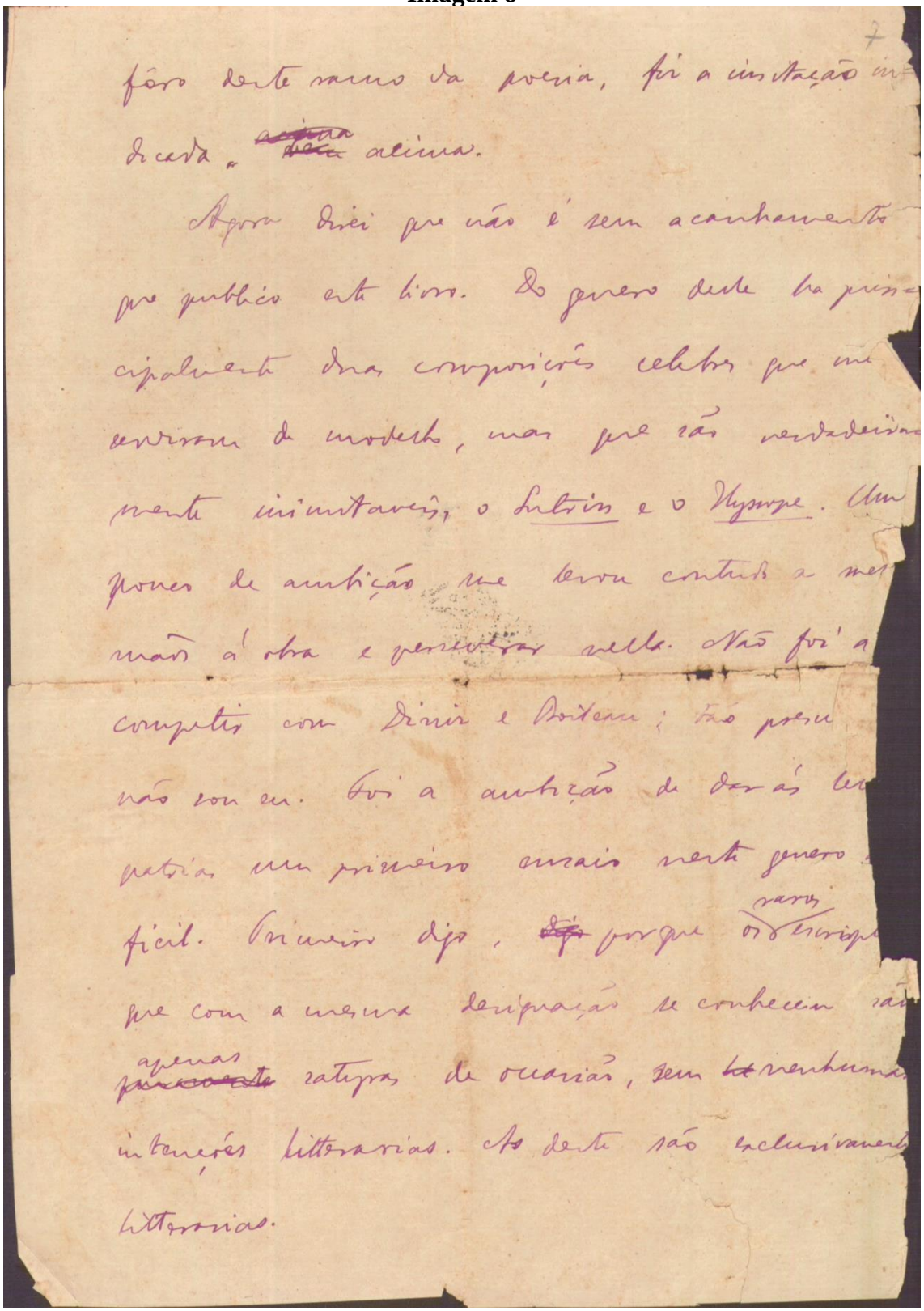
~~U~~ Um dos mais engraçados episodios do Hyssope, o da cêrca dos capuchos, parece-me discretamente imitado do dialogo de Helena e Priamo, quando este, no alto de seus paç*as/os*, interroga a esposa de Meneláo a respeito dos guerreiros gregos que vê diante de Troya. O vaticinio do gallo assado é ~~o~~ *o/n*ada menos que o vaticinio do cavallo Xanto. A pintura do escudo de Achilles ins= pirou certamente a do machete do Vidigal. Diniz faz a resenha dos convidados do deão, como Homero a dos guerreiros de Agamm*e*- non. No ultimo canto do Hyssope o genio das Bagate*l/ll*a*s* peza na balanca as razões do deão e do ~~Bis~~ bispo, como Jupiter, ~~na Hy Illiada,~~ peza os destinos de Achilles e Heitor.

Com taes exemplos, e outros que a instrucção do leitor me dispensa apontar, e, por ~~qu~~ que é

tinta azul

6 a lápis

Imagem 8



7

fóro deste ramo da poesia, foi a inscripção indicada, ~~acima~~ ~~dita~~ acima.

Agora direi que não é sem acanhamento que publico este livro. Do genero deste ha principalmente duas composições celebres que me serviram de modelo, mas que são verdadeiramente inimitaveis, o Lutrin e o Hysope. Um ponco de ambição me levou contudo a mesmo á obra e perseverar nella. Não foi a competir com Dinis e Boileau; são presumo não sou eu. Foi a ambição de dar ás letras um primeiro ensaio neste genero difficil. Primeiro dijo, ~~dijo~~ porque os raros escriptores que com a mesma denominação se conhecem são ~~parcamente~~ apenas ratyras de occasião, sem ~~ha~~ nenhuma intenções litterarias. As deste são exclusivamente litterarias.

Transcrição (imagem 8)

	tinta azul
7	a lápis
fôro deste ramo da poesia, fiz a imitação in=	[in=] a lápis
~~acima~~	
dicada~~.~~ *~~bem~~* acima.	
Agora direi que não é sem acanhamento	
que publico este livro. Do genero delle ha prin=	
cipalmente duas composições celebres que me	
serviram de modello, mas que são verdadeira=	
mente inimitaveis, o Lutrin e o Hyssope. Um	
pouco de ambição me levou contudo a me*tter*	deteriorado
mãos á obra e perseverar nella. Não foi a *de*	deteriorado
competir com Diniz e Boileau; tão presu*nçoso*	deteriorado
não sou eu. Foi a ambição de dar ás let*tras*	deteriorado
patrias um primeiro ensaio neste genero *di*	deteriorado
raros	
ficil. Primeiro digo, ~~digo~~ porque os escrip*tos*	deteriorado
que com a mesma designação se conhecem sã*o*	deteriorado
apenas	
~~puramente~~ satyras de occasião, sem ~~lit~~ nenhuma*s*	deteriorado
intenções litterarias. As deste são exclusivament*e*	deteriorado
litterarias.	

Imagem 9

8

Posto que o assumpto entenda com pessoas da egreja, nada ha neste livro que de perto ou de longe, falte ao respeito devido ao clero e ás cousas da religião. Bem duvido, as personagens que aqui figuram não são dignas de imitação; mas, alem de que o assumpto pedia que estas fossem assim, é sabido que o clero do tempo, salvas duas devidas excepções, não ~~era bom~~ podia ser tomado por modelo. São do padre Manoel de Nobrega, da companhia de Jesus, estas palavras textuaes: "Os clerigos desta terra tem mais officio de demonios que de clerigos; porque, alem de seu mau exemplo e costumes, fazem contrarios a doutrina de Christo e dizem publicamente aos homens que lhe é licito estar em peccado... e outras cousas semelhantes por causar com peccados e abominações. De maneira que nestes demonios temos agora que nos persiga

Transcrição (imagem 9)

tinta azul

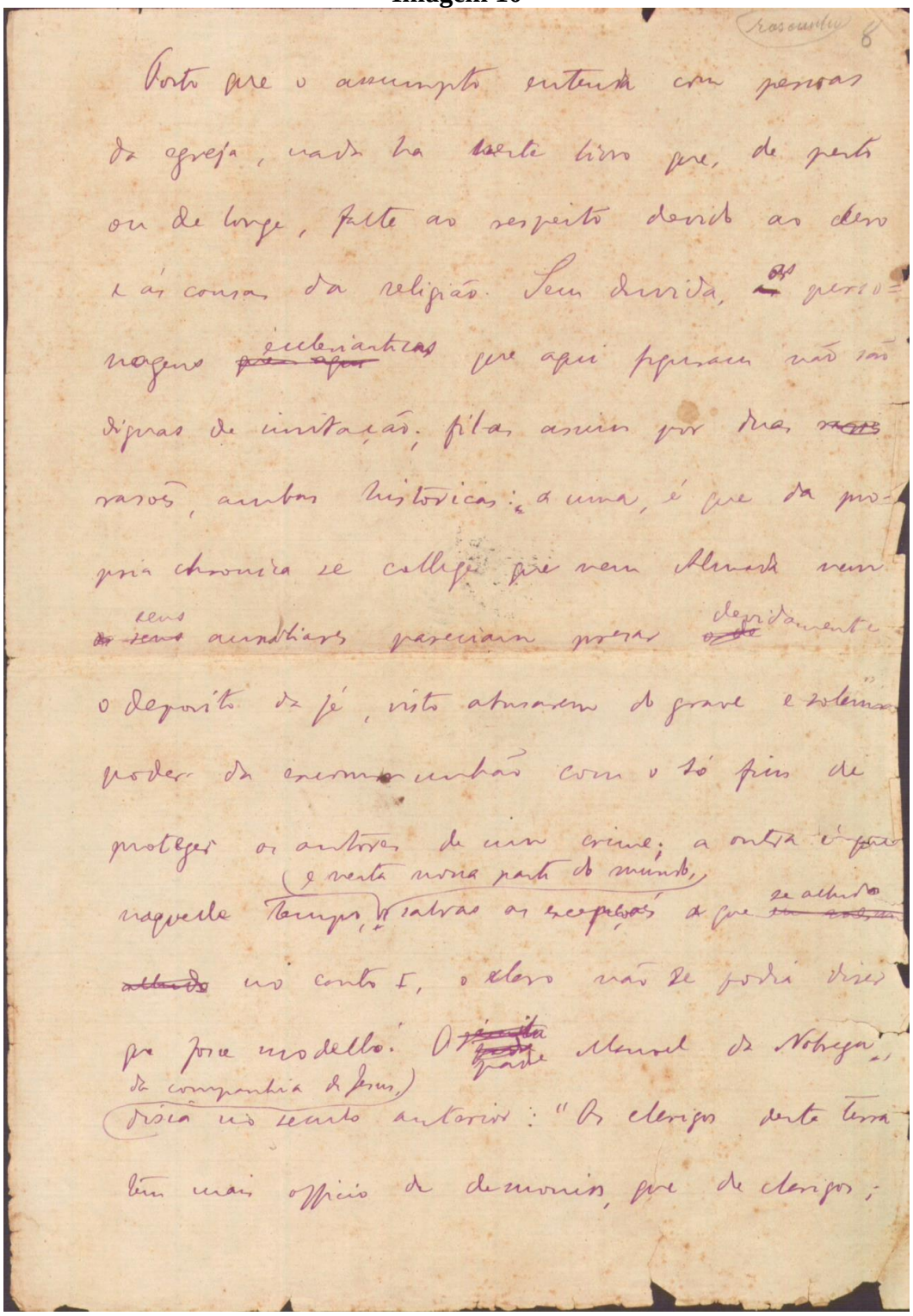
8 a lápis

Posto que *a/o* assumpto entenda com pessoas
da egreja, nada ha neste livro que de perto ou
de longe, falte ao respeito devido ao clero e
ás cousas da religião. Sem duvida, as personagens
que aqui figuram não são dignas de imitação;
mas, alem de que o assumpto pedia que ellas
fossem assim, é sabido que o clero do tempo, salvas
*d/a*s devidas excepções, não ~~era bom~~ podia ser tomado
por mode*l/ll*o. São do padre Manoel da Nobrega, da
companhia de Jesus, estas palavras textuaes: "Os
clerigos desta terra tem mais officio de demon*ios*
que de clerigos; por que, alem de seu mau exemplo
e costumes, querem contrariar a doutrina de Christo
e dizem publicamente aos homens que lhe é licito
estar em peccados...e outras cousas semelhantes por
excusar seus peccados e abominaçoes. De maneira
que nenhum demonio temos agora que nos persiga
*

deteriorado

[*] a lápis

Imagem 10



Posto que o assumpto entenda com pessoas da egreja, nada ha neste livro que, de perto ou de longe, falte ao respeito devido ao clero e ás cousas da religião. Sem duvida, os personagens ~~que aqui figuram~~ eclesiasticos que aqui figuram não são dignas de imitação; fitas assim por dois ~~motivos~~ motivos, ambos historicos: a uma, é que da propria chronica se college que nem Alexandre nem ~~os seus~~ seus auxiliares pareciam prezar ~~o de~~ devidamente o deposito da fé, visto abusarem do grave e solemne poder da excommunhão com o só fim de proteger os autores de um crime; a outra é que naquelle tempo, e nesta nossa parte do mundo, salvas as excepções a que se alludo ~~se alludo~~ no conto I, o clero não se podia dizer que fosse modello. O ~~padre~~ padre Manoel da Nobrega, da companhia de Jesus, dizia no seculo antecedente: "Os clerigos deste terra tem mais officio de demonios, que de clerigos;

Transcrição (imagem 10)

rascunho 8

Posto que o assumpto entenda com pess*o*as

da egreja, nada ha *ha/n*este livro que, de perto

ou de longe, falte ao respeito devido ao clero
os/as
e ás cousas da religião. Sem duvida, ~~as~~ perso=
ecclesiastic*os/as*
nagens ~~que aqui~~ que aqui figuram não são

dignas de imitação; fil-as assim por duas ~~razoes~~

razões, ambas historicas: ~~,~~ a uma, é que da pro-

pria chronica se collige que nem Almada nem
seus devidamente
~~os seus~~ auxiliares pareciam prezar ~~o de~~

o deposito da fé, visto abusarem do grave e solemn*e*

poder da excommunhão com o só fim de

proteger os autores de um crime; a outra é que
e nesta nova parte do mundo, se allude
naquelle tempo, ~~,~~ salvas as excep*ção/ões* a que ~~eu mesmo~~

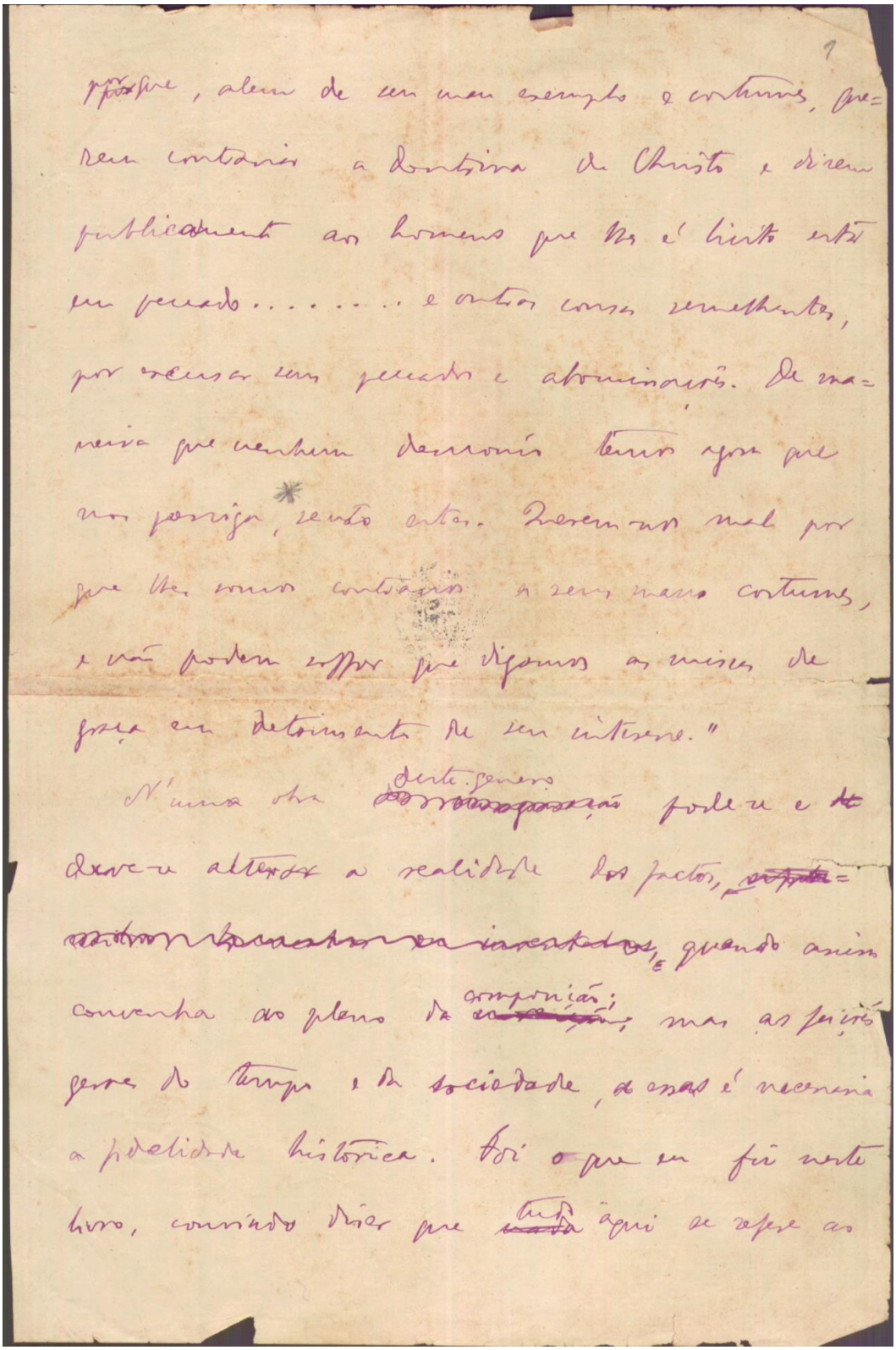
~~alludo~~ no canto I, o clero não se podia dizer
~~jesuita~~
que fosse modello. O ~~padre~~ Manoel da Nobrega,
da companhia de Jesus, padre
dizia no seculo anterior: "Os clerigos desta terra

tem mais officio de demonios, que de clerigos;

tinta azul

a lápis

Imagem 11



porque, alem de seu mau exemplo e costumes, que=
rem contrarios a doutrina de Christo e dizem
publicamente aos homens que Elle é liberto este
seu pecado..... e outras cousas semelhantes,
por excusar seus peccados e abominações. De ma=
neira que nenhum desconforto temos agora que
nos persiga, sendo estes. Querem-nos mal por
que Elles sonos contrarios a seus maus costumes,
e não podem soffrer que digamos as miserias de
graça em detrimento de seu interesse."

N'uma obra deste genero pode-se e deve-se alterar a realidade dos factos, ~~[illegible]~~ quando assim convenha ao plano da composição; mas as feições geraes do tempo e da sociedade, de essas é necessaria a fidelidade historica. Foi o que eu fiz neste livro, cousando dizer que tudo aqui se refere ao

Transcriçao (imagem 11)

tinta azul

9 a lápis

por
~~por~~ que, alem de seu mau exemplo e costumes, que=

rem contrariar a doutrina de Christo e dizem

publica*d/m*mente aos homens que lhes é licito estar

em peccado..... e outras cousas semelhantes,

por excusar seus peccados e abominaçoes. De ma=

neira que nenhum demonio temos agora que
*
nos persiga, senão estes. Querem-nos mal por

que lhes somos contrarios a seus maus costumes,

e não podem soffrer que digamos as missas de

graça em detrimento de seu interesse."
deste genero
N'uma obra ~~de imaginação~~ pode-se e ~~de~~

deve-se alterar a realidade d*as/os* factos, ~~suppri=~~

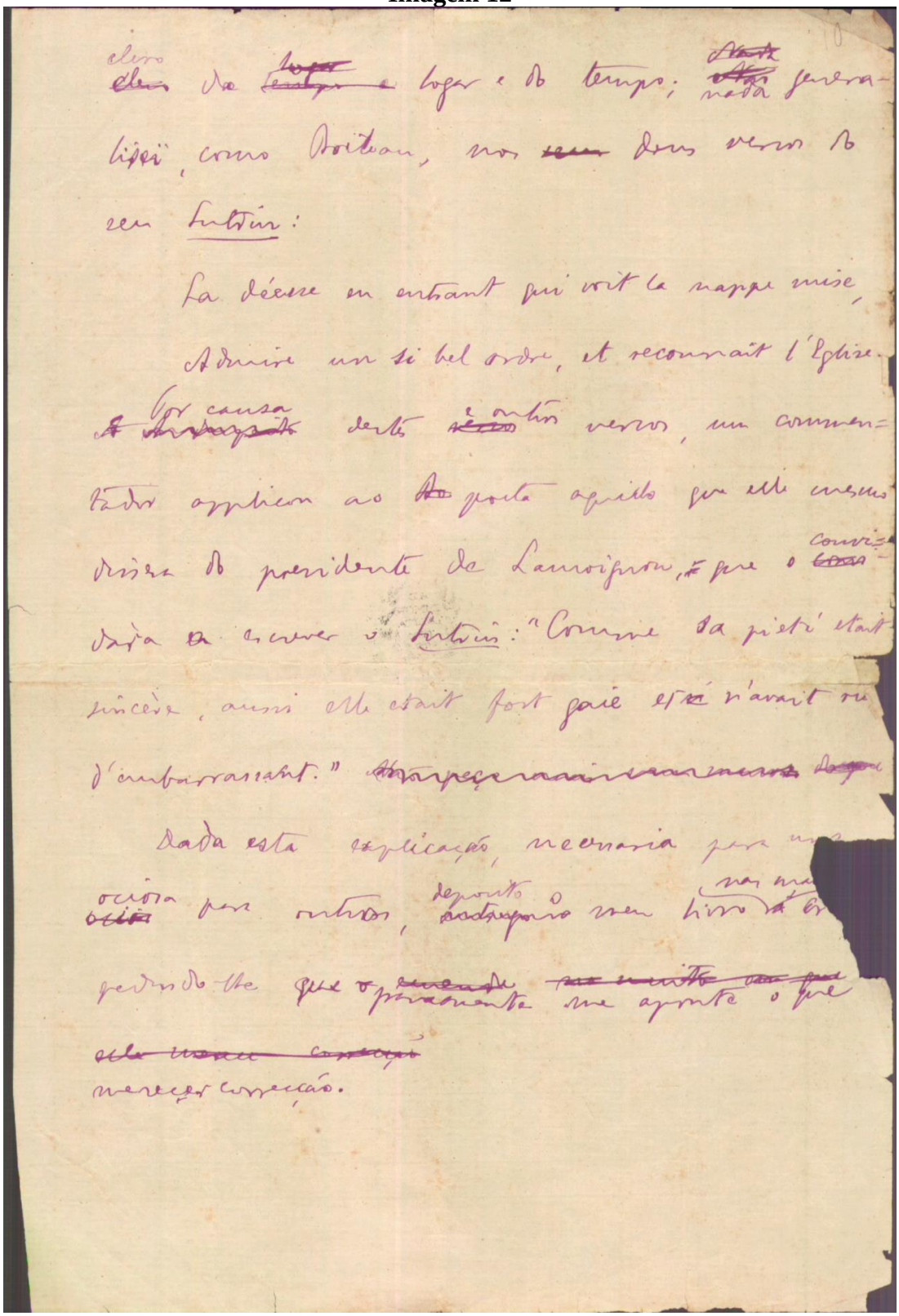
~~mil-os, truncal-os ou invental-os~~, quando assim
E
composição;
convenha ao plano da *~~convenção*;~~ mas as feições

geraes do tempo e da sociedade, *e/a* essas é necessaria

a fidelidade historica. Foi o que eu fiz neste
tudo
livro, convindo dizer que ~~nada~~ aqui se refere ao

[*] a lápis

Imagem 12



claro do lugar e do tempo; nada generalizei, como Boileau, nos dous versos do seu Lutrin:

La déesse en entrant qui voit la nappe mise,
Admire un si bel ordre, et reconnaît l'Eglise.

Por causa destes outros versos, um comentador applicou ao poeta aquillo que elle mesmo disse do presidente de Lamoignon, e que o convidava a escrever o Lutrin: "Comme sa piété était sincère, aussi elle était fort gaie et n'avait rien d'embarrassant."

Dada esta explicação, necessaria para uma ociosa por outros, deposito o meu livro nas mãos de V. pedindo-lhe que o provavelmente me aponte o que merecer correcção.

Transcrição (imagem 12)

~~clero~~ ~~logar~~ ~~Nada~~
clero do ~~tempo e~~ logar e do tempo; ~~Não~~ genera-
nada
lisei, como Boileau, nos ~~seus~~ dous versos do

seu Lutrin:

La déesse en entrant qui voit la nappe mise,

Admire un si bel ordre, et reconnait l'Eglise.

Por causa e outros
~~A~~ ~~A despeito~~ destes ~~versos~~ versos, um commen=

tador applicou ao ~~Bo~~ poeta aquillo que elle mesmo
convi=
dissera do presidente de Lamoignon, ~~;~~ que o ~~convi-~~

dará a escrever o Lutrin:"Comme sa pieté etait

sincère, aussi elle etait fort gaie et ~~n~~ n'avait r*ien*

d'embarrassant." ~~Não peço mais nem menos do que~~

Dada esta explicação, necessaria para u*ns*
ocioza depozito o nas ma*os*
~~ocioz~~ para outros, ~~entrego o~~ meu livro ~~á~~ cr*itica*

pedindo-lhe que ~~o emende no muito em que~~
francamente me aponte o que
~~elle merece correcção~~
merecer correcção.

tinta azul

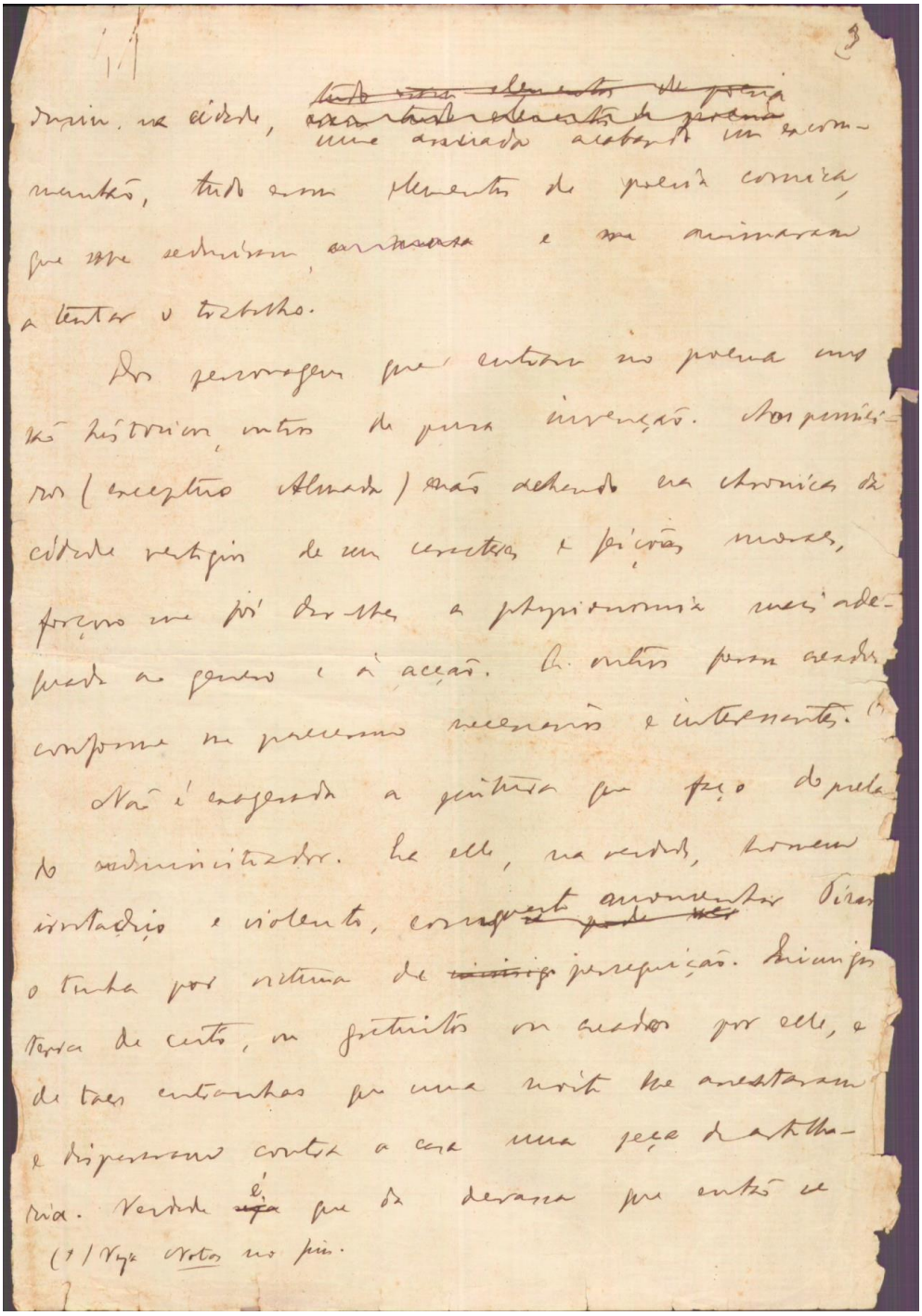
10 a lápis

deteriorado

deteriorado
deteriorado
deteriorado

Imagem 14

Obs.: A imagem 13 está fora de ordem e será apresentada após a imagem 208



Transcrição (imagem 14)

tinta preta

3

~~tudo eram elementos de poesia~~
duziu na cidade, ~~eram tudo elementos de poesia~~
uma assuada acabando em excom-
munhão, tudo eram elementos de poesia comica,

que me seduziram ~~a musa~~ e me animaram

rasura em tinta azul

a tentar o trabalho.

Dos personagens que entram no poema uns

são historicos, outros de pura invenção. Aos primei=

ros (exceptuo Almada) *e/n*ão achando nas chronicas da

cidade vestigios de seus caracteres e feiç*ão/ões* moraes,

forçoso me foi dar-lhes a physionomia mais ade-

quada ao genero e á acção. Os outros foram creados

conforme me pareceram necessarios e interessantes. (*1)*

deteriorado

Não é exagerada a pintura que faço do prela-

do administrador. Era elle, na verdade, homem
monsenhor
irritadiço e violento, *como/conq*uanto ~~se pode ver~~ Pizar*ro*

deteriorado

o tenha por victima de ~~inimigo~~ perseguição. Inimigos

teria de certo, ou gratuitos ou cread*as/os* por elle, e

de taes entranhas que uma noite lhe arrestaram

e dispararam contra a casa uma peça dartilha-
é
ria. Verdade ~~seja~~ que da devassa que então se

(1) Veja Notas no fim.

Imagem 15

se resultou ter sido aquelle attaque nocturno preparado por elle mesmo com o fim de se dar por victima do odio popular. O juiz assim o entendeu e sentenciou, e o prelado foi compellido a pagar as custas da alçada e do processo. Mondenhos Barreto pensa que foi isto ainda uma lance feliz dos seus perseguidores. Pode ser; mas capaz de grandes consas era certamente o prelado. Não tardou ~~para receber a contrapeça~~ tardou que recebesse ordem da corte para desistir do cargo, como se colhe de um documento do tempo, citado nas Memorias Historicas, livro VII.

O merecimento do ~~Tasso~~ poema, excepturando o ~~episodio~~ episodio de Eloisa, no canto VI, é todo catholico, sem todavia offender as solemnes verdades nem as pias crenças da egreja.

Observei escrupulosamente o estatuto do genero por é mister o tom, o gosto e as proporções da poesia epica. No canto V atrevi-me a parodiar uma das mais bellas ~~scenas~~ paginas da antiguidade, o episodio de Hector e Andromacha na Illiada. O fim da poesia

Transcrição (imagem 15)

tinta preta

4

fez resultou ter sido aquelle attaque nocturno prepa=

rado por elle mesmo com o fim de se dar por victima

de odio popular. O juiz assim o entendeu e sentenciou,

e o prelado foi compellido a pagar as custas da alçada

e do processo. Monsenhor Pizarro pensa que foi isto ainda

um lance feliz dos seus perseguidores. Pode ser; mas

capaz de grandes cousas era certamente o prelado. Não

~~tardou que recebesse da corte para~~
tardou que recebesse ordem da corte para desistir do

cargo, como se colhe d*a/e* um documento do tempo,

citado nas Memorias Historicas, tomo *I/V*II.

O maravilhoso do *~~tempo~~* *do/po*ema, exceptuando o

~~espirito~~ episodio da *l/L*isonja, no *ca*nto VI, é todo catho-

lic*a/o*, sem todavia offender as solemnes verdades

nem as pias crença da egreja.

Observei escrupulosamente o estatuto do genero

que é imitar o tom, o geito e as proporções da

poesia epica. No canto V atrevi-me a parodiar uma
mais
das bellas ~~aven~~ paginas da antiguidade, o episodio de

Heitor e Andromacha, na Iliada. É foro da poesia

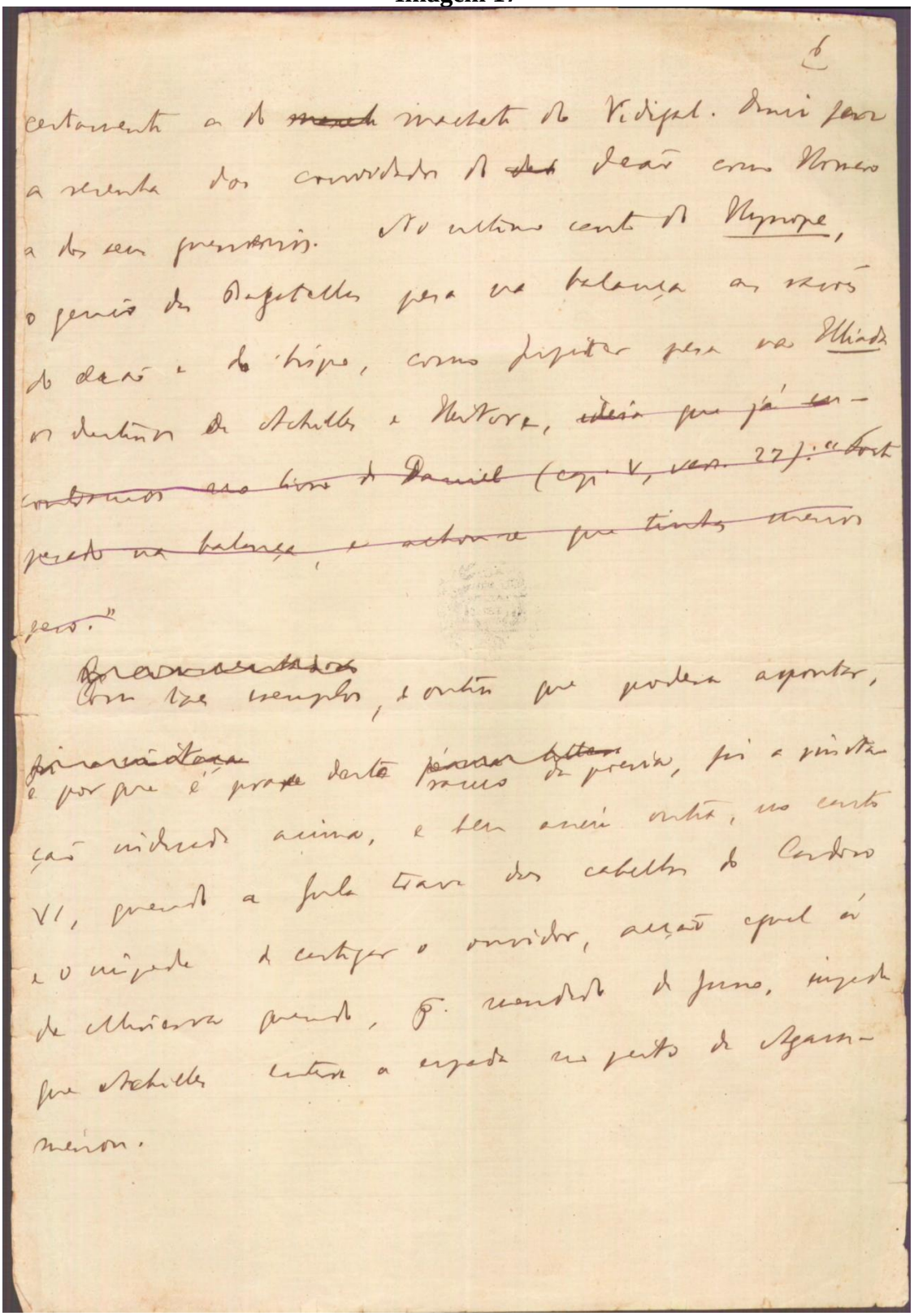
Imagem 16

heroi-comica reproduzir com as suas tintas proprias os
~~[illegible]~~ ~~por~~ predos da musa epica. Não pollem agora o Ariosto
nem o Tassoni. Parodiou Boileau, no *Lutrin*, o
episodio de Dido e Eneas; Dinis seguiu-lhe as pisadas
no dialogo do escrivão Fonseca e sua esposa, e outros
o fizeram em situações analogas ao do episodio em
que imitou a grande scena de Homero.

Não se limitou Dinis á unica imitação
citada. Muitas ha alli da ~~Iliade~~ *Iliada*, as quaes
nos vi até hoje apontadas, ~~[illegible]~~ talvez por que não adver-
~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ tenceu nellas. Indicar-lhei summariamente
Um dos mais ~~[illegible]~~ engraçados episodios do *Mysterio*,
o da cêrca dos Capuchinhos, parece-me directamente imitado do
dialogo de Helena e Priamo, quando este, no alto
~~[illegible]~~ das suas torres, interroga a esposa de Menelau a
respeito dos guerreiros gregos que vê dentro da Troya. O
~~[illegible]~~ vaticinio assado do Gallo e o prado vaticinio do Cavallo ~~[illegible]~~
~~[illegible]~~ Tanto. A pintura do escudo de ~~[illegible]~~ Achiles inspirou

Transcrição (imagem 16)	tinta preta
5	
reproduzir	
heroi-comica ~~apropriar~~ com as *s*uas tintas proprias *as/os*	
~~lances mais graves da poe~~	
quadros da musa epica. Não fallemos agora de Ariosto	
nem de Tassoni. Parodiou Boileau, no Lutrin, o	
episodio de Dido e Eneas; Diniz seguiu-lhe as pisadas	
no dialogo do escrivão Gonsalves e sua esposa./, e ambos	
o fizeram em situaç*ão/ões* analogas ao do episodio em	
que imitei a grande scena de Homero.	
Não se limitou Diniz á unica imitação	
citada. Muitas fez elle d*e/a* ~~Hom~~ Illiada, as quaes	
~~e não meatrevo a dizer~~	
não vi *a*té hoje apontadas, ~~ou p^r^. que não adverti-~~	
talvez por que não adver-	
~~ssem nellas, ou p^r^. que falta de occasião~~	
tissem nellas. Indical-as-hei summariamente.	
Um dos mais ~~bellos epis~~ episodios do Hyssope,	
engraçados	
parece-me	[parece-me] em tinta azul
o da cêrca dos Capuchos ~~é~~ directamente imitado do	
dialogo de Helena e Priamo, quando este, no alto	
~~da torre, int~~	
dos seus paços, interroga a esposa de Meneláo a	
respeito dos guerreiros gregos que vê diante de Troya. *A/O*	
vaticinio assado nada menos vaticinio	[nada menos] em tinta azul
~~prophecia~~ do *g/G*allo e *a/o* ~~prophecia~~ do cavallo	
~~ambos~~	
Xanto. A pintura do escudo de ~~Aschil~~ inspirou	
Achilles	

Imagem 17



6

certamente a de ~~[illegible]~~ machete de Vidigal. Mais para a vitoria dos convidados de ~~[illegible]~~ deão como Homero a dos seus protegidos. No ultimo canto da Olympiade, o genio da Bagatella põe na balança as sortes de deão e do bispo, como Jupiter põe na Illiada os destinos de Achilles e Hektorz, ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~

Transcrição (imagem 17)

tinta preta

6

certamente a do ~~maxch~~ machete do Vidigal. Diniz fez

a rezenha dos convidados do ~~deo~~ deão como Homero

a dos seus guerreiros. No ultimo canto do Hyssope,

o genio das Bagatellas peza na balança as razões

do deão e do bispo, como Jupiter peza na Illiada

os destinos de Achilles e Heitor ~~e~~, ~~ideia que já en-~~

~~contramos no livro de Daniel (cap.V, vers.27): "Foste~~

~~pezado na balança, e achou-se que tinhas menos~~

~~pezo."~~

~~Os commentadores~~

Com taes exemplos, e outros que podera apontar,

~~fiz a imitação~~

e por que é praxe dest*a/e* ~~fórma littera~~

ramo de poesia, fiz a imita-

ção indicada acima, e bem acreci outra, no canto

VI, quando a Gula trava dos cabellos do Cardoso

e o impede de castigar o ouvidor, acção egual á

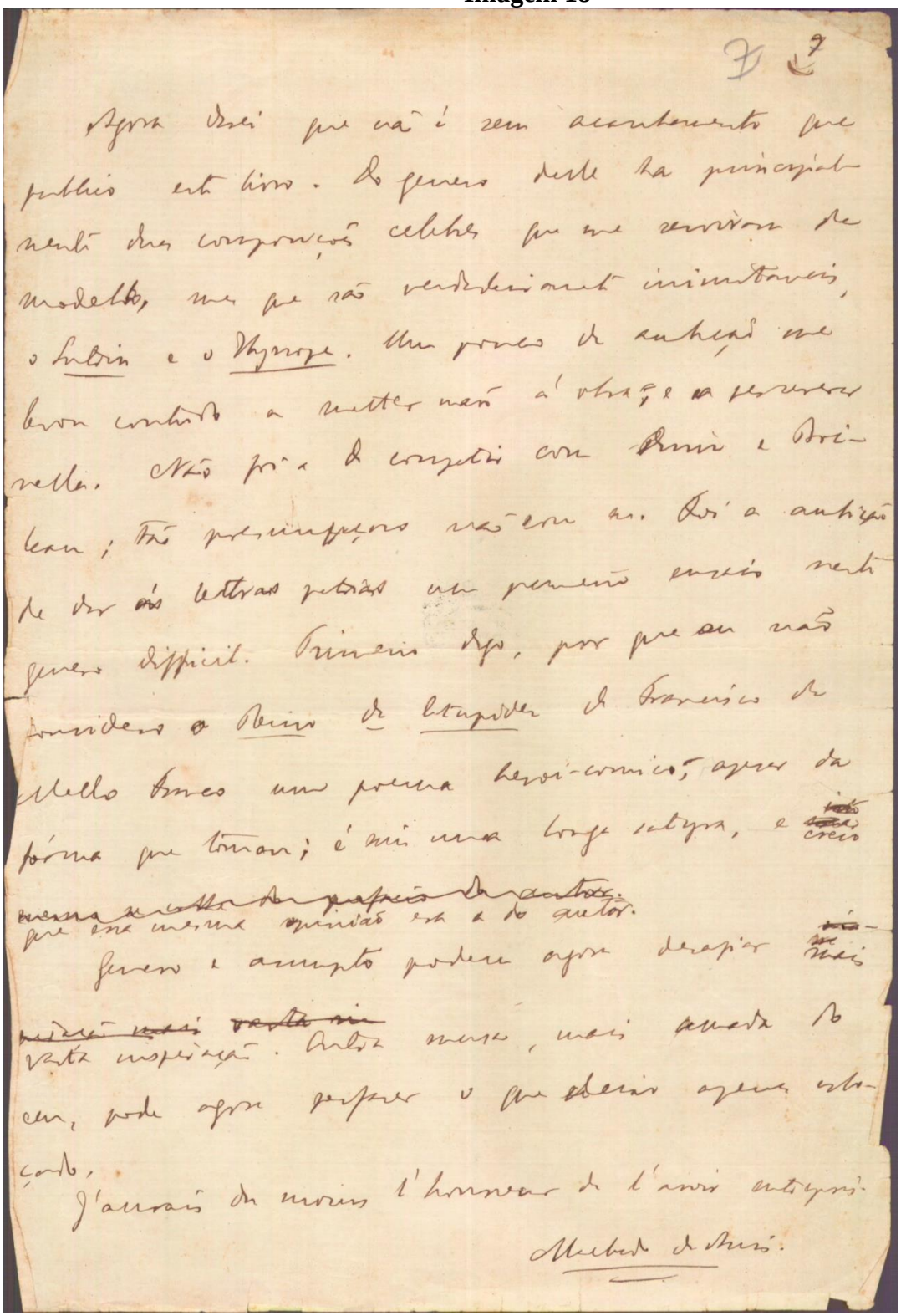
de Minerva quando, p^{r} mandado de Juno, impede

que Achilles enterre a espada no peito de Agam-

menon.

trecho tachado em azul

Imagem 18



Agora direi que não é sem acanhamento que publico este livro. Do genero deste ha principalmente duas composições celebres que me serviram de modelo, mas que são verdadeiramente inimitaveis, o Lutrin e o Rhyzope. Um pouco de audacia me levou comtudo a metter mão á obra, e a perseverar nella. Não pois de comparar com Boileau e Brizeux; tão presumpçoso não sou eu. Foi a antigua de dar ás lettras patrias um pequeno enseio neste genero difficil. Primeiro ainda, por que eu não imitei o Boileau do Estupido de Francisco de Mello Franco um poema heroi-comico, apesar da fórma que tomou; é mais uma longa satyra, e ~~[illegible]~~ creio ~~[illegible]~~ que esta mesma opinião era a do autor.

Genero e assumpto poderão agora despertar ~~[illegible]~~ mais ~~[illegible]~~ vasta inspiração. Antes mesmo, mais avesado do ceu, pode agora perpetrar o que deveria apenas esboçado,

J'arrais du moins l'honneur de l'avoir entrepris.

Herbert de Sousa.

Imagem 18

7 7

tinta preta
primeiro [7] a lápis

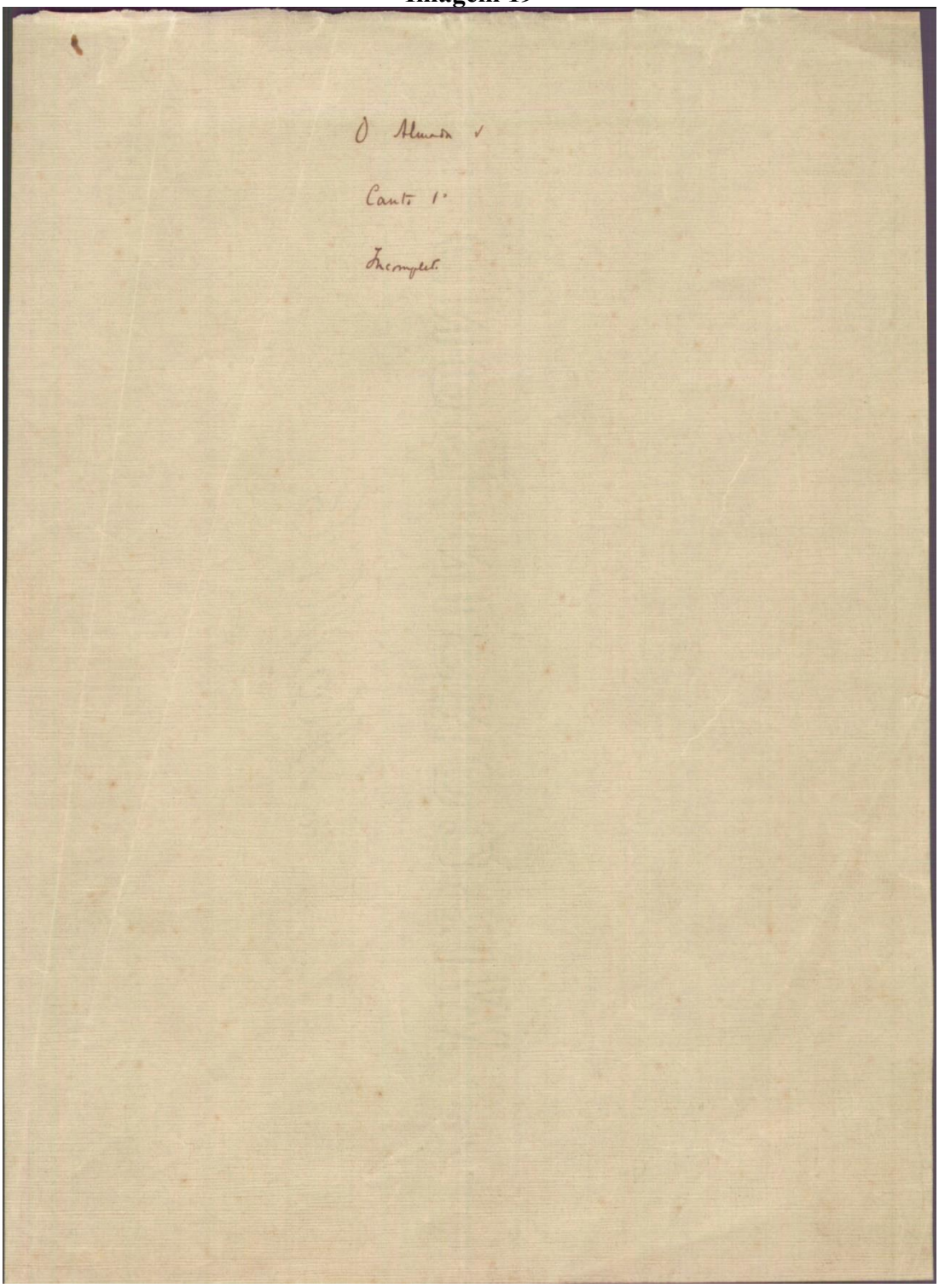
Agora direi que não é sem acanhamento que publico este livro. Do genero delle ha principalmente duas composições celebres que me serviram de model*/ll*o, mas que são verdadeiramente inimitaveis, o Lutrin e o Hyssope. Um pouco de ambição me levou contudo a metter mãos á obra ~~;~~ e a perseverar nella. Não foi a de competir com *B/D*iniz e Boileau; tão presum*c/p*çoso não era eu. Foi a ambição de dar ás lettras patrias um primeiro ensaio neste genero difficil. Primeiro digo, por que eu não considero *a/o* Reino da Estupidez de Francisco de Mello Franco um poema heroi-comico~~;~~, apezar da fórma que tomou; é sim uma longa satyra e [~~ileg.~~ ~~isto~~ creio ~~mesmo se colhe do prefacio do autor.~~ que essa mesma opinião era a do autor.

Genero e assumpto podem agora desafiar ~~ins-~~ ~~m~~ ~~piração mais vasta in~~ mais vasta inspiração. Outra musa, mais amada do ceu, pode agora perfazer o que *a/d*eixo apenas esboçado.

J'aurais du moins l'honneur de l'avoir entrepris.

Machado de Assis.

Imagem 19


O Almada ✓

Canto 1.º

Incompleto.

Transcrição (imagem 19)

O Almada
Canto 1º
Incompleto

tinta preta papel sem pauta
marca d'água Winsconsin Bond MMC

grafia de mão alheia

Imagem 20

1

Canto I

I

Musa, celebra a colera d. Almeida
Que a fluminense egreja encheu de assombro.
E se ao Douto Boileau, se ao grave Lepino
Os cantos inspirarte, e lhes tecerte
Com doceis mãos as immortaes capellas,
Perdoa se me atrevo de apportada
Esta empresa Tamanha. Tu me ensina
A magna causa e a temerosa guerra
~~Do Clero, do povo e do poder;~~ ~~guerra longa e inglorio~~
Que viu desatinar um povo inteiro,
Homens do foro, almotacés, senado,
Officiaes do exercito e do fisco,
Provincias, abbades e priores,
E quantos mais, á uma, defendiam
O povo, a egreja, e a régia autoridade.

Transcrição (imagem 20)

tinta azul
marca de clipe margem superior esquerda

1 a lápis

Canto I
-
I

Musa, celebra a colera do Almada

Que a fluminense egreja encheu de assombro. ~~;~~

E se ao douto Boileau, se ao grave Elpino

Os cantos inspiraste, e lhes teceste
cape*l/ll*as
Com doceis mãos as immortaes ~~cappellas~~,

Perdoa se me atrevo de affrontal-a

Esta empresa tamanha. Tu me ensina

A magna causa e a temerosa guerra
~~Almada e do ouvidor;~~ [~~ileg.~~]
~~Do ouvidor, do prelado; guerra longa *sangrenta*~~
Que viu desatinado um povo inteiro,

Homens do fôro, almotacés, senado,

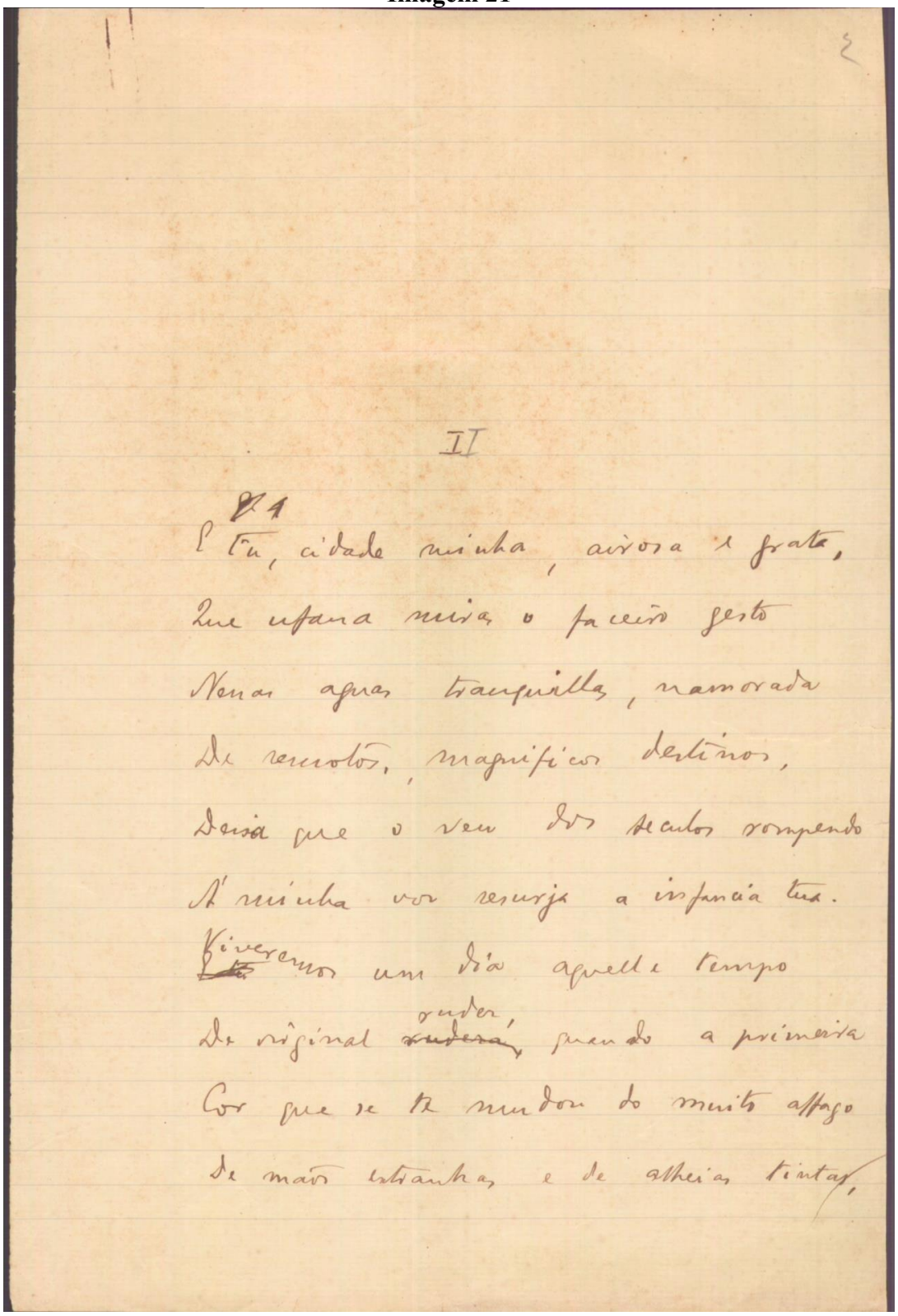
Officiaes do exercito e *se/do* fisco,

Provinciaes, abbades e priores,

E quantos mais, á uma, defendiam

O povo, a egreja , e a régia autoridade.

Imagem 21



2

II

1

Tu, cidade minha, airosa e grata,
Que ufana meia o faceiro gesto
Nestas aguas tranquillas, namorada
De recentes, magnificos destinos,
Deixa que o vem dos seculos rompendo
A minha voz resurja a infancia tua.
Viveremos um dia aquelle tempo
Do original ~~rudeza~~ rude,
Quando a primeira
Cor que se te mudou do muito affago
De mãos estranhas e de alheias tintas,

Transcrição (imagem 21)

tinta preta
marca de clipe margem superior esquerda
marca d'água Fiume
2 a lápis

II segundo [I] a lápis

~~E t~~
E Tu, cidade minha, airosa e grata,

Que ufana miras o faceiro gesto

Nessas aguas tranquillas, namorada

De remotos, magnificos destinos,

Deixa que o veu dos seculos rompendo

Á minha voz ressurja a infancia tua.
Viveremos
~~E tu~~ um dia aquelle tempo
rudez,
De original ~~rudeza~~, quando a primeira

Cor que se te mudou do muito affago

De mãos extranhas e de alheias tintas,

Imagem 22

~~Dormiõ sentadas e de alfeias trabalhos~~

A touca, ingenua fronte te adornava,
Naõ de joias pesada, mas viçosa
De folhagens agrestes. Quão mudada
Minha cabrel terra! Quem da infancia
Te ~~polid~~ polia a ruder pura e singella?
Obra do tempo foi que tudo acaba,
Que as cidades transforma como os homens.
Agora a flor da juventude o seio,
Que as mantelhas despera de outra edade,
Graciosa enfeita; crescerás com ella
Até que vejas descambar no espaço
O ultimo sol, e as desmaiado lume
Alvejarem-te as cans. Lutão, sentada
Sobre as ruinas ultimas da vida,
Velha embora, ouvirás nas longas noites,
A teus pés os solaços amorosos

Transcrição (imagem 22)

tinta preta
marca d'água Fiume
3 a lápis

~~De mãos extranhas e de alheias tintas,~~

A tosca, ingenua fronte te adornava,

Não de joias pesada, mas viçosa

De folhagens agrestes. Quão mudada

Minha voluvel terra! Quem da infancia
Te ~~polid~~ poliu a rudez pura e singella?

Obra do tempo foi que tudo acaba,

Que as cidades transforma como os homens.

Agora a flor da juventude o seio,

Que as mantilhas despira de outra edade,

Graciosa enfeita; crescerás com ella

Até que vejas descambar no espaço

O ultimo sol./, e ao desmaiado lume

Alvejarem-te as cans. Então, sentada

Sobre as ruinas ultimas da vida,
Velha embora, ouvirás nas longas noites, [~~ileg.~~]

A teus pés os soluços amorosos

Imagem 23

4

Dessas perpetuas aguas, sempre moças,
Que o tamoyo escutou barbaro e livre...
Mas, quão longe o crepusculo branqueia
Desse sol derradeiro! A aura dos seculos
Muita vez roçará teu seio armado
Sem desbotar-te a côr. Nada esses echos
Das montanhas, que invade o passo do homem,
Não de contar aos successivos tempos
Muito feito de gloria. Extrema, grande,
Guanabara serás... Oh! não encubras
O gosto de ambição e de vaidade,
Da travessa, agitada garridice,
Tão amavel, de certo, mas tão outro
Do encolhimento, do roceiro modo
Dos teus dias da infancia. Justo é elle;
Varia com a idade o gosto; és moça,
E moça do teu seculo.

Transcrição (imagem 23)

tinta preta
marca de clipe margem superior esquerda
marca d'água Fiume
4 a lápis

Destas perpetuas aguas, sempre moças,

Que o tamoyo escutou barbaro e livre...

Mas, quão longe o crepusculo branqueia

Desse sol derradeiro! A az*as/a* dos seculos

Muita vez roçará teu seio amado

Sem desbotar-lhe a côr. Inda esses echos

Das montanhas, que invade o passo do homem,

Hão de contar aos successivos tempos

Muito feito de gloria. Estrenua, grande,

Guanabara serás... Oh! não encubras

O gesto de ambição e de vaidade,

De travêssa, agitada garridice,

Tão amavel, de certo, mas tão outro

Do encolhimento, do roceiro modo

Dos teus dias da infancia. Justo é elle;

Varia com a idade o gosto; és moça,

E moça do teu seculo.

Imagem 24

A tosca, ingenua fronte lhe adornava.
Agora a flor da juventude o seio
Que as mantilhas despria de outra edade,
Graciosa enfeita; crescerá com ella
Até que vejas descambar no espaço
O ultimo sol, e ao desmaiado lume
Alvejarem-te as canas. Então sentada
Sobre as ruinas ultimas da vida,
Velha embora, ouvirás nas longas noites,
A teus pés os soluços amorosos
Desta perpetua agua, sempre moça,
Que o famoso escutou, barbaro e livre...
Mas quem longe o crepusculo branqueia
Desse sol derradeiro! Ah! não encubras
O gerto de ambição e de vaidade,
De taverna, agitada garridice,
Tão amavel, de certo, mas tão outro

Transcrição (imagem 24)

tinta preta
marca de clipe margem superior esquerda
marca d'água Al Masso

x A tosca, ingenua fronte te ador*ne/n*ava. [x] a lápis

x Agora a flor da juventude o seio [x] a lápis

Que as mantilhas despira de outra edade,

Graciosa enfeita; crescerás com ella ,

Até que vejas descambar no espaço

O ultimo sol, e ao desmaiado lume

Alvejarem-te as cans. Então sentada

Sobre as ruinas ultimas da vida,

Velha embora, ouvirás nas longas noites,

A teus pés os soluços amorosos

Destas perpetuas aguas, sempre moças,

Que o tamoyo escutou, barbaro e livre...

Mas quão longe o crepusculo branqueia

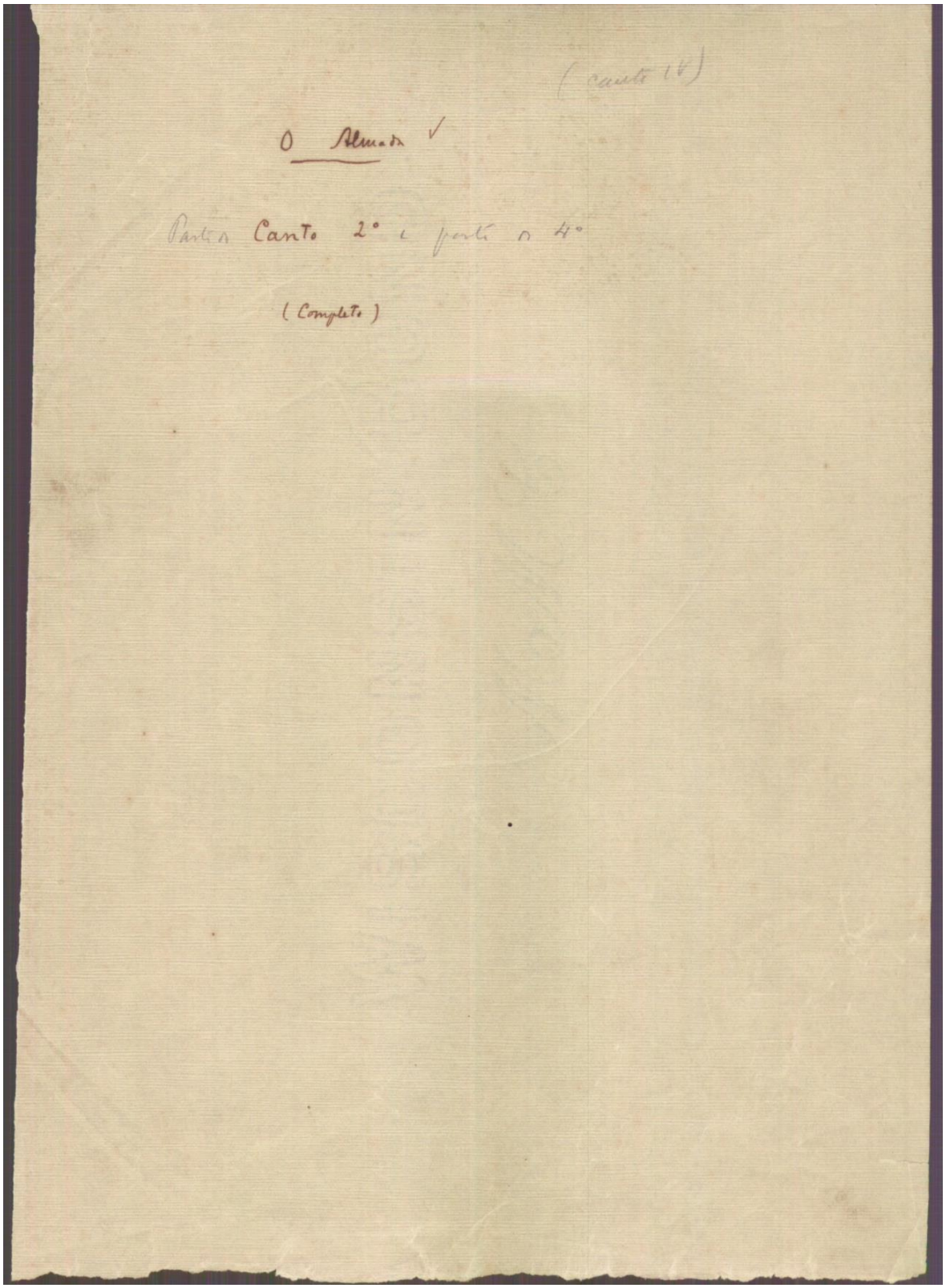
Desse sol derradeiro! Oh! não encubras

x O gesto de ambição e de vaidade, [x] a lápis

De travêssa, agitada garridice,

Tão amavel, de certo, mas tão outro

Imagem 25


(canto 16)

O Almada ✓

Partes Canto 2° e parte do 4°

(Completo)

Transcrição (imagem 25)	lápis e tinta preta grafia de mão alheia marca d'água Wisconsin Bond MMC
(canto IV) O Almada √	a lápis
Parte do Canto 2º e parte do 4º	[Parte do] [e parte do 4º] a lápis
(Completo)	

Imagem 26

Canto II 2

XII

Em dor par agora separemos
Tantas forças ha pouco despendidas
Na crua guerra contra o vão senado
Que, sôbre ser desprimoroso e bronco,
Ha um grande atrevido, e imaginava
Atar-lhe as bentas mãos, vedar-lhe o passo,
De da antiga capella á varzea humilde
(Para pongar ás reverendas plantas
A subida da ingreme ladeira)
O martyr Sebastião mandar prisone,
Ás ~~lendas~~ gentes se acolhem da casa sua
O ~~agedor~~ da fluminense gente.
Não de outra sorte o rispido pampeiro,
Depois que o campos e revolta mares
Desabrido varreu, as aras frouxas
De novo enzola, o ímpeto refréa,
E á morada dos Andes se recolhe.

De com
~~De com elle~~ Delle
~~De com elle mais~~

Transcrição (imagem 26)

tinta azul
marca de clipe margem superior esquerda

canto II

a lápis

2

~~V~~ II

Em doce paz agora refazendo

Tantas forças ha pouco despendidas

Na crua guerra contra o vão senado

Que, sôbre ser desprimoroso e bronco,
e
Era um grande atrevido, ~~e~~ imaginava

Atar-lhe as bentas mãos, vedar-lhe o passo,

Se da antiga capella á varzea humilde

(Pa*v/r*a poupar ás reverendas plantas

A subida da ingreme ladeira)

O martyr *s/S*ebastião mudar quizesse,
sombras
Ás ~~tendas~~ se acolheu da casa sua.
O regedor da fluminense egreja.
Não de outra sorte o rispido pampeiro,

Depois que os campos e revoltos mares

Dezabrido varreu, as azas frouxas

De novo enrola, o impeto refrêa,

E á morada dos Andes se recolhe.

De com
~~De com elle.~~ Delle
~~De com elle medir~~

Imagem 27

3

~~8~~ III

Então a Gula, que jamais lograra
De todos triumphar na infante egreja,
A vil Preguiça serodia busca,
E vae achal-a cochilando á porta
~~E vae achala dormitando á porta~~
~~E vae achala a~~
~~De um cochilar á encontra~~
De um amavel parceiro, que os seus homens
~~De um convento particular, velha casa~~
E o nome dos avós, á custa gastos
~~Dorido respira a veneranda sombra~~
De muita antilava e muita longa
Lucetropica mettida.
~~Sombra mysmatal~~. Alli com ella
Descem Indigestões e Apoplexias,
Sua querida e diligente prole;
Umas pallidas vão, outras vermelhas,
E todas opprimidas e cançadas
De esvasias botucas em descanço
E encher continuamente os cemiterios.
Com a pesada planta a Gula toca
O peito da Preguiça, que estremece,
Abre os olhos a custo, a custo a lingua
A mastigar começa alguma phrase,

Transcrição (imagem 27)

tinta azul

3

~~V~~ III

Então a Gula, que jamais logrará

De todo triumphar na infante egreja,

A vil Preguiça revoando busca~~,~~
E vae achal-a cochilando á porta
~~E vae achal-a dormitando á porta~~
~~E vai achal-a a~~
~~a cochilar a encontra~~
De um amavel garçao, que os bens houvera
~~De um convento bernardo, velha casa~~
E o nome dos avós, á custa ganhos
~~Donde fugira a veneranda sombra~~
De muita cutilada e muita lança
Em Africa mettida
~~Do doutor immortal~~. Alli com ella

Descem Indigistões e Apoplexias,

Sua querida e diligente prole;

Umas pallidas são, outras vermelhas,

E todas offegantes e cançadas

De esvaziar boticas sem descanço

E encher continuamente os cemiterios.

Com a pesada planta a Gula toca

O peito da Preguiça, que estremece,

Abre os olhos a custo, a custo a lingua

**a*/A* mastigar começa alguma phrase,

Imagem 28

4

Quando a irmã, nestas vozes prorrompendo,
A pelavra lhe corta: "Será crivel
Que o nosso poder sempre respondo
Só a Sra governo ha tanto tempo
A flumiense egreja, e que o prelado,
Dos nossos armas em desdouro eterno,
N'um perpétuo lidar empregue os dias,
Que nem seios, nem jogos, nem banquetes
A raiva lhe moderam? olhana amiga.
Dentro em breve prostradas ficaremos,
Que o poder usurpando a pouco e pouco,
Ella se reinará no mundo inteiro."

III (IV)

Desta geito fallando a voar Sula,
Os brios da Bequiça abala e accorda,
E a lembrança lhe tem desconsolada
De quantas vezes a terrivel Sra

Transcrição (imagem 28)

tinta preta
marca d'água Fiume
4 a lápis

Quando
~~Mas~~ a irmã, nestas vozes prorrompendo,

A palavra lhe corta : " – Será crivel

Que do nosso poder sempre mofando

So a Ira governe ha tanto tempo

A fluminense egreja, e que o prelado,

Das nossas armas em desdouro eterno,

N'um perpétuo lidar empregue os dias,
Que
~~Quem~~ nem ocios, nem jogos, nem banquetes
Mana amiga,
A raiva lhe moderem? ~~Deste modo,~~
Dentro em breve
~~Certamente~~ prostradas ficaremos,

Que o poder usurpando a pouco e pouco

Ella so reinará no mundo inteiro."

~~V~~III (IV) — rasura e [I] em tinta azul, [(IV)] a lápis

Deste geito fallando a voraz Gula,

Os brios da Preguiça abala e accorda,
lembrança — tinta azul
E a ~~memoria~~ lhe traz descon*c/s*olada — rasura em tinta azul

De quantas vezes a terrivel Ira

Imagem 29

Alta obra analogia das artes suas.
"— Vamos (lhe diz) a cercar-lhe o pôrto
Do triumpho. Tropicão enseja é este
Mais que nenhum; esse revolto oceano
Que dous mundos divide, a accender guerras,
A rebellar o coração dos homens
A barbara transação." Isto dizendo
Torna nos braços a Tapuiça, e voa,
Com certa fronidade cortando os ares,
E a granadas descem. Lute a Ermida
Que ao nazareno artifice votára
A piedade christã, e esse edificio
Que albergue foi de miseros culpados,
A cara do prelado aos olhos surge.
Alli descendo a fula e a Tapuiça
Invisiveis penetram, e nos braços
m O fogoso pastor e seus amigos
m Sem muito esforço ao coração apertam.

Transcrição (imagem 29)

As/As obras malogrou das artes suas.

"–Vamos (lhe diz) a cercear-lhe o gôsto

Do triumpho. Propicio ensejo é este
Mais que nenhum; esse revolto ~~oceano~~ oceano
Que dous mundos divide, a *~~cercear~~* accender guerras,

A rebellar o coração dos homens

A barbara transpôr." Isto dizendo

Toma nos braços a Preguiça ~~,~~ e voa;
Com ~~doce lentidão~~ certa frouxidão cortando os ares,

E a Guanabara descem. Entre a ermida

Que ao nazareno artífice votára

A piedade christã, e esse edificio

Que albergue foi de miseros culpados;

A caza do prelado aos olhos surge.
Alli ~~chegando~~ descendo a Gula e a Preguiça

Inviziveis penetram, e nos braços

O fogoso pastor e seus amigos
Sem muito esforço ao coração apertam.
~~Sem *resiste*~~
~~Com *dezusado* [ileg.] ao seio apertam.~~

tinta azul

5 a lápis

Imagem 30

IV (V)

Adeus, guerras! adeus perdidas brigas!
Os banquetes agora e as fofas camas,
Os somnos regalados e compridos,

As merendas, as ceias, os licores

De toda a casta, as puchas, as compotas,

Com intervallos de palestra e jogo,

A vida são do jovial prelado.

Elle a queda não vê do grande nome

Lida ha pouco tenido; nem os chupos

Lhe dão abalo no abatido peito.

Em vão algum adulador sacrista

Os ditos da cidade lhe levava,

As dentadas arrogancias da gente

Maliciosa e vadia; o grande Alvada

Á desmancias d'amigo vigilante,

Os medos homens encolhia apenas,

Flemmatico bocejo, e c'um bocejo,

E c'um arroto respondia a tudo.

V

Com elle os dias docemente passam

Transcrição (imagem 30)

tinta azul

6 a lápis

IV ~~III~~ (V) [(V)] a lápis

Adeus, guerras! adeus fervidas brigas!
Os banquetes agora e as fofas camas,
Os somnos regalados e compridos,

As merendas, as ceias, os licores ~~,~~

De toda casta, as fructas, as compostas,

Com intervallos de palestra e jôgo,

A vida são do jovial prelado

Elle a quéda não vê do grande nome

Inda ha pouco temido; nem as chufas

Lhe dão abalo no abatido peito.

Em vão algum adulador sacrista

Os ditos da *im/ci*dade lhe levava,

As dentadas anonigmas da gente

Malicioza e vadia; o grande Almada

Ás denuncias do amigo vigilante,

Os nedios hombros encolhia apenas,

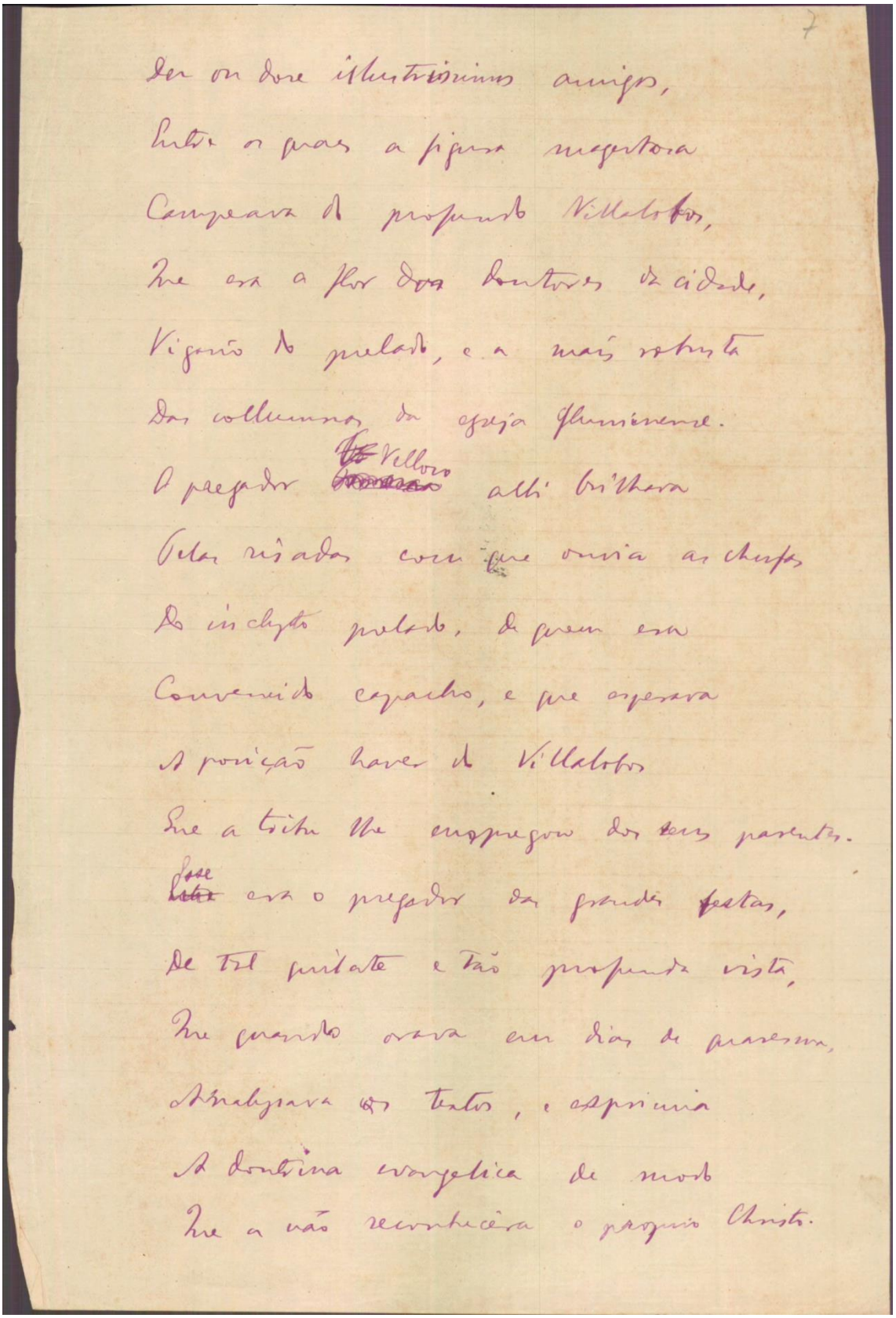
Fleugmatico sorria, e c'um bocejo,

E c'um arroto respondia a tudo.

~~IX~~ V

Com elle os dias docemente passam

Imagem 31



7

Ser os dous illustrissimos amigos,
Entre os quaes a figura magestosa
Campeava do prosperado Villalobos,
Que era a flor dos doutores da cidade,
Vigario do prelado, e a mais robusta
Das collumnas da egreja fluminense.
O pregador ~~[illegible]~~ Velloso alli brilhava
Pelas risadas com que ouvia as chistes
Do inclyto prelado, de quem era
Convencido capacho, e que esperava
A posição haver do Villalobos
Que a tristi lhe empregou dos seus parentes.
~~Este~~ Esse era o pregador das grandes festas,
De tal quilate e tão prosperada vista,
Que quando orava em dias de quaresma,
Analisava os textos, e esprimia
A doutrina evangelica de modo
Que a não reconhecêra o parvo Christo.

Transcrição (imagem 31)

tinta azul

7 a lápis

Dez ou doze illustrissimos amigos,

Entre os quaes a figura magestosa

Campeava do profundo Villalobos,

Que era a flor dos doutores da cidade,

Vigario do prelado, e a mais robusta

Das collumnas da egreja fluminense.
~~Fo~~ Vellozo
O pregador *~~Fonceca~~* alli brilhava

Pelas risadas com que ouvia as chufas

Do inclyto prelado, de quem era

Convencido capacho, e que esperava

A pozição haver do Villalobos

Que a tribu lhe empregou dos seus parentes.
Esse
~~Este~~ era o pregador das grandes festas,

De tal quilate e tão profunda vista,

Que quando orava em dias de quaresma,

Analysava os textos, e esprimia

A doutrina evangelica de modo

Que a não reconhecêra o proprio Christo.

Imagem 32

XVI

Segue-se o impavido escrivão Cardoso,
Que mede nove palmos de estatura,
E tem força no pulso como gente,
E ainda é mais destemido que forçoso.
O Lucas, com quem foi ingrato e avaro,
A dar-lhe entendimento, a natureza,
Tambem alli com elles palestrava
E, sem nada entender, de tudo ria;
Mas sendo sempre egual a mãe nossa
Em estomago o cerebro compensa
~~Do~~ Ao porto comitaõ, que não contente
De devastar as ricas esquadras
~~Da casa do~~ Quando na casa do prelado corre,
Com os olhos devora, cinda faminto,
A tamina das pretas da cosinha.
Vinha depois o Nunes, o Duarte,
E pretos ou cinco mais; porem faltava

Transcrição (imagem 32)

~~I~~ ~~X~~ VI

Segue-se o impavido escrivão Cardoso,

Que mede nove palmos de estatura,

E tem força no pulso como gente,

E inda é mais destemido que forçoso.

O Lucas, com quem foi ingrata e avara,

Ao dar-lhe entendimento, a natureza,

Tambem alli com elles *passeava/palestrava*

E, sem nada entender, de tudo ria;

*E/M*as sendo sempre egual a madre nossa

Em estomago o cerebro compensa
Ao
~~Do~~ gordo comilão, que não contente

De devastar as nobres eguarias
Quando na
~~Da casa do~~ casa do prelado come,

Com os olhos devora, inda faminto,

A tamina dos pretos da cozinha.

Vinha depois o Nunes e o Duarte,

E quatro ou cinco mais; porem faltava

tinta azul

Imagem 33

9

Meia dúzia de ~~barrigas verdadeiras~~ padres venerandos,
Do ~~prelado~~ Abrantes, que quem poder não teve a fala nunca,
Nem a verde frequiça, e que enjoados
Da vida volta que ~~vivam~~ viviam esses,
As valadas á porta acudindo,
Da ~~venerável~~ aborrecível casa se alongaram
~~Levando~~ ó alma a austeridade antiga
E a pureza immortal da sancta egreja.

~~VIII~~ VII (IIII)

Os mais delles, em fórola conversa,
Os receios do dia commentavam.
Alli o alcaide-mór e o seu governo,
Entre continuas urofes e risadas,
Dos amaveis ~~fe~~ perrós picados eram,
E bem assim o ~~[illegible]~~ Pomeranio illustre,
~~[illegible]~~,
~~[illegible]~~,

Transcrição (imagem 33)	tinta azul
9	a lápis
padres venerandos, Meia duzia de ~~amigos verdadeiros~~ ~~Almada~~ ~~Do prelado~~, *e/E*m quem poder não teve a Gula nunca, Nem a molle Preguiça, e que enjoados viviam Da vida solta que ~~viviam~~ esses, As sandalias á porta sacudindo, aborrecivel Da ~~irreverente~~ casa se alongaram Levando ~~Levad~~ n'alma a austeridade antiga E a pureza immortal da sancta egreja.	
~~V~~ ~~III *V/X* I~~ VII (VIII)	[(VIII)] a lápis
Os mais delles, em frivola conversa, Os successos do dia commentavam. Alli o alcaide-mor e o seu governo, Entre continuas mofas e risadas, Dos amaveis ~~fe~~ ferrões picados eram*./,* ~~popular senado~~ E bem assim o ~~polar~~ temerario Mustre, ~~Que sobre ser desprimoroso e bronco,~~ ~~Era um grande atrevido; imaginava~~	

Imagem 34

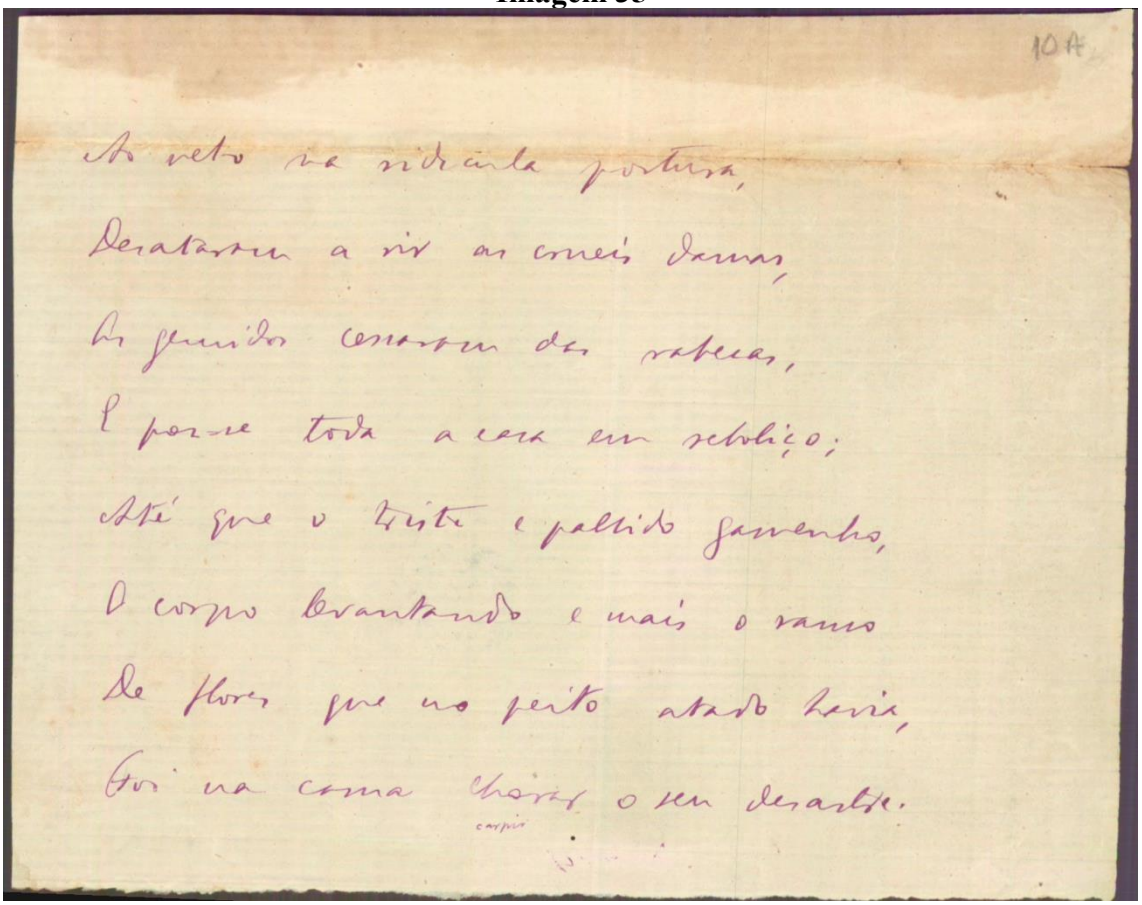
Que de si mesmo cheio, presumia
Ter o rei na barriga, e na cabeça
Toda a sciencia humana concentrada.
Vinha depois algum picante caso
De monachal discordia, ou de profana
Namoração, que o Nunes abellhado,
Para o baço espraiar da grande Armada,
E fazer jus ás boas graças delle,
Pelas suas colhia, e ~~guardava~~ temperava
De combinados pausas e trogeitos.

~~XV~~ ~~XIV~~ VIII (IX)

Finalmente fallavam da aventura
Do ~~[illegible]~~ almotacé Fagundes, que, dansando
Na sua de Alecrim com nunma graça,
Tão desenfado contemplava as moças
Que de ventas cahiu no pó da sala.

Transcrição (imagem 34)	tinta azul
10	a lápis
Que de si mesmo cheio, presumia	
Ter o rei na barriga, e na cabeça	
Toda a sciencia humana concentrada.	
Vinha depois algum picante caso	
De monachal discordia, ou de profana	
Namoração, que o Nunes abelhudo,	
Para o baço espraiar do grande Almada,	
E fazer jus ás boas graças delle,	
temperava Pellas ruas colhia, e ~~que adulava~~	
De combinadas pausas e tregeitos	
~~I V XII~~ VIII (IX)	[(IX)] a lápis
Finalmente fallavam da aventura	
almotacé Do *~~sacristão~~* Fagundes, que dansando	
Na rua do Alecrim com summa graça,	
Tão derretido contemplava as moças	
Que *na/de* ventas cahiu no pó da sala	

Imagem 35



10A

Ao veto na sidrãla postura,
Desatarem a rir as meiãs damas,
Os gemidos cessaram das cabeças,
E pos-se toda a casa em sebolição;
Até que o triste e pallido Zamenho,
O corpo levantando e mais o ramo
De flores que no peito atado havia,
Foi na cama chorar o seu desastre.
corpo

Transcrição (imagem 35)

tinta azul
folha cortada
10A a lápis

Ao vel-o na ridicula postura,

Dezataram a rir as crueis damas,

Os gemidos cessaram das rabecas,

E pos-se toda a caza em reboliço;

Até que o triste e pallido gamenho,

O corpo levantando e mais o ramo

De flores que no peito atado havia,

Foi na cama chorar o seu desastre
carpir

Imagem 36

X (X) 11

Iam assim as horas despiando
As maldições sagradas, quando a nova
Da victoria das duas fordas cultpas
Troa ás orelhas da terrivel Ira.
Sobre um campo inundo de batalha
Ella os olhos pascia; ella no sangue
Satisfeita mirava o duro rosto;
Subito estaca; as risqidas melenas
Impetuosa sacode; e, suffocando
Um rugido feroz dentro do peito,

Rompe, como um tufão, da terra ás nuvens,
Os ares corta e á bella terra desce
Que houve de Santa Cruz o leito nome.

Transcrição (imagem 36)

tinta preta
folha cortada e colada
marca d'água Al Masso
11 a lápis

I ~~I~~ X ~~III~~ (X)

rasuras, [I] e [III] em azul; [(X)] a lápis

Iam assim as horas desfiando

Os mandriões sagrados, quando a nova

Da victoria das duas gordas culpas

Troa ás orelhas da terrivel Ira.

Sobre um campo voando de batalha

Ella os olhos pascia, ella no sangue

Satisfeita mirava o duro rosto~~,~~ ;

Subito estaca; as rispidas melenas

Impetuoza saccode; e, suffocando

Um rugido feroz dentro do peito,

Rompe, como um tufão, da terra ás nuvens,

Os ares corta e á bella terra desce

Que houve de Santa Cruz a lei e o nome.

Imagem 37

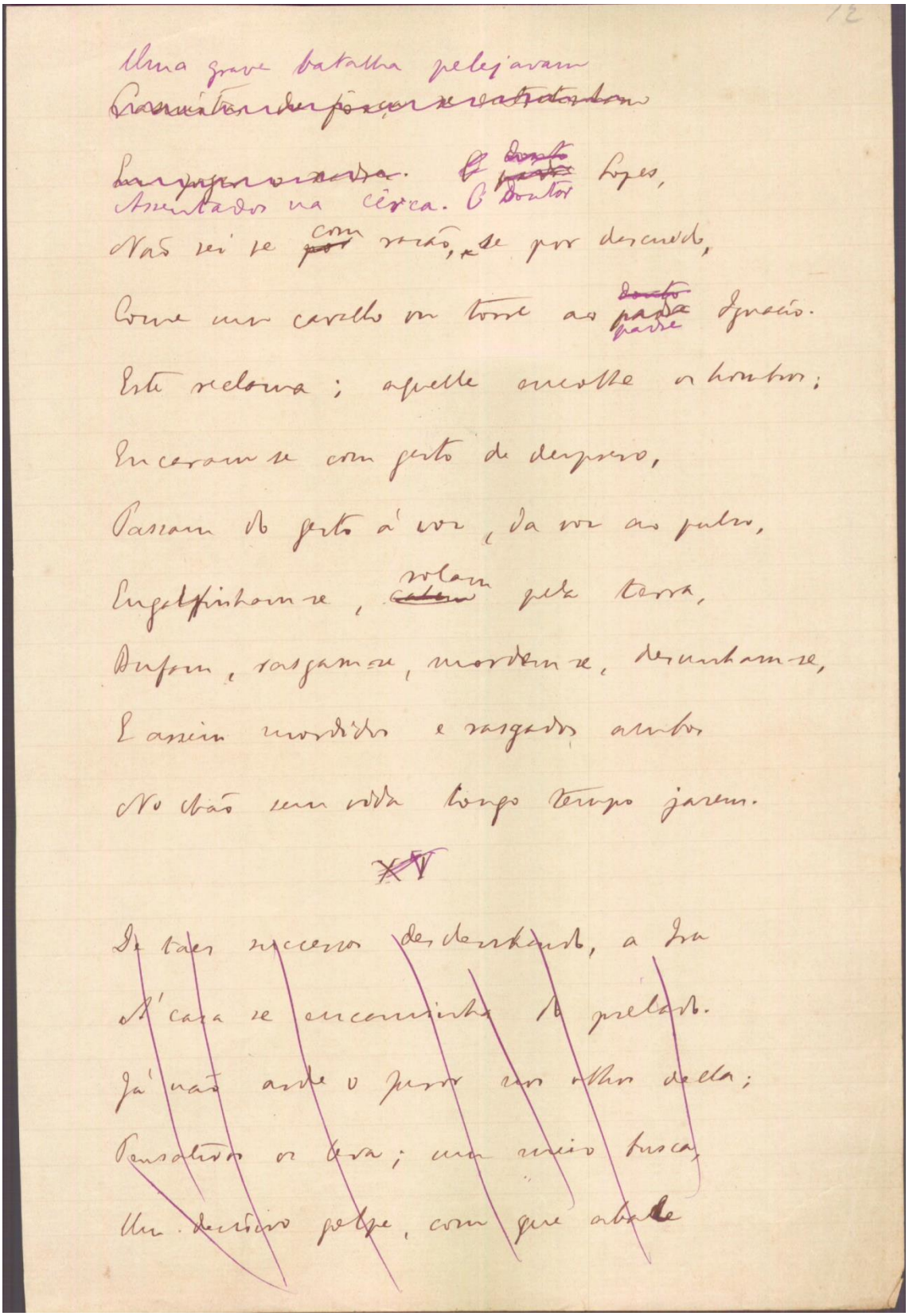
Emfim assoma ao aspero penedo
Que a joven Victeroty, como atalaia,
~~Dos escadas, [illegible]~~
~~Vesuvianamente~~ gelada. - Alguns instantes
Dalli contempla os tectos da cidade,
E outra vez devolvendo impetuosa
As rubras aras, atravessa o golpho,
E firma os pés na desejada praia.

X ~~V~~ (XI)

Tudo parecia em paz. Só que um barbeiro
Que de um visinho escanhoava o rosto,
De mil alheios casos discursando,
Irritase de subito, e de um golpe
Acaba no preguer a barba e a vida.
Não distante, no celebre Collegio,
~~Não longe, no Collegio, deram pancadas~~
Dous estudantes de primeira plana

Transcrição (imagem 37)	tinta preta com rasuras em azul folha cortada e colada marca d'água Al Masso
Enfim assoma ao aspero penedo	
Que a jovem Nicterohy, como atalaia~~,~~ ~~Do creador,~~ ~~Eternamente defende~~ Eternamente guarda. Alguns instantes	
Dalli contempla os tectos da cidade,	
E outra vez devolvendo impetuoza	
As rubras azas, atravessa o golpho,	
E firma os pés na desejada praia.	
X ~~IV~~ (XI)	[~~IV~~] em azul, [(XI)] a lápis
Tudo jazia em paz. Eis que um barbeiro	
Que de um vizinho escanhoava o rosto,	
De mil alheios cazos discursando,	
Irrita-se de subito, e de um golpe	
Acaba no freguez a barba e a vida.	
Não distante, no celebre *c/*Collegio,	tinta azul
~~Não longe, no *c/*Collegio, dous famosos~~	rasura em azul
Dous enxadristas de primeira plana	tinta azul

Imagem 38



12

Uma grave batalha pelejavam
~~Grassaram de força e se batiam~~

~~Lançando-se~~. ~~O~~ ~~Doutor~~ Lopes,
Atentados na cêrca. O Doutor
Não sei se ~~por~~ com razão, se por descuido,
Corre um cavallo em torre ao ~~Doutor~~ ~~padre~~ padre Ignacio.
Este reclama; aquelle encolhe os hombros;
Encaram-se com gesto de desprezo,
Passam do gesto á voz, da voz ao pulso,
Engalfinham-se, ~~caem~~ rolam pela terra,
Bufam, rasgam-se, mordem-se, desunham-se,
E assim mordidos e rasgados ambos
No chão em volta longo tempo jazem.

~~XV~~

De todos succesos desconhecido, a sua
A' casa se encaminha o prelado.
Já não arde o fogo em olhos della;
Pensativo os leva; um meio busca,
Um decisivo golpe, com que abale

Transcrição (imagem 38)

tinta preta com rasuras em azul
marca d'água Al Masso
12 a lápis

Uma grave batalha pelejavam — tinta azul
~~Carmitas de fôrça se entretinh~~am — rasura em azul
~~douto~~ — tinta azul
~~Em jogar o xadrez. O padre~~ Lopes, — rasura em azul
Assentados na cêrca. O doutor — tinta azul
com
Não sei se ~~por~~ razão, ~~,~~ se por descuido,
~~douto~~ — tinta azul
Come um cavallo ou torre ao ~~padre~~ Ignacio.
padre — tinta azul
Este reclama; aquelle encolhe os hombros;

Encaram-se com gesto de desprezo,

Passam do gesto á voz, da voz ao pulso,
rolam
Engalfinham-se, ~~cahem~~ pela terra,

Bufam, rasgam-se, mordem-se, desunham-se,

E assim mordidos e rasgados ambos

No chão sem vida longo tempo jazem.

~~X *I/V*~~ — [V] e rasura em azul

~~De taes successos desdenhando, a Ira~~

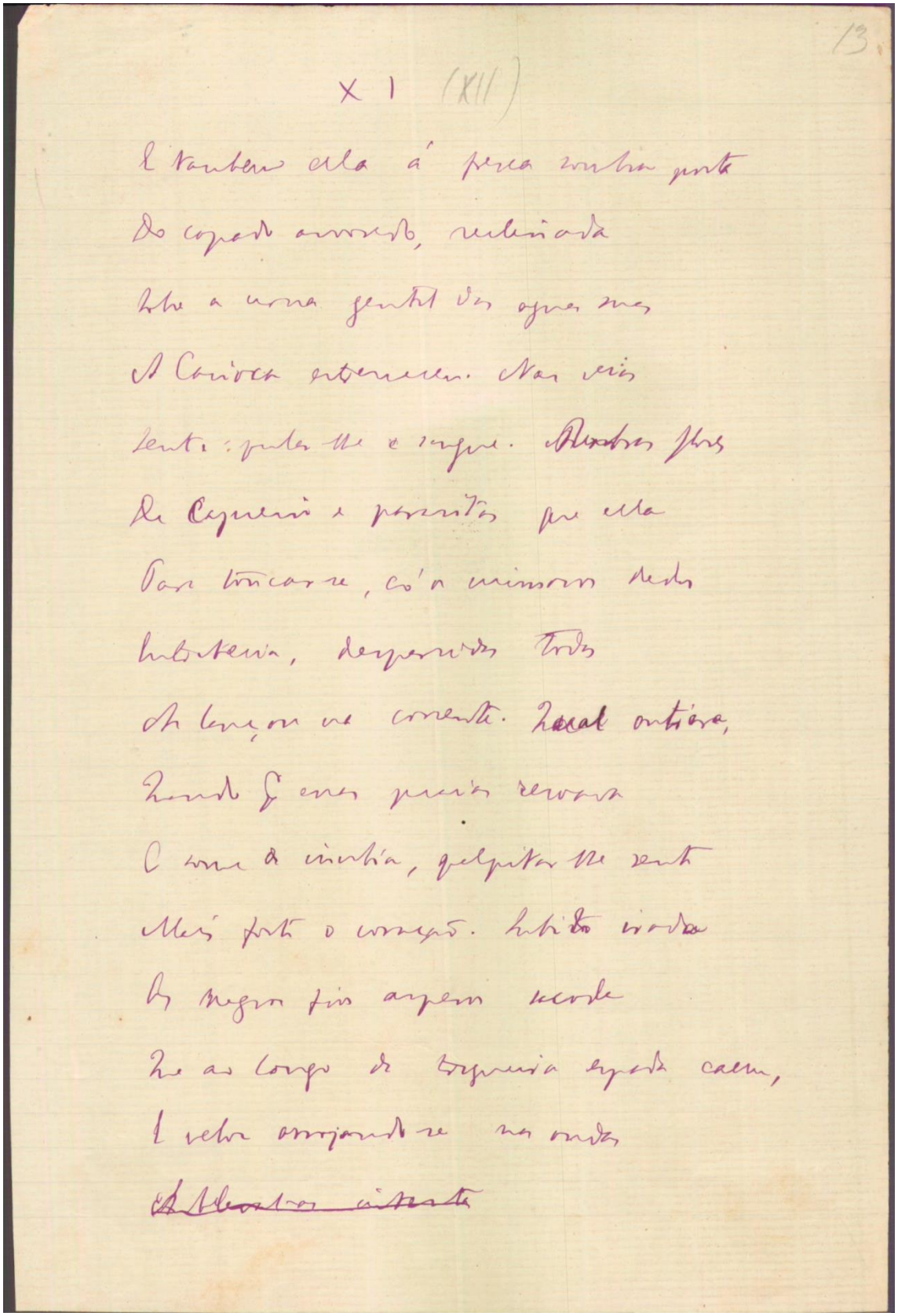
~~Á casa se encaminha do prelado.~~ — Trecho riscado com tinta azul

~~Já não arde o furor nos olhos della;~~

~~Pensativos os leva; um meio busca,~~

~~Um decisivo golpe, com que abale~~

Imagem 39



13.

X I (XII)

E tambem ella á perca voltou porta
Do esquecido amorado, recebendo
Sobre a urna gentil dos olhos meus
A Coivara estendendo. Nas veias
Sente: pulsar-lhe o sangue. Alvadas flores
De Cipreiro e parasitas por ella
Vão trançar-se, co'n mimosos dedos
Entretecia, desprendidos todos
Os louros no corrente. Zaral outiora,
Quando se eres perdia revoava
O vento a cinzia, palpitar-lhe sente
Meio forte o coração. Inteiro ainda
Os negros fios argenos recorde
Ao longo da trigueira espada caem,
E velos arrojando-se na onda
~~Alabastros cintante~~

Transcrição (imagem 39)

	tinta azul
13	a lápis
XI (XII)	[(XII)] a lápis

E tambem ella á fresca sombra posta

Do copado arvoredo, reclinada

Sobre a urna gentil das aguas suas

A Carioca estremeceu. Nas veias

Sente pular-lhe o sangue. *As/Ru*bras flores

De Cajueiro e parasitas que ella

Para toucar-se, co'os mimosos dedos

Entretecia, desparzidas todas

As lançou na corrente. Qual outr'ora,

Quando p^{r} essas praias resoava

O som da inubia, palpitar-lhe sente

Mais forte o coração. Subito irada

Os negros fios asperos sacode

Que ao longo da trigueira espada caem,

E veloz arrojando-se nas ondas,

~~Subleval-as intenta~~

Imagem 40

14

Sublevados intenta, encher com elles
Corpos e ~~vidas~~ mortos... Infeliz! Cançada,
Arquejante e Ahnga a ~~retrocedeu~~ recolhe:
Não pôde dilatar os seus braços
Tamanha empresa; e a lyra que ~~carregava~~ nessa,
Como sentade dos meteoros male,
Fugindo volve as propicias ondas.

XII (XIII)

~~De tres encantos desdenhando a sua~~
De, tres encantos desdenhando a sua
~~Alma~~
A'cara se encaminha do palacio.
Já não cede o pavor aos olhos della;
Constancia na dura; em meio busca
Um decisivo golpe com que abate

Transcrição (imagem 40) | tinta azul

14 | a lápis

Subleval-as intenta; encher com ellas
montes....
Campos e ~~valles~~... Infeliz! Cançada,
recolhe;
Arquejante e chorosa se ~~reconhece~~

Não fiou *n/N*atureza de seus braços
murmura,
Tamanha empreza; e a lynpha que ~~suspira~~,

Como sentida dos maternos males,

Languida volve as preguiçosas ondas.

XII (XIII) | [(XIII)] a lápis

~~De taes sucessos desdenhando a Ira~~
De taes sucessos desdenhando a Ira
~~Á ca~~
Á caza se encaminha do prelado.

Já não arde o furor nos olhos della;

Pensativos os leva; um meio busca

Um decisivo golpe com que abale

Imagem 41

15

A ~~adormecida~~ egreja, quando a tunda
Decorreu do tabellião pacato
Freire, amante de moças e aventuras.
Quem as armas brandir daquelle crime?
A mão dos servos do prelado forte.
Este caso em seu intimo revolve ~~[illegible]~~
A perda culpa; o olhar pita; pensa...
Repentino sorriso os labios lhe abre;
Apregoando diversos de punição
Japarussú; achado é o grande golpe.
A trar bate a porta e servando
A casa vae do escurecido Freire.

~~Fim do 1.º acto.~~

Transcrição (imagem 41)

tinta preta
marca d'água Fiume
15 a lápis

A adormecida egreja, quando a tunda

Occorre~~u~~ do tabellião pacato

Freire, amador de moças e aventuras.

Quem as armas brandiu daquelle crime?

As mãos dos servos do prelado foram.
revolve
Este caso em seu intimo ~~contempla~~

A fera culpa; os olhos fita; pensa...

Repentino sorriso os labios lhe abre;

Arreganho dissereis de faminto

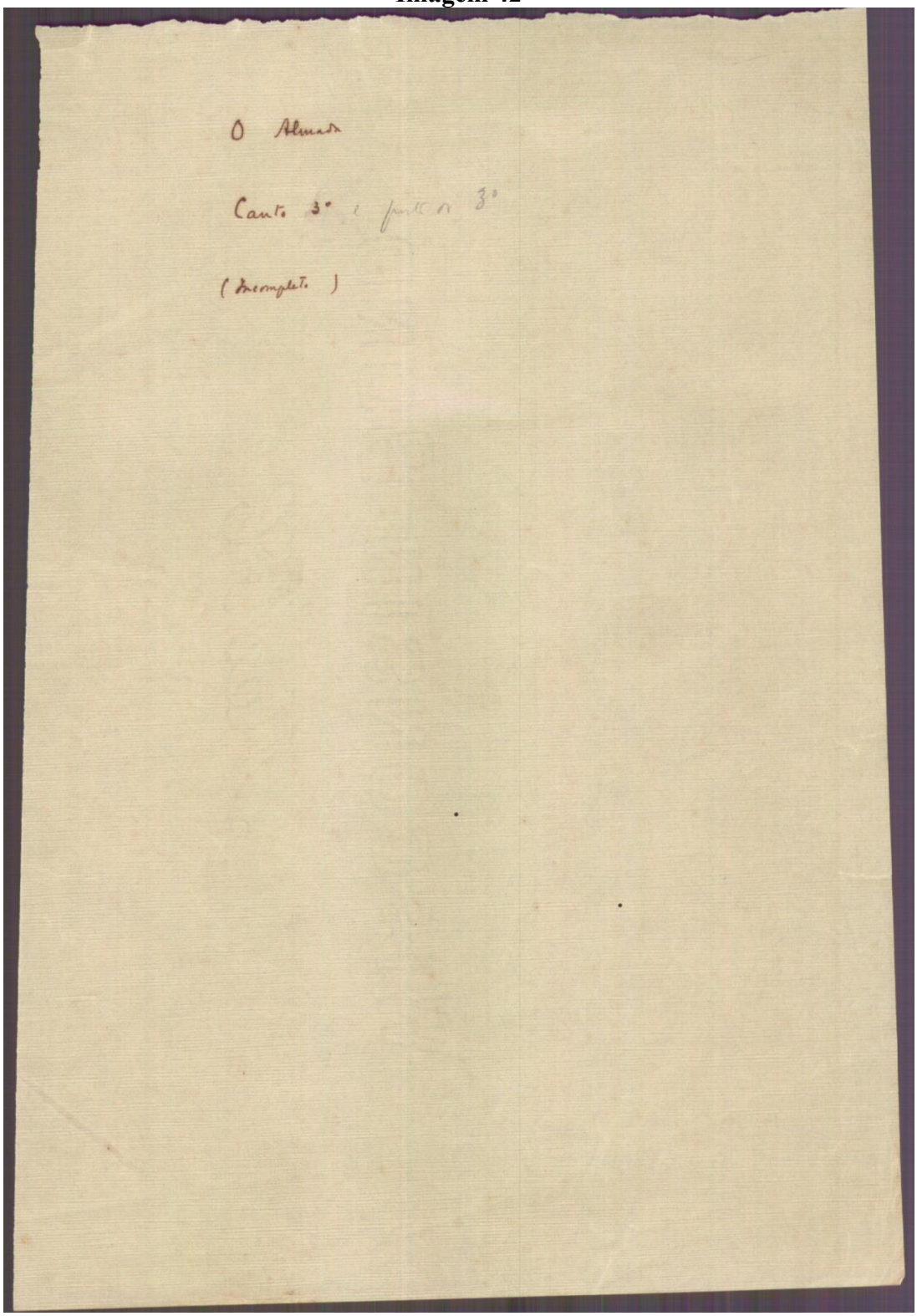
Jaguarussú; achado é o grande golpe.

As *b/a*zas bate a Ira e revoando

Á casa vae do esmorecido Freire.

~~Fim do *1º* canto~~ rasura em azul

Imagem 42



O Almada

Canto 3º e fim do 3º

(Incompleto)

Transcrição (imagem 42)	tinta preta grafia de mão alheia marca d'água Wisconsin Bond MMC
O Almada	
Canto 3º e parte do 3º	[e parte do 3º] a lápis
(Incompleto)	

Imagem 43

Canto III

— I

"Pronto à escuta, em verdeira tristeza.(*)
E o moço começou: "~~[illegible]~~ Alandarione, o tio,
Na ~~[illegible]~~ lembrança fenove do mesmo
Inferno, e a ridícula aventura
Na que foi gst. parte. Eis os contos
O misterioso caso de armada
Na ~~[illegible]~~ outra estrela cruzou vossa,
Certa noite de ~~amores~~ encantos
Na que ~~[illegible]~~ um rival de amargo seu tempo
A pena teve, e causa foi da morte
Na hoje perdere vossa lembrança.

II

Na trece ta ki nesta comedia humana
Na que não entrou moçoi? Decidida,
Como heroína de ~~[illegible]~~ romance antigo,

(*) Versão de Odorico Mendes, na tradução da ~~[illegible]~~ Eneida.

Transcrição (imagem 43)

tinta azul

Canto III

- I

"Promptos á escuta, emmudecera todos. , (*)
Mandais-me,
E *m/o* moço começou: "~~Mandais-me~~, ó tio,

Que a lembrança renove do namoro

Infeliz, e a ridicula aventura

Em que fui gd. parte. Ora vos conto

O mysterioso cazo da assuada.
essas
Que ~~estas~~ estrellas curiosas viram,

Certa noite de amores encobertos
um rival
Em que ~~o Freire~~ do amargo seu triumpho

A pena teve, e causa foi da affronta

Que hoje padece Vossa Senhoria.

II

Que lance ha hi nessa comedia humana

Em que não entrem moças? Descorada,
rimance
Como heroina de ~~romance~~ antigo,

(*) Verso de Odorico Mendes, na traducção da ~~Odyssea~~.
Eneida

Imagem 44

Alva como as mais alvas deste mundo,
Tal que diserais lhe negára o sangue
A mãe natureza, Margarida
Tom o mave, delicado aspecto
De uma santa de cera, antes que a tinta
O matiz beatífico lhe ponha.
É alta e fina, sentimental e bella.
Olhos, tom n'ós da côr incerta e vaga
Que não é puro azul nem alvo puro,
Antes continuação de ambas as cores,
Mas tão subtil no entanto, e tão perfeita,
Que não ha decidir. Garços lhes chamam,
E se não mentem fabulas gentias,
Minerva os tinha assim. Nunca mais vívido
Transparecêra em rosto de donzella
Vergonhosa pudor, agreste e rude,
Que até de uns simples olhos se mejorava,

Transcrição (imagem 44)

tinta azul
marca d'água L-JDL&C^{o}

Alva como as mais alvas deste mundo,

Tal que dissereis lhe negára o sangue

A madre natureza, Margarida
Tem
~~Tinha~~
~~Era~~ o suave, delicado aspecto

De uma santa de cera, antes que a tinta

O matiz beatifico lhe ponha.
É
~~Era~~ alta e fina, senhoril e bella.
tem n'os
Olhos, ~~tinha os~~ da côr incerta e vaga

Que não é puro azul nem alvo puro,

Antes combinação de ambas as cores,

Mas tão subtil no entanto, e tão perfeita,

Que não ha decidir. Garços lhes chamam,
gentias
E se não mentem fabulas ~~antigas~~,
~~vi~~ claro
Minerva os tinha assim. Nunca mais ~~claro~~
vivo
Transparacêra/Transpareceu em rosto de donzella

Vergonhoso pudor, agreste e rude,
magôa
Que até de uns simples olhos se ~~offendia~~,

Imagem 45

E chega a encontrar, (e o pensamento
inspira algum) anonymo inspiro,
Em secreta ambição de amante ousado.
Ah! é
vela, ao domingo, caminhando
A' missa, co'os parentes e os escravos,
A um de punho, em grave e compassada
Procissão; ver-lhe o doce
compostura,
A devoção com que ella escuta o padre,
E os agnus dei levanta
não ao peito,
Mas que abrem de fogos e desejos
Dez ou doze amadores. respeitosos
De sua graça, varios na figura,
Na posição, na edade e no piso,
E que alli mesmo, á hora dos bentos cyrios,
(Bem de longe vem já tão mais continuos!)
Ousam ainda inspirar por ella.

Transcrição (imagem 45)

chega a enrubecer
E ~~chegava a corar~~, se o pensamento
~~um~~
~~Lhe *adivinhava/adivinha*~~ anonymo suspiro,
Suspeita algum
Ou remota ambição de amante ousado.
Oh! é
~~Era~~ vel-a, ao domingo, caminhando

Á missa, co'os parentes e os escravos,

A um de fundo, em grave e compassada
doce
ver-lhe a ~~grave~~
Procissão; ~~Era ver-lhe a~~ compostura,
ella escuta
A devoção com que ~~escutava~~ o padre,
levanta
E no agnus -- dei ~~levava~~ *m/a* mão ao peito,
abona
Mão que ~~enchia~~ de fogos e dezejos

Dez ou doze amadores respeitosos

De suas graças, varios na figura,

Na pozição, na edade e no juíso,

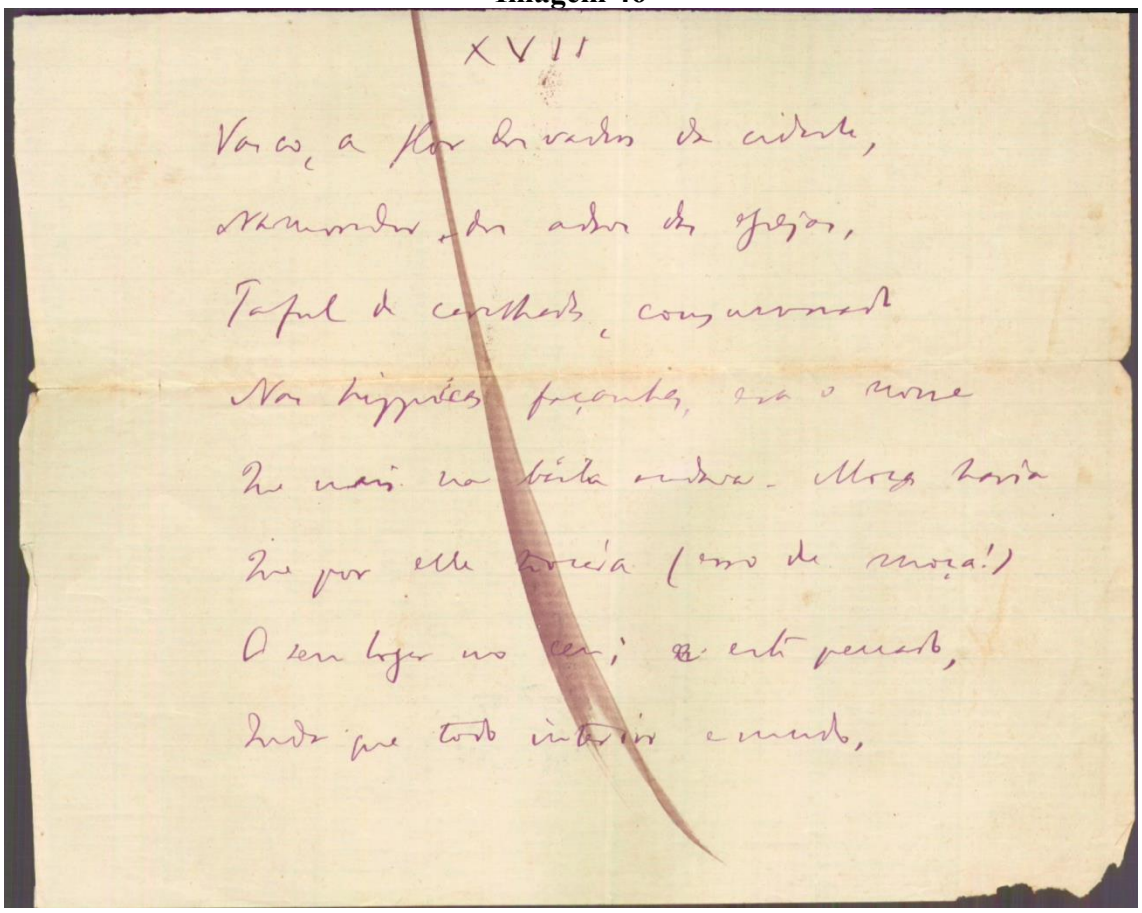
E que alli mesmo, á luz dos bentos cyrios,
(Bem de longe vem já tão maus costumes!)
(~~Tão de longe vem já os maus costumes!~~)

Ousavam/Ousam ainda suspirar por ella.

tinta azul
marca d'água L-JDL&Cº

acréscimo interlinear em tinta preta

Imagem 46



XVII

Vaco, a flor dos vales da cidade,
Namorado, dos astros do Infinito,
Tapuia de cabellos, consumido
Nas hippocras fronteiras, era o nome
Que usei na doida ardia. Moça havia
Que por elle batia (erro de moça!)
O seu logar no ceu; e está perdido,
Tudo que tudo interior e puro,

Transcrição (imagem 46)

XVII

Vasco, a flor dos vadios da cidade,

Namorador ~~,~~ dos adros das egrejas,

Taful de cavalhadas, consumado

Nas hippicas façanhas, era o nome

Que mais na baila andava. Moça havia

Que por elle trocára (erro de moça!)

O seu logar no ceu; *es/e* este peccado,

Inda que todo interior e mudo,

tinta azul
folha cortada

Imagem 47

V

Ai, Ruben, eu, tenho, á ingenua dama
~~Olhar um vão da gentil e ingenua dama~~
~~Ao vão tornar lançar a pedida doncella~~
~~Eu tenho, tenho dá á inguina dama.~~

A flor do esquivo coração gedrá;
~~Olhar~~ um vão
~~Inutis~~ o suspiro ~~lhe~~ me brotavam
Do ~~seio puro~~ intimo ~~intimo~~ do peito; nem da esperta
Mucama, — natural complice amiga —
Darta sorte de crimes, ~~lhe~~ me valiam
Ao recado de doce, — nem as longas,
Mavicas lettras em papel bordado,
Atadas cá a symbolica fitinha
Côr de esperança, e olhares desvelados,
Se a trepava a janella, — raro evento,
Que o que varão de bolsa e qualidade,
Que ~~supunhava~~ hoje descença das ~~Largar nas damas~~ fadiga longas
Vividas no mercado de africanos,
~~Era~~ É um typo de ~~[illegible]~~ ~~solidas~~ virtudes
E incerta experiencia. Poucas vezes

Transcrição (imagem 47)	tinta preta com rasuras em azul marca d'água Wisconsin Bond MMC
V	
Ai, tambem eu, tambem á ingenua dama	tinta azul
~~ingenua~~	
~~Mas em vão da gentil e amavel dama~~	
~~Em vão da linda e pallida donzella~~	
~~Eu tambem, tambem eu á esquiva dama~~	tinta azul
~~ingenua~~	tinta azul
A flor do esquivo coração pedia;	
Mas em vão me	tinta azul
~~Inuteis~~ os suspiros ~~lhe~~ brotavam	rasura em azul
intimo	
Do ~~mais fundo~~ do peito: nem da esperta	
~~âmago~~	
Mucama, - natural complice amiga ~~,~~	
me	tinta azul
Desta sorte de crimes, - ~~lhe~~ valiam	rasura em azul
Os recados de boca;/, nem as longas,	
Maviosas lettras em papel bordado,	
Atadas co'a symbolica fitinha	
Côr de esperança, — e olhares derretidos,	
Se a topava a janella, — raro evento,	
Que o pae, varão de bolsa e qualidade,	
hoje descança	tinta azul
Que ~~repousava~~	rasura em azul
~~Largar não dava~~ das fadigas longas	
Havidas no mercado de africanos	
É	tinta azul
~~Era~~ um tippo de ~~VI~~ solidas virtudes	rasura em azul
E muita experiencia. Poucas vezes	

Imagem 48

Sale á rua; na hora da festa
Apoga o povo, em desordem
Alvoroçado na ~~[illegible]~~ marquesa,
Com um séquito a trajar nos antigos,
Seu estilo maior, desfrute o tempo.

∀ I

Os teares de seda que ha tem dous meses
Nosso ~~[illegible]~~ aqui na cidade na loucida
Festa de cavalheiros e esplendentes,
Com sonoro ao ar hino e outros folgares.
Abre a cid. pois festa
Como nos dias de solemne festa.
Da gd. aclamação, de que deve falar
Com sinceros os vencedores de outro tempo,
Vai-se agora de medida e paro,
Todo o povo recreia as ceias suas.

Transcrição (imagem 48)

Sahe á rua; nas horas de fastio

A jogar o gamão, ou recostado

Mollemente na ~~*ch*~~ marquesa,

Com um vizinho a tasquinhar nos outros,

Sem trabalho maior, desfructa o tempo.

I/V I

Ora haveis de saber que ha bem dous mezes
aqui na
Houve ~~nesta~~ cidade uma luzida

Festa de cavalhadas e argolinhas,

Com dansas ao ar livre e outros folgares.

Abalada a cid. quasi tanto

Como nos dias da solemne festa

Da gd. acclamação, de que ainda fallam

Com saudade os muchachos de outro tempo,

Varões agora de medida e pezo,

Todo o povo deixára as casas suas.

tinta azul

Imagem 49

Foste amigo ou aquelle! Bruscamente
A correr deste ver uma agrestia,
Visto um raio escondido, esquecido
De longe, verde, flutuante plume,
Escondido no no dorso de um cavallo
Lanado, pela a fertil a guerra

~~Da esp~~

VII

Se a passo o corcel, como ia a passo
Meu pensamento, certo de conquista
Se ele viu o brilho cavalleiro
Se por outra aquelle bello olhos
Devidor promettia na intrecidi
Um certo de rivaes. Subitamente
Vejo aponta a rispida lança
Do ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~
General, pai; a lança o espe,
~~Se hoje estou e lentamente espe.~~

Transcrição (imagem 49)

Grato ensejo era aquelle! Resoluto

A correr desta vez uma argolinha,

Visto um *raio* escarlate, capacete

De longa, verde, flutuante pluma,

Escancho-me no dorso de um cavallo
vou
E armado para a festiva guerra.

~~Ia a pas~~

X/V II

Ia a passo o corcel, como ia a passo

Meu pensamento*;/,* certo da conquista

Se ella visse o brilh^{e}. cavalleiro

Que por amor daquelles bellos olhos

Derribar promettia na estacada

Um cento de rivaes. Subitamente

Vejo apontar a rispida figura
~~vener~~
Do ~~grande pae, e a veneranda espoza~~
veneravel pae; a espoza o segue,

~~Que logo atraz e lentamente o segue.~~

tinta azul

Imagem 50

~~Kate agora della a doce attagarida~~
E logo atra a ~~delicada~~ inspirada moça
~~A [illegible] mais [illegible]~~
Que lentamente e placida caminha
Com a volta ao chão. Cogitha a verde
Da azul velludo; a vrange ~~assegaçada~~
Até á ~~[illegible]~~ doce curva, o ~~fino~~ braço arrorta
Delicioso e nu. A cidiana seda
Que a linda mão de moça alevantava,
Com aquella graça indifferença

~~Bem certinha vão da moça alevantava~~
~~Com aquella graça indifferença~~
Que amor inspira ás mais insgelles damas,
A pinta ~~[illegible]~~ me mostrou, breve e apertado
No sapatinho fino, o mais gracioso,
O mais galante pé que inda he nascido
Nestas terras; tacão alto e pousado
De setim rosto lhe alteava o collo
E airoso modo lhe imprimia os passos..."

Transcrição (imagem 50)

~~Vinha apoz della a doce Margarida~~
suspirada
E logo atraz a ~~delicada~~ moça
~~A caminhar suave como~~
Que lentamente e placida caminha

Com os olhos no chão. Corpilho a veste

De azul velludo; a manga arregaçada
doce
Até á ~~do~~ curva, o ~~finno~~ braço amostra

Delicioso e nu. A indiana seda

Que a linda mão da moça alevantava

Com aquella sagaz indifferença

~~Que a linda mão da moça alevantava~~

~~Com aquella sagaz indifferença~~

Que amor inspira ás mais singellas damas,
me
A furto ~~lhe~~ mostrou, breve e apertado

No sapatinho fino, *a/o* mais gracioso,

O mais galante pé que inda ha nascido

Nestas terras: tacão *e/a*lto e forrado

De setim rubro lhe alteava o collo,

E airoso modo lhe imprimia ao passo..."

tinta azul
folha cortada e colada

Imagem 51

IX

"Ao brio cruel encontra as redes
E detenho-me. A bella ia comprido
E ficam com ella estes perdidos olhos,
~~Quando~~ (~~o vão ridículo!~~ ~~Quando vião~~)
~~Em caído por ali~~
Quando (vião ridículo!) descubro
Pallido e commovido o ~~amante~~ amante triste,
~~A beira de uma~~ A parede corrido de uma esquina,
A contemplela ~~a~~ surpresa e ella.
A grosseira dama, em pose acerva,
Em intenção, um ramo que trazia
De alvas bandeiras, ~~derrubado~~ entre os ~~dedos~~ dedos,
~~Deixando deixa ao~~ Deixa-o aos pés cahir. Quem vos pudera
Pintar o regosijo, o espanto, a gloria
Que transluzia ~~no rosto~~ do subito no rosto
Do seu rival? Ja tremulo se curva,
A esperar satisfeito a ordem ~~seria~~ branda,
Quando outro de colera e despeito,

Transcrição (imagem 51)

IX

"Ao brioso corcel encurto as redeas

E detenho-me. A bella ia caminho

E iam com ella estes perdidos olhos,
~~(visão ridicula!)~~
~~Quando (tremenda visão!)~~
~~Sem cuidar que a~~
Quando (visão ridícula!) descubro
amante Freire,
Pallido e commovido o ~~*austero*~~

~~A bella dama~~ de uma esquina,
Á parece cozido
a
A *su/con*templal-a e suspirar p^{r} ella.

A gracioza dama, ou fosse acaso,

Ou intenção, um ramo que trazia
lindos
entre os ~~alvos~~ dedos,
De alvas saudades, ~~descahil-o~~

~~Escorregal-o deixa aos~~
Deixa~~l~~lh'o aos pés cahir. Quem vos pudera

Pintar o regozijo, o espanto, a gloria
de subito no
Que transluzia ~~no *semblante~~* rosto

Do meu rival? Ja tremulo se curva,
prenda,
A apanhar satisfeito *o/a* odios*o/a* ~~ramo,~~

Quando rubro de colera e despeito,

tinta azul

Imagem 52

III

Entre eres ~~[illegible]~~ o honrado e amavel Reis,
Tabellião da Terra,
~~[illegible]~~ não mettido
Nas arenges do bairro. Cores ouvente
Deve tendo gloria que só pelge
Quando os mortaes merecedores della
Jazem no eterno pó, mas se illustrava
Com actos de bravura ou de grandeza,
Nem cobiçava as pompas vãs do mundo.
Confidente supremo dos que á vida
Disem o ultimo adeus, só lhe importava
Dentar com amplo in-folio as tenazdeiras
Vontades do homem, — separtes co'a penna
Pingue ou magra ripeira, já cercada
De parejantes corvos, — pelo emprego
A um coração philosopho, e venerão
Fora metar as illusões no peito.

Transcrição (imagem 52)

~~IV~~ III
~~brilha o derrotado~~
~~E~~ ~~era~~
Entre esses é ~~*vinha* o honrado e amavel~~ Freire,
~~e~~ o honrado e amavel
Tabellião da terra,
~~Que os seus dias passava,~~ não mettido

Nas arengas do bairro. Pouco amante

Dessa tardia gloria que só fulge

Quando os mortaes merecedores della

Jazem no eterno pó, não se illustrára

Com actos de bravura ou de grandeza,

Nem cobiçára as pompas vãs do mando.

Confidente supremo dos que á vida

Dizem o ultimo adeus, só lhe importava

Deitar em amplo in-folio as derradeiras

Vontades do homem, - repartir co'a penna

Pingue ou magra riqueza, já cercada
corvos
De farejantes ~~covos~~, — grato emprego

A um coração philosopho, e *v/r*emedio

Para matar as illusões no peito.

tinta azul

Imagem 53

Ver um ~~grande~~ pobre usurario,
~~Desvairado com~~ ~~[illegible]~~ que a riqueza ~~se~~
Obtém á custa dos interesses do proximo,
Comprar a eterna par de eterna vida
Com missas e sermões; ver anciaes
Os que durante longos-aridos annos
De lisonjas e affagos o cercaram;
Depois alegar uns, contra outros,
Conforme foi o terceiro ou prato.
O abandono ~~do~~ defunto, em pago d'esse
Ouro adequado a provas e a poetas.
~~Provar não ser nem poeta o Freire;~~
~~Fiaes outro lustro a prosa em prosa.~~

IV

~~Provar não é~~ Provão é, ~~não é~~ nem ~~nem~~ poeta o Freire;
~~Com~~ Por ~~outro~~ lustro ~~nem~~ e mupia ~~[illegible]~~ em prosa.
~~Fiaes~~ ~~outro lustro~~ ~~[illegible]~~ ~~em prosa.~~

Mas o que é ~~tal~~ mocidade? o que é ~~tal~~ poesia?
Um auto de baptismo? ~~prados~~ versos?

Transcrição (imagem 53)

pobre
Ver um ~~grande~~ usurario,
~~Ouvir de um homem~~ que a riqueza ~~[ileg.]~~

Obteve á custa dos vintens do proximo

Comprar a eterna paz na eterna vida

Com missas e reponsos; ver anciados

Os que durante longo-aridos annos

De lisonjas e affagos o cercaram;

Depois alegres uns, sombrios outros,

Conforme foi silencioso ou grato~~,~~
defunto,
O abastado ~~de f~~ emprego é esse

Pouco adequado a jovens e a poetas.

~~Jovem não era nem poeta o Freire;~~

~~Tinha oito lustros e vivia em prosa.~~

IV
nem
Não é jovem, ~~não~~ é
~~Jovem não era nem~~ poeta o Freire;
Fez oito lustros
~~Conta quarenta annos~~ e suspira em prosa.
~~conversa~~
~~vivia em~~
~~Tinha oito lustros~~ ~~e~~ ~~viu~~
~~Tem~~ ~~em~~
~~fallava em prosa.~~
~~suspira~~
o que é
Mas o que és tu~~,~~ mocidade~~;~~? ~~e tu~~ poesia?
o ~~é mocid~~ tu
Um auto de baptismo? quatro versos?

tinta azul

Imagem 54

Em brancas asas da sensivel ponta
Que arrulha em peito humano? ~~Maria, a perdo~~
~~Reza o livro do amor nos seis d'alma~~
~~Apaga-a lhe sente. A nossa pôde,~~
~~Qual turbante massiviso, a cumeada~~
~~Das montanhas cingir da minha terra,~~
~~Que sucumbe se ao redor verça ainda~~
~~Primavera immortal?~~ Um dia, ao vela
de tantos repentida a esquiva dama,
Sente o Freire bater-lhe as adormidas
Atras o coração. Que não desdouro,
Antes lhe dá realce e lhe desvirtua
A nobre fronte a um homem da justiça.
Como a outros mortaes, morrer de amores,
Amar e ser amado é certo mundo
A tarefa melhor da nossa especie,
Tão cheia de outras que não valem nada.

Transcrição (imagem 54)

As brancas azas da sensível pomba

Que arrulha em peito humano? ~~Unico as perde~~

~~Quem o lume do amor nos seios d'alma~~

~~Apagar-se-lhe sente. A nevoa póde,~~

~~Qual turbante moirisco, a cumiada~~
~~nossa~~
~~Das montanhas cingir da minha terra.~~

~~Que muito se ao redor veceja ainda~~

~~Primavera immortal?~~ Um dia, ao vel-a

De tantos requestada a esquiva dama,

Sente o *f/F*reire bater-lhe as adormidas

Azas o coração. Que não *desdoira/desdoura*,

Antes lhe dá realce e lhe desvinca

A nobre fronte a um homem da justiça,

Como os outros mortaes, morrer de amores,

E amar e ser amado é neste mundo

A tarefa melhor da nossa especie,

Tão cheia de outras que não valem nada.

tinta azul

Imagem 55

Ouvio de esporas, galga de um só lance

O pequeno intervallo, e mais depressa

Do que ~~[illegible]~~ uma em pouco nos ~~[illegible]~~ tinham ess.

Em roda de estação ~~[illegible]~~ radia estrella,

Só a pata do ginete o seu ~~[illegible]~~ abafo

E estas palavras fundas de voltas:

~~[illegible]~~

"~~[illegible]~~"

"Villão! Infame ou escravo!" ~~[illegible]~~ Amarella

A Corte. ~~[illegible]~~ lacaia de publica escriptura

~~[illegible]~~

E envelhecem, ~~[illegible]~~ e tremendo de medo

~~[illegible]~~

O beijo secreto? ~~[illegible]~~ Desmaiado? ~~[illegible]~~ aperto

~~[illegible]~~

As pobres flores, respeitou os beijos,

E com elles ~~[illegible]~~ abafou as pulsações do clero.

~~[illegible]~~

Transcrição (imagem 55)

Pico de esporas, galgo de um só lance

O pequeno intervallo, e mais depressa
~~um gato~~ turvos ares,
Do que ~~um meirinho~~ nos ~~negros~~
cruza um fuzil
vadia estrella,
Ou muda de estação ~~inquietta~~
logar
abafo
Co'a pata do ginete o ramo [~~ileg.~~]

E est*a/as* palavr*a/as* furios*a/as* solto:

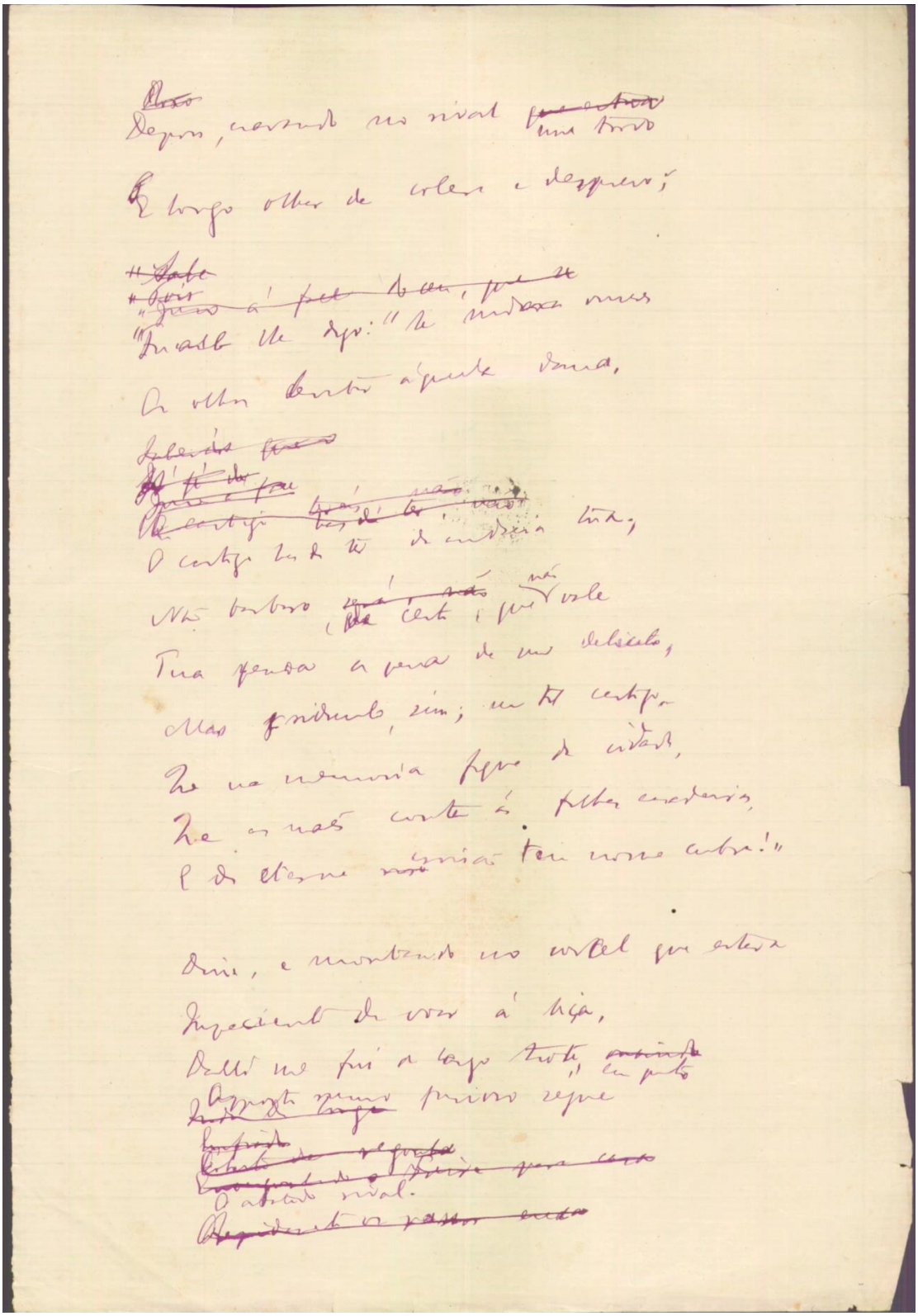
~~"Quem diria que um homem~~
~~"Sus~~
~~"Suspende! Larga! Não é teu!~~
~~Ou morres~~ Amarell*a/o*
"Villão! Suspende ou morres!" ~~I*a/am* longe~~
lauda
~~A~~ Como ~~folha~~ de publica escriptura

~~Do tempo dos famosos affonsinhos~~
~~Que largo~~
~~annos compridos~~
~~Que em poento cartorio largos annos~~
~~annos e annos, lentos e compridos,~~
Que envelhecem, ~~que [ileg.] [ileg.]~~
~~o tabellião~~
e tremulo de medo
~~O tabellião~~
O Freire recus*ára/ou*~~;~~ ~~longe ia a bella,~~
Desmonto~~;~~, ~~e [ileg.]~~
apanho
~~As *murchas* das flores~~
As pobres flores, respeitozo as beijo,
adorno
E com ellas ~~enfei~~ as plumas do elmo.

~~Ella ia longe a bella Margarida.~~

tinta azul

Imagem 56



Depois, cravando no rival ~~[illegible]~~ um trovão
E longo olhar de cólera e desprezo;
~~"Pois~~
~~"Pois~~ ~~[illegible]~~
"Irado lhe disse: "Se mudaste meus
Os olhos dentro daquele dia,
~~[illegible]~~
~~[illegible]~~
~~[illegible]~~
O castigo [illegible] de minha [illegible],
Não barbaro, ~~[illegible]~~ certo, por não vale
Tua pena a pena de um delicado,
Mas prudente, sim; um [illegible] castigo
Se na memória fere de cidade,
Se os não corte à [illegible] cadeira,
E de eterno ~~não~~ ignorar teu nome cobre!"

Disse, e mostrando no cartel que entra
Impaciente de vez à liça,
Dali me fui a largo trote ~~[illegible]~~ "Em pelo
~~[illegible]~~ primeiro repe
~~[illegible]~~
~~[illegible]~~
O abrado rival.
~~[illegible]~~

Transcrição (imagem 56)
~~*Roxo*~~
Depois, cravando no rival ~~que estava~~
~~P~~ um turvo
E longo olhar de colera e desprezo;

~~"Sabe~~
~~"Pois~~
~~"Juro á face do ceu, que se~~
"[ileg.] lhe digo: "Se *ousares* *mais*
Os olhos levantar áquela dama,

~~Saber*ás/ais* que o~~
~~Há fé de~~
~~Juro á face~~
~~terás, não~~
~~O castigo has de ter, não~~
Os castigo has de ter da audacia tua;

Não barbaro ~~será, não~~ não
, ~~*que/de*~~ certo, que vale
Tua pessoa a pena de um delicto,

Mas ~~g~~ ridiculo, sim; um tal castigo~~,~~

Que na memoria fique da cidade,

Que as mães contem ás filhas casadeiras,

E de eterna *~~riso~~* irrisão teu nome cubra!"

Disse, e montando no corcel que estava

Impaciente de voar á liça

Dalli me fui a largo trote, ~~ouvindo~~
Opposto rumo furioso segue em quanto
~~Inda de longe~~
~~Enfiado~~
~~Coberto de vergonha~~
~~Envergonhado o Freire para caza~~
O abatido rival
~~Rapidamente os passos [ileg.]~~

tinta azul

Imagem 57

(Canto III)

XI

Ora, ~~Mas~~ que uma noite, após ~~trocado beijos~~ conversa longa,
~~Este~~ (Freire) encostado ao muro, ella á janella,
Naquelle doce olvido de si mesmos
Em que toda se envolve a alma encantada,
Após ~~tres~~ ardentes e trocados beijos,
Trocados... mas de longe, a bella moça:
~~Chegou da baga, a brindar machada~~:
"Adeus! (murmura) l'tarde; vai-te embora.
Se papae nos descobre estou ~~perdida~~ perdida.
Foge, meu doce amor; olha, não percas,
Por um instante mais, toda a ventura
Que nos agrada em breve: Tanta gente
Tem inveja de ti! Não sei; receio;
Falla-me o coração..." - Com voz macia,
Replica o namorado: "Importa pouco,
O'minha bella Margarida, a inveja
Dos teus fronteiros rivaes. Se for preciso,

Transcrição (imagem 57)

(Canto III)

~~I~~ XI

Ora, conversa longa,
~~Eis que~~ uma noite, após ~~trocados beijos~~,
Freire
~~Elle~~ encostado ao muro, ella á janella,

Naquelle doce olvido de si mesmos

Em que toda se envolve a alma encantada,
ardentes
Após ~~troca~~ e trocados beijos,
Trocados... mas de longe, ~~,~~ a bella moça:
~~Mas só de longe, a timida muchacha~~:

"Adeus! (murmura) É tarde; vai-te embora.
perdida.
Se papae nos descobre estou ~~peerdida;/e~~

Foge, meu doce amor; olha, não percas,

Por um instante mais, toda a ventura
breve.
Que nos aguarda em ~~breve~~. Tanta gente

Tem inveja de ti! Não sei; receio;

Falla-me o coração..." — Com voz macia,

Replica o namorado: "Import*am/a* pouco,

Ó minha bella Margarida, a inveja

De tão frouxos rivaes. Se fôr preciso,

tinta azul

a lápis

Imagem 58

Ha, que vou tão pacato, a todos elles
Dares uma lição de tanto peso
Ha, inda depois de mortos e enterrados,
Lhes doerá nas abertas costas.
Ha quem? Minha ~~por~~ força é tu: teus olhos
Para mim valem mais que cem espadas.
Com elles vai memorias, amada minha,
Onde tomo na terra; um sejuvento,
Um tonto bravo, com medonhas cobras,
Uma horda guerreira de rapazes,
Tranquilla apportarei, se a tua vista,
Se o nosso amor, de o apporto dependem."

X II

Assim falou o. Freire; e despedido
Um do outro com juras e protestos,
Depois de muitas e bonitas coisas,
Desapareceu a bella Margarida,

Transcrição (imagem 58)

Eu, que sou tão pacato, a todos elles

Darei uma lição de tanto pêso

Que, inda depois de mortos e enterrados,

Lhes doerá nas abatidas costas.

Que queres? Minha ~~fôr~~ fôrça és tu; teus olhos

Para mim valem mais que cem espadas.

Com elles na memória, amada minha,

Nada temo na terra; um regimento,

Um touro bravo, cem medonhas cobras,

Uma horda guerreira de tapuias,

Tranquillo affrontarei, se a tua vida,

Se o nosso amor, de os affrontar dependem."

XII

Assim fallou o Freire; e despedidos

Um do outro com juras e protestos,

Depois de muitas e bonitas cousas,

Despareceu a bella Margarida,

tinta azul

Imagem 59

Um punho o robusto namorado
Para os lares inclina a moada proa.
Não crides tu, tafal do tempo de hoje,
Que ao toque da alvorada a casa tornas,
Cantarolando uma ária que a Lagrange
Nos desvãos da memória tão bem deixado,
Que era facil outrora, nas horas mortas,
Poder desentar tonas. Fora espera
O caminho escondia. Gai nem oleo,
~~[illegible]~~
Os passos alumiava ao caminhante
Que não trouxesse a classica lanterna.
E lanterna trazia um namorado
Que andava ás aventuras? Bom pilotos
Da cidade vistal, lá ia o Freire
Com muita ~~tropeçar~~ buscando os lares.
Com chuvinhas, batendo as asas leves,
Lhe revoam na mente. Ele imagina

Transcrição (imagem 59)

Em quanto o resoluto namorado

Para os lares inclina a ousada prôa.

Não cuides tu, taful do tempo de hoje,

Que ao toque da alvorada a casa tornas,

Cantarolando uma aria que a Lagrange

Nos desvãos da memoria te ha deixado,

Que era facil então, nas horas mortas,

Andar desertas ruas. Treva espessa

O caminho escondia. Gaz nem oleo
~~(Sahi ruas accesas, *espaçadas* [ileg.])~~
Os passos alumiava ao caminhante

Que não trouxesse a classica lanterna

E lanterna tra*z/r*ia um namorado

Que andava ás aventuras? Bom piloto

Da cidade natal, lá ia o Freire

Sem muit*o/os* tropeç*os/ar* buscando os lares.
~~XIII~~
Cem chimeras, batendo as azas leves,

Lhe revoam na mente. Elle imagina

tinta azul

Imagem 60

Que o velho pae da ~~[illegible]~~ moça, perdoando
A secreta paixão, lhe entrega a filha
E seu genro o acolhe; que a cidade
De outro assumpto não falla uma semana.
Já o casto veu de noiva lhe assomava
Com as supplices mãos...

XIV

~~Confuses~~
Confusos vos

Ouve subitamente a passos;
Dez voltos surgem, vinte braços se erguem,
E dez golpes de punco. lhe desdoiram
A desuidada espadua. O pobre Freire,
Para amaisar ou convencer os barbaros,
Um discurso começa; mas ~~[illegible]~~ sentindo
A cada phrase dos protestos juntos,
A largenta procura das canellas
E a correr deita pelas mas fóra.

Transcrição (imagem 60)

moça, perdoando
Que o velho pae da ~~namorada~~

A secreta paixão, lhe entrega a filha

E seu genro o nomêa; que a cidade

De outro assumpto não falla uma semana.

Já o casto veu de noiva lhe arrancava

Com as soffregas mãos...

XIV

~~Confuzas~~
Confuzas vozes

Ouve subitamente a poucos passos;

Dez vultos surgem, vinte braços se erguem,

E dez golpes de junco lhe desdouram

A descuidada espadua. O pobre Freire,

Para ameigar ou convencer os barbaros,
sentindo
Um discurso começa; mas ~~sentindo~~

A cada phrase dez protestos junctos,

A tangente procura das canellas

E a correr deita pelas ruas fóra.

tinta azul
furos de fichário margem esquerda

Imagem 61

Então começa a tenebrosa e longa
Odysséa de voltas e re-voltas,
Que em suas vastas regiões ethereas
As lucidas estrelas contemplaram
A vir á volta, a vir de tal maneira
Que todo o espaço foi sulcado logo
De lagrymas brilhantes, — meteoros
Que chama a veneranda astronomia.
Isto que volta sopra as esquinas,
Os passos negacêa, aqui descança,
Alli tanta ameaça: os seus algozes,
Vinte vezes tropeça e cae por terra,
Vinte vezes ligeiro se levanta,
Sopra, voa, murmura, implora e geme,
Té que offegante de cansaço e medo
Na Lagoa parou da Sentinella.

Transcrição (imagem 61)

Então começa a tenebrosa e longa

Odysséa de voltas e re-voltas,

Que em suas vastas regiões ethereas

As lucidas estrellas contemplaram

A rir á solta, a rir de tal maneira

Que todo o espaço foi sulcado logo

De lagrymas brilhantes, — meteoros

Lhes chama a veneranda astronomia.

Eil-o que volta rapido as esquinas,

Os passos negacêa, aqui descança,

Alli tenta ameaçar os seus algozes,

Vinte vezes tropeça e cae por terra,

Vinte vezes ligeiro ~~l~~ se levanta,

Grita, voa, murmura, implora e geme,
offegante de cançasso e medo
Té que, ~~[ileg.] de medo e de ca~~

Na Lagoa parou da Sentinella.

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 62

~~XXX~~ III

~~Antes que a saudade, de repente as sombras,~~

~~Ao calumbi, abrisse as folhas verdes,~~

~~Deus voltou a seus desertos lares.~~

Com os olhos movidos, e cerrados

Da triste posição em que se vira,

O miseravel amador na cama

Foi lacerar os braços e as costellas;

E já na mão de um bamboyo sumo

O espirito entregava, quando a dor ~~uma volta~~

Com ares de pop, lhe apparece

E desta maneira falla: "Que cego,

Que covardia é essa que te embarga

A voz para punir tamanha injuria

De um rival?.. Sim, rival, que em seu desprezo

Dos homens aportou. Pois sabe, ó misero,

Que o teu futuro de castigo pende;

Transcrição (imagem 62)

~~XV X~~ III

~~Antes que a aurora, descozendo as sombras,~~

~~Ao calumby reabrisse as folhas verdes,~~

x x x

~~Freire voltou a seus desertos lares~~

Com os ossos moídos, e vexado

Da triste posição em que se vira,

O miserável amador na cama

Foi lastimar os brios e as costellas;

E já nas mãos de um benfazejo somno

O espírito entregava, quando ~~um vulto~~ a Ira

Com azas de côr de fogo, lhe apparece

E deste modo falla: "Que socego,

Que covardia é essa que te embarga

A voz para punir tamanha injúria

De um rival*!/?*... Sim, rival, que em seu desforço,

Dez homens apostou. Pois sabe, ó misero,

Que o teu futuro do castigo pende;

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 63

A sentença que houver permitido o infame
Caminho te abrirá para as venturas
Intimas, conjaes. Fortuna é dama
Que os corações medrosos aborrece.
Deixa a desdentia que te pêa os braços;
Vae ao ministro pelar; expõe-lhe a queixa,
E vinga de um só lance o amor e o brio!"

XIV

Disse, e o velho sumiu, voou no espaço.
Era sonho ou visão? Por largo tempo,
Entre um grupo de pallidas estrellas,
A figura agitára as outras azas,
Té que se ouviu um singular estrondo,
Remoto e prolongado. Ninguem sonbe
A causa disto, mas affirma um certo
De ordenanças ter visto alguns momentos
Sobre a Gavia chover cinchope e cinzas.

Fim do canto I

Transcrição (imagem 63)

A sentença que houver punido o infame,

Caminho te abrirá para as venturas

Intimas, *conjaes*. Fortuna é dama

Que os corações medrosos aborrece.

Despe a modestia que te pêa os braços;

Vae ao Mustre fallar; expõe-lhe a queixa,

E vinga de um só lance o amor e o brio!"

XIV ~~I~~

Disse, o tecto rompeu, ~~voou~~ voou no espaço.

Era sonho ou visão? Por largo tempo,

Entre um grupo de pallidas estrellas,

A figura agitára as ~~as~~ rubras azas,

Té que se ouviu um singular estrondo

Remoto e prolongado. Ninguem soube

A causa disto, mas affirma um cabo

De ordenanças ter visto alguns minutos

Sobre a *g/G*avea chover enchofre e cinzas.

Fim do canto I *~~II~~*

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 64

Canto II (canto IV)

—

I

Já sobre os tectos da cidade imponente
Novembro as azas calidas abria,
Que mil asperos ventos entrancavam
E outras tantas pouras trovoadas
Classicas, infalliveis dos bons tempos,
Trouxe o bicho buscando o porto Alvado
~~Abotrecida~~ A festa foi dormir como costuma.
Cheio ainda dos gabos do Velloso,
Que n'um longo sermão daquelle dia,
~~Estendera na cama~~
Com arte e gosto o nome seu alçára
~~Muito~~ Muito acima das vitrinas estrelas,
Entende-o sua cama; e a fantasia,
Naquelle bruxolear em que vão véla,

Transcrição (imagem 64)

Canto II (canto IV)

–

I

Já sobre os tectos da cidade infante

Novembro as azas calidas abria,

Que mil asperos ventos entumecem

E outras tantas famosas trovoadas

Classicas, infalliveis dos bons tempos,
forte
Quando o leito buscando o ~~grande~~ Almada
A sésta
~~A *lenta* sésta~~ foi dormir como costuma.
Velloso,
Cheio ainda dos gabos do ~~Fonceca~~
Que n'hum longo sermão daquelle dia,
~~Estende-se na cama~~

Com arte e geito o nome seu alçára
~~Muito~~
Muito accima das nitidas estrellas;

Estende-se na cama; e a fantasia,

Naquelle bruxolear em que não véla

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda
[(canto IV)] a lápis

Imagem 65

Nem dorme ainda a humanidade nova,
Começa de pintar-lhe um vasto prado
De grandezas futuras. Vê as águas
De Nilterohy vagando a não famosa
Que o brasão às águas de Ulysséa,
Para o pobre companhar o arcebispado.
Nem só isto, que o papa, desejando
De tal sujeito cobrar os merecidos,
Cede à insinuação da Companhia,
E lhe manda o chapeu cardinalício
Com mais uma pinelas de esmeralda.

~~XIII~~ II

Já mais dormido que acordado estava,
E na região das lucidas chimeras
Todo se lhe envolvera o animo ardente,
Quando alma os subitamente o acorda.
Era a terrivel Ira, que bramando

Transcrição (imagem 65)

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda
marca d'água Al Masso

Nem dorme ainda a humanidade nossa,

Começa de pintar-lhe um vasto quadro

De grandezas futuras. *Vê/Via* as aguas — sobreposto em tinta preta

De Nicterohy rasgando a ~~nau~~ náu famosa

Que o levar*á/ia* ás águas de Ulysséa, — sobreposto em tinta preta

Para o ~~p~~ bago empunhar do arcebispado.

Nem só isso, que o papa, desejando

De tal sujeito coroar os meritos, — sobreposto em tinta preta

Cede á insinuação da *c/C*ompanhia,

E lhe manda o chapeu cardinalicio

Com mais duas fivelas de esmeralda.

~~X III V~~ II

Já mais dormido que accordado estava,

E na região das lucidas chimeras

Todo se lhe engolfava o animo ardente,

Quando uma voz subitamente o accorda.

Era a terrivel Ira, que tomando

Imagem 66

A figura do Vasco, seu sobrinho,
Na alcova entrou bradando deste sorte:
"Oh! que affronta, meu tio! que desdouro!
Quem tal disera? O desconcerto illustre,
O consórcio atreveu-se..." Isto dizendo,
N'uma cadeira cahe; salta da cama
Atordoado o prelado e lhe pergunta
Que affronta, que ousadia, que mysterio
Annunciar-lhe vem daquelle modo.
Calla a dama revolvendo os olhos,
Que ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~,
Com voz triste lhe diz que o pro illustre
Atrevera-se a abrir uma devassa
Entre os servos da sua senhoria.

~~XIV~~ III

Como a gallinha, que travesso infante
De alguns preridos pintos desgraçara,
Na defesa da prole irada avança,

Transcrição (imagem 66)

A figura de Vasco, seu sobrinho,

Na alcova entrou bradando desta sorte:

"Oh! que affronta, meu tio! que deshonra!

Quem tal dissera? O tresloucado Mustre,
atreveu-se..
O ouvidor- ~~mór ousou~~..." Isto dizêndo,

N'uma cadeira cahe; salta da cama

Aturdido o prelado e lhe pergunta

Que affronta, que ousadia, que mysterio

Annunciar-lhe vem daquelle modo.

Então a Ira, revolvendo os olhos,
~~Um ardente furor lhe despede~~
~~Uma chuva Um atimo~~
~~Um [ileg.]~~
~~E trez vezes abrindo os *roxos* labios~~
Com voz surda lhe diz que o fero Mustre

Atrevera-se a abrir uma devassa
Sua Senhoria.
Entre os servos d*a/e* ~~casa do prelado~~.

~~XIV~~ III

Como a gallinha, que travesso infante

De alguns queridos pintos despojára,

Na defesa da prole irada avança,

tinta azul
rasuras em azul e preto
furos de fichário na margem esquerda
marca d'água Smith&Meynier Fiume

tinta preta
rasura em tinta preta

tinta preta
tinta preta

Tal impulso de colera descreve
Em quatro versos a conquista altiva
O grande Alfonso. Subito
~~O palavra de subito~~ extremo
A vista corre um vasto espaço.
Alli (mitigue só de vossa Alteza!)
Vê a figura do altivo Alfonso;
E com olhos, com gestos, com palavras
A ameaça de morte e lhe anuncia
Que bade eterna repousar os olhos desde
Insepultos ossos de edade a edade.
"Tão inscrivel (diz elle), enorme audacia
De vir metter os meus no que pertence
A'minha excelsissima pessoa,
Um castigo terá tal, em exemplo raro,
Que servirá de publico escarmento,
~~Por vossa vossa vossa vossa vossa vossa vossa!~~
E de ~~outro~~ ~~[illegible]~~ algum pasmo aos seculos futuros!"

Transcrição (imagem 67)

Tal rugindo de colera descreve

Em quatro passos a comprida alcova
grande Almada. Subito
O ~~prelado de subito~~ estacando,

A vista crava no vazio espaço.

Alli (milagre só da roxa colera!)

Vê a figura do atrevido Mustre*;/,*

E com olhos, com gestos e com palavras

O ameaça de morte e lhe annuncia

Que ha de eterna vergonha os ossos delle

Insepultos levar de edade a edade.

"Tão incrivel (diz elle), enorme audacia

De vir metter as mãos no que pertence

Á minha eminentissima pessoa,

Um castigo hade ter, — exemplo raro,

Que servirá de publico escarmento,

~~Ou eu não seja [ileg.] o forte Almada!"~~
E de ~~alto assombro~~ aos seculos futuros!"
algum pasmo

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 68

IV

Disse; e tornando de pesar estranho
Fortemente sal; e em quanto a tarde
Pela moderna espadua o véo devolve
Com que beira a encostada e á varzea desce,
Contentado vagou de cela em cela

V

Longe a noite lhe foi; aspero cafre
A nações colavos lhe possuiam,
Ao pastor pluviorne, que cem vezes,
Que cem veres fechára os tristes olhos,
Sem conseguir dormir a noite inteira.

No cerebro agitado lhe traçava
A mão da Sra mil diversos planos
Contra o seu ouvidor. Lhe imagina,
Um saco estreito atado na cintura,
Alvardo destinado aos peitos; longos annos
Encerrado em medonho, escuro carcere;

Transcrição (imagem 68)

IV

Disse; e tomado de furor extranho

Gesticulando sae; e em quanto a tarde

Pela morena espadua o véu devolve

Com que baixa a montanha e á varzea desce,

Concentrado vagou de sala em sala.

V

Longa a noite lhe foi; aspero catre

Os macios colxões lhe pareciam,
cem
Ao pastor fluminense, que ~~cem~~ vezes,
vezes
Que cem ~~vezes~~ fecháv/ra os tristes olhos,

Sem conseguir dormir a noite inteira.

No cerebro agitado lhe traçava

A mão da Ira mil diversos planos

Contra o fero ouvidor. Ora imagina,

Em sacco estreito atado na cintura,

Mandar deital-o aos peixes; longos annos

Encerral-o em medonho, escuro carcere;

tinta azul
papel cortado e colado
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 69

Ou já n'uma fogueira, concertada
Pelos discretos meus do Santo-Officio,
Queiro d'arte a punição de herejes,
Como um simples judeu, torrado aos pescos.

III

Mas, de baldados louros fatigado,
O prelado da cama se levanta,
Lupa as ceroulas, os pantufos calça,
E manda alli chamar o seu copeiro.
Corre Anselmo trazendo respeitoso
De alvo-grosso mingau cangla tigella
Com que o prelado consolar costuma,
Antes de se voltar para outro lado,
O laborioso estomago, e ao vêlo
De pé, meio vestido e tão esperto,
Os olhos espantados arregala
E exclama: "Santo Deus! a estas horas!
Que milagres, senhor, ou que novidade
Por Vossa Senhoria que o obrigue

Transcrição (imagem 69)

Ou ja n'uma fogueira, concertada

Pelas discretas mãos do Santo-Officio,

Esmêro d'arte e punição de herejes,

Como um simples judeu, torral-o aos poucos.

III

Mas, de baldados sonhos fatigado,

O prelado da cama se levanta.

Enfia as cuecas, os pantufos calça,

E manda alli chamar o seu copeiro.

Corre *a/A*nselmo trazendo respeitoso

De alvo-grosso mingau ampla tigella

Com que o prelado consolar costuma,

Antes de se voltar para ~~o~~ outro lado,

O laborioso estomago, e ao vêl-o

De pé, meio vestido e tão esperto,
Os olhos espantados arregala
E exclama: "Santo Deus! a estas horas!
Que milagr*es/e*, senhor, ou que promessa
Fez Vossa Senhoria que o obrigue

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 70

Ah tão cedo deixas a tua casa?"

—"Amelia, nem ultrage, nem promessa

(Responde o grande e valoroso Alvarez).

Se eu pôr hoje uma coisa nunca vista,

Se eu precedi o rei nesta cidade,

Causa única foi um grave assunto

Que o somno me tolheu a corte inteira.

Os conselheiros vae da minha parte,

Dire-lhe que um jovem de dos Fallers,

Sem olhar a despesas me prepare,

Que hoje quero brindar por certa causa

Alguns amigos meus. Do teu antigo

Zelo confio, como sempre, a mesa;

Deita os cristaes abaixo; na toalha de Hollanda

Toalha que mais pina houver na casa,

Com arte me dispõe, com esperteza,

A baixella melhor."

Transcrição (imagem 70)	tinta preta furos de fichário na margem esquerda rasuras em preto e azul
A tão cedo deixar sua cama?"	marca d'água Al Masso
— "Anselmo, nem milagre, nem promessa	
(Responde o grande e valoroso Almada).	sobrescritos em azul
Se eu fiz hoje uma cousa nunca vista,	
nesta Se eu precedi o sol ~~na~~ cidade,	sobrescritos em azul
Causa unica foi um grave assumpto	
somno Que o ~~sonho~~ me tolheu a noite inteira.	tinta azul rasura em azul
Ao cozinheiro vae da minha parte,	
Dize-lhe ~~E diz-lhe~~ que um jantar de dez talheres,	
Sem olhar a despezas me prepare,	
Que hoje quero brindar por certa causa	
Alguns amigos meus. Do teu antigo	
Zelo confio, como sempre, a meza;	
de Hollanda Deita os cristaes abaixo; na ~~toalha~~	tinta azul rasura em azul
Toalha ~~De Hollanda~~ que mais fina houver na casa,	tinta azul rasura em azul
me Com arte ~~ha de~~ dispõe, com symetria,	
A baixella melhor."	

Imagem 71

IV

Isto dizendo

A matutina refeição despacha;
Alvoroçando de colera se veste,
E vai correr a renascente aurora,
Cheia um lacaio e um bilhete mesta.
Ás cothurnos de agoja Parnienne.
Tal o prudente capitão, se as armas,
Se até-lí defender, vencidas foram,
A conselho convoca os demais chefes,
E do onsado inimigo prontamente
Decretam pontos a vergonha e a morte.

V

Mal vejo o jantar, sombrio e mudo,
Levanta-se o grande Alvarda, e ~~distribuindo~~ ordenando,
Com distintivo perto, alguns bocados,

Transcrição (imagem 71)	tinta preta e azul
IV	
Isto dizendo	
A matutina refeição despacha;	
Murmurando de colera se veste,	
E roxo como a renascente aurora,	
e Chama um lacaio~~,~~ um bilhetinho manda~~,~~	tinta azul rasura em azul
Ás collumnas da egreja fluminense.	
Tal o prudente capitão, se as armas,	
Que até-li defendeu, vexadas foram,	hífen em tinta azul
A conselho convoca os demais cabos,	
E do ousado inimigo promptamente	
Decretam junctos a vergonha e a morte.	
V	
Quando veio o jantar, sombrio e mudo, mastigando, Sentou-se o grande Almada e ~~distrahido~~	três últimos versos em tinta azul
Com distrahido gesto, alguns bocados,	

Imagem 72

Nenhuma phrase de seus latins solta.
Defalde o Villalobos, seu vigario,
Todo se vermelhia na cadeira,
Debalde o ~~padre Alva~~ medio frica consultava
Os seus collegas, desejosos todos
De vicos dormir a costumada sesta;
A mysteriosa causa do silencio
Em que o prelado jaz ninguem descobre.
Enfim, o grande Alvarada se levanta,
E pera a ceia deprimido o caso
(Tanto nelle inda a colera rugia!)
Sem a benção e sorte do costume
Passou da mesa ~~[illegible]~~ aos frades ~~[illegible]~~ certo;
Doce exemplo que os outros imitaram,
E em desconto de algum perdido tempo,
Dormiram muito alem de ave-marias.

Transcrição (imagem 72)	tinta azul furos de fichário na margem esquerda
Nenhuma phrase de seus labios solta.	
Debalde o Villalobos, seu vigário,	
Todo se remechia na cadeira, nedio Lucas Debalde o ~~padre Nun~~ consultava	
Os seus collegas, dezejosos todos	
De irem dormir a costumada sésta;	
A mysteriosa causa do silêncio	
Em que o prelado jaz ninguém descobre.	
Enfim, o grande Almada se levanta,	
E para a ~~cei~~ ceia *di*ferindo o cazo	sobrescrito em tinta preta
(Tanto nelle inda a colera rugia!)	
Sem a benção e rezas do costume	
Pass*a/ou* da mesa extinta ao fofo ₣ leito;	
Doce exemplo que os outros imitaram,	
E em desconto de algum perdido tempo,	
Dormiram muito alem de ave-marias.	

Imagem 73

VI

Mas o Velloso, adulador e astuto,
Não conseguiu bonnes. Em vão na cova
As posições mudava; o pensamento
Velava inteiro e apagentava o somno.
Maravilha era essa, e grande, e rara,
Pois entre os dormirinhocos desse tempo
Tinha logar conspicuo; antes das nove,
Sem embargo da sesta, era depunctos;
E nunca ouvia o despertar do gallo.

VII

Mandou ao signal da ceia, apparelhados
Correram todos á pejada mesa,
Antes de se sentar silencio pede
O Velloso, e, tres vezes a cabeça
Curvando, falla: "Se partis comnosco,
Magnanimo prelado, as alegrias,
Por que ~~partaes~~ as magoas partaes aos nossos olhos?
Ah! sabeis que importuno estranha causa

Transcrição (imagem 73)

VI

Mas o Velloso, adulador e astuto,

Não conseguiu dormir. Em vão na cama

As posições mudava; o pensamento

Velava inteiro e afugentava o somno.

Maravilha era essa, e grande, e rara,

Pois entre os dorminhocos desse tempo

Tinha logar conspicuo; antes das nove,

Sem embargo da sésta, era defuncto,

E nunca ouvíra o despertar do gallo.

VII

Quando ao signal da ceia, apparelhados

Correram todos á pejada mesa,

Antes de se sentar silencio pede

O Velloso, e, trez vezes a cabeça

Curvando, falla:"Se partis comnosco,

Magnanimo prelado, as alegrias,

Por que ~~furtaes~~ furtaes aos nossos olhos?
as magoas
~~Ah! dizei que importuna, extranha cauza~~

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 74

Ah! disse que importuna, entretanto causa
Melancolico vejo no amado rosto
Desde o jantar voz por? Rebelde risco
A razão descobrir de tal mudança.
Dar-se-ha que, por descuido da cozinha,
Na sopa entrasse o pimento? Ou, se não erro,
Vestigios deste achei, pois que a pressa
Com que a sopa comeu me disparçase
De algum modo o sabor. Ou, no trajecto
Daqui a' Té algum clerigo nosso
Vos fastou co'a desida reverencia?
Contai, senhor, contai a amigos velhos
Males que desses são!"

VIII

A taes palavras,
Com o punho cerrado, sobre a mesa
O prelado despede um grande golpe

Transcrição (imagem 74)

Ah! disei que importuna, extranha cauza

Melancolico veu no amado rosto

Desde o jantar vos pôz~~?~~! Debalde busco

A razão descobrir de tal mudança.

Dar-se-ha que, por descuido da cozinha,

Na sopa entrasse o fumo? Eu, se não erro,

Vestigios delle achei, posto que a pressa

Com que a sopa comi me disfarçasse

De algum modo o sabor. Ou, no trajecto

Daqui á Sé, algum clerigo novo

Vos faltou co'a devida reverencia?

Contai, senhor, contai a amigos velhos

Males que delles são!"

VIII

A taes palavras,

Com o punho cerrado~~,~~ sobre a meza,

O prelado despede um grande golpe

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 75

Que por trazer terrinas e garrafas
E apaga a cor nos labios do Velloso.
Logo mais socegado, e perpassando
Pela Donta assembleia um olhar grave,
Encara o prégador; e dando á pala
Menos rude expressão, assim responde:
"Não, amigo, a razão da minha colera
Nenhuma dessas foi. A baixa inveja
Do presumido Mestre, a quem barbagens
Tecem descompassados elogios
E cujo nome nas tabernas brilha,
Isto só me acendeu dentro do peito
Desusado furor. Vós de meus cargos
Companheiros fieis, que com diurna,
Nocturna mão versaes minha alma inteira,
Uma parte tomei da funda magoa
E ajudai-me a punir tam alta affronta!"

IX

A que refere o caso da devassa

Transcrição (imagem 75)

Que faz tremer terrinas e garrafas

E apaga a cor nos labios do Vellozo.

Logo mais socegado, e perpassando

Pela douta assemblea um olhar grave,

Encára o pregador; e dando á falla

Menos rude expressão, assim responde:

— "Não, amigo, a razão da minha colera

Nenhuma dessas foi. A baixa inveja

Do presumido Mustre, a quem basbaques

Tecem descompassados elogios

E cujo nome nas tabernas brilha,

Isto só me accendeu dentro do peito

Desusado furor. Vós do meu cargo

Companheiros ~~fei~~ fieis, que com diurna,

Nocturna mão versaes minha alma inteira,
funda
Uma parte tomai da ~~grande~~ magoa

E ajudai-me a punir tamanha affronta!"
IX
Aqui refere o caso da devassa

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Que aos pigadaes, solicitos amigos
Lhes arrepia as carnes e o cabello,
E desta sorte acaba o seu discurso:
"Se merecêra arder no eterno fogo
Que o cão tinhoso aos peccadores guarda,
Viver de bacalhéo toda a quaresma,
Dormir tres horas n'uma noite inteira,
Se esse infame mordor, parto do inferno,
Triumphase de mim, e ao riso e ás chufas
Me expõe da plebe e dos lacaios.
Que dirão de mim nesses conventos,
Fóros de luz, onde o meu nome ha muito
De tão illustre offusca os outros nomes,
Qual a um raio se vê do sol brilhante
Da noite os claros lumes desmaiarem?
Eia! a affronta commum igual esforço
De todos nós exige. As vossas leres

Transcrição (imagem 76)

Que aos fi*d/*gadaes, solicitos amigos

Lhes arrepia as carnes e o cabello,

E desta sorte acaba o seu discurso:

"Eu merecêra arder no eterno fogo

Que o cão tinhoso aos peccadores guarda,

Viver de bacalháo toda a quaresma,

Dormir trez horas n'uma noite inteira,

Se esse infame ouvidor, parto do inferno,
Triumphasse de mim, e ao riso e ás ~~chuifas~~ chufas

Me expusesse da plebe e dos lacaios.

Que diriam de mim nesses conventos,

Fócos de luz, onde o meu nome ha muito

De tão illustre offusca os outros nomes,

Qual a um raio se vê do sol brilhante

Da noite os claros lumes desmaiarem?

Eia! a affronta commum egual esforço

De todos nós exige. As vossas luzes

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda
papel cortado e colado

Imagem 77

Me ajudarão neste difficil caso,
E se inda o ~~terra~~ mundo não perdeu de todo
O nome da justiça, aquelle bilhete,
Que tão cheio de si anda na terra,
Tomento Tronto levará do cargo
Que estalará de ~~[illegible]~~ espanto e de vergonha."

XI

Assim fallou Almeida, e toda a mesa
~~Com gritos de aran e [illegible] bradou,~~
Lhe approvou o discurso. E Villalobos,
~~Lhe appro~~
Em quem os olhos pita o pão pelado,
Algum tempo medita em bom alvitre,
E ia já começar a sua arenga,
Quando o astuto ~~[illegible]~~ Velloso a ver lhe torna:
"Minha idea, senhor, é que esse informe
Nem alma, nem ~~si~~ vigor, nem bizarria
Nome do ceu, e que abater lhe a prôa

Transcrição (imagem 77)

Me ajudarão neste difficil caso,

E se inda *a/o* ~~terra~~ não perdeu de todo
mundo
O lume da justiça, aquelle biltre,

Que tão cheio de si anda na terra,

Tamanho tombo levará do cargo
espanto
Que estalará de ~~medo~~ e de vergonha."

XI

Assim fallou Almada, e toda a mesa~~,~~

~~Com gestos de ira e furiosos brados~~
Lhe approvou o discurso. O Villalobos,
~~Lhe appro~~
Em quem os olhos fita o grão prelado,

Algum tempo medita um bom alvitre,

E ia já começar a sua arenga,
Vellozo
Quando o astuto ~~Fonceca~~ a vez lhe toma:

"Minha idea, senhor, é que esse infame

Nem alma, nem ~~vi~~ vigor, nem bizarria

Houve do céu, e que abater lhe a prôa

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 78

O mesmo vale que esmagar brincando
Uma pulga, uma mosquito, uma formiga.
Mas por que seja bom tapar a boca
Aos vadios de bosta, e por que vale,
Em certo caso, affectar nas formas
Tal ou qual mansidão, que não existe,
Quido que um Rei mandando uma embaixada
A exigir-lhe a devassa..."

XII

"Nunca! nunca!
(Interrompe o Vigario). Uma embaixada!
Tratar de egual a egual a uns bigorrilhas!
E tal cousa, senhor, nascer-lhe pôde
No claro entendimento? Todo o lustre,
Valor e autoridade a egreja perde
Se não ~~tratar~~ fallar de cima ~~esse~~ ao tal pedante,
Com desprezo, com asco... Em boa regra.

Transcrição (imagem 78)

O mesmo vale que esmagar brincando

Uma pulga, *uma/um* mosquito, uma formiga.

Mas por que seja bom tapar a boca

Aos vadios da terra, e por que vale,

Em certos cazos, affectar nas formas

Tal ou qual mansidão, que não existe,

Cuido que em lhe mandando uma embaixada

A exigir-lhe a devassa..."

XII

"Nunca! nunca!

(Interrompe o Vigario). Uma embaixada!

Tratar de egual a egual a um bigorrilhas!

E tal cousa, senhor, nascer-lhe pôde

No claro entendimento? Todo o lustre,

Valor e autoridade a egreja perde
fallar ao tal
Se não ~~tratar~~ de cima ~~esse~~ pedante,

Com desprezo, com asco. Em boa regra,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 79

Cortesia demanda cortesia;
Mas um villão que a princesa se atreve
Do criado da casa do prelado,
Em vez de uma embaixada, merecia
Nas costas, uma dóse de cacete.
Não, senhor; é meu voto que se mande
Uma singella, e secca, e rasa, e nua
Citação para a entrega da devassa
No prazo de tres dias. Desta sorte
Não se abate o prelado, nem as ~~sacratas~~ nobres
Insignias enlamêa do seu cargo,
Que elle e nós todos conservar devemos
Puras de vil contacto."

XIII

—"Mas a pena?
(Triumphante o ~~[illegible]~~ Fellon lhe pergunta)
Uma pena ha de haver com que se obrigue

Transcrição (imagem 79)

Cortezia demanda cortezia;

Mas um villão que a processar se atreve

Os criados da casa do prelado,

Em vez de uma embaixada, merecia

Nas costas, uma dóze de cacete.

Não, senhor; é meu voto que se mande

Uma singella, e secca, e rasa, e nua

Citação para a entrega da devassa

No prazo de trez dias. Desta sorte

Não se abate o prelado, nem as ~~sanctas~~
nobres
Insignias enlamêa do seu cargo,

Que elle e nós todos conservar devemos

Puras de vil con*c/t*acto".

XII~~I~~

–"Mas a pena?
Vellozo
(Triumphante o ~~Foncecca~~ lhe pergunta)

Uma pena hade haver com que se obrigue

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 80

A cumprir o mandado? Supponhamos
Que entregar a devassa elle recuse,
(~~Por essas passagens [illegible] se pode~~)
Se recurso nos dões para sahirmos
Deste apertado lance? Nada o prelado
Ver usopar do poder que lhe compete?
A derrota assistir da causa sua?
Humilhar-se? Se jamais approvaria
Tão singular idea? Uma embaixada,
Com da egreja abater os sacros foros,
Com peito e unha alcançaria tudo,
E se nada alcançasse, é tão brilhante
A forma do prelado, que bastava
A causa remettar para Lisboa,
Se em seu favor viria o regio voto.
~~Mais acertado é isto que um mandado~~
~~Sem pena que obrigue." — " A pena é uma~~
~~Sem arbitração da parte.~~

Transcrição (imagem 80)

A cumprir o mandado? Supponhamos

Que entregar a devassa elle recuse,

~~(De um paspalhão tudo esperar se pode)~~

Que recurso nos daes para sahirmos

Des*p/t*e apertado lance? Hade o prelado

Ver mofar do poder que lhe compete?

Á derrota assistir da causa sua?

Humilhar-se? Eu jamais approvaria

Tão singular idea~~?~~. Uma embaixada,

Sem da egreja abater os sacros fóros,

Com geito e manha alcançaria tudo,

E se nada alcançasse, é tão brilhante

A fama do prelado, que bastava

A causa remetter para Lisboa,

Que em seu favor viria o regio voto."
~~Muito melhor~~
~~Mais acertado é isto que um mandado~~
~~pena que o obrigue."~~
~~Sem a sancção da pena." A pena é uma~~

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 81

XIII

Acabou de fallar. Pertão, a fala,
Que presente alli estava, — com grande a Dia
O bellicoso espírito lhe inspira
Dos duros capitães, — lhes vae sorrindo
Os presentes entranhos, qual nos contam
Do filho de Clymene, que primeiro
Do ceo roubára o lume, antes que o tempo,
Longo volvendo seculos e seculos,
Real tornasse a fabrica dos homens
E nos dése o seu genio, immortal Franklin.

XIV

E depois que a discreta companhia,
Por não perder o precioso tempo,
Foi correndo e fallando sobre o caso,
Tocando a lingua dous officios juntos,
Este venerando lança o grande Almeida:
— "Acho muito cabida e boa a idea
Do prezado ~~Pacheco~~ Velloso; mas, não menos
Razoavel a ideia me parece
Do proposto vigario. Muitos antes
E preticaste vou. Deste maneira
Ostentas mansidão, e com mais porte,

Transcrição (imagem 81)

XIII

Acabou de fallar. Então~~,~~ a Gula,

Que presente alli estava, – em quanto a Ira

O bellicozo espirito lhes sopra

Aos duros capitães, – lhes vae roendo

As famintas entranhas, qual nos contam

Do filho de Clymene, que primeiro

Ao ceo roubára o lume, antes que o tempo,

Longo volvendo seculos e seculos,

Real tornasse a fabula do homens

E nos désse o teu genio, immortal Franklin.

XIV

E depois que a discreta companhia,

Por não perder o preciozo tempo,

Foi comendo e fallando sobre o cazo,

Fazendo a lingua dous officios juntos,

Esta sentença lavra o grande Almada:

–"Acho muito cabida e boa a idea
Do pregador ~~Fonceca~~ Vellozo; mas não menos
Razoavel a ideia me parece
Do profundo vigario. Acceito-as ambas
E pratical-as vou. Desta maneira
Ostento mansidão, e com mais força,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

O golpe lhe darei, se ~~[illegible]~~ me recusa
A devassa entregar. Ao mesmo tempo
Alterada não veja a par portaria
Em que de outras faltas descançamos.
Entretanto, convem que armada e prompta
Vá logo o embaixador. A vós incumbo
(O porte Almada ao Villalobos disse)
Da solemne feitura de um mandado
Só o prazo de trez dias, e ~~[illegible]~~ como pena
De... excommunhão!"

X ~~[illegible]~~ V

Aqui um alto grito
De espanto, de terror, de enthusiasmo
Rompe do peito aos veneraveis socios.
Como nas horas da calada noite
Uma pendula bate solitaria,
Depois outra, mais outra, e muitas outras

Transcrição (imagem 82)

me recusa
O golpe lhe darei, se ~~for preciso~~

A devassa entregar. Ao mesmo tempo

Alterada não vejo a paz gostoza

Em que de outras fadigas descançamos.

Entretanto, convem que armado e prompto

Vá logo o embaixador. A vós incumbo

(O forte Almada ao Villalobos disse)

Da solemne feitura de um mandado
com
Co'o prazo de trez dias, e ~~...com~~ pena

De... excommunhão!"

X ~~I~~ V

Aqui um alto grito

De espanto, de terror, de enthuziasmo

Rompe do peito aos veneraveis socios.

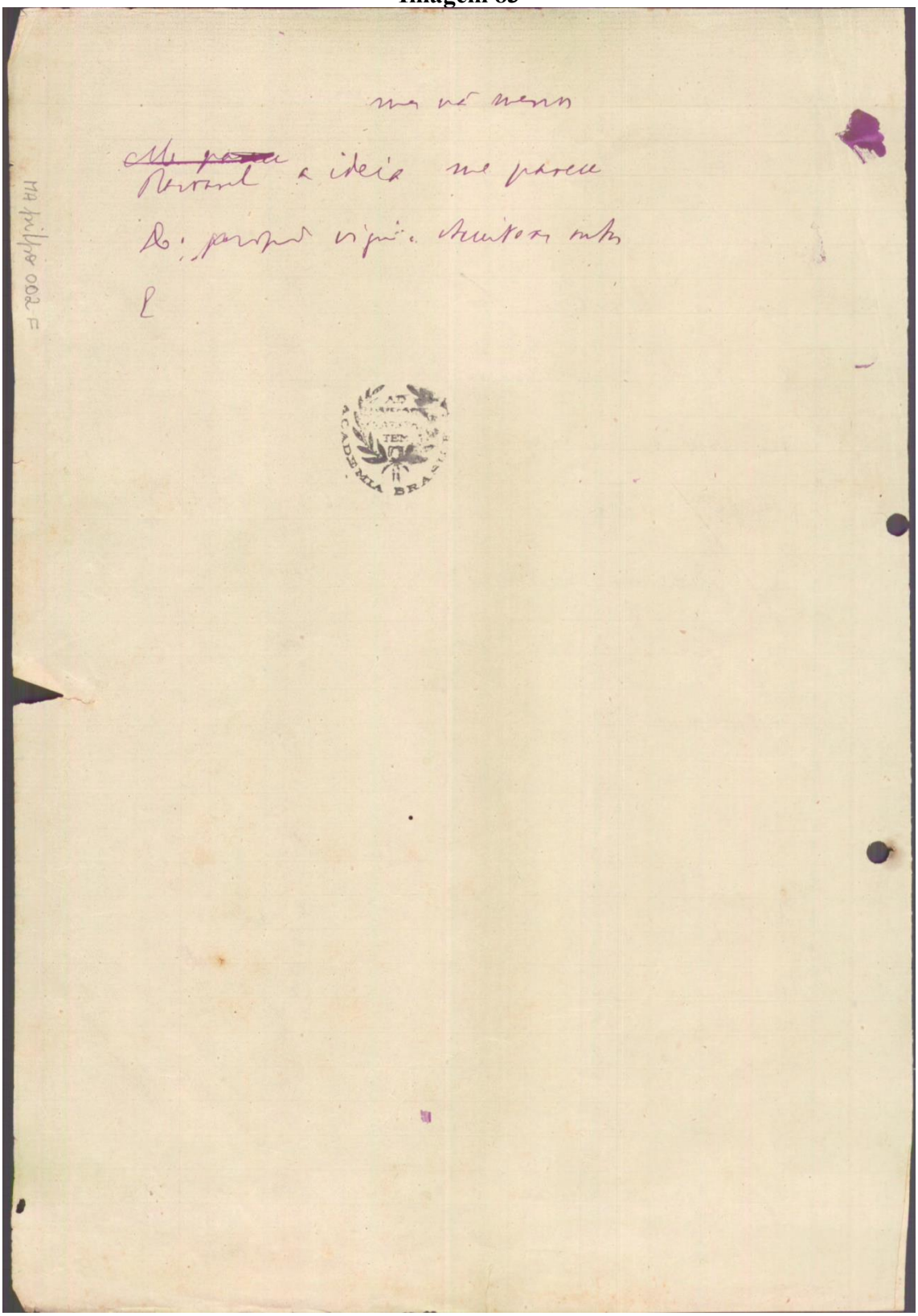
Como nas horas da calada noite

Uma pendula bate solitaria,

Depois outra, mais outra, e muitas outras

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 83



Transcrição (imagem 83)

mas não menos

~~Me parece~~
Razoavel a ideia me parece

Do profundo vigario. Acceito-as ambas

E

tinta azul
verso da folha anterior
furos de fichário na margem direita

Imagem 84

Monotona o mesmo som repetem,
Assim de boca em boca os reverendos
"Excommunhão! excommunhão!" murmuram,
Por ventura algum deles envidoso
De aquella vencedora espada antiga
Que as heresias combatem na egreja
Empregar-se n'um caso deveria
De tão pequena monta; mas prendendo
Essa ideia comsigo, que não rende
Os ~~sa~~ risos do prelado, nem os festos
Jantares que a mitrada lhe offerece,
Com tanto o gosto a excommunhão applaude
Do ~~[illegible]~~ insolente juiz.

XVI

Então o Lucas
Que, desde que estreava a lauta mesa,
Come com quantos dentes tem na boca,

Transcrição (imagem 84)

Monotonas o mesmo som repetem,

Assim de boca em boca os reverendos

"Excommunhão! excommunhão!" murmuram,

Por ventura algum delles duvidozo

Se aquella vencedora espada antiga

Que as heresias combateu na egreja

Empregar-se n'um caso deveria

De tão pequena monta; mas, guardando

Essa ideia consigo, que não rende

Os ~~rios~~ risos do prelado nem os fartos

Jantares que a miudo lhe offerece,

Com todo o gosto a excommunhão applaude
insolente
Do ~~barbaro~~ juiz.

XVI

Então o Lucas

Que, desde que extreára a lauta mesa,

Come com quantos dentes tem na boca,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 85

Que uma assada cotia despachára,
Quatro pombos, e de uma grande torta
Se já comminhando em mais de meio,
A boca levantou do alterno pasto
E falou desta sorte: "Bem humilde
É meu braço, senhor; mas se a defesa
Dos sacros fóros meu esforço pede,
Contar podeis commigo neste lance,
E certo estou que em decisão e zelo
Ninguem me pode exceder. Proponho agora
Que nesta occasião grave e solemne
Juramento façamos de punito
Ao ouvidor, e não deixar o campo
Sem a honra levar do nobre Almada."
Isto dizendo, da cadeira a custo
A barriga levanta o reverendo;
Todos o imitam logo, e sobre a mesa

Transcrição (imagem 85)

Que uma assada cotia despachára,

Quatro pombos, e de uma grande torta

Ia já caminhando em mais de meio,

A boca levantou do eterno pasto

E fallou desta sorte: "Bem humilde

É meu braço, senhor; mas se a defeza

Dos sacros fóros meu esforço pede,

Contar podeis commigo neste lance,

E certo estou que em decisão e zelo

Ninguem me hade exceder. Proponho agora

Que nesta occasião grave e solemne

Juramento façamos de punil-o

Ao ouvidor, e não deixar o campo

Sem a honra lavar do nobre Almada."

Isto dizendo, da cadeira a custo

A barriga levanta o reverendo;

Todos o imitam logo, - e sobre a mesa

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 86

Alçam armas, e juram de vingarse
Do ~~[illegible]~~ ofendido Mestre; e porque a empresa
Nova bríos pedia, em pouco tempo,
Com raro esforço, toda a mesma varrem.

XVI

Entretanto, afiando á ~~[illegible]~~ o ouvido,
Longo tempo escutára o moço Vasco
As deliberações do grão conselho,
E ceiroso da ~~[illegible]~~ Lusitana guerra
Que dali certamente nasceria
Tendo em nada tida na pessoa,
~~[illegible]~~ Entra fechado e trasmudado na sala.

Transcrição (imagem 86)

Alçam as mãos e juram de vingar se

Do *im/pr*esumido Mustre; e porque a

Novos brios pedia, em pouco tempo,

Com raro esforço, toda a meza varrem.

XVI

Entret^{o}, afiando á porta o ouvido,

Longo tempo escutára o moço Vasco

As deliberaç*ão/ões* do grão conselho,
tremenda
E receioso da ~~med~~ guerra

Que dalli certamente nasceria,
Pondo em risco talvez sua pessoa,
~~A apaziguar~~
Entra pallido e tremul*a/o* na sala.

tinta azul
folha cortada e colada
debaixo da colagem lê-se:
Fim do canto II

Imagem 87

Dous terços de centro de penitencia
Que o compor de virgem. Ha obrigo
Que nas salas da casa do governo
Certa corte de negros demandasse
Uma dous vinhas, E que o negro
Os certos compadrão lo nesses.
Estas pegadas vão, que o fertil solo
Com augmento da casa encerrasse,
E a bem lançada pena, e o brando
Dos aspectos, e as redes e os vellinhos,
E o pouco applauso de cous e a virgem de outros
O respeito de doaisem do perdoas.

XVIII

Este velo demandado os circumstantes
Interessou de muito. Pel receio
Que o ollentor, sabedor do que se passa,

Transcrição (imagem 87)

Dous terços lhe custou de penitencia

Que o confessor lhe impoz. Era sabido

Que nas salas da caza do governo

Certa noite de magoa desmaiáram

Duas damas rivaes, p^{r} que o magano

As cartas confudira do namoro.

Estas façanhas taes, que o fertil vulgo

Com argumentos de casa encarecia,

E a bem lançada perna, e o luzidio

Dos sap*er/a*tos, e as sedas e os velludos,

E o franco applauso de uns e a inveja de
outros
O *sep/sce*ptro lhe doaram dos peraltas

XVIII

Qu/Ao vel-o demudado, os circunstan*cias/tes*

Estremecem de susto. Qual receia

Que o Mustre, sabedor do que se passa,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 88

A tua obrigação um processo
Instantaneo de pensamento. Ed cogita
Se com horas de tarde a tua cercados
E vive já na excelsa phantasia
Ranger nos gemos a ~~galeria~~ ~~mestria~~ medonha porta
Do carcere ~~mestria~~ perpetuo. Tu sonhas,
Velhotes, e tu, Cardoso forte,
O coração pacifico trovestes,
E a prisão cinctante do palacio.

XIX

"Ouvis vossa tranquilo, ao que parece,
Vaidosa! (o tu lhe diz) e sugestiando
A moça lhe segundo: "Nova trage
E pensamos, senhor Porteiro que o momento,
A causa principal de tanta opportuna,
A outra de Bento e tamanhos meios,

Transcrição (imagem 88)

A *s/S*uas Reverencias um processo

Instaurára de prompto. Qual cogita

Que *h/c*em homens de tropa os *traz/tem* cercados

E ouve já, na escaldada phantazia
~~calada~~
Ranger nos gonzos a ~~[ileg.]~~ porta
medonha
perpetuo
Do carcere ~~sombrio~~. Tu somente,

Vilalobos, e tu, Cardozo forte,

O coração pacifico tivestes,

E a frieza imitastes do prelado.

XIX

"Ruins novas trazeis, ao que parece,

Vasco~~,~~! (o tio lhe diz); e suspirando

O moço lhe responde: "Novas trago

E penozas, senhor. Sabei que o monstro,

A causa principal de triste opprobrio,

O autor de *trez/tantos* e tamanhos males,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 89

Ouviu [illegible] ver. Ellen [illegible] braço

[illegible] a [illegible] [illegible]; é um crime

Verdadeiro, e [illegible]! Celia o certo

[illegible] tal [illegible], [illegible] o tio [illegible],

[illegible] [illegible] [illegible], [illegible] [illegible],

Conhecendo as [illegible] [illegible]

Com que [illegible] abalou toda a [illegible],

Nestor espera [illegible] logo [illegible]:

"[illegible]! um crime! [illegible]!

"Ouvem! um crime! [illegible] Ouvem um crime!! [illegible]? e q.?

[illegible]?..

[illegible] por [illegible] causa?..." "A causa era a mais pura:

[illegible]

Amor..."

X X

[illegible] [illegible] [illegible] o andrógino

De [illegible] abate [illegible], mal [illegible] [illegible],

[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

Sacudiu no [illegible] atordoado

[illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

[illegible] [illegible] o [illegible].

Ellen [illegible] todo o [illegible], o [illegible]

[illegible]. O [illegible] [illegible] [illegible],

O [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible],

Interrogativo [illegible] [illegible] o [illegible] [illegible];

Transcrição (imagem 89)

atrevido
Unico *s/eu* sou. Meu ~~temerario~~ braço

Armou os vossos servos; é seu crime

Verdadeiro, e fui eu..." Calára o resto,
Algum tanto vexado, mas o tio,
~~prelado,~~
~~E tranquillo sahiria, se o C prela~~

*Em/Con*trahindo as grisalhas sobrancelhas

Com que faz abalar toda a família,
logo rompe:
Nestas asperas vozes ~~não rompesse~~:
E ~~t~~ vós
~~E vós fos fostes~~
~~"Que! um crime!E tu foste!~~
"*E/Que*! um crime! ~~E vós fostes! Que mysterio!~~
Houve um crime! ~~E vós~~
E qual? e q^{do}..?
~~por que causa?..~~
~~E que causa.~~
~~Tu~~
E por que causa?,," "A causa era a mais pura:
~~Vasco responde:~~
Amor..."

X *I/X*
~~A taes palavras~~ A taes palavras o audi*d/t*orio
De boca aberta fica, mal ~~podendo~~
ousando
~~Os olhos arregala, e lhes parece~~
*E/A*creditar em tanto atrevimento
~~encerra~~
~~Que aquella confissão encerra um caso~~
E curiozo de saber o resto.
Mais que todos os outros, o Vellozo
~~De *escondido*. O Vellozo mais que todos,~~
~~O Vellozo, entretanto~~
~~tudo mais que as leis [ileg.]~~
Interro*gal-o/gar quer/quizéra* ~~não ousaria~~
o moço Vasco;

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 90

Contudo você diz, que é regra na
~~[illegible]~~
~~[illegible]~~
~~[illegible]~~
~~[illegible]~~
~~[illegible]~~ ao prelado,
tender pensais e ouvindo
de que copia sempre a catedral
E é turvo ~~de~~ ~~ele~~ é turvo; alguma, alguma.

X XI

"Ora pois! pois a causa ainda em vida
(O céu dia) injustiça vendo ao cor.
Nem só em um lista só verso
do meu procedimento. Desgraça,
~~Contra~~ entanto, a bonitria ouvirá de tu delicto.
Esta grave sombra certamente
Desprezia antecedente de outra coisa
Mais chegada à nova dignidade
E muito condição; mas vai importa;
Um dia vai vai dia, até de gesto
Que existiamos de tal este processo."

Transcrição (imagem 90)

Contudo nada diz: que é regra sua
~~*Não/Contudo* nada faz que acaso possa~~
~~Fazer nada, contudo, que pudesse~~
~~Nada fazer que algum ainda possa~~
~~Ir de encontro aos dezejos do~~ prelado,
Sondar primeiro o animo ao

De quem copia sempre a catadura

E é turvo *e/si* ~~é~~ ele é turvo; alegre, alegre.

XXI

"Ora pois! fosse a causa amor ou odio

(O tio diz) importa nada ao cazo.

Nem p^{r} isso uma linha só recuo

Do meu procedimento. Dezejára,
No entanto,
~~Contu~~ a *n/h*istória ouvir do teu delicto.

Esta grave assemblea certamente

Preferira *a/e*ntreter-se de outras cousas

Mais chegadas á nossa dignidade

E santa condição; mas não importa;

Um dia não são dias, e é de gesto

Que instruamos de todo este processo".

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 91

Está direito, ~~tem~~ à me ordeira vaga

se ~~se deste tato~~ se pica, ~~o de~~ entende o dito.

Vocês obedecem. ~~x [illegible]~~ A Doutrina compreende, ~~[illegible]~~

~~Se pedirem [illegible]~~ se ainda esperar aquele instante,

a ordem ainda procurando

Atenção prisão por escrito.

Leite o corpo [illegible] e se retira.

Fim do cont 2.º

Transcrição (imagem 91)

a uma
Isto dizendo, ~~uma~~ cadeira vaga
defronte lhe fica ~~o dedo~~
Que ~~do outro lado~~, estende o dedo.
A douta companhia,
Vasco obedece. ~~e senta-se. No rosto~~

~~Da piedoza assemblea transparece~~
Que ancioza esperava aquelle instante,

As cadeiras arrasta procurando

Idonea posição para escutal-o.

Enche os copos Anselmo e se retira.

Fim do canto 2º

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 92

VIII

Neste ponto o prelado, desejoso
De disfarçar o natural vexame
Que a narração mundana lhe faria,
Da próprida algibeira a caixa arranca
Do tabaco, abre-a, tira, espega os dedos,
E uma grossa pitada apanha e funga.
O perspicaz conselho d'escita logo;
Aventam-se as boretas; os chapeus
Trocam-se mutuamente os ~~[illegible]~~ compridos;
Pede de novo vez na ~~[illegible]~~ longa venta insere
A precioso pó; e pel o divide
Benevolo entre as duas; e c'o'a lenço
As serenadas cachos sacudidos,
Deste modo prosegue o moço Vasco:

Transcrição (imagem 92)

VIII

Neste ponto o prelado, dezejoso

De disfarçar o natural vexame

Que a narração mundana lhe fazia,

Da profunda algibeira a caixa arranca

Do tabaco, abre-a, tosse, esfrega os dedos,

E uma grossa pitada apanha e funga.

O perspicaz conselho o imita logo;

Aventam-se as bocetas; os obsequios
convidados;
Trocam-se mutuamente os ~~nobres cabos;~~
larga venta
Qual de uma vez na ~~venta~~ insere

O precioso pó; ~~;~~ qual o divide

Benevolo entre as duas; e co'os lenços

Os reverendos cochos sacudidos,

Deste modo prossegue o moço Vasco:

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 93

Canto IV

I

Já nas macias, preguiçosas camas
Santamente roncava o grão conclave,
Quando, em frente da mesa, carregada
De ~~maçados~~ volumes, papel, e ~~pennas~~ tinta, e penas,
O Doutor Villatobos se assentava.
Isto vendo, a Preguiça, que o mais docil
Dos seus alumnos no vigario tinha,
As pernas adelgaça, o collo estica,
Afila os dedos, o nariz alonga,
E as feições copiando do escrevente,
Busca o vigario, e do amago do peito
Mollemente este falle arranca e solta:
— "Lentor, que grande novidade é esta?
Pela primeira vez, depois das aves,
Esquece-vos colcão e travesseiro,

Transcrição (imagem 93)

Canto IV

I

Já nas macias, preguiçozas camas

Santamente roncava o grão conclave,

Quando, em frente da mesa, carregada
volumes , tinta, e pennas,
De ~~massudos~~ papel, e ~~penna e tinta,~~

O douto Villalobos se assentava.

Isto vendo, a Preguiça, que o mais docil

Dos seus allumnos no vigario tinha,

As fórmas adelgaça, o collo estica,

Afila os dedos, o nariz alonga,

E as feições copiando do escrevente,

Busca o vigario, e do amago do peito

Mollemente esta falla arranca e solta:

- "Senhor, que grande novidade é esta?

Pela prim*eir*a v*ez*, *depois* das *n*ove,

Esquece-vos colxão e travesseiro,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

sobrepostos em tinta preta (exceto [n])

Imagem 94

Que essas valentes e elevadas fórmas
Com tanto amor criaram? Que motivo
Apartado vos tem de vossa casa?
Por ventura, esse cargo precioso
Que tão alto vos põe nesta cidade
Não vos dá pois a regalar o corpo
Cá na deheira do soberano? Que seria
Dos empregos mais altos deste mundo
Se não fossem razão de boa vida?
E que lucras, senhor, com essa pressa?
A vaidade abater de um insensato,
Todo cheio de ventos e pompassinha?
Mais do que elle valia Alithrotes
Que Hercules bateu; mas quem se lembra
Do forte vencedor do rei do Porto,
Quando nelle contempla o mais conspicuo
Dos grandes mandriões da antiguidade,

Transcrição (imagem 94)

tinta preta
furos de fichário na margem esquerda
marca d'água Al Masso

Que essas valentes e *v/c*evadas fórmas

Com tanto amor criaram? Que motivo

Apartado vos traz da vossa cama?

Boileau

Por ventura, esse cargo preciozo

Que tão alto vos pôz nesta cidade

Não vos dá jús a regalar o corpo

anotação à margem em tinta azul

Co'as delicias do somno? Que seria

Dos empregos mais altos deste mundo

Se não fossem razão de boa vida?

E que lucraes, senhor, com essa guerra?
A vaidade abater de um ~~pobre tolo~~ insensato,

Todo che*io* de ventos e fanfurrias?

Mais do que elle valia Mithri*tastes/dates*

Que Lucu*lo/llo* bateu; mas quem se lembra

Do forte vencedor do rei do Ponto,

Quando nelle contempla o mais conspicuo

Dos grandes mandriões da antiguidade,

Imagem 95

Se mais sonhe comer que Roma inteira?
Deixai lá que se esfrope a inculta plebe
No vil trabalho com que compra a ceia;
Um homem como vós não se apoqua,
Come e sonca, senhor, que o mais é nada."

I I

"Não, amigo (responde-lhe o esparso
Com benevolo gesto, e todo cheio
Do elogio); não, esta companha
Tão mesquinha não é; nem tão mapina
O insolente rival. Tolo é, de certo,
E presunçoso; acrescentou maldoso
Uma inveja cruel do nosso Alvada.
Debil não é; quem vícios tais reune.
Derrubado é preciso. O grande nome,
O poder que me dá este meu cargo,
E do prelado a nobre confiança,

Transcrição (imagem 95)

Que mais soube comer que Roma inteira?

Deixai lá que se es*f/b*ofe a inculta plebe

No vil trabalho com que compra a ceia;

Um homem como vós não se afadiga,

Come e ronca, senhor, que o mais é nada."

II

"– Não, amigo (responde-lhe o vigario

Com benevolo gesto, e todo cheio

Dos elogios); não, esta campanha

Tão mesquinha não é~~;~~, nem *s/t*ão mofino

O insolente rival. To*d/l*o~~,~~ é, de certo,

E presumpçozo; accresce-lhe mordel-o

Uma inveja cruel *ao/do* nosso Almada.

Debil não é quem vícios taes reune.

Derrubal-o é preciso. O grande nome,

O poder que me dá este meu cargo,

E do prelado a nobre confiança,

tinta preta
furos de fichário na margem esquerda
marca d'água Smith&Meynier Fiume

Exigem que ao trabalho hoje me entregue
Algum tempo requer. Vem tu receios
Que eu desperdice os momentos tantos horas
De descanço. Uma só que eu nisto empenhe,
Tão pecunda hade ser, tão estudada,
Que durará prestes os séculos em infinitas noites
E tudo se regrê no estado antigo."

I I I

Insta a Preguiça; apronte, apronte quem
O vigorio; na mente se lhe pinta
O alto, pelo colorão de fina pluma,
Em que as noites repousa, em que na sésta
A sua reverenda inercia espraia.
Os olhos com pastio aos livros lança;
A descabeli os momentos lhe convezem
De languidez; mas a cruel ideia
De ver perdida a posição brilhante

Transcrição (imagem 96)

Exigem que ao trabalho hoje me entregue

Algum tempo sequer. Nem tu rece*a/i*es

Que eu desperdice as minhas bentas horas

De descanço. Uma só que nisto empenhe,

Tão fecunda hade ser, tão esticada,

Que dará quatro ou cinco em muitas noites,

E tudo se repõe no estado antigo."

III

Insta a Preguiça; afrouxa, afrouxa quasi

O vigario; na mente se lhe pinta

O alto, fofo colxão de fina pluma,

Em que as noites repousa, em que na sésta~~,~~

A sua reverenda inercia espraia.

~~conhecida~~

Os olho*s* com f*as*tio aos livr*os* lança;

A descahir os membros lhe começam

De languidez; mas a cruel ideia

De ver perdida a posição brilhante

tinta preta
furos de fichário na margem esquerda
marca d'água Smith&Meynier Fiume

tinta azul
sobrescritos em tinta azul

Imagem 97

Que na egreja lhe cabe, o bio espera
Ao grão doutor e lhe disipa o somno.
Em vão tenta a preguiça convidado
Com palavras de mel; sacode o corpo,
Encolhe os hombros, os ouvidos cerra,
E erisipido a despede o reverendo.

III

Apenas de actor só na grande sala,
Com o lenço o papel sacode e a cessa,
~~[illegible]~~
~~[illegible]~~
E n'um velho tinteiro mergulhando
A branca penna de um ~~desgraçado~~ comido gato
Lança as primeiras regras. Dos auctores
Largamente consulta; um trecho saca
De dez tomos diversos e massudos
Com que as velas empresa ao seco estylo.

Transcrição (imagem 97)

Que na egreja lhe cabe, o brio esperta

Ao grão doutor e lhe dissipa o somno.

Em vão tenta a Preguiça convid*ar/al-o*

Com palavras de mel; saccode o corpo,

*Re/E*ncolhe os hombros, os ouvidos cerra,

E rispido a despede o reverendo.

II I

Apenas *s*e achou só na grande sala, x

Com o lenço o papel sa*c/cco*de e a mesa,
~~Uma grossa pitada encara e funga~~
~~Chega a poltrona, os [ileg.]~~
E n'um velho tinteiro mergulhando
A branca penna de um ~~defunto~~ comido pato

Lança as primeiras regras. Dez autores

Largamente consulta; um trecho sacca

De dez tomos diversos e massudos

Com que as velas enfuna ao secco estylo.

tinta preta rasuras em tinta azul
furos de fichário na margem esquerda
marca d'água Al Masso

[x] em tinta azul

tinta azul

tinta azul
rasura tinta azul

Imagem 98

A cada rasgo da ~~rouca~~ tardia penna,
Que a tuada expressão gotteja a custo,
A cabeça levanta o reverendo,
Todo o escripto relê com grande pausa,
As paredes consulta, e novamente
Ao trabalho com ânimo arremette.
Enfim, ao cabo de uma hora longa,
A tarefa acabou. Contente salta
Da cadeira, repete a ~~agitada~~ ~~agitada~~ ~~agitada~~

Transcrição (imagem 98)	tinta azul folha cortada e colada furos de fichário na margem esquerda
tardia A cada rasgo da ~~vadia~~ penna,	
Que a suada expressão gotteja a custo,	
A cabeça levanta o reverendo,	
Todo o escripto relê com grande pausa,	
As paredes consulta, e novamente	
Ao trabalho com ânimo arremette.	acento circunflexo em tinta preta
Enfim, ao cabo de uma hora longa,	
A tarefa acabou. Contente salta	
~~aguada~~ Da cadeira, repete a ~~[agua]~~ proza,	
torva E vaidoso de si, como dos versos	
Que primeiro compoz infantil vate,	
As mãos esfrega, os olhos arregala,	
Pela salla passeia, e de memoria	
Algum trecho repete, alguma phrase	
Que mais arrebicada lhe sahira.	
O espanto do ouvidor, o enthusiasmo	
Do prelado, os pomposos elogios	

Da cidade, na mente lhe descreve
Com destra mão e delicadas tintas
A fortuna... Mas aqui começam
De lhe pesar as palpebras; a custo

Tropego e bocejando deixa a sala,
Entra na alcova, a trouxas se despede
Das roupas, e na cama continua
O delicioso sonho interrompido.

V

Rapidamente abrindo o alvo regaço,
E o chão pincando de purpureas flores,
Do pastor fluminense á casa torna
A travessa alegria, e ao seu aspecto,
Pallida magoa, e lutuosa foges.
Sobre os moles colchões ainda estendido,
O lobrego papel ouve o prelado,

Transcrição (imagem 99)	tinta azul folha cortada e colada furos de fichário na margem esquerda
Da cidade, na mente lhe descreve	
Com de*x/s*tra mão e delicadas tintas	
A fantazia... Mas aqui começam	
De lhe pezar as palpebras; a custo	
Tropego e bocejando, deixa a sala,	
Entra na alcova, a troncos se despede	
Das roupas, e na cama continua	
O deliciozo sonho interrompido.	
V	
Lepidamente abrindo o alvo regaço,	
E o *p/c*hão juncando de purpureas	
Do pastor fluminense á casa torna	
A travessa alegria, e ao seu aspecto,	
Pallida magoa, ~~,~~ lu*t/c*tuosa foges.	rasura e vírgula em tinta preta
Sobre os moles colxões inda estendido,	
O lobrego papel ouve o prelado,	

Que o Doutor Villabotos lhe recita,

~~[illegible]~~

E com exclamações e com pelmadas,

Lhe applaude a erudição e o bello estylo,

E a indelevel victoria lhe agradece.

VI

Um a um, vem chegando os reverendos,

E a todos, um por um, de cabo a cabo,

A intimação lhes lê, que elles escutam,

Com muitos e largados elogios,

Maximeiro os da boca do Vellozo,

Que mal soffre ao rival este triumpho.

Mas como o fructo que nasce no solo

E o verme escende no corrupto seio,

Anda o prégado dos grandes feitos

Alegre se parece, em quanto a inveja

O pinga, e mil ideias lhe insinua

Transcrição (imagem 100)

Que o douto Villalobos lhe recita,

~~Em si mesmo não cabe de contente,~~

E com exclamações e com palmadas,

Lhe applaude a erudição e o duro estylo,

E a infallivel victoria lhe agradece.

VI

Um a um, vem chegando os reverendos,

E a todos, um por um, de cabo a cabo,

A intimação lhes lê, que elles escutam,

Com muitos e rasgados elogios,

Vellozo
Maiormente os da boca do ~~Fonccca~~,

Que mal soffre ao rival este triumpho.

~~o verme~~
Mas como ~~como~~ que seduz no rosto

o fructo
E o verme esconde no corrupto seio,

Assim o pregador das grandes festas

Alegrar-se parece, em quanto a inveja

O punge, e mil ideias lhe insinua

tinta preta
furo de fichário na margem esquerda

tinta azul
rasura em azul

Imagem 101

De adular o prelado, e aos Vallalotes
Arrebatar os louros, que lhe impedem,
— O sonhos, não, — mas o coração d'alma.

VII

Ao verse tão cercado de ~~elogios~~ cumulados,
Em si mesmo não cabe de contente
O prosperado doutor, em cujos labios
A vaidade sorri, velada a meio

Deixar vans cortesias de apparato,
E disse: "Não, senhor! oh! não! oh! nunca
Nunca esta prosa minha ~~pretos~~ ambiciosa
Ao tão alto subir como pretende.
A bondade de Vossa Senhoria.
E' um trabalhozinho feito á pressa
E' por obedecer ás ordens suas."
E outras tais mogigangas de modestia,
De humildade, que são naquelles transes
Usual expressão.
Nada demasiado.

Transcrição (imagem 101)

De adular o prelado, e ao Villalobos

Arreba*v/t*ar os louros, que lhe impedem,

— O somno, não, — mas o socêgo d'alma.

VII

Ao ver-se tão cercado de ~~elogios,~~ zumbaias,

Em si mesmo não cabe de contente

O profundo doutor, em cujos labios

A vaidade sorri, velada a meio

D'essas vans cortesias de apparato,

E d'esse "Não, senhor! oh! não! oh! nunca!

Nunca esta proza minha ~~preten~~ ambicionára

A tão alto subir como pretende

A bondade de Vossa Senhoria.

É um trabalhozinho feito á pressa

Só por obedecer ás *su/or*dens suas."

E outras tais mogigangas de modestia,

De humildade, que *n/s*ão naquelles tranc*as/e*s

U*s*ual expressão.

~~Usual expressão~~

tinta preta
furo de fichário na margem esquerda
folha cortada e colada

deteriorado

Imagem 102

VIII

Mas tu, Cardoso,
Longe porte do pelo rigoroso,
Longe para intimar o austero illustre
Te apparecesse armado. Mesmo pena,
Tumultuosa escrivão, que a natureza

V

Para servo do altar te não fizera,
Que nasceras com baldão de meirinho,
Ou capitão do matto. "Eu mesmo quero
(Diz o porte escrivão) dar-lhe este golpe,
E certo estou de que a petal devassa
Nas mãos virá do arrependido illustre
~~Cartaz~~ A vossos pés" cahir. Cheio de gosto,
Alumada esta façanha lhe elogia,
E copiada a intimação formosa,
Rubricada e sellada, promptamente

Transcrição (imagem 102)

tinta preta e azul
furo de fichário na margem esquerda
folha cortada e colada

VIII

Mas tu, *c/C*ardozo,

Emulo foste do feliz vigario,

Quando para intimar o austero Mustre,

Te offereceste ousado. Havia fama,

Temerario escrivão, que a natureza

Para servo do altar te não fizera,

tinta azul desta linha em diante

Que nasceras com balda de meirinho

Ou capitão do matto. "— Eu mesmo quero

(Diz o forte escrivão) dar lhe este golpe,

E certo estou de que a fatal devassa

Nas mãos virá do arrependido Mustre
cahir
~~Cahir~~ *ao/A* vossos pés ." Cheio de gosto,

Almada esta façanha lhe elogia,

E copiada a intimação famosa,

Rubricada e sellada, promptamente

A recebe o Cardeal. Dous abraços
O prelado lhe dá, e mais a benção
Que o honrará das tentações do diabo.
Dá-lhe inda mais. De uma gaveta saca
Um trecentado chapeu pomposo e pio,
Que lhe mandára um monge italiano,
E que elle a sete chaves escondrá.
"Tomai (lhe diz) este chapeu que he annos
De alheios vistas prado; elle só vale
Mais que cinte orações; tomai-o, é vosso."

~~VII~~ IX

Era um chapeu de tres enormes bicos.
Respeitoso o escrivão lhe imprime um beijo,
E na cabeça o põe, e assim de casa
Para intimar o Mestre se encaminha.
Vaidoso e cheio da missão que leva,
Ao mais altaveno da cidade,

Transcrição (imagem 103)	tinta azul furos de fichário na margem esquerda
A recebe o Cardozo. Dous abraços	
O prelado lhe dá, e mais a benção	
Que o livrará das tentações do diabo.	
Dá-lhe inda mais. De uma gaveta sacca	
Um tremendo chapeu pomposo e feio,	
Que lhe mandára um monge italiano,	
E que elle a sete chaves escondia.	
~~T~~"Tomai (lhe diz) este chapéu, que ha annos	
De alheias vistas guardo; elle só vale	
Mais que vinte orações; tomai-o, é vosso."	
~~VIII~~ IX	rasura e [IX] em tinta preta
Era um chapeu de trez enormes bicos.	
Respeitozo o escrivão lhe imprime um beijo,	
E na cabeça o põe, e assim de caza	
Para intimar o Mustre se encaminha.	
Vaidozo e cheio da missão que leva,	
As ruas atravessa da cidade,	

Imagem 104

O pavor antevendo e o cataplasmo
Do mesquinho ouvidor, prendo o mandado
De seus labios ouvir, e na cabeça
Tentar descarregar o grande golpe.
A noticia entretanto ia correndo
Pela cidade toda, e a cada passo,
Nas esquinas, nas lojas se detinha
A gente curiosa e os olhos punha
No formoso escrivão; mas, sobranceiro,
Impavido calcando a dura terra,
Sem fazer caso do unido povo,
No caminho prosegue. Já chegava.
Aos edificios ultimos, e a planta
O desprovado chão pisava apponto,
Quando em frente lhe surge lacrymosa
Brigida, mascatona de mão cheia,
Cascira sem rival, mescla robusta

Transcrição (imagem 104)

O pavor antevendo e os calafrios

Do mesquinho ouvidor, quando o mandado

De seus labios ouvir, e na cabeça

Sentir descarregar o grande golpe.

A noticia entretanto ia correndo

Pela cidade toda, e a cada pa*ss*o,

Nas esquinas, nas lojas se detinha

A gente curioza e os olhos punha

No famoso escrivão; mas, sobranceiro,

Impavido calcando a dura terra,

Sem fazer cazo do miudo povo,

No caminho prosegue. Já chegava

Aos edifícios ultimos, e a planta

O despovoado chão pisava affoito,

Quando em frente lhe surge lacrymoza

Brigida, mocetona de mão cheia,

Caseira sem rival, mescla robusta

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda
marca d'água Al Masso

Imagem 105

De africo sangue e sangue d'alva Europa.

~~Nos braços dela uma gentil~~

X

Nos braços dela uma gentil criança
Dorme placidamente. Estão sorrindo,
Ao ver o bello infante, o brando somno
Que essa alma em flor, não machucada ainda
De asperas mãos humanas, sobe as azas
Á doce região dos anjos leva,
Para o Cordeiro. Brigida chegando
Da mão lhe trava, os olhos erque a medo,
E estas palavras tremula suspira:
—"Reverendo senhor, coragem tanta,
Cega destimidez, prendas tão raras
(Perdoai da caseira o atrevimento)
Fataes vos hão de ser. De boca em boca,
Como que ides citar a toda a pressa

Transcrição (imagem 105)	tinta azul furos de fichário na margem esquerda
De africo sangue e sangue ~~de~~ d'alva Europa.	
~~Nos braços dela uma gentil~~	
~~I~~ X	[~~I~~] em tinta preta
uma Nos braços della ~~um~~ gentil criança	
Dorme placidamente. Então sorrindo,	
Ao ver o bello infante, e o brando somno	
Que essa alma em flor, não machucada ainda	
De asperas mãos humanas, sobre as azas	
Ás/Á doce região dos anjos leva,	
Pára o Cardozo. Brigida chegando	
Da mão lhe trava, os olhos ergue a m*a/e*do,	
E estas palavras tremula suspira:	
—"Reverendo senhor, coragem tanta,	
Cega destimidez, prendas tão raras	
caseira (Perdoai d*e/a* ~~uma serva~~ o atrevimento)	tinta preta rasura em tinta preta
Fataes vos hão de ser. De boca em boca,	
a toda a pressa Corre que ides citar ~~o vingativo,~~	

O barbaro ouvidor. Ai, mais que nunca
A ideia de perder-vos me acabarda.
Que será desta miseria creança,
Se o padrinho lhe falta, e um conforto,
Nem amparo, nem mão experiente
Houver de caminhar do berço á campa?
Convosco irão, senhor, os dias delle,
E os meus dias tambem, tão ~~pel~~ bafejados
~~Dias amaros delicitosos que a fortuna~~
~~Dos trazendo~~ Daquellas amaros que a ~~[illegible]~~ fortuna sopra
~~Indomitrix sopra e prosperar desgraça~~
Por que seja mais uma ~~[illegible]~~ desdita
~~Ollai crua fase agora tomar forma.~~

Nem mais irei servir? Que uma estatua
~~Me~~ verá preparar trolha e copos,
Se esse monstro infernal, que a liberdade
E a vida prende em suas mãos de ferro,
Ousar tirar-vos ambos? Não me resta
Pae nem mãe; tres irmãos; soldados foram,

Transcrição (imagem 106)

O barbaro ouvidor. Ai, mais que nunca

A *idea/ideia* de perder-vos me aco*v/b*arda.

Que será desta mísera creança,
;
Se o padrinho lhe falta, e sem conforto,

Nem amparo, nem mão experiente

Houver de caminhar do berço á campa?

Convosco irão, senhor, *as/os* dias della,

E os meus dias também, tão ~~fal~~ bafejados

~~Das auras deleitozas que a fortuna~~
Daquellas fortuna
~~Das brandas~~ auras que a ~~ventura~~ sopra
~~ventura~~
~~Industrioza soprou porque a desgraça~~
~~dest~~ desdita
Por que seja maior noss*o/a* ~~infortunio.~~
~~Mais crua fosse após tamanho gosto.~~

Quem mais irei servir? Que meza extranha

M*er/e* verá preparar toalha e copos,

Se esse monstro infernal, que a liberdade~~,~~

E a vida guarda em suas mãos de ferro,

Ousar tirar-vos ambas? Não me resta

Pae nem mãe; tive irmãos; soldados foram,

tinta azul
marca d'água Smith&Meynier Fiume

Morreram todos na ~~[illegible]~~ hollandesa guerra.
Todos achei em em vós; vós, meu amparo
Si hoje heis sido. Ah!, por quem sois, vos peço,
~~Não vades pelejar contra esses barbaros~~,
Não me deixeis, senhor, sozinha e triste
Semeas de amargas lagrimas a terra,
A dura cerca em que poisar meu corpo,
Desalentada, talvez escarnecida.
Ainda tempo; arreneçai ao longe
O mandado fatal; a cara oculte,
Escondeitvos dos olhos do prelado,
Que em par ficando vos commette o risco,
E duas vidas salvareis de um lance."

XI

—"O Brigida! (O Cardoso lhe responde)
Justos receios são. Do teu affecto.
Mas se eu agora depusesse as armas,
Que seria da honra desta egreja?

Transcrição (imagem 107)

tinta azul
marca d'água Al Masso

~~africana~~
Morreram tod*as/os* na ~~hollandeza~~ guerra.
hollandeza
Todos acho eu em vós; vós, meu amparo

Té hoje heis sido. Oh! por quem sois, vos peço,

~~Não vades pelejar contra esse barbaro,~~

Não me deixeis, senhor, sozinha e triste

Semear de amargas lagrymas a terra,

A dura *em/te*rra em que poisar meu corpo,

Deslembrada, talvez escarnecida.

É tempo ainda; arremeçai ao longe

O mandado fatal; a caza vinde,

Escondei ~~v~~/- vos dos olhos do prelado,

Que em paz ficando vos commette o risco,

E duas vidas salvareis de um lance."

X I

[I em tinta preta]

—"Ó Brigida (o Cardozo lhe responde)

Justos receios são d*e/o* teu affecto.

Mas se eu agora depusesse as armas,

Que seria da honra desta egreja?

Imagem 108

Onde iria parar o nosso Almada?
Eu conheço o rancor do peito ardente,
Eu sei que o braço da justiça pode
Até apontar fazes aos nossos cargos,
E a cada passo encher-nos de vergonha.
Mas quão peior seria a raiva sua
Se levasse a melhor neste conflicto,
Se castigando ~~a~~ esta mortal ~~[illegible]~~ injuria
Não lograssemos nós ~~o~~ ao mesmo ~~[illegible]~~ tempo
Aterrado, humilha-lo, escangalhar-o!
Vê que terriveis males, que desastres
Sobre nós cairiam, se ainda a victoria
Couber ao ~~[illegible]~~ impio. O temerario braço
Quem poderá deter-lh'o? Quem, se um dia
Ousar da minha casa arrebatar-te,
O golpe deixará de um capricho?
Servito irás então, miseira escrava!

Transcrição (imagem 108)

tinta azul
marca d'água Al Masso

Onde iria parar o nosso Almada?

Eu conheço o rancor do feroz Mustre,

Eu sei que o braço da justiça pode

Mil affrontas fazer aos nossos cargos,

E a cada passo encher-nos de vergonha.

Mas quão peior seria a raiva sua

Se levasse a melhor neste conflicto,
esta mortal
Se castigando ~~a temeraria~~ injúria,
~~lance~~
Não lograssemos nós ~~do~~ mesmo ~~golpe~~
ao tempo
Atterral-o, humilha-lo, escangalha-lo~~!~~.

tinta preta
rasura em tinta preta

Vê que terriveis males, que desastres

Sobre nós cahir*am/ão*, se inda a victoria
impio
Couber ao ~~Mustre~~. O temerario braço

Quem poderá deter-lh'o? Quem, se um dia

Ousar da minha caza arrebatar-te,

O golpe desviará do seu capricho?

Servil-o irás então, misera escrava!

Ao sol ardente cavarás a terra,
Sem gozar um minuto de descanço;
E se acaso na estrada, junto á cerca,
Um clérigo passar do que me recordou,
Ao ver-te exclamará: "Lá serve ao Mestre —
A formosa carreira do Cardoso!"
Triste suspeito de saudade e pena
Me mandarás em vão... Ah! antes, antes,
(E tal desgraça me prepara a sorte)
Num cárcere fechado á luz do dia
Viver perpetuamente, condemnado
A perpetuo pepum de pão e agua!"
~~Como a aitra e barbara vizinhança;~~
~~Vencedor caminha na paraca da honra!~~"

XII

Disse, e do terno infante os lindos braços
Docemente puxou. Logo despertá

Transcrição (imagem 109)

tinta azul
marca d'água Smith&Meynier Fiume

Ao sol ardente cavarás a terra,

Sem gozar um minuto de descanço;

E se acazo na estrada, junto á cerca,

Um clerigo passar dos que me mordem,

Ao ver-te exclamará: "Lá serve ao Mustre

A formoza caseira do Cardozo!"

Triste suspiro de saudade e pena

Me mandarás em vão... Oh! antes, antes

(Se tal desgraça me prepara a sorte)

N'um carcere fechado á luz do dia

Viver perpetuamente, condemnado

A perpetuo jejum de pão e agua~~!~~"

~~Corro a citar o barbaro inimigo;~~

~~Vencel-o cumpre ou perecer com honra!"~~

XI I

I em tinta preta

Disse, e do tenro infante os lindos braços

Docemente puxou. Logo desperta

Do somno a creancinha, os olhos volve
Ao heroico escrivão; porem, ao ver-lhe
O gigante chapeu de tres pancadas,
Fita, recua e no rolliço collo
Da mãe esconde o aparvado rosto.
Leve sorriso então anon[illegible] aos labios
Da terna mãe, do intrepido padinho.
Descobre-se o Caudro, e pondo em terra
O ~~pesado~~ pesado chapeu, toma nos braços
A creancinha, um beijo lhe imprime,
E aos ceus ~~dirig~~ envia estas ardentes vozes:
"Ceus que me ouvis, pois que illustre e gr.
Este menino seja; ~~a[illegible]~~ igual audacia,
Igual força lhe dai, com que elle assombre
A raça toda de ouvidores novos.
Que diga o mundo ao veto: "Alli renasce
Do valente padinho o brio e o sangue!"

Transcrição (imagem 110)

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda
marca d'água Smith&Meynier Fiume

Do somno a creancinha, os olhos volve

Ao heroico escrivão; porem, ao ver-lhe

O gigante chapeu de trez pancadas,

Grita, recua e no roliço collo

Da mãe esconde o apavorado rosto.

Leve sorriso então assoma aos labios

Da terna mãe, do intrepido padrinho.

Descobre se o Cardozo, e pondo em terra
O ~~fam~~ tremendo chapeu, toma nos braços

A creancinha, um osculo lhe imprime,
E ~~ao~~ aos ceus ~~dirige~~ envia estas ardentes vozes:

sobrescrito e segunda rasura em tinta preta

— "Ceus que me ouvis, fazei que illustre e gr^{e}.
Este menino seja; ~~a mesma~~ egual audacia,

*A/E*gual força lhe dai, com que elle assombre

A raça toda de ouvidores novos.

Que diga o mundo ao vel-o: "Alli renasce

Do valente padrinho o brio e o sangue!"

E á doce mãe console esta homenagem."

XIII

Cala, e nos medios braços da cadeira
A creança depõe; do chão levanta
O chopen; na cabeça o gorro de chope.
"Vae da casa cuidar (lhe diz) em quanto;
Corro a citar o barbaro inimigo.
Vencerei ou morrer com honra."
Brigida commovida se despede
Do infantil Cardoso, e lentamente
Para casa dirige os passos temulos,
Não sem voltar de quando em quando o rosto,
Que o medo enfia e que humedecem lagrymas.

Fim do canto V.

Transcrição (imagem 111)

É/E á doce mãe console esta homenagem."

XII II

Cala, e nos nedios braços da *cre/ca*seira

A creança depoz; do chão levanta

O chapéu; na cabeça o põe de chofre.

—"Vae da caza cuidar (lhe diz) eu parto;

Corro a citar o barbaro inimigo.

Vencel-o cumpre ou perecer com honra."

Brigida commovida se despede
Cardozo,
Do impávido ~~escrivão~~, e lentamente

Para caza dirije os passos tremulos,

Não sem voltar de quando em quando o rosto,

Que o medo enfia e que humedecem lagrymas.

Fim do canto V.

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda
marca d'água Smith&Meynier Fiume

I em tinta preta

Imagem 112

O Almada ✓

Cant. VI

– Incompleto –

Transcrição (imagem 112)	tinta preta e lápis grafite grafia de mão alheia furos de fichário na margem esquerda
O Almada	
Canto VI	a lápis
- Incompleto.	

Imagem 113

Canto VI. (canto VI)

I

Naquelle tempo, a mão da ~~arte~~ arte engenhosa
Os elegantes bairros não abria,
Refugio da abastança deste recinto,
E passeio obrigado dos peraltas.
Por essas praias ermas e sacrosas
Ainda guardava o echo o som terrivel
Do falcão, do arcabuz que a vez primeira
Despertou guarnabara, e o silvo agudo
Da pecha do tamoyo. Ainda o echo
As vozes cantilenas repetia
Do trovador selvagem de outro tempo,
Que viu perdida a patria, e viu com ella
Perdida a longa historia de seus pactos
E os ritos de Tupan, perdida a raça
Nas perteis margens... Musa, onde me levas?

Transcrição (imagem 113)

Canto V ~~I~~. (canto VI)

I

Naquelle tempo, a mão da ~~arte~~ arte engenhosa

Os elegantes bairros não abrira,

Refugio da abastança deste seculo,

E passeio obrigado dos peraltas.

Por essas praias ermas e saudosas

Inda guardava o echo o som terrivel

Do falcão, do arcabuz que a vez primeira

Despertou Guanabara, e o silvo agudo

Da frecha do tamoyo. Ainda o echo

As rudes cantilenas repetia

Do trovador selvagem de outro tempo,

Que ~~viu~~ viu perdida a patria, e ~~viu~~ viu com ella

Perdida a longa historia de seus feitos

E os ritos de Tupan, perdida a raça

Que as ferteis margens... Musa, onde me levas?

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

[(canto VI)] a lápis

Philosophias vans, chimeras, sonhos,
Flores, — apenas flores, — que não volem
Tantos goos reaes dos nossos dias,
Eu por o deixar, e do ouvidor famoso
A rustica morada me encaminho.

II

Não longe do tumultuo da cidade,
Sobre a verdura de cerrado bosque,
~~Tinha a Mustra uma cara de receio~~
Tinha o Mustra uma cara de receio.
Alli nos dias da estação calmosa,
Depois que á porta sacudia o tedio,
Tranquillo descançava algumas horas
Da inercia no regaço. Alli gozando
Os olhos, boca, ouvidos e narizes,
Do fertil natureza os dous mais bellos,
Correr deixava o mundo, sem que a ponta
O minimo receio lhe ousasse.

Transcrição (imagem 114)

Philosophias~~,~~ vans, chimeras, sonhos,

Flores, – apenas flores, – que não valem

Tantos gozos reaes dos nossos dias,

Em paz os deix*o/a*, e do ouvidor famoso

Á rústica morada me encaminha.

II

Não longe do tumulto da cidade,
Entre a verdura de copado bosque,
~~Tinha o Mustre uma caza de recreio~~

Tinha o Mustre uma caza de recreio.

Alli nos dias da estação calmoza,

Depois que á porta sacudia o tedio,

Tranquillo descançava algumas horas

Da inercia no regaço. Alli gozando

Por olhos, boca, ouvidos e narizes,

Da fertil natureza os dons mais bellos,

Correr deixava o mundo, sem que a fronte

O minimo receio lh'a ensombrasse.

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

O terrivel Cardoso. Tem fechado
Na esquerda mão o ~~horrido~~ ~~tratado~~ impulsor decreto;
Com um gesto solemne o desenrola,
Tosse, escarra, cospe a voz e o rosto,
E o venerando anathema lhe lança.

IV

Do longo exercito o ~~fulminado~~ fulminado Mestre
Lupim voltou; ~~olha~~ olhos pela entrada
Desvairados estende; á casa torna.
Apressado; bracejo, grita, ordena
Lhe o padre chamem; quatro escravos correm
E voltam sem mais novas de Cardoso
Lhe verbos se tornáo ao grande Almeida
Da triumphante missão a dar-lhe conta.

Transcrição (imagem 115)

O terrivel Cardozo. Traz fechado
~~horrido~~
Na esquerda mão o ~~barbaro~~ decreto;
singular
Com um gesto solemne o desenrola,

Tosse, escarra, compõe a voz e o rosto,

E o venerando anathema lhe lança.

IV
fulminado
Do longo espanto o ~~fulminante~~ Mustre
os olhos
Enfim voltou; ~~olhos~~ pela estrada

Desvairados estende; á caza torna~~,~~

Apressado; braceja, grita, ordena

Que o padre chamem; quatro escravos correm

E voltam sem mais novas de Cardozo

Que veloz se tornára ao grande Almada

Da triumphante missão a dar-lhe conta.

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda
no verso da folha, há uma frase rasurada:
~~Com mais arte que de uso se prepara~~

V

Já tremendo de raiva, já de medo,
O magistrado fica; ora calado
Algum tempo permanece; ora soltando
Descompassados ais e suspiros,
Attonito percorre a casa ~~toda~~ inteira.
Vagamente cogita uma vingança
Contra o duro rival; mas logo a triste
Realidade o coração lhe aperta.
A phantasia pinta-lhe o desprezo
Do devoto riscaro, a mofadora,
A dura solidão da vida sua,
O frio dos amigos, os sarcasmos
Que por trás uma cruz fazendo nelle
Meia cinzas na terra vão deixado
Do que em praia deserta ingrato dono
Deixa um triste cavallo moribundo.

Transcrição (imagem 116)

V

Já tremulo de raiva, já de susto,

O magistrado fica; ora calado

Algum tempo rumina;; ora soltando

Descompassadas vozes e suspiros,

Attonito percorre à caza ~~toda~~.
inteira.
Vagamente cogita uma vingança

Contra o duro rival; mas logo a triste

Realidade o coração lhe afrouxa.

A phantasia pinta-lhe o desprezo

Dos devotos sinceros, a medonha,

A dura solidão da vida sua,

O fugir dos amigos, os extranhos

Que por traz uma cruz fazendo nelle

Mais sozinho na terra vão deixal-o

Do que em praia dezerta ingrato dono

Deixa um triste cavallo moribundo.

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Toda pensa em fugir; ora em prostrar-se
Do rapaz perante os pés, ~~[illegible]~~ vencido...
Lembra-se, vacilla, nada escolhe,
E conta triste, miseravel vida,
Entre soluços, risos, ameaças e angustias.
Para o ~~triste~~ duro ouvidor tem horas largas.

V.

Impõe ceder a Alcada detestavel,
A devassa entregar-lhe, assentar pazes,
Comprar com ouro a salvação efeva,
Uma esperança ao menos. Manda logo
Á casa do escrivão que alli lhe traga
A pomposa devassa, que enviada
De verjosa lhe fôra, e tosto afflicto
De sala em sala passeando espera.

Transcrição (imagem 117)

Ora pensa em fugir; ora em prostrar-se
rendido...
Do sagrado pastor aos pés, ~~[ileg.]~~

Enlea-se, vacilla, nada escolhe,

E nesta triste, miseravel vida,

Entre sonhos, visões, medos e angustias,
duro
Passa o ~~triste~~ ouvidor trez horas longas.

VI

Enfim ceder a Almada determina,

A devassa entregar-lhe, assentar pazes,

Comprar com pouco a salvação eterna,

Uma esperança ao menos. Manda logo

Á caza do escrivão que alli lhe traga

A famoza devassa, que ~~,~~ enviada

De vespera lhe fôra, e todo afflicto

De sala em sala passeando espera.

tinta azul
folha cortada
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 118

VII

Mas a terrivel dor que perdia

Dentro em pouco a campanha começada,
Foi no seio da paz de novo entrando,
Todo seria da Igreja e Sala
O grão pastor da egreja fluminense,
Entra na pelle do escrivão Ramalho
E á casa vae do esmorecido Mestre.
Este, apenas, lobriga da janella
O fiel serventuario, e ventura sólo
Lhe descobre nas mãos, trémulo fica,
E outra vez assustado ao portão desce.

Transcrição (imagem 118)

VII

Mas a terrivel Ira que perdia

Deste modo a campanha começada,

Pois no seio da paz de novo entrando,

Todo seria da Preguiça e Gula

O grão pastor da egreja fluminense,

Entra na pelle do escrivão Ramalho

E á caza vae do esmorecido Mustre.

Este, apenas lo*c/b*riga da janella

O fiel serventuario, e nenhum rôlo

Lhe descobre nas mãos, trémulo fica

E outra vez assustado ao portão desce.

tinta azul
folha cortada e colada
furos de fichário na margem esquerda

Ao tempo que o Romalho, mais risonho
Que um céo azul, que um dia de noivado,
Apenas chegava e lhe dizia:
"Senhor, matai-me embora! Não vos trago
A devassa pedida, que acho injuria
Ao puríssimo sangue que vos corre
Nessas honradas veias, do respeito
Em que ha muito vos têm el-rei e a côrte,
Abraçai-vos aos pés de um vão prelado,
E rojar-vos no pó da patrióta."

VIII

Disse, e nas amplas ventas inserindo
Do recente rapé ~~[illegible]~~ duas pitadas,
Foi por este theor desenrolando
Mil razões, mil inchados argumentos,
Com que um todos os erros deste mundo
Meu ~~magre~~ magre illustre convencer se deixa.

Transcrição (imagem 119)

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

A tempo que o Ramalho, mais risonho

Em/Que um ceo azul, que um dia de noivado,

Apressado chegava e lhe dizia:

— "Senhor, matai-me embora! Não vos trago

A devassa pedida, que acho injuria

Ao finissimo sangue que vos corre

Nessas honradas veias, ao respeito

Em que ha muito vos tem el-rei e a côrte,

Ar/*b*aixar-vos aos pés de um vão prelado,

E rojar-vos no pó da sacristia."

VIII

Disse, e nas amplas ventas inserindo
Do recente rap*é*/*e* ~~grossa~~ duas pitad*a,/as*,

tinta preta
rasura e sobrescritos em tinta preta

Foi por este theor desenrolando

Mil razões, mil inchados argumentos,

Com que em todas as eras deste mundo
Um ~~nayre~~ nayre illustre convencer se deixa.

IX

Eu bem sei (convencido lhe responde
O ouvidor), eu bem sei que fôra tido
Por um prelado vasão da minha ortopa,
Cujo nome não ouve o delinquente
Sem desmaiar de susto, e que este povo
Respeitoso contempla, na baixeza
Cahe-se de ir aos pés de um vão prelado
E rojar-se no pó da sacristia.
Mas, meu caro Raimalho, que recurso
Nesta vida me resta? Tu não sabes
Que de meu ~~vae~~ vale fugiu a gente toda?
Que eu sou ser o leproso da cidade?..
Que meninos, beatas, alfiches,
E quem ~~se cat~~ sabe se até os cães vadios,
Que á escuridão barriga andam de noite
Pelas ruas cataram algum mistério,
Tudo vae desprezar-me? Bom aviso

Transcrição (imagem 120)

IX

Eu bem sei (convencido lhe responde ~~)~~

O ouvidor), eu bem sei que fôra triste

Que um pre*ll/cl*aro varão da minha estofa,

Cujo nome não ouve o delinquente

Sem desmaiar de susto, e que este povo

Respeitoso contempla, na baixeza

Cahisse de ir aos pés de um vão prelado

E rojar-se no pó da sacristia.

Mas, meu caro Ramalho, que recurso

Nesta vida me resta? Tu não sabes
Que de mim ~~vae~~ vae fugir a gente toda?

Que eu vou ser o leprozo da cidade?

Que me*n/i*rinhos, beatas, algibebes,
E quem ~~se at~~ sabe se até os cães vadios,

Que á sumida barriga andam de noite

Pelas ruas catando algum sustento,

Tudo vae desprezar-me? Bom aviso

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Quando falta a victoria na batalha,
E' ceder ás phalanges do inimigo,
E preparar uma futura guerra."

X

O moço ouvidor assim fallando,
Com agrado a vertiose principia,
Uma arenga compondo de cabeça
Em que do seu peccado arrependido
Claramente se mostre, ~~abrejectos~~ guardado a Sra
~~Sua caida na cadeia aparecia aperta~~,
A Brancha suggere este conselho:

"Salve, salve, senhor! e' sabio tudo!
Conhecido vos é como o desejado,
Em luta só o pastor da nossa egreja,
Delle tem recebido tanta injuria,
E ao rico está de semelhante pena.
Procurai-o, senhor, e com proteito,

Transcrição (imagem 121)

Quando falha a victoria na batalha,

É ceder ás phalanges do inimi*j/*go,

E preparar uma futura guerra."

X

O mofino ouvidor assim fallando,

Com apuro a vestir-se principia,

Uma arenga compondo de cabeça

Em que do seu peccado arrependido

Claramente se mostre./, ~~No joelho~~
quando a Ira
~~E nas cinta os calções de seda aperta,~~
Ao Ramalho suggere este conselho:

" – Salvo, salvo senhor! é salvo tudo!

Conhecido vos é como o senado,

Em luta co'o pastor da nossa egreja,

Delle tem recebido tanta injuria,

E em risco está de semelhante pena.

Procurai-o, senhor, e com protesto,

tinta azul

furos de fichário na margem esquerda

Em nome da corôa e da portuga,
O negocio deponde. Deste modo
A muitos cabeça toda essa affronta
E mais certa será nossa victoria."

XI

A certa foi a salvadora ideia.
Sabem ambos os dous no mesmo instante,
Vouem, chegam á casa do senado,
E na sala penetram. Conversavam
Juntamente do caso os camaristas,
E, na pelle mordendo do prelado,
Receiavam talvez egual destino...
Ah do povo ouvidor, se no conflicto
Que ha muito trazem com o grande Almeida
O juiz do povo defender pretendem,
Mando na sala entrando povoso
A sua excommunhão sepre o Mestre

Transcrição (imagem 122)

da
Em nome da coroa e justiça,

O negocio deponde. Deste modo

A muitos caberá toda essa affronta

E mais certa será nossa victoria."

XI

Acceita foi a salvadora ideia.

Sahem ambos os dous no mesmo instante,

Voam, chegam á caza do senado,

E na sala penetram. Conversavam

Justamente do cazo os camaristas.

E, na pelle mordendo do prelado,

Receiavam talvez egual destino

Ao do fero ouvidor, se no conflicto

Que ha muito trazem com o grande Almada

O jus do povo defender quizerem,

Quando na sala entrando furioso

A sua excommunhão refere o Mustre

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

E lhes pede em defesa da corrida
O braço popular. Todo o congresso
Fica feito. Subito as cadeiras
Pela terra deitando, ás portas correm
Os graves camaristas, e fugindo
Ao misero ouvidor excommungado,
Para casa se lançam. Da pedreira,
Lançado o pepo á oliva, a toda a pressa,
Da mesma sorte os carvoeiros fogem
Receiosos de amulos estilhaços.

XI

Lá vão a Ira, com diversas formas,
A todos busca, e anunciando a falta,
A lembrança do affecto lhes desperta,
Os jantares comidos n'outros tempos,
Os festivos saraus, cartas de amperto,
Mil finezas, em summa, repettadas
No vasto cemiterio da memoria...

Transcrição (imagem 123)

E lhes pede em defeza da coroa

O braço popular. Todo o congresso

Gelado fica. Subito as cadeiras

Pela *d/t*erra deitando, ás portas correm

Os graves camaristas, e fugindo

Ao misero ouvidor excommungado,

Para caza se lançam. Da pedreira,

Lançado o fogo á mina, a toda a pressa~~,~~

Da mesma sorte os cavouqueiros fogem

Receiosos de avulsos estilhaços.

XI

Em vão a Ira, com diversas fórmas,

A todos busca, e amaciando a falla,

A lembrança do affecto lhes desperta,

Os jantares comidos n'outr*os/o* tempo,

Os festivos saraus, cartas de empenho,
[ileg.] festas
Mil finezas, em summa, sepultadas

No vasto cemitério da memoria...

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

A filha do diabo então sacode
Irritada a cabeça, e do mais fundo
Das entranhas um grito de ameaça
E frio escarneo solta: "Homens! (exclama)
Lacaios da fortuna! Eu terei armas
Com que de ingratos corações triumphe!"

XII

Isto dizendo, mais ligeira voa
Que o esperto condor, quando do cimo
Dos Andes rompe o apertado espaço;
E vae surgir alem das altas nuvens.
Voa, e chega aos dominios da Lisonja.
Os floridos umbraes transpõe de um salto.
Logo um prado lhe surge extenso e bello
Uma alameda de arvores copadas,
Que, para a terra os galhos recurvando,
Com singular donaire e affavel gesto
Cortejada parecem respeitosas.

Transcrição (imagem 124)

A filha do diabo então sacode

Irritada a cabeça, e do mais fundo

Das entranhas um grito de ameaça

E frio escarneo solta:"Homens! (exclama)

Lacaios da fortuna! Eu terei armas

Com que de ingratos corações triumphe!"

XII

vôa
Isto dizendo, mais ligeira ~~[ileg.]~~
do cimo
Que o soberbo condor, quando ~~dos Andes~~

Dos Andes rompe o assustado espaço;
E vae surgir alem das altas nuvens.~~"~~
Voa, e chega aos dominios da Lisonja.
umbraes
Os flóridos ~~hum~~ transpõe de um salto.

Logo em frente lhe surge extensa e bella
arvores
Uma alameda de ~~arvo~~ copadas,

Que, para a terra os galhos recurvando,

Com singular donaire e affavel gesto

Cortejal-a parecem respeitozas.

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Caminha, e fina retra os pés lhe afoga;
Regeia, e um doce aroma o peito lhe enche.
A tão brando contacto, a tões delicias,
O milagre! um sorriso presentiu
~~Logo vem~~ Derrocha-lhe á flor dos labios
Hum eterno saiva aperta. Segue avante,
A branca e longa escadaria sobe,
A varanda atravessa alcatifada
De ~~planta verdes e cravos~~ branças flores e cheirosa
Murtaz.
Ja resadida de gosto, entra na sala,
Dá dous passos, e a secretaria chegam
Vinte ou trinta Damas, que vergonhosa
Pela cintura o ~~delicado~~ corpo delicado,
Desejos o chão parecem; apoz dellas,
Com dourados thuribulos acesos,
Vem quatro Rapazes, fechando tudo
Extensa procissão de Cortesãos.

Transcrição (imagem 125)

Caminha, e fina relva os pes lhe affaga;

Respira, e um doce aroma o peito lhe enche.

A tão brando contacto, a taes delicias,

Ó milagre! um sorriso prazenteiro
Logo vem
~~Vem l~~ desbrochar-lhe á flor dos lábios

Que eterna raiva aperta. Segue avante,

A branca e longa escadaria sobe,

A varanda atravessa alcatifada
brancas flores e cheirosa
De ~~frescas rosas e suave~~ murta~~,~~ .

Ja rendida de gosto, entra na sala,

Dá dous passos, e a recebel-a chegam

Vinte ou trinta ~~Zu~~ Zumbaias, que vergando
corpo delicado,
Pela cintura o ~~delicado~~

Beijar o chão parecem; apoz dellas,

Com dourados thuribulos accesos,

Vem quatro Rapapés*;/,* fechando tudo

Extensa procissão de Cortezias.

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 126

XIII

De tão recebimento maravilhada,
O primeiro salão transpõe a culpa,
Entra no camarim, forrado todo
De flores, de arabesco, laçarias,
Que enche contornos, tepido perfume
De seis grandes caçoles de alabastro.
Entra, e de frente de um grande espelho
A Disonja descobre, que risonha
Até comprimentos novos ensaiava
E até versos rasteiros repetia.
Ao ver a feroz culpa a dona amavel
Uma grande mesura em prato tempo
Graciosa fez, e disse: "A que ventage
Devo eu esta visita? Acaso o orbe,
Que ao peso treme de tuas noites armas,
Intentou comprar é já para teus feitos?
Vens o perfeito accender da cerva tua?

Transcrição (imagem 126)

XIII

De taes recebimentos namorada,

O primeiro salão transpõe a culpa,

Entra no camarim, forrado todo

De flores, de *ꝗ* arabescos, laçarias,

Que enche continuo, tepido perfume

De seis grandes caçoulas de alabastro.

Entra, e de fronte de um *r/p*ompozo espelho

A Lisonja descobre, que risonha

Mil comprimentos novos ensaiava

E mil versos rasteiros repetia.

Ao ver a feroz culpa a dona amavel

Uma grande mesura em quatro tempos

Graciosa faz, e diz: "A que milagre

Devo eu esta visita? Acazo o orbe,

Que ao peso treme de tuas nobres armas,

Estreito campo é já para teus feitos?

Vens o peito accender da serva tua?

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Seria cruel me hade ser esse desastre,
Mas se é teu gosto, soffrerei contente,
A terra beijarei que tu pisares
E acharei na desgraça a gloria minha."
A ardilosa Lisonja assim fallando
Toda se curva, e a sorte do ventado
Da culpa chega aos labios; mas a Ira
Prontamente a levanta, e em seus braços,
Com mercês benevolas, a aperta,
E logo falla: "A tua par respeito;
Favores não ~~pelo~~ vendo a deliciosa corte
Donde o mundo governas; mas auxilio
Do teu engenho preso." Aqui lhe conta
A penosa aventura do prelado,
A angustia do ouvidor, e a covardia
Dos vigotes amigos de outro tempo,
E pede que a Lisonja as armas suas
Contra estes empregue. "Lhe mesquinho
Serviço exige!" (A Lisonja exclama).

Transcrição (imagem 127)

Bem cruel me hade ser esse desastre,

Mas se é teu gôsto, soffrerei contente,

A terra beijarei que tu pisares

E acharei na desgraça a gloria minha."

A ardilosa Lisonja assim fallando

Toda se curva, e a orla do vestido

Da culpa chega aos labios; mas a Ira

Promptamente a levanta, e nos seus braços,

Com meneios benevolos, a aperta,

E logo falla: "A tua paz respeito:
venho
Turvar não *~~nego~~* a delicioza corte

Donde o mundo governas; mas auxilio

Do teu engenho quero." Aqui lhe conta

A famoza aventura do prelado,

A angustia ~~,~~ d*a/o* ouvidor, e a covardia

Dos ingratos amigos de outro tempo,

E pede que a Lisonja as armas suas
Contra estes empregue. "Que mesquinho
Serviço exiges!~~"~~ (a Lisonja exclama).

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda
marca d'água L-JDL&Cº

Imagem 128

Eu podia mandar quatro Centurias;
Tanto bastava por vencer o acerimo
Dos rebeldes; mas sendo a vez primeira
Que vens honrar este quieto paço,
Abater-lhes o collo eirei eu mesma
E levar-os de rojo aos pés do Mestre."

XIV

Com diligente mão o philtro busca,
E seguida da hospede no espaço
Voa ligeira á plaga fluminense,
Á casa dos rebeldes se encaminha,
E a todos, um por um, pela alma dentro,
O seu doce veneno lhes entorna.

De baixa adulação logo tomados
Vertem-se á porfia a prenda, e não podendo
Conter o intenso fogo que os devora,
Aos criados de casa e ás quitandeiras
Vão parando propensos borrifados.
Tanto a lisonja vá governa os homens!

Transcrição (imagem 128)

Eu podia mandar quatro Zumbaias;

Tanto bastava por vencer o ânimo

Dos rebeldes; mas sendo a vez primeira

Que vens honrar estes quietos paços,

Abater-lhes o collo irei eu mesma

E leval-os de rojo aos pés do Mustre."

XIV

Com diligente mão os philtros busca,

E seguida da hospede no espaço

Voa ligeira á plaga fluminense.

Á caza dos rebeldes se encaminha,

E a todos, um por um, pela alma dentro,

O seu doce veneno lhes entorna.

D*a/e* baixa adulação logo tomados,
Vestem-se *á/a* toda a pressa, e não podendo
Conter o intenso fogo que os devora,
Aos criados de caza e ás quitandeiras
Vão fazendo profundas barretadas.
Tanto a Lisonja vã governa os homens!

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

XV

Abre a sessão de novo o presidente,
E desta sorte pela: "Grave caso
Este é, senhores: aos a vossas horas
Tudo podem vencer. Em meu conceito
Recusar não podemos o protesto,
E quanto autor possível seja
A prelado, não cuido que devamos
Sem auspícios deixar as leis do Estado,
Nem burlar desta vez
~~Apartando-nos~~ Quem pende pelo
Do atrevido partido." ~~Imediatamente~~
Com todo o Reino
Levantado o ~~o sin~~ singelo aparato,
~~[illegible]~~

O senado recebe em pouco tempo
Ao regedor supremo da cidade
Os papeis se ~~[illegible]~~ remettem, e com protesto
Do povo, e petição em nome deste
Por que anuncialo seja sem demora.

Transcrição (imagem 129)

XV

Abre a sessão de novo o presidente,

E deste modo fala: "Grave cazo

Este é, senhores; mas as vossas luzes

Tudo podem vencer. Em meu conceito

Recusar não podemos o protesto,

E muito embora formidável seja

O prelado, não creio que devamos

Sem amparo deixar as leis do *e/E*stado,
Nem poupar desta vez
~~E juntamente dar~~ um grande golpe
~~Examinado~~
No atrevido pastor." ~~Profundamente~~
Com todo o zelo
~~o sin~~ singular assumpto,
Examinado o ~~assumpto~~
~~assumpto da devassa~~
O senado resolve em pouco tempo

Que ao regedor supremo da cidade
remettam
Os papeis se ~~mett,~~ com protesto

Do povo, e petição em nome delle

Por que annulada seja sem demora
313

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 130

A excommunhão, e feito este decreto
Voam dalli aos paços de Alvarenga.

XVI

O alcaide-mór, que os meios estudara
De prender no enfurecido povo,
Com a fogosa lancada do senado,
Uma sangria nova, cortesmente
Os fez sentar, e pretendeu os ouve.
E depois de os ouvir com grande pensa
A petição da camara recebe,
Sem muita hesitação; mas por que seja
O caso novo, e consultar convenha
Com da egreja os santos pastores,
Manda o governador que se convidem
Os diversos theologos da terra,
O reitor do collegio, o dom abbade,
O guardião dos filhos de Francisco,

Transcrição (imagem 130)

A excomunhão./, e feito este decreto

Voam dalli aos paços do Alvarenga.

XVI

O alcaide-mór, que os meios estudava

De praticar no esmorecido povo,
a *g/a*guda
Com ~~aguad~~ lanceta do senado,
nova,
Uma sangria ~~mais,~~ cortezmente

Os faz sentar, e prazenteiro os ouve.

E depois de os ouv*e/i*r com grande pausa

A petição da camara recebe~~,~~

Sem muita hesitação; mas por que seja

O cazo novo, e caminhar convenha

Sem da egreja ferir os santos fóros,

Manda o governador que se convidem

Os diversos theologos da terra,

O reitor do collegio, o dom abbade,

O guardião dos filhos de Francisco,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 131

Frei Basilio, prior do convento,
E alguns licenciados de mão cheia,
Que o nó desfizeram deste ponto escuro.

Fim do 6º canto.

Transcrição (imagem 131)

Frei Basilio, prior dos carmelitas,

E alguns licenciad*es/os* de mão cheia,

Que o nó desfaçam deste ponto escuro.

Fim do 6º canto.

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 132

O Almada ✓

Canto VII

—

Complet.

Transcrição (imagem 132)	tinta preta e lápis grafia de mão alheia furos de fichário na margem esquerda
O Almada	
Canto VII – Completo	a lápis

Imagem 133

Canto VII

I

A Preguiça, no entanto, conduzira
Aos macios colchões o grande Almada,
E um somno amigo lhe fechára os olhos,
Em quanto os illustríssimos amigos
Todos em volta do escrivão Cardoso,
Pela decima vez, na sala proxima,
Da encommendeira a narrativa escutam,
E com dictos de graça, e com risadas,
A victoria celebram, na esperança
De que o prelado a ouça e lhes acceite
Agradecido esta homenagem nova.

II

Eis que um sonho, agitando as azas brancas

Transcrição (imagem 133)

Canto VII

I

A Preguiça, no entanto, conduzíra

Aos macios colxões o grande Almada,

E um somno amigo lhe fechára os olhos,

Em quanto os illustrissimos amigos

Todos em volta do escrivão Cardozo,

Pela decima vez, na sala *escr/pro*xima,

Da excommunhão a narrativa escutam,

E com ditos de mofa, e com risadas,

A victoria celebram, na esperança

De que o prelado os ouça e lhes acceite

Agradecido esta homenagem nova.

II

Eis que um sonho, agitando as azas brancas

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 134

Leve espalha no cerebro do Almada,
Como gottas de chuva rara e fina,
Um pó subtil de magicas patranhas.
Sonha... Que vae sonhar ~~infão~~ grão prelado?
Vê no espaço um jinete alto e possante
A' volta galopando, e logo nelle,
Elmo de ouro, armadura de aço fino,
A briosa figura de um guerreiro.
Tenta irritado o indomito cavallo
O cavalleiro saltando na terra,
Martiga o freio, empina-se, escorcêa,
Voa de norte a sul, de leste a oeste,
Ora, a prata velar roça nos mares,
Ora, egual ao tufão, desce as nuvens.
Mas o galhardo cavalleiro as redeas
Co'as fortes mãos encurta, e pouco a pouco
O rispido quadrupede socega
E pára no ar. No rosto do guerreiro

Transcrição (imagem 134)

Leve espalha no cerebro do Almada,

Como gottas de chuva rara e fina,

Um po subtil de magicas patranhas.
o grão prelado?
Sonha... Em que hade sonhar u~~m~~ *~~grão* Almada?~~

Ve no espaço um ginete alto e possante

Á sôlta gallopando, e logo nelle,

Elmo de ouro, armadura de aço fino,

A brioza figura de um guerreiro.

Tenta irritado o indomito cavallo

O cavalleiro sacudir na terra,

Mastiga o freio, empina-se, escoucêa,

Voa de norte a sul, de leste a oeste,

Ora, a pata veloz roça nos mares,

Ora, egual ao Tufão, descoze as nuvens,

Mas o galhardo cavalleiro as redeas

Co'as fortes mãos encurta, e pouco a pouco

O ríspido quadrupede socega

E pára no ar. No rosto do guerreiro

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Vê ~~os~~ proprias feições o fronde almada,
Olhos, cabellos, boca, faces, tudo
Tudo é delle. O prodigio! Voa solemne
Do ponto mais recondito do espaço,
Onde estrella não ha, não ha planeta,
Estas palavras singulares: volta:
"O teu cavalleiro é tu, prelado;
E o domado corsel é o teu rebanho,
Que embalde morde o freio e se rebela
Contra ti que has vencido el-rei e o povo,
Tornando em cinzas o atrevido Mustio."

I·I I

Deste agradavel sonho consolado,
Abre o pastor os olhos, vira o corpo,
~~[illegible]~~,
~~[illegible]~~,
E outra vez ~~Outra vez~~ adormece. Novo prodigio

Transcrição (imagem 135)

as proprias
Vê ~~Ve as p~~ feições o grande Almada,

Olhos, cabellos, boca, faces, tudo

Tudo é delle. Ó prodigio! Voz solemne

Do ponto mais recondito do espaço,

Onde estrella não ha, não ha planeta,

Estas palavras singulares solta:

"—O bravo cavalleiro és tu, prelado~~;~~,

E o domado corcel é o teu rebanho,

Que embalde morde o freio e se rebella

Contra ti que has vencido el-rei e o povo,

Tornando em cinzas o atrevido Mustre."

III

Deste agradavel sonho consolado,
vira
Abre o pastor os olhos, ~~v~~ o corpo,

~~Uma grossa pitada encara e funga~~

~~E co'o lenço os mosquitos enxotando,~~
E outra vez
~~Outra vez~~ adormece. Nov*a/o* quadr*a/o*

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

E diverso lhe pinta a fantasia.
Vê-se diante de provida mesa,
Á direita do papa, e come e bebe
De cem bispos servido. Entretanto
Com as finezas de Alexandre Ceturio,
O prelado um discurso principia
Depois de haver tossido quatro vezes.
Os olhos fita num painel que estava
Na fronteira parede; a mão do artista
O pello e porte archanjo debuxára
Que a Satanaz vencera; ás plantas suas
Jaz o eterno rebelde. Entretanto apenas
No magnifico exordio do discurso
O ~~destro~~ valoroso Alvarda, quando a Fata
A tiver convencer; subitamente
O brilhante Miguel desapparece,
E o diabo que alli prostrado fôra

Transcrição (imagem 136)

E diverso lhe pinta a fantasia.

Vê-se diante de provida mesa,

Á direita do papa, e come e bebe

De cem bispos servido. Enthusiasmado

Com as finezas de Alexandre Setimo,

O prelado um discurso principia

Depois de haver tossido quatro vezes.

Os olhos fita n'um painel que estava

Na fronteira parede; a mão do artista

O bello e forte archanjo debuxára

Que a Satanaz venceu; às plantas suas

Jaz o eterno rebelde. Entrava apenas

No magnifico exordio do discurso valorozo
O ~~destro~~ Almada, quando a tela

A tremer começou; subitamente

O brilhante Miguel desapparece,

E o diabo que alli prostrado fôra

tinta azul
furo de fichário na margem esquerda

Imagem 137

Torna a pena do escrivão illustre,
Levanta-se do chão, e com despeito,
E com gesto de escarneo e de ameaça
Os teus olhos no prelado fita
E a devassa fatal na mão sustenta.
Pasmam do caso os circumstantes todos,
Lhe quanto o porte altivo, trovejando
~~altivo, trovejando os textos~~
Nas cadeiras, no vaso, nas cortinas,

Transcrição (imagem 137)

Toma a figura do execrando Mustre,

Levanta-se do chão, e com desprezo,

E com gesto de escarneo e de ameaça

Os turvos olhos no prelado fita

E a devassa fatal nas mãos sustenta.

Pasmam do cazo os circuntantes todos,
forte Almada tropeçando
Em quanto o ~~Almada, tropeçando às tontas~~

Nas cadeiras, nos vazos, nas cortinas,

tinta azul
folha cortada
furo de fichário na margem esquerda

Hoje attonito, uma janella busca,
Della, sem ver a altura, se despenha,
E de abysmo em abysmo vae rolando
Até cahir da propria cama abaixo.

IV

Ao som da triste queixa accorrem todos.
O misero pastor, aos pés do leito,
Vagos olhos estende aos seus amigos,
Como se inda na mente abrasada
Se acha agitava o negro sonho.
A esquecer corre o prégador Velhos;
Prantha o douto vigario um copo d'agua;
Um as janellas abre, outro da cama
Os travesseiros revolvidos lhe concerta,
Até que Alvaro, a falla recobrando,
Do sonho as peripécias e o desfecho,
Entre assustado e gathopeiro conta.

Transcrição (imagem 138)

Foge atterrado, uma janella busca,

Della, sem ver a altura, se despenha,

E de abysmo em abysmo vae rolando

Até cahir da propria cama abaixo.

IV

Ao som da triste quéda accorrem todos.

O misero pastor, aos pés do leito~~;~~,

Vagos olhos estende aos seus amigos,

Como se inda na mente abrazeada

As azas agitára o negro sonho.

Vellozo;
A erguel-o corre o prégador ~~Fonceca~~;

Traz-lhe o douto vigario um copo d'água;

Um as janellas abre, outro da cama~~,~~

Os lençóes ~~l~~ revolvidos lhe concerta,

Até que Almada, a falla recobrando,

Do sonho as peripécias e o desfecho,

Entre assustado e galhofeiro conta.

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 139

V

Ai, prelado infeliz! Verdade amarga,
Verdade, que não sonho passageiro,
Sobaforido o lucas te annuncia.

~~Nunca quanto escriben, e tornar a escrevo~~
Terrivel golpe foi! Largos minutos
~~A causa outras mãos, e poder no governo~~
Attonito e ~~calado~~ cabido sobre o leito
~~Da o conflicto decida,~~
O prelado ficou, como se viva,
Por effeito de immenso terremoto,
A seus olhos cahir toda a cidade.
Não era sonho então! Vencida a causa
D'perfido inimigo! Vae com elle
O impudente senado, e sem vergonha
Nem receio o governo outro protege!
Taes ideias no cerebro do Almada
Confusamente volam. Vinte vezes
Quer fallar, vinte vezes abre a boca
Donde não saem mais que vãos suspiros.

Transcrição (imagem 139)

V

Ai, prelado infeliz! Verdade amarga,

Verdade, que não sonho passageiro,

*Ou/Es*baforido o Lucas te annuncia.

~~Vence quasi o ouvidor; toma o senado~~
Terrivel golpe foi! Largos minutos
~~A causa em suas mãos, pede ao governo~~
cahido
Attonito e ~~callado~~ sobre o leito
~~Que o conflicto decida,~~
O prelado ficou, como se vira,

Por effeito de immenso terremoto,

A seus olhos cahir toda a cidade.

Não era sonho então! Vencia a cauza

O perfido inimigo! Vae com elle

O imprudente senado, e sem vergonha

Nem receio o governo ambos protege!

Taes ideias no cerebro do Almada

Confusamente rolam. Vinte vezes

Quer fa*zer/llar*, vinte vezes abre a boca

Donde não saem mais que vãos suspiros.

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

VI

Porem a Ira, a quem blasphemias praceem,
O tempo chega e lhe desata a lingua.
Qual da pia carranca de um ceo negro,
De aguas, coriscos, furacões pejado,
Se vê subitamente sobre a terra
Grossa chuva cahir, e em pouco tempo
Encher amplas ~~cazas~~ campinas, praças, ruas,
Tal da boca com impeto lhe saem
Injurias, gritos, ameaças, insultos,
Em borbotões do coração subindo
E as attentas orelhas alagando:
— Guerra declaro á gente do senado!
Guerra ao governador! a todos guerra!
E se o ceo não tem raios que os fulminem,
Nem abysmos a terra que os engulam,
Em cavo abysmos em tempêro raios,

Transcrição (imagem 140)

VI

Porem a Ira, a quem blasphemias prazem,

A tempo chega e lhe desata a lingua.

Qual da feia carranca de um ceo negro,

De aguas, coriscos, furacões pejado,

Se vê subitamente sobre a terra

Grossa chuva cahir, e em pouco tempo
campinas,
Encher amplas ~~capinas,~~ praças, ruas,

Tal da boca com impetos lhe saem

Injurias, gritos, ameaças, mortes,

Em borbotões de coração subindo;

E as attentas orelhas alagando:

"—Guerra declaro á gente do senado!

Guerra ao governador! a todos guerra!

E se o ceo não tem raios que os fulminem,

Nem abysmos a terra que os engulam,

Eu cavo abysmos eu tempéro raios,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

E essa baixa sahé da especie humana
Verá que, inda vencido, eu sou Almeida!"

VII

Disse, e enfiando as mangas da batina
Que o cortesão velhoco lhe entregava,
Precipitadamente deixa a alcova,
E durante uma hora ou pouco menos
Medrou na desposa. Onça brava
N'uma gaiola fechada, não se move,
Não passeia com mais impaciencia,
Mais affincado não busca uma sahida
Do que o grande prelado pela sala
Cogitando vagava. "Certamente
(Desta sorte o pastor comsigo pensa)
A senado, o governo e o todo. Mestre
De mais dous estão; talvez o caso
Machiavelo já posse he muitos dias
Para me derrubar? Mas que outro golpe

Transcrição (imagem 141)

E essa baixa ralé da especie humana

Verá que, inda vencido, eu sou Almada!"

VII

Disse, e enfiando as mangas da batina

Que o cortesão Vellozo lhe entregava,

Precipitadamente deixa a alcova,

E durante uma hora ou pouco menos

Meditou na desforra. Onça bravia

N'uma jaula fechada~~,~~ não se move,

Não fareja com mais impalencia,

Mais afflicta não busca uma sahida

Do que o grande prelado pela sala

Cogitando vagava."– Certamente

(Desta sorte o pastor consigo pensa)

O senado, o governo e o tolo Mustre

De mãos dadas estão; talvez o cazo

Machinado ja fosse ha muitos dias
Para me derrubar? Mas que outro golpe

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Devo agora empregar naquelles livros
A não ser empecatos? Que remedio,
Se a triumpher de mim elles alcançam,
A grande posição e ~~o grande~~ o nome
Desta triste miseria hão de salvar-me?

VIII

Nisto, o misero Lucas, que não teve
Jamais o gosto de uma ideia sua,
Pela primeira vez sente brotar-lhe
Na solidão do cerebro vasio

Uma abortiva. Ancioso corre a Alemanha,
Que ao ter noticia deste caso novo,
Com visivel alegria o cinge ao peito
E dos labios lhe parte inquieto e soffrego.
Assim no meio das revoltas aguas
Do oceano que o vento sacudira,
Já sem forças um miseravel naufrago
Olhos e mãos estende á derradeira
Tabua que lhe passa. "Alguem vos deve
(Diz o Lucas) a egregia companhia
~~Do padre Jaquelo contesse~~
Dos padres de Jesus, e este collegio

Transcrição (imagem 142)

Devo agora empregar naquelles biltres

A não ser enforcal-os? Que remedio,

Se a triumphar de mim elles alcançam,
o grande
A grande pozição e ~~o nome~~ nome

Desta triste miseria hão de salvar-me?"

VIII

Nisto, o misero Lucas, que não teve

Jamais o gosto de uma ideia sua,

Pela primeira vez sente brotar-lhe

Na solidão do cerebro vazio

Um alvitre. Anciozo corre a Almada,

Que ao ter noticia deste caso novo

Com sincera alegria o cinge ao peito

E dos labios lhe pende inquieto e soffrego.

Assim no meio das revoltas aguas

Do oceano que o vento sacudira,

Já sem forças um miserando naufrago

Olhos e mãos estende á derradeira

Taboa que lhe ficou."–Muito vos deve

(Diz o Lucas) a egregia companhia
~~Que alli daquelle outeiro vos con~~
Dos padres de Jesus, e esse collegio

tinta azul
furo de fichário na margem esquerda

Que alli do grande ontem nos contempla.
Uma mão lava outra; com fineras
As fineras se pagam. Se de voto
Depender do Reitor a nossa causa
(Que é certamente voto de mão cheia
E triunfo superior aos demais triunfos)
Va sem demora Vossa Senhoria
Dos pavões cobrar-lhe o pagamento
Que a victoria final é toda ~~nossa~~ nossa.

IX

A tais palavras o prelado sente
Pelas veias correr-lhe um sangue novo,
E toda reviver-lhe a derradeira
Sua extinta esperança. Estende os braços
O salvador amigo recolhendo,
Com lagrimas de gosto assim lhe falla:

Transcrição (imagem 143)	tinta azul
Que alli daquelle outeiro vos contempla.	
Uma mão lava outra, com finezas	
As finezas se pagam. Se do voto	
Depender do reitor a vossa causa	
(Que é certamente voto de mão cheia	
E trunfo superior aos demais *de/tr*unfos)	
Va sem demora Vossa Senhoria	
Dos favores cobrar-lhe o pagamento,	
nossa.	tinta preta
Que a victoia final é toda ~~sua~~.	rasura em tinta preta
IX	
A taes palavras o prelado sente	
Pelas veias coar-lhe um sangue novo,	
E toda reviver-lhe a *q/d*erradeira	
Quazi extinta esperança. Então nos braços	
O salvador amigo recolhendo,	
Com lagrymas de gosto assim lhe falla:	

"Oh! tres e quatro vezes mais ditoso
Que o destemido Achilles, que da boca
Do divino cavallo ouvia apenas
Annunciar-lhe a sua morte proxima,
Quando da tira o proximo triumpho!"

X

Disse, e ~~[illegible]~~ esperando a prensa enfolinda alguns bocados,
Do ~~[illegible]~~ ja foi jantar que ha muito o espera,
Das insignias do cargo se reveste,
Entra na cadeirinha e aos pajens manda
Que ao Collegio o conduzam sem demora.
Velozes partem, e mando em bica,
Vão trepando a Cadeira, e á casa chegam
Que alli, no viso da collina, encerra
Um seu discreto ~~[illegible]~~ seio um garbo illustre
Da vasta, omnipotente companhia.
Desce a certa distancia o grande Almada,

Transcrição (imagem 144)

"–Oh! trez e quatro vezes mais ditozo

Que o destemido Achilles, que da boca

Do divino cavallo ouvia apenas

Annunciar-lhe a sua morte proxima,

Ouço da tua o proximo triumpho!"

X

Disse, e ~~enfiando~~ ~~engolindo~~ engolindo alguns bocados~~,~~
já frio jantar que ha muito o espera,
Do ~~jantar que o espera ha muito tempo,~~ á pressa

Das insignias do cargo se reveste,

Entra na cadeirinha e aos pagens manda

Que ao Collegio o conduzam sem demora.

Velozes partem, e suando em bica,

Vão trepando a ladeira, e á casa chegam

Que alli, no viso da collina, encerra

Em seu discreto ~~bojo~~ seio um garfo illustre

Da vasta, omnip*on/o*tente companhia.

Desce a certa distancia o grande Almada,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Encara a porta, e tremulo de susto
Alguns minutos fica; mas vencendo
O natural terror que lhe infundiam
A casa e seus famosos moradores,
Com animo atravessa o curto espaço
E vae bater á porta do convento.
Não de outra sorte o resoluto Cesar,
Chegando á margem do rebelde rio,
Alguns tempos hesitou se contra a patria,
Se contra si lanças devesse a sorte;
Mas logo, ao guio seu abrindo as asas,
O Rubicon transpõe, e affoutamente
Tudo pisando da propicia estrella,
Contra a patria marchou e a liberdade.

XI

Vinham do repertorio, que era farto
E proprio de tão nobre companhia,

Transcrição (imagem 145)

Encara a porta, e tremulo de susto

Alguns minutos fica; mas vencendo

O natural terror que lhe infundiam

A casa e seus famosos moradores,

Com animo atravessa o curto espaço

E vae bater á porta *a/do* convento.

Não de outra sorte o resoluto Cesar,

Chegando á margem do vedado rio,

Algum tempo hesitou se contra a patria,

Se contra si lançar devera a sorte;

Mas logo, ao genio seu abrindo as azas,

O Rubicon transpõe, e affoutamente

Tudo fiando da propicia estrella,

Contra a patria marchou e a liberdade.

XI

Vinham do refeitório, que era fart*a/o*

E proprio de tão nobre companhia,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 146

Os veneraveis padres, quando a nova
Correu de que chegára o grão prelado.
Com alvoroço desce logo a veto
Toda a communidade; as cortesias
Respeitosas lhe faz, os cumprimentos,
Os elogios vão com que lhe enfeitam
De ~~[illegible]~~ tumidas vaidades a cabeça.
Delli á livraria o levam logo,
Com grandes ceremonias, e ao pedido
De pallas só o reitor secretamente,
Todos os padres dão aos calcanhares.

XII

Fechada a porta, e junto da janella
~~[illegible]~~ Ambos dous sentados gravemente,
Enteirde os olhos o prelado e abrange
Todo esse plaino de agua, não pejado

Transcrição (imagem 146)	tinta azul furos de fichário na margem esquerda
Os veneraveis padres, quando a nova	
Correu de que chegára o grão prelado.	
Com alvoroço desce logo a vel-o	
Toda a communidade; as cortezias	
Respeitozas lhe faz, os c*u/o*mprimentos,	
Os elogios vãos com que lhe enfuna~~m~~ tumidas	rasura em tinta preta tinta preta
De ~~mil santas~~ vaidades a cabeça.	rasura em tinta preta
Dalli á livraria o levam logo	
Com grandes ceremonias, e ao pedido	
De fallar co'o reitor secretamente,	
Todos os padres dão aos calcanhares.	
~~X~~ XII	
Fechada a porta e junto da janella, Ambos os dous ~~Gravemente sen~~ sentados gravemente,	
Estende os olhos o prelado e abrange	
Todo esse plaino de aguas, não pejado	

De fantasiosas velas, e bandeiras
Que hoje ás brisas do mar de franqueira
~~Lá vão~~ ~~Suavemente~~ fluctuam. Longa serra
Se cortar o horisonte, e alem galgando
Com os vôos da leve fantasia,
Campos descobre, caudalosos rios,
Mattas que luzeiam que não profanáva,
E cheio de um sincero enthusiasmo
Dar um breve discurso, cujo thema
A bella terra foi e o seu futuro;
Discurso em que (porque melhor ~~ata~~ atasse
O seu enthusiasmo á causa sua)
De alto louvor encheu a companhia,
"Em cujas reverendas mãos se acolhe
(Dirá ao conclusio) o miserando
Velado contra quem governo e povo
~~Do mesmo dado~~ Implacaveis as armas do odio asestam."

Transcrição (imagem 147)	tinta azul furos de fichário na margem esquerda
De tant*a/i*ssimas velas, e bandeiras	
Que hoje ás brisas do mar de Guanabara ~~Ás [ileg.]~~ ~~Num~~ fluctuam. Longa serra Mollemente	
Ve cortar o horizonte, e alem galgando	
Com os vôos da leve fantasia,	
Campos descobre, caudalosos rios,	
Mattas que humano pe não profanára,	
E cheio de um sincero enthusiasmo	
Faz um breve discurso, cujo thema	
A bella terra foi e o seu futuro; atasse Discurso em que (por que melhor ~~att~~	
O seu enthusiasmo á causa sua)	
De alto louvor encheu a companhia~~,~~,	
"–Em cujas reverendas mãos se acolhe	
(Diz elle ao concluir) o ~~o~~ miserando	
Prelado contra quem governo e povo Implacaveis ~~De mãos dadas~~ as armas do odio assestâm."	 tinta preta rasura em tinta preta

XIII

Com lastimosa voz logo refere
Minudamente o caso da desgraça,
O perigo da egreja, a eterna mancha,
E ao vetor pede, cara a cara, o voto.
Sua Paternidade alguns minutos
Calado esteve, e o tremulo prelado,
Sem os olhos tirar de cima delle,
Ultimo e pouco leve de esperança,
As unhas vae roendo impaciente
E cinte veses na cadeira. muda
A posição do corpo. Finalmente o grave
Regedor do collegio aos ares solta
Um profundo suspiro, e levantando
Os olhos para o tecto, assim lhe falla:
"Victima sois, não unica, do torpe,
Estolido senado; este collegio

Transcrição (i**magem 148)**

XIII

~~Com~~ Com lastimoza ~~vo~~ voz logo refere

Miudamente o caso da devassa,

O perigo da egreja, a eterna mancha,

E ao reitor pede, cara a cara, o voto.

Sua Paternidade alguns minutos

Calado esteve, e o tremulo prelado,

Sem os olhos tirar de cima delle,

Ultimo e frouxo lume de esperança,

As unhas vae roendo impaciente

E vinte vezes na cadeira muda

A pozição do corpo. Enfim o grave

Regedor do collegio aos ares solta

Um profundo suspiro, e levantando

Os olhos para o tecto, assim lhe falla:

"–Victima sois, não unica, do ~~baix~~ torpe,

Estolido senado; este collegio

tinta azul

Alvo ha sido tambem das flechas suas
No conflicto dos mangues, a que o povo
Quer ter antigo jus, e que de ha muito
Pertenceu claramente á companhia.
Se eu vos narrasse esta comprida guerra,
As citadas do perfido inimigo,
Os golpes encobertos, toda a raiva
Com que elle affronta a paciencia nossa,
Inteira gastaria uma semana.
Esperança não temos de triumpho.
Quem nos defenderá? Que braço forte
Á furia se oppora do vão serado?
Quem os mãos ~~contará~~ contará do incauto povo?"

XIV

Aqui o grande illustrado da cadeira
~~Levado~~ Selvos se levanta: "Não conhece

Transcrição (imagem 149)

Alvo ha sido tambem das frechas suas

No conflicto dos mangues, a que o povo

Quer ter antigo jus, e que de ha muito

Pertencem claramente á companhia.

Se eu vos narrasse esta comprida guerra,

As ciladas do perfido inimigo,

Os golpes encobertos, toda a raiva

Com que elle affronta a paciencia nossa,

Inteira gastaria uma semana.

Esperança não temos de triumpho.

Quem nos defenderá? Que braço forte

Ás fúrias se opporá do vao senado?
cortará
Quem as mãos ~~conterá~~ do inculto povo?"

XIV

Aqui o grande Almada da cadeira
Zelozo
~~Irado~~ se levanta:"Não conhece

tinta azul

~~Lhe vendo nada, e não sentes~~

Vossa Paternidade um braço forte?

Vale pouco, senhor, este prelado,

Ella logo está de apodrecer na terra,

E um quanto um sopro lhe vestar de vida

Todo ás ordens será da grande cara

De que é vossa pessoa ornato e lustre.

Descançai, descançai; eu tenho um meio

De o chamar á razão. Contra o senado,

E tornar em ~~falar~~ (fallar) ~~falar~~ (fallar) no juiz do povo,

E contra o povo, e guitar com elle,

Encommunhão darei, se ~~for~~ (fôr) preciso."

XV.

Tais palavras ouvindo, sobre o peito

Cruza as mãos o senhor e lhe agradece.

Ao prelado este rasgo de ~~ousadia~~ (ousadia)

E grandeza seu par: "Eu não ousava

Transcrição (imagem 150)

~~E troa deste modo: " Não conhece~~

Vossa *p/P*aternidade um braço forte?

Vale pouco, senhor, este prelado,

Mas longe está de apodrecer na terra,

E em quanto um sopro lhe restar de vida

Todo ás ordens será da grande caza

De que é vossa pessoa ornato e lustre.

Descançai, descançai; eu tenho um meio

De os chamar á razão. Contra o senado,
~~gritar~~ fallar
Se teimar em ~~fallar~~ no jus do povo,

E contra o povo, se gritar com elle,
fôr
Excommunhão darei, se *~~forem*~~ preciso".

XV

Taes palavras ouvindo, sobre o peito

Cruza as mãos o reitor e lhe agradece
pujança
Ao prelado este rasgo de ~~bondade~~

E grandeza sem par:"Eu não ousava

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Tanto espero de Vossa Senhoria,
A quem muito já deve a casa nossa,
E que tão esportaneo hoje me estende
A generosa mão. Nos ~~casos~~ ~~grande~~ ~~casa~~ ~~ella~~ vossa causa
Sabio que eu nunca deixaria um voto
Em contrario vos ~~ha~~ fosse. Vde. Vá tranquillo,
Que a despedetos sabeis a mesto
Com as melhores peças. O conselho
Ha de a voz escutar deste collegio,
E confirmar a excommunhão do illustre,
E completo á entrega da devassa."

XVI

Um ~~ge~~ doce abraço ~~ao~~ esta palavra fecha;
E mais alegre o cichefo prelado
Que o ~~marchacho~~ ~~amarrado~~ mancebo amoroso, e dos labios
Colhem da amante o ~~desejado~~ suspirado beijo,
Do reitor se despede, e velozmente

Transcrição (imagem 151)

Tanto esperar de Vossa Senhoria,

A quem muito *h/já* deve a casa nossa,

E que tão expontaneo hoje me estende
vossa
~~grande~~ causa
~~vossa~~
A generoza mão. Na ~~causa~~ ~~sua~~

Sabeis que eu nunca deitaria um voto
vos Ide
Que contrario ~~lhe~~ fosse. ~~Vá~~ tranquillo,

Que a defender-*vos* sahirei armado

Com as melhores peças. O conselho

Ha de a voz escutar deste collegio,

E confirmar a excomunhão do Mustre,

~~E~~ E compelil-o á entrega da devassa." 280

XVI

doce estas
Um ~~gr~~ abraço ~~abr~~ palavras fecha;

E mais alegre o inclyto prelado
~~muchacho~~
Que o ~~mancebo~~ amorozo, se dos labios
mancebo suspirado
Colheu da amante o ~~dezejado~~ beijo,

Do reitor se despede, e velozmente

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Na cadeira se encaixa em que viera
E alegrar vae os animos afflictos
Das columnas da egreja fluminense.

XVII

As velhas columnas, entretanto,
Sobre o caso fatal deliberavam,
Quando Almeida chegou. Em volta delle
Ancioso todos ~~os~~ a conversa escutam
E a promessa do astuto jesuita,
Sr. cuja honra o adulador Velloso
Um acrostico lerebra, e lembraria
Equivalente um jantar, se o versio Lucas,
Em outra cousa não tem mais grosso casco,
Primeiro não carcaçou a grande ideia.

Fim do canto VII.

Transcrição (imagem 152)

Na cadeira se encaixa em que viera

E alegrar vae os animos afflictos

Das collumnas da egreja fluminense.

XVII

As roliças collumnas, entretanto,

Sobre o cazo fatal deliberavam,

Quando Almada chegou. Em volta delle
a
Anciozos todos ~~as~~ conversa escutam

E as promessas do astuto jesuíta,
honra Vellozo
A/Em cuj*o/a* ~~nome~~ o adulador ~~Fonceca~~

Um acrostico lembra, e lembraria
nescio
Egualmente um jantar, se o ~~gordo~~ Lucas,

Que outra couza não tem nos ermos cascos,

Primeiro não lançasse a grande ideia.

Fim do canto VII

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 153

O Almada √

Canto VIII

In Complet.

Transcrição (imagem 153)	tinta preta
O Almada	grafia mão alheia furos de fichário na margem esquerda marca d'água Wisconsin Bond MMC
Canto VIII	
In*com*pleto	

Canto VIII

I

Era alto dia, e todo alvoroçado
Corria o povo de uma banda a outra,
A sentença aguardando do conselho
Que ia da excomunhão julgar o caso.
A tranquilla cidade, que ainda ha pouco
No regaço da paz adormecia,
Em dous oppostos campos se divide,
Como o que a bella Troia, em outra feita
A mesma antiga suspeitar parece,
Um tempo sem teças sangrentas armas
Em favor da Tiara ~~e~~ da coroa.

II

~~Cortes saia da sala, e dura acabrata~~
~~Na mal cresta o turvido collo,~~

Transcrição (imagem 154)

Canto VIII

I

Era alto dia, e todo alvoroçado

Corria o povo de uma banda a outra,

A sentença aguardando do conselho

Que ia da excommunhão julgar o cazo.

A tranquilla cidade~~,~~ que inda ha pouco

No regaço da paz adormecia,

Em dous oppostos campos se divide,

Como os que a bella terra, em cuja falla

A musa antiga suspirar parece,

Um tempo viu terçar sangrentas armas
e
Em favor da thiara ~~ou~~ da coroa.

II

~~Curta saia de seda, alva cambraia~~

~~Que mal encobre o luzidio collo,~~

tinta azul
furos de fichario na margem esquerda

Imagem 155

Das doutas expressões com que alindára
O libello da camara, os olhos
Dos conselheiros ~~vagarosos~~ curiosos busca
O justo interpretar que lhes deixára,
O pasmo, a admiração; e tantas vezes
No ânimo ~~alto~~ revolve o seu discurso,
Que o debate não ~~[illegible]~~ deve do congresso,
E alli com gente solitario fica.

IX

Na sua sala, entanto, passeando,
O ministro aguardava a boa nova,
E certo do triumpho, já na mente,
Um obsequio aos reitor, delineava
Um pomposo jantar. De pasmo em pasmo
A' janella chegava; e não vendo
O mensageiro seu, de impaciente
Mordia o labio, e a causa da demora

Transcrição (imagem 155)

Das doutas expressões com que alindára

O libello da camara, nos olhos
curiozo
Dos conselheiros ~~vagamente~~ busca

O gosto interpretar que lhes deixára,

O pasmo, a admiração; e tantas vezes
a revolve
No animo ~~revo~~ o seu discurso,

Que o debate não ouve do congresso,

E alli com gente solitario fica.

IX

Na sua sala, entanto, passeando,

O prelado aguardava a boa nova,

E certo do triumpho, já na mente,

Em obsequio ao reitor, delineava

Um pomposo jantar. De quando em quando

Á janella chegava; mas não vendo

O mensageiro seu, de impaciente

Mordia o labio, e a causa da demora

tinta azul
folha cortada e colada
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 156

Lutar. Si perguntava e responderá.
Conjecturava então que o dom abbade,
Por affeição do Mestre, e desejoso
De dar no seu poder um grande golpe,
Um discurso faria entremeado
De longas citações e perdigotos.
Mas o agudo rector, que pelejava
Ao lado da justiça, e trar consigo
Autores que estudára a noite inteira,
Trovejando vermelho se levanta,
E com amplas razões, iradas vozes,
Parte o fervido applauso do conselho,
Ponto por ponto lhe desfaz na cara
Toda a argumentação benedictina.

Transcrição (imagem 156)

Entre si perguntava e respondia.

Conjecturava então que o dom abbade,

Por affeição do Mustre, e dezejoso

De dar no seu poder um grande golpe,

Um discurso fazia entremeado

De longas citações e perdigotos.

Mas o agudo reitor, que pelejava

Ao lado da justiça, e traz consigo

Autores que estudára a noite inteira,

Tro*j/v*ejando vermelho se levanta,

E com amplas razões, iradas vozes,

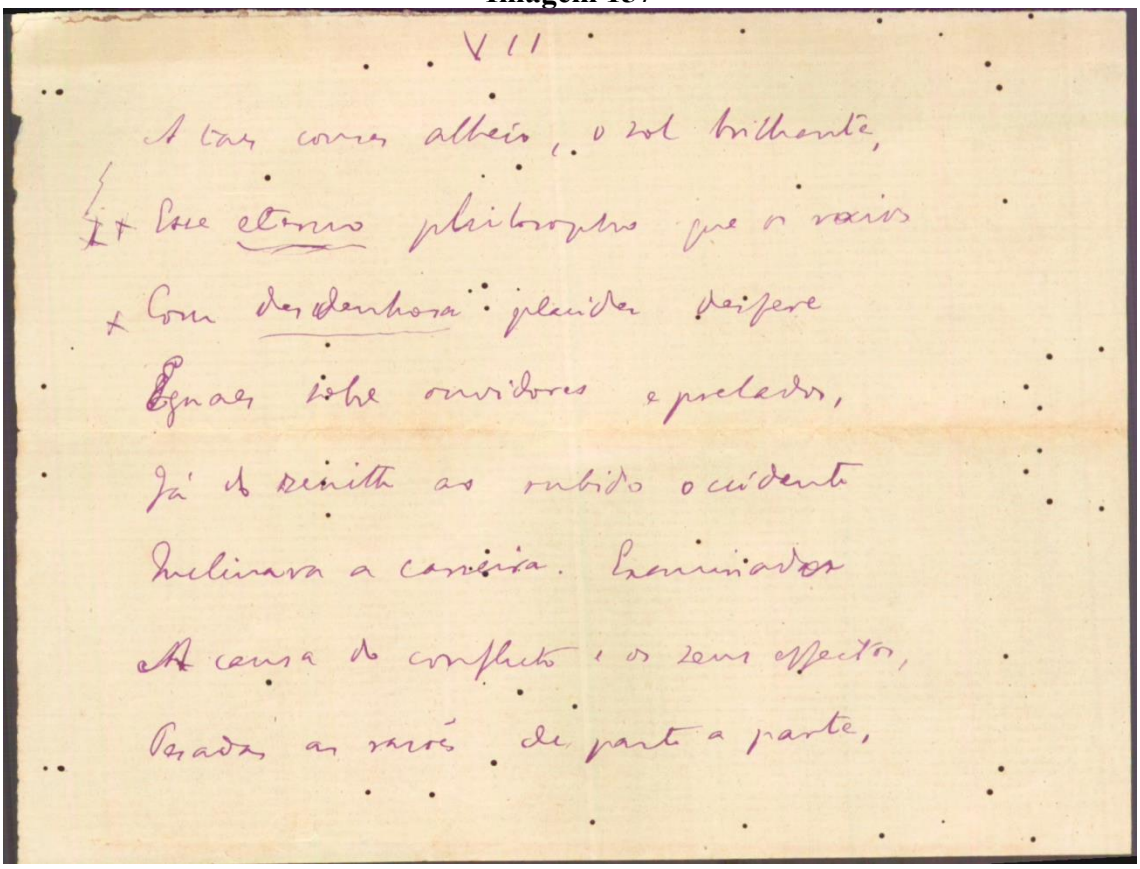
Entre o férvido applauso do conselho,

Ponto por ponto lhe desfaz na cara

Toda a argumentação benedictina.

tinta azul
folha cortada e colada
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 157



VII

A tais cousas alheio, o sol brilhante,
Que eterno philosopho que os raios
Com desdenhosa plenidade deifere
Iguaes sobre ouvidores e prelados,
Já do zenith ao rubido occidente
Inclinara a carreira. Examinador
A causa do conflicto e os seus effeitos,
Pesadas as razões de parte a parte,

Transcrição (imagem 157)

VII

A taes couzas alheio, o sol brilhante,

x x Esse <u>eterno</u> philosopho que os raios

x Com <u>desdenhosa</u> placidez desfere

*E*guaes sobre ouvidores e prelados,

Já do *z*enith ao rubido occidente

Inclinava a carreira. Examinad*as/os*

A causa do conflicto e os seus effeitos,

Pesadas as razões de parte a parte,

tinta azul
folha cortada

Unanime o conselho determinara
A excommunhão sustar do austero alumnie
E a causa sugeitar ao regio voto.
Em vão na mente decorado tinha
O reitor um discurso, em que provara
A justiça do Almeida; mas, a ~~assistia~~ ira,
Que tornando a figura de um porteiro,
Assiste á discussão, e que o triumpho
Busca sustar do intrepido prelado,
De taes artes se serve, de taes manhas,
Que o cerebro transtorna ao jesuita,
A opinião lhe muda, e o nome delle
Entre os nomes sahe do livro ~~acordam~~ accordão.

V/ 511

Copiada a sentença, alli se volve
Para a Almeida. Leva-a promptamente
A escrivão do senado; mas o triste,

Transcrição (imagem 158)

Unanime o conselho determina

A excommunhão sustar do austero Mustre

E a causa sugeitar ao regio voto.

Em vão na mente decorado tinha

O reitor um discurso em que provava
mas a
A justiça do Almada; ~~a torva~~ Ira,

Que tomando a figura de um porteiro,

Assiste á discussão, e que o triumpho

Busca evitar do intrepido prelado,

De taes artes se serve, de taes manhas,

Que o cerebro transtorna ao jesuita,

A opinião lhe muda, e o nome delle
accordão.
Entre os nomes reluz do torvo ~~accordam~~.

VIII

Copiada a sentença, alli se escolhe

Para a Almada leval-a promptamente

O escrivão do senado; mas o triste,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Que do prelado conhecia a fama,
Uma dor allega na cabeça,
~~Era mettar-se na cama logo corre.~~
E por que seja acreditado o caso,
A mettar-se na cama logo corre.

Antão, o alcaide-mór, que presidia
O governo da terra e o grão conselho,
Um fandicano alage e um conselhita,
~~Para a expedição escolhe e fabricada,~~
E desta expedição confia o mando
Ao reitor do collegio. Bem quiseram
Aquelles atrevidos commissarios
Antes do ~~[illegible]~~ golpe mandricar um pouco,
Mas o fino Alvarenga, que previa
Um estrago fatal á sua copa,
Que esta de urgencia o caso lhes declara,
E delicadamente os põe na ~~[illegible]~~ rua.

~~[illegible]~~

~~Alvarenga~~

Transcrição (imagem 159)

Que do prelado conhecia a fama,

Umas dores allega na cabeça,

~~E a metter-se na cama logo corre.~~
E por que seja acreditado o cazo,

A metter-se na cama logo corre.
~~A~~
Então, o alcaide-mór, que prezidia

O governo da terra e o grão conselho,
Um franciscano elege e um carmelita,
~~Para a empreza nomeia quatro frades,~~

E desta expedição confia o mando

Ao reitor do collegio. Bem quiseram

Aquelles atrevidos commissarios
Antes d*a/o* ~~surpreza~~ golpe manducar um

Mas o fino Alvarenga, que previa

Um estrago fatal á sua copa,

Que era de urgencia o cazo lhes declara,

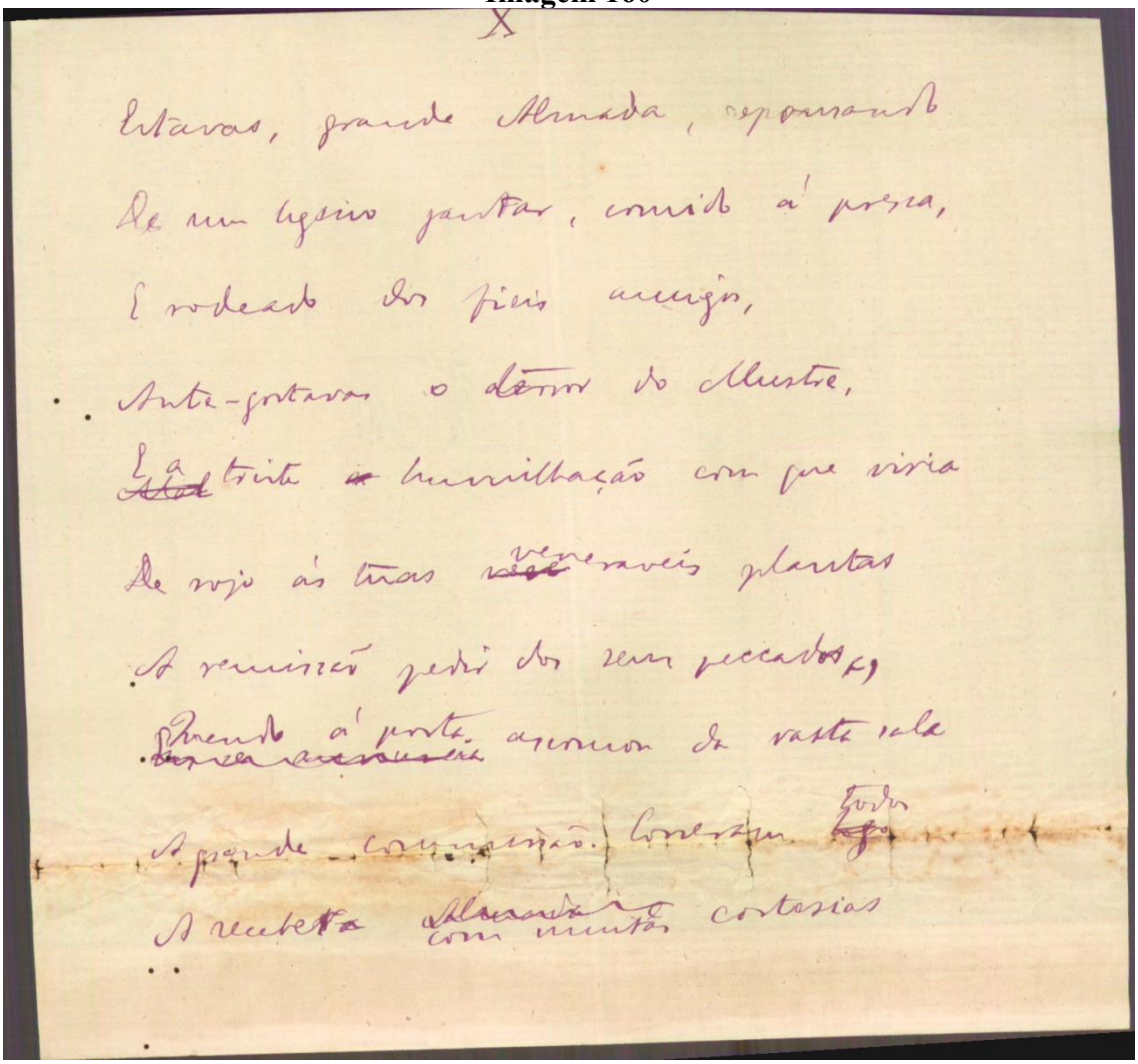
E delicadamente os põe na ~~n~~ rua.

~~IX~~

~~Na rua~~

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 160



X

Estavas, grande Almada, repousando
De um legeiro jantar, comido á pressa,
E rodeado dos fieis amigos,
Ante-gostavas o dôrce do illustre,
E a triste humilhação com que viria
De rojo ás tuas veneraveis plantas
A remissão pedir dos teus peccados,
Prendo á porta ascensor da vasta sala
A grande comparação. Conversam todos
A recebeu Almada com muitas cortesias

Transcrição (imagem 160)

X

Estavas, grande Almada, repousando

De um ligeiro jantar, comido á pressa,

E rodeado dos fieis amigos,

Ante-gostavas o *av/t*error do Mustre
E a
~~Mal~~ triste ~~a~~ humilhação com que viria
veneraveis
De rojo ás tuas ~~veve~~ plantas

A remissão pedir dos seus peccados~~,~~ ,
Quando á porta
~~Eis se annuncia~~ assomou da vasta sala
todos
A grande commissão. Correram ~~logo~~

A receb*el-a/er* ~~Almada e~~ cortesias
com muitas

tinta azul
folha cortada

Imagem 161

Os não previstos hospedes. Alegre,
Nas suas mãos aperta as mãos de Almeida
O perfido reitor, e olhando em roda
Levemente aos demais a fronte inclina.
Depois, fitando no prelado os olhos,
Concertada a garganta assim começa:
"Se entre os louros, senhor, com que a fortuna,
Não menos que o saber e que a piedade,
A tua fronte magestosa adorna,
Inveja e desespero de almas baixas
Que em vão se esforçam por lutar contigo,
Inda um louro faltava, ousejo é este
De o colher vagejante, e de um só golpe
A turba compindo dos teus contrarios
Em que lhes pese ao venenoso dente
Que te morde na sombra, a historia tua
Em laureinas escreve de ~~ouro~~ ouro puro,

Transcrição (imagem 161)

Os não previstos hospedes. Alegre,

Nas suas mãos aperta as mãos do Almada

O perfido reitor, e olhando em roda

Levemente aos demais a fronte inclina.

Depois, fitando no prelado os olhos,

Concertada a garganta, assim começa:

"–Se entre os louros, senhor, com que a fortuna,

Não menos que o saber e que a piedade,

A tua fronte majest*ada/osa* adorna,

Inveja e dezespero de almas baixas,

Que em vão se exforçam por lutar contigo,

Inda um louvor faltava, ensejo é este 200

De o colher ve*j/c*ejante, - e de um ~~g~~só golpe

A turba confundir dos teus contrarios.

Em que lhe~~s~~ pese ao venenozo dente

Que te morde na sombra, a historia tua
ouro fino,
Em laminas escreve de ~~outro~~

tinta azul

rasura em tinta preta

Com resplendentes lettras de diamante,
A pintaça do Tempo. Eu vejo, eu vejo
Os seculos passando respeitosos
Ante o nome do heroe, que resoluto
Os raios empunhou do seu officio
Para o orgulho abater, a ambição, a inveja,
E entre as benções de um povo amado e amante
Ir no seio pousar da eternidade."

XI

Alli chegando o orador estaca;
~~[illegible]~~;
E o vão prelado, que escutára alegre
Tão pomposas e amaveis esperanças,
Os braços, que já tinha levantado,
Ao orador estende; este os recebe,
E apertado os peitos contra os peitos,
Alguns minutos pasmo; mas, cessando
Esta doce effusão de ambos os cabos,

Transcrição (imagem 162)

Com refulgentes lettras de diamante,
do tempo
A justiça ~~immortal~~. Eu vejo, eu vejo~~,~~

Os seculos passando respeitozos

Ante o nome do heroe, que rezoluto

Os raios empenhou do seu officio

Para o orgulho abater, a audacia, a inveja,

E entre as bençãos de um povo amado e amante

Ir no seio pousar da eternidade."

XI

Aqui chegando, o orador estaca;
~~Neste ponto o reitor estaca e tosse;~~

E o vão prelado, que escutára alegre

Tão pompozas e amaveis esperanças,

Os braços, que ja tinha levantados,

Ao orador estende; este os recebe,

E apertados os peitos contra os peitos,

Alguns minutos ficam; mas, cessando

Esta doce effuzão de ambos os cabos,

tinta azul
furos de fichário na margem

tinta preta
rasura em tinta preta

O reitor do discurso o fio toma:

"Depois de um seio, dilatado enorme
Do intrincado conflicto, que se empenhaste
Contra um duro ~~orgulho~~ rival todas as forças
Que a natureza, que o saber te deram,
O congresso theologico ~~decreta~~ ~~verbera~~ revolve,
Para servir-te, uma sentença justa.
E porque tenhas o propicio ensejo
De exercer a victoria mais brilhante
Que a um guerreiro christão jamais foi dada,
Porque venças melhor o teu contrario.
Lançando-lhe o perdão do ~~tacuelga~~ ma,
~~Alcançar mercês~~ suspender a excommunhão lançada
E a causa impetrar aos regios votos."

XII

A tal nova, o prelado empallidece,
A vista perde, as pernas lhe bambeam,

Transcrição (imagem 163)

O reitor do discurso o fio toma:

"–Depois de um serio, dilatado exame

Do intrincado conflicto em que empenhaste
um duro
Contra ~~o forte~~ rival todas as forças

Que a natureza, que o saber te deram,
~~decreta~~
O congresso theologico ~~resolve,~~
resolve,
Para servir-te, uma sentença justa.

E porque tenhas o propicio ensejo

De exercer a victoria mais brilhante

Que a um guerreiro christão jamais foi dada,

Porque venças melhor o teu contrário

Lançando-lhe o perdão do ~~teu~~ culpa sua,
Suspender manda
~~Manda annular~~ a excommunhão lançada

E a causa sugeitar ao regio voto."

XII

A tal nova, o prelado empallidece,

A vista perde, as pernas lhe bambeam,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

No regelado leito a voz lhe expira,
"E certeiro como cae um corpo morto."
Desenlace fatal! Ao velho, um grito
Magoado foge do amigo peito;
E em quanto a commissão, entre o ~~[illegible]~~ murmurio,
Sorrateira vae dando aos calcanhares
A desforrar-se do perdido tempo
No tardio jantar, — o reverendo
E prelado conduzem para a cama
E um physico chamar mandam á pressa.

XIII

Vê a Gula a victoria da inimiga,
E, a figura do physico tomando,
Á cara ova do abatido Almada,
E depois de operar, um breve exame
Aos afflictos amigos affiança
A ~~[illegible]~~ vida do prelado; e em dois dias-se

Transcrição (imagem 164)

No regelado labio a voz lhe expira,

"E cahiu como cae um corpo morto."

Desenlace fatal! Ao vel-o, um grito

Magoado foge dos amigos peitos;

E em quanto a commissão, entre o ~~sus~~ sussurro,

Sorrateira vae dando aos calcanhares

A desforrar-se do perdido tempo

No tardio jantar, – os reverendos

O prelado conduzem para a cama

E um physico chamar mandam á pressa.

XIII

Vê a Gula a victoria da inimiga,

E, a figura do physico tomando,

Á caza voa do abatido Almada,

E depois de operar um breve exame,

Aos afflictos amigos affiança

A ~~caza~~ vida do prelado; e sem deter-se

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 165

Com escrever pheantasticas receitas,
Nem pedir choches drogas de botica,
Mesmo que o coristeiro seu demora
Uma gorda gallinha pronta ao fogo.
E a tempera, segundo as regras d'arte.
Promptamente obedece o fiel servo,
E pouco tarda que um pulso arrasa.
A casa toda invade, e subtilmente
Na atmosphera da alcova se derrama.
Prodigio foi! Nos labios do doente,
Como alvejar costuma no horizonte
D'entre as sombras nocturnas a assurda,
Um sorriso desponta; e pouco a pouco
As palpebras se vão assegaçando,
Mas as cortinas de nublado lynceus
Que, á nascente luz do sol nascente,
A verdura da serra e da campanha,

Transcrição (imagem 165)	tinta azul furos de fichário na margem
Com escrever phantasticas receitas,	
Nem pedir chochas drogas de botica,	
Manda que o cozinheiro sem demora	
Uma gorda gallinha ponha ao fogo,	
E a tempere, segundo as regras d’arte.	
Promptamente obedece o fiel servo,	
E pouco tarda que um gulozo aroma~,	
A caza toda invada, e subtilmente	
Na atmosphera da alcova se derrame.	
Prodigio foi! Nos labios do doente,	
Como alvejar costuma no horizonte	
D'entre as sombras nocturnas a arraiada,	
Um sorriso desponta; e pouco a pouco	
As palpebras se vão arregaçando,	
Quaes as cortinas de nublado hynverno	
Que, á cre*d/a*do*r*a luz do sol nascente,	letra [o] sopreposta em tinta preta
A verdura da serra e da campanha,	

Imagem 166

E enfim o rosto da arrulada esphera,
Lentamente escaindo-se descobrem.

XIV

Neste ponto na alcova entra o cozeiro
A gallinha trazendo e o forno calda;
E o prelado, sentando-se na cama,
A convite de todos logo bebe
O caldo em quatro goles, e triscava
O tenro peito da ave, quando a idéia
Do congenro fatal lhe sobe á mente;
Do peito arranca um languido suspiro,
E, reprimindo as lagrymas exclama:
—"Ah! se eu de todos esperar devia
Tão cruel decisão, reitor ingrato,
Tu só me esperdiçar, unico me fez,
Que eu tinha o rosto teu e o teu abraço,

Transcrição (imagem 166)

E enfim o rosto da azulada esphera,

Lentamente esvaindo-se descobrem.

XIV

Neste ponto na alcova entra o copeiro

A gallinha trazendo e o grosso caldo;

E o prelado, sentando-se na cama,

A convite de todos logo bebe

O caldo em quatro goles, e trincava

O *p/t*enro peito da ave, quando a ideia

Do congresso fatal lhe sobe á mente;

Do peito arranca um languido suspiro,

E, reprimindo as lagrymas exclama:

–"Ah! se eu de todos esperar devia

Tão cruel decisão, reitor ingrato,

Tu so me espantas, unico me feres,

Que eu tinha o voto teu e o teu abraço,

tinta azul

Imagem 167

E nisso consiste me entretenha
Em saborear a primeira vingança.
Agora que mortal salvar-me pode
Da tão grande vergonha? Oh! quem diria
Que o destemido Almeida, cujo nome
Nas aras voa da ligeira fama,
~~Dos~~ Os mares assustados atravessa,
Lisboa assombra, e descortina o mundo,
A tamanha baixeza chegaria
Que os alheios esforços mendigasse?"

XVI

Um profundo suspiro a voz lhe embarga;
E surpreso vertendo dos formosos olhos
Precipitadas lagrimas lhe banham,
Pela primeira vez, as faces pallidas,
Que inda menia manhã vermelhas eram.
Correm tristes as lentas a consolar-o,

Transcrição (imagem 167)

E nisso confiado me entretinha

*N/E*m saborear a proxima vingança.

Agora que mortal salvar-me pode

D*a/e* tão grande vergonha? Oh! quem dissera

Que o destemido Almada, cujo nome

Nas azas voa da ligeira fama,

~~*Lisb*~~ Os mares assustados atravessa,

Lisboa assombra~~,~~ e desnortêa o mundo,

A tamanha baixeza chegaria

Que os alheios esforços mendi*a/g*asse?"

XVI

Um profundo suspiro a voz lhe embarga;

E enfim rompendo dos fulmineos olhos

Precipitadas lagrymas lhe banham,

Pela primeira vez, as faces pallidas,

Que inda nessa manhã vermelhas eram.

Correm todos ao leito a consolal-o,

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 168

Pallidas lhe pozeram por a final victoria,
Em ella morrerão naquella empresa,
Em ella hade caber ao grande Almada.
Estavam neste ponto, quando a Dra,
Invisivel entrando, e vendo a Sala,
Tenta sombra-lhe o infeliz prelado,
Em cujo peito uma faisca lança.
Ja vermelho, e ja tremulo, ~~dentro~~ no leito
Lhe a agitarem todo principia,
Mas a astuta rival da propria culpa,
Para o golpe atalhar, ~~entrou na empresa~~ subitamente,
Do misero prelado se approxima
E toda a raiva lhe converte em pomo.

XVII.

As vocatadas sombras, entretanto,
O espaço tomam, que o brilhante globo
Da vida o ser encheu. Raros horiam

Transcrição (imagem 168)

E alli lhe juram que a final victoria,

Ou elles morrerão naquella empreza,

Ou ella hade caber ao grande Almada.

Estavam neste ponto, quando a Ira,

Invisível entrando, e vendo a Gula,

Tenta roubar-lhe o infeliz prelado,

Em cujo peito uma faisca lança.

Ja vermelho, ~~t~~ ja trêmulo, ~~de tre~~ ~~no~~

Elle a agitar-se todo principia, no leito

Mas a astuta rival da feroz culpa,

Para o golpe atalhar, ~~a todos apressa~~, subitamente

Do misero prelado se approxima

E toda a raiva lhe converte em fome.

XVII

As recatadas sombras, entretanto,

O espaço tomam, que o brilhante globo

De vida e luz encheu. Raros luziam

tinta azul

Imagem 169

No firmamento os pregos de diamante
Com que a mão creadora do universo
Fixou a Tela azul da larga tenda
Em que apenas ~~[illegible]~~ dá nos sentamos,
Os que viemos do nada, os que ~~[illegible]~~ apressados
Vamos em busca da encoberta terra
Da eternidade. Nem acesa fóra
A candida lampada da noite,
Tão buscada das mulas que respiram
Suas chimeras, seus affectos castos,
Cumam dizer aos solitarios echos
De que megoas teem injuria fortuna
O viver que as aprouta. Rijo vento
~~Empurrava~~ ~~Sugettra~~ Impurava de longe aquelas nuvens
Que a tempestade proxima traziam,
Como se nesta tenebrosa noite
Em perturbar a doce paz da vida
Só os homens apostam á natureza.

Transcrição (imagem 169)

No firmamento os pregos de diamante

Com que a mão creadora do universo

Fixou a tela azul da larga tenda

Em que apenas um dia nos sentamos,
apressados
Os que viemos do nada, os que ~~appres~~

Vamos em busca da encoberta terra

Da eternidade. Nem accesa fôra

A saudosa lampada da noite,

Tão buscada das muzas que suspiram

Suas *q/c*himeras, seus affectos castos,

E amam dizer aos solitarios echos

De que magoas teceu impia fortuna

O viver que os affronta. Rijo vento
~~Empuxava~~
~~Impellia~~ de longe opacas nuvens
Empuxava
Que a tempestade proxima traziam,

Como se nessa tenebroza noite

Em perturbar a doce paz da vida,

Co'os homens apostasse a natureza.

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 170

XVIII

Livre do abalo grande que o prostrára,
O prelado cogita uma vingança,
Os amigos convoca, e todos juntos,
Com aquella energia e vivo engenho
Que aos seus alumnos a historia inspira,
Um meio buscam de vingar o Almada.
Bom genio de ~~agonia~~ agora, o douto Villalobos
Os Olhos deita a Roma, e quer que ao papa
Se faça appellação; mas o Cardoso
De cuja intregridade e sangue frio
Nem o proprio Doto se livrára,
A excommunhão fulmina dos santos Padres;
Governador, senado e povo inteiro.
Timidamente o abelhudo Nunes
Insinua o perdão; assaz punido
Lhe parece o ouvidor; toda a cidade.

Transcrição (imagem 170)

XVIII

Livre do abalo grande que o prostrára,

O prelado cogita uma vingança,

Os amigos convoca, e todos junctos,

Com aquella energia e vivo empenho

Que aos seus alumnos a Lisonja inspira,

Um meio buscam de vingar o Almada.

Com genio de ~~aguia~~ aguia, o douto Villalobos

Os olhos deita a Roma, e quer que ao papa

Se faça appellação; mas o Cardozo

De cuja intrepidez e sangue frio

Nem o proprio diabo se livrára,

A excommunhão *e/p*ropõe dos santos frades,

Governador, senado e povo inteiro.

Timidamente o abelhudo Nunes

Insinua o perdão; assaz punido

Lhe parece o ouvidor; toda a cidade

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 171

A força do prelado conteira
Indomável terrível; era tempo
De regressar á santa par antiga.
Taes ideias o adulador velho
Com ~~[illegible]~~ repulsa; d'alma fraca
Foi sempre a molle par recôndito amigo;

Transcrição (imagem 171)

A força do prelado conhecêra

Indomavel, terrível; era tempo

De regressar á santa paz antiga.
Vellozo
Taes ideias o adulador ~~Fonceca~~

Com escarneo refuta; d'almas fracas

Foi sempre a molle paz recôsto amigo,

tinta azul
folha cortada

Não dar que o fogo endurecem na guerra,
Como a delle, que as iras arrostáva
De todos os ~~prelados~~ senhores do universo
A exigir-lh'o o prelado. Convencido
Este conceito tal escuta Almeida
E tendo meditado longo tempo
Um recurso lhe lembra decisivo,
A gargalhada ~~lhe~~ concerta e desta sorte,
A fallar principia: "Companheiro...."

XIX

Neste ponto um trovão estalla e treme;
E do conselho aos olhos apparece
Um de tanto cahir não vir de elo
Uma terrível e magnífica figura
De longas barbas e encurvados olhos
Que a rigidez marmorea traz na face
E o tremulo cangresso encara e exclama

Transcrição (imagem 172)

Não das que o fogo endureceu na guerra,

Como a delle, que as iras arrostára
senados
De todos os ~~prelad~~ do universo

A exigir-lh'o o prelado. Convencido

Estes conceitos taes escuta Almada

E tendo meditado longo tempo

Um recurso lhe lembra decisivo,
concerta,
A garganta ~~lhe~~ e, desta sorte,

A fallar principia:"Companheiros...."

XIX

Neste ponto um trovão esta*ll/l*a e troa;

E do concelho aos olhos apparece

Sem do tecto cahir nem vir do solo,

Uma torva e magnissima figura

De longas barbas e encovados olhos

Que a rigidez marmorea traz na face,

E o tremulo congresso encara e exclama:

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Imagem 173

E basta já de lutar! Se tu, paralelo,
E vós, teimosos servidores delle,
Na guerra prosseguirdes que ameaça
A dor por quebrar este bom povo,
Saberei que a nação severa do destino
Nos volumes da honra uma sentença
Contra vós escreveu: Dos vossos cargos
Perdereis o exercício e sem demora
Reis prégos a pé entre os gentios,
Os tristes opprobrios e os pechas duas,
Fome, sede, cuidados, vigilias longas,
Que o castigo serão da vossa teima."

X X

Isto disse, desapareceu o velho
(Que era nem mais nem menos a Preguiça)
Entre os severendos assustados

Transcrição (imagem 173)

"–Basta já de lutar! Se tu, prelado,

E vós, teimosos servidores delle,

Na guerra prosseguirdes que ameaça

A doce paz quebrar deste bom povo,

Sabei que a mão severa do destino

Nos volumes de bronze uma sentença

Contra vós escreveu.:/. Dos vossos cargos

Perdereis o exercicio, e sem demora

Ireis prégar a fé entre os gent*is/ios*,

As tribos affrontar e as frechas suas,

Fomes, sedes curtir, vigilias longas,

Que o castigo serão da vossa teima."

XX

Isto dizendo, desparece o ~~vul~~ vulto

(Que era nem mais nem menos a Preguiça)

Então os reverend*es/os* assustados

tinta azul

Imagem 174

Pela terra se lançam, e batendo
Nove vezes nos peitos, nove vezes
O duro chão, com lagrimas, beijando,
Pedem ao ceu que dos eternos livros
Riscado seja o barbaro decreto.

—

Fim do poema.

—

Transcrição (imagem 174)

Pela terra se lançam, e batendo

Nove vezes nos peitos, nove vezes

O duro chão, *cr/em* lagrimas, beijando,

Pedem ao ceu que dos eternos livros

Riscado seja o bárbaro decreto.

—

Fim do poema.

—

tinta azul
furos de fichário na margem esquerda

Nota (Carta I)

Homens do foro, almotacés, vereador... pag.

Verdade chamou-se em seu todo este ~~posto~~ livro ~~ao~~ ao fo
naquelle tempo tinha o simples titulo de camara. E
~~parecer~~ mercê de se chamar vereador foi feita á camara
Rio de Janeiro por provisão de ~~1748~~ 11 de março
de 1748, segundo Moreira Pizarro (~~tomo III~~ Memorias
~~pag. 159. segundo~~ historicas, tomo VII, pag. 159). segundo o Dr. Hedduck
Filho (Fonte das terras municipaes, tomo I, pag. 38
~~a data da sua provisão~~ foi essa provisão datada de 11 de março de ~~1748~~
1757. Vê-se que os dous autores convirtam no dia
e no mez. Para o nosso caso, não vale a pena examinar
~~qual dos dous acertou~~
se foi effectivamente em 1757, se em 1748.

Apesar de só ter obtido aquella mercê no ~~seculo~~
~~XVIII~~ seculo XVIII, a camara do Rio de Janeiro
já anteriormente recebera a ~~titulo~~ denominação de senado em
provisão regia datada de ~~primeiro de setembro~~ 1712.
Alheis. No seculo anterior, em 1667, só um auto
(a mediação
de terras do concelho, por mandado do ouvidor geral

Transcrição (imagem 175)	tinta preta
Nota (Canto I)	
Homens do fôro, almotacés, senado... pag.	
livro ~~á~~	[livro] em tinta azul
Sen*d/a*do chamo eu em todo este ~~poem~~a ~~ao q*ue*~~	rasura [poema] em azul/ deteriorado
ao q*ue*	
naquelle tempo tinha o simples titulo de camara. *~~A~~*	deteriorado
~~provis~~	
mercê de se chamar senado foi feita á camara *do*	deteriorado
Rio de Janeiro por provisão de ~~1748~~ 11 de março	deteriorado
de 1748, ~~P~~ segundo monsenhor Pizarro (~~tomo III,~~	
Memorias	
~~pag. 159). Segundo~~	
históricas, tomo VII, pag. 159). Segundo o Dr. Haddock	
Lobo (Tom*o/bo* das terras municipaes, tom. I, pag. 3*9*	deteriorado
~~a data dessa provis~~	
foi essa provisão datada de 11 de março de ~~1817~~	
1757. Vê se que os dous autores combinam no dia	
e no mes. Para o nosso cazo, não vale a pena examinar	
~~qual dos dous annos~~	
se foi effectivamente em 1*8/*757, se em 1748.	
Apesar de só ter obtido aquelle mercê no ~~seculo~~	
*x/m*eado do século XVIII, a camera de Rio de Janeiro	
denominação	
já anteriormente recebera *o/a* ~~titulo~~ de senad*a/o* em	
1712.	
provisão regia datada de ~~principio do seculo~~.	
de mediação	
Mais. No seculo anterior, em 1667, n'um auto	
nas terras de concelho, por mandado do ouvidor geral	

Manoel Dias Ribeiro, ~~era~~ deu-se á camara do Rio de Janeiro o titulo de senado. (Veja Ponte de Pereira memorias, tomo I, pag. 88).

~~Copia-se como de 1659 e para~~
Emolumento, Lisboa (Annaes, tomo III, pag. 323) trae uma carta da camara ao prelado Alvarez, ~~tra~~ com a data de 1659, — ~~pelo menos no anno de~~ ~~do~~ ~~1659, ou~~ ~~e~~ é escripta anteriormente ao episodio da prensa, ~~e~~ por e' a camara ~~da~~ occasião do devassa, ~~na~~ ~~o documento a camara a si mesma~~ ~~pela~~ a qual parte começa assim: "Nesta cidade ~~se dá o titulo de senado~~ se ja ~~que~~ parte do povo ..."

Ulera pois a camara, ainda por não legalmente, do ~~um~~ titulo que ~~ainda~~ lhe deu.

Transcrição (imagem 176)

tinta preta

Manoel Dias Rapozo, ~~[ileg.]~~ deu-se á camera do Rio de

Janeiro o titulo de senado. (Veja Tombo das Terras

municipais, tomo I, pag. 88).

~~de 1659~~

~~Enfim, no mesmo anno em que se passa~~

Finalmente, Lisboa (Annaes, tomo III, pag. 323)

tr*ez/az* uma carta da camera ao prelado Al*nada/mada*, ~~heroe~~
~~do poema,~~
~~des~~
com a data de 1659, – ~~justamente no anno de~~
que é a mesma da acção do
~~1659, em~~
poema, ~~e~~ é escripta anteriormente ao episodio da

devassa; – ~~na e~~
~~nesse documento a camera a si mesma~~
a qual carta começa assim: "Neste senado
~~se dá o titulo de senado.~~
se fez *por* parte do povo..."

ainda que não legalmente, lhe dou*;/.*

[ainda que não em tinta azul

Uzava pois a camera~~,~~ do ~~um~~ titulo que ~~ainda~~

~~ainda~~

2

Nota (Carta I)

E tu, cidade querida, airosa e moça,
Que usurpas minhas o gostosos gerais... pois

—

Mais de uma vez tenho visto e ouvido que a cidade do Rio de Janeiro nada tem de airosa e graciosa, ao menos na ~~primeira~~ ~~parte~~ parte primitiva, a menos respeitos inferior aos arrabaldes. ~~Eu~~ ~~que~~ ~~vi~~ ~~nos~~ Não ~~contesto a sua~~ ~~verdade; mas, ainda de não ter visto outra cousa~~ ~~a esta~~ ~~opinião~~ juízo; mas eu não contesto ~~absolutamente~~ as belas vistas adjacentes, e depois ~~de~~ pelo de minha ~~cidade~~ terra natal, ~~que~~ e a terra natal, mas que seja uma aldeia, é sempre o paraíso do mundo. Em compensação do que não lhe deram ainda os homens, ~~o~~ porque ella o merece que lhe deu a natureza, a sua magnífica baía, ~~as~~ ~~suas~~ suas serras e as colinas, que a cercam, e ~~não tendo isto~~ ~~esta~~ um ~~aglomerado~~ ~~cena atual~~ acto de espelendor real.

Acrescente que esta dedicatória comparo eu o que é hoje ~~do~~ que era a cidade ~~em~~ em 1659, diferença, ~~que~~ ~~da~~ verdade, enorme.

Transcrição (imagem 177)

Nota (Canto I)

E tu, cidade minha, airoza e moça,

Que ufana miras o garbozo gesto... pag.

–

Mais de uma vez tenho lido e ouvido que a

cidade do Rio de Janeiro nada tem de airoza e

garboza, ao menos *a/na* ~~primitiva, sendo~~ a muitos
parte primitiva,
respeitos inferior aos arrabaldes. ~~Estou que sim; mas~~
Não ~~contesto a asse-~~
me opponho
~~veração; mas alem de não ter visto nunca outra~~,
~~cidades~~
juízo as bellas cidades estrangeiras
a es*sa/te* ~~depreciação~~; mas eu não conheço ~~outra~~ , e
depois terra
~~demais~~ fallo da minha ~~cidade~~ natal, ~~que a~~
e a terra

natal, mas que seja uma ald*eia/ea*, é sempre o paraízo

do mundo. Em compensação do que não lhe deram

*os/a*inda os homens, ~~com~~ possue ella o muito que lhe

deu a natureza, a sua magnifica bahia, as ~~suas~~
mon-
tanhas e ~~as~~ collinas, que a cercam, e sobre tudo isto o

~~certo~~ ~~esplendido ceu azul.~~
seu ceu de esplendido azul.
Accresce que nesta dedicatoria comparo eu o
em 1659, differença,
que é hoje *d/ao* que era a cidade ~~no se~~

~~enorme~~
en/na verdade, enorme.

tinta preta
marca d'água Smith&Meynier Fiume

Imagem 178

Nota (Canto I)

. . . . . da corte em nome
governar Alvarenga, incorruptível
No serviço de rei, astuto e manso,
Alcaide-mór e protector das armas: . . pag.

~~e filho desta cidade~~

Thomé Correa de Alvarenga, Alcaide-mór do Rio de Janeiro, e natural desta cidade, exercia interinamente o cargo de governador por não ter ainda chegado da Bahia o governador effectivo Lourenço de Brito Correa, como tinha sido ordenado na carta regia de 27 de março de 1687.

~~Nasceu na freguezia de Salvador Correia de Sá e Benevides, Barão de Litrais, na~~

~~[illegible]~~

Transcrição (imagem 178)

tinta preta
folha cortada e colada

Nota (Canto I)

..... Da cora em nome

Governava Alvarenga, incorruptivel

No serviço do rei, astuto e manso,

Alcaide-mór e protector das armas... pag.

~~filho desta cidade e~~
Thomé *C*orrêa de Alvarenga, alcaide-mór do Rio de
e natural desta cidade,
Janeiro, exercia interinamente o cargo de governa-

dor por não ter ainda chegado da Bahia o

governador effectivo Lourenço de Brito Correa, como
na
tudo *fe/ôra* ordenado ~~por~~ carta regia de 27 de março

de ~~18~~ 167/57.

~~Thomé Correa era da familia de Salvador Correia~~

~~de Sá e Benevides. O sr. Pereira da Silv*a/eira* na~~

~~illustre~~

deteriorado

Imagem 179

Nota (Canto I)

No mais, amigo deste povo infante,
Um cujo seio placido vivia
Até que uma revolta victoriosa
Na cadeia o mettou. . . . . - pag.

—

Ocorreu esta revolta em novembro de 1660, ha cartas governador Salvador Correa de Sá e Benevides; mas tendo partido para S. Paulo afim de visitar as minas, ficara no governo Thomé de Alvarenga. A revolta foi muito seria, como se pode ver da citada lista (Annaes, Tom IV, no princ.). Thomé de Alvarenga refugiara-se no convento de S. Bento; delle foi arrancado e mettido na portaleia da Santa Cruz.

Transcrição (imagem 179) | tinta preta

~~*14/a*~~ | rasura e sobrescrito em azul

Nota (Canto I)

No mais, amigo deste povo infante,

Em cujo seio placido vivia

Até que uma ~~ver~~ revolta victorioza

~~Em~~ Na cadea~~,~~ o metteu..... pag..
~~A ferro~~

–

Occorreu esta revólta em ~~1660~~ novembro de ~~166~~
então
~~um anno depois de o~~
governador ~~Salvador o general~~ Salvador Correa de Sá e

Benevides; mas tendo partido para S. Paulo, ~~a [ileg.]~~
visitar afim de
~~[ileg.]~~ as minas, ficára no governo Thomé de
~~terrível,~~ | rasura em azul
Alvarenga. A revolta foi ~~medonha~~ como se póde
citado muito seria, | [muito séria,] em azul
ver do ~~mesmo~~ Lisboa (Annaes, tomo IV, no princ.). Thomé

de Alv*ang/arenga* refugiára-se no convento de S. Bento;
dalli
~~donde~~ foi arrancado e mettido na fortaleza de Sancta

Cruz. ~~[Com os franciscanos estava *A/Luiz* Barbalho~~ | Todo trecho abaixo rasurado em azul

~~Bezerra, que o povo proclamou governador; e que~~
~~revolto-~~
~~recusou a pés *firmes* juntos acceitar o cargo. *o/Os* povo~~
~~[s]os~~ ~~Entre a morte e o governo,~~
~~ameaç*ar o/aram* com a morte., ao que elle entao~~
n'o
~~Luiz Barbalho preferiu o governo; ainda assim com~~

~~protestos de sua p~~
~~muitos protestos.~~

Imagem 180

Nota (Cont.t)

O douto Alencar

A varia de ouvido na mão ouvinte... pg.

Ouvido geral era o seu titulo; ~~[illegible]~~ chamo-lhe simplesmente ouvido por ~~[illegible]~~ brevidade e conveniencia poetica.

Transcrição (imagem 180)

Nota (Canto I)

. . . . . O douto Mustre

A vara de ouvidor nas mãos sustinha... pag.

chamo-
Ouvidor geral era o seu titulo; ~~mas~~

lhe simplesmente ouvidor por ~~coveni~~
liberdade e conveni-
encia poetica.

tinta preta

Imagem 181

Nota (Conclusão)

Do porto e pensão Almeida por regia

Assignatura . . . . . pag.

O Dr. D. Manuel de Sousa Almeida, ~~foi~~ presbytero do habito de S. Pedro, foi nomeado prelado administrador por ~~Alfonso~~ provisão de 12 de Dezembro de 1658, e tomou posse no mesmo anno em que se pensionou a acção do processo, em 1659.

Transcrição (imagem 181)

tinta preta

Nota (Canto I *I/)*

Do forte e grande Almada que regia

A infante egreja. . . . . pag.

O *Dr/R*ev°. Dr. Manoel de Sousz Almada, ~~foi~~ presbytero do habito de S. Pedro, foi nomeado prelado administrador por ~~Affonso~~ provisão de 12 de de*zeb/embro* de 1658, e tomou posse no mesmo anno em que se passa a ~~e~~ acção do poema, ~~18~~ 1659.

Imagem 182

a

Nota (Canto I

"Tal o vate christão, que os heroes martyres
Cantou piedoso, ~~pedindo~~ passando um dia
Na velha terra grega, alarve um bando
As mesmas aves contemplou, que outróra,
Respondo como então o azul espaço,
Iam do ~~Elypeo~~ Illiso ás ribas aprisceas." .. pag.

—

Duas vezes allude Chateaubriand á emigração das egonhas da Grecia para a Africa. Uma, no Itineraario, parte I, e diz assim: "Vi, quando estavamos no alto da collina de Mures, formarem-se em bando as egonhas e abriram vôo para a Africa. Farem ellas ha dous mil annos esta mesma viagem; viveram livres e felizes na cidade de Solon como na cidade dos eunuchos gregos."

Nos Martyres, canto XV, põe ~~esta~~ na boca de Demodoco estas palavras (traducção de F. Elypio):

"Cada anno erguem seu vôo essas egonhas,
De alas do Illiso a areas de Cyrene,
E aos campos de Erecthéo cada anno voltam.
Muitas vezes não acham erma a casa

Transcrição (imagem 182)

tinta preta

a

Nota (Canto I

"Tal o vate christão~~,~~ que os heroes martyres
passeando um dia
Cantou piedozo, ~~[ileg.]~~

Na velha terra grega, alar-se em bando

As mesmas aves contemplou que outr'ora,

Rasgando como então o azul espaço,
Illisso
Iam do ~~Ilysso~~ ás ribas africanas. . . . pag.

–

Duas vezes allude *c/C*hateaubriand á emigração das *ce*gonhas da Grecia para a Africa. Uma, no Itinerario, parte 1, e diz assim: "Vi, quando estavamos no alto da collina do Muzeo, formarem-se em bando as cegonhas e abrirem vôo para a Africa. Fazem ellas ha dous mil annos esta mesma viagem; vivem livres e felizes na cidade de Solon como na cidade dos eunuchos gregos."

na
Nos Martyres, canto XV ~~H~~, põe ~~esta~~ boca de Demo-
doco
~~codo~~ estas palavras (tradução de ~~Fe~~ F. Elys*e/i*o):

"Cada anno erguem seu vôo, essas cegonhas,

De abas do Illisso a areas de Cyrene,

E aos campos de Erectheo cada anno voltam.

Quantas vezes não acham érma a caza

Que florente ficou, quando partiram!
Quanta o mesmo tecto em vão buscaram
Onde nos tornou de levar seus ninhos!"

Nada ha deveras ~~tão~~ mais melancolico como este contrasto do homem com toda a natureza. Admite-se, ~~subindo~~ subindo a alpesma das eminencias da nova cidade, e lançando os olhos do corpo a esta varia agglomeração de obras que a civilisação creou e perpetua, volvo os da alma a quatro seculos antes, quando uma sociedade semi-barbara dominava as margens do polpho e as terras interiores. Alguem vestigio ha já della; nenhum vestigio ha de haver da nossa, depois que volveram outros seculos; mas o sol que as alluminou e nos alluminou é o ~~mesmo~~ mesmo; e toda a natureza parece indifferente ás nossas ~~obras~~ obras caducas.

Transcrição (imagem 183)

b

Que florente ficou, quando partiram!

Quantas *a/o* mesmo tecto em vão buscaram

Onde nao tinham de lavrar seus ninhos!"

–

tão ~~tao~~

Nada ha deveras ~~mais~~ melancolico como esse

contraste do homem com toda a mais natureza. Muita

subindo

vez, ~~subindo~~ a alguma das eminencias da

~~tendo subido~~

nossa cidade, e lançando os olhos do corpo a essa

vasta agglomeração de obras que a civilização creou

e perfez, volvo os da alma a quatro seculos antes,

quando uma sociedade semi-barbara dominava

as margens do golpho e as terras interiores. Nenhum

vestigio ha ja della; nenhum vestigio hade haver

outros

da nossa, depois que volverem ~~secculos~~ seculos; mas

o sol que os alluminou e nos allumia é o ~~mes~~

~~mesmo; as aguas que ahi murmuram nessas pra*ias*,~~

~~mesmo; e as aguas e as montanhas~~

mesmo; e toda a natureza parece indifferente ás nossas

obras

~~*covas*~~ caducas.

~~vidas~~

tinta preta

acréscimo e rasura em tinta azul

Imagem 184

Nota (Cont. I)

Se da antiga capella á vastíssima humilde

O ~~capella~~ virador S. Sebastião mudar precisou .... pag.

—

O successo a que alludo recorria justamente tres mezes antes do conflicto da devassa. A matriz da cidade estava então na egreja de S. Sebastião; ~~na~~ ~~alto~~ Almeida tantos desapiedada e mandou-a para a ermida de S. José, mudando ao mesmo tempo o santo, ~~padroeiro~~ padroeiro da cidade. ~~Chamou~~ Abalou-se por isso motivo o povo; ~~[illegible]~~ a camara, ouvida a autoridade, dirigiu ao prelado uma carta communicando a resolução em que estavam ella e o povo de deixar [illegible] no mesmo estado, até vir ~~[illegible]~~ de ~~[illegible]~~. Sabe-se a resolução que se lhe ia mandar pedir.

~~A carta [illegible]~~ A resposta do prelado é um documento ~~[illegible]~~ de seu ~~[illegible]~~.

~~[illegible]~~ quiz ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ e ~~[illegible]~~ impaciente. ~~[illegible]~~ depois de dizer que repelendo ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ a camara, marca-lhe ~~[illegible]~~ tres dias para revogar a resolução tomada,

Transcrição (imagem 184)

Nota (Canto I)

Se da antiga capella á varzea humilde
. . . . . .
martyr Sebastião
A/O ~~[ileg.] matriz~~ mudar quisesse . . . . pag.

–

O successo a que alludo occorreu justamente trez meszs antes do conflicto da devassa. A matriz da cidade estava então na egreja de S. Sebastião; ~~no alto~~
Almada tentou *desybrical-a* e muda-la ~~a~~ para a ermida de S. José, mudando ao mesmo tempo o
Abalou-se
santo, ~~que era~~ da cidade. ~~Com esse~~ por esse
padroeiro a camara,
motivo o povo; ~~a camara~~ ouvidas as autoridades,
~~houve conselhos~~
dirigiu ao prelado uma carta communicando a rezolução em que estavam ella e o povo de deixar tudo no mesmo ~~[ileg.]~~ estado, até vir ~~resposta~~
el-rei de ~~Sua Mages-tade~~ a resolução que se lhe ia mandar pedir.
seu
~~A carta com que~~ do ~~cara-~~
A resposta do prelado é um documento ~~ileg.~~
genio fogozo ~~energico~~ e impaciente
~~cter do voluntarioso e impaciente.~~ Depois de ~~dizer que~~
duramente ~~rispido~~
repreender ~~longamente~~ a camara, marca-lhe
~~a camara incorrera em duas excommunhões, mar car lhe~~ trez dias para revogar a resolução tomada,

[genio fogoso] e rasura em azul

Imagem 185

6

sob pena de a deixar incursa na excomunhão da Bulla da Ceia, e dá então as razões que tinha para o que interdictava feito. ~~[illegible]~~ A conveniência, segundo se vê da carta, foi conservar na egreja do outeiro a imagem do Santo.

Melhor se conhecerá do homem pelo estylo, se todavia é exacto o aphorismo de Buffon. A carta do prelado terminava assim: "

"Em todo o anno não ha gente vai um domingo á matriz, e agora ha chegou este relo. Leem-se as cartas de excommunhão ás paredes, correm-se os taxinhos, fecham-se as portas da Graça e Natal aos negros do orgeio, e sobretudo está o entrosinho na egreja e tem a chave della um secular, thesoureiro da confraria, que entra nella de dia e de noite, e muito se vão adverte. Tudo o que ha na egreja matriz tem de mudar para baixo, e é o altar de S. Sebastião com o santo, sua fabrica e confraria, e um sino, tem de vir na matriz; para ter cuidado da egreja tem por um ermitão."

Transcrição (imagem 185)

tinta preta

b

sob pena de a declarar incursa na excommunhão da Bulla

da Cêa, e dá enfim as razões que tinha para o que

~~desforragem~~

intentava fazer. ~~, razões que (sej*am/a* dito *era* *honra*)~~

~~[ileg.]) parec*e/em* que eram plausiveis.~~ A concessão unica,

na egreja do

segundo se vê da carta, foi conservar ~~apenas~~

outeiro ~~aqui~~ a imagem do santo.

~~[ileg.]~~

Melhor se conhecerá do homem pelo estylo, se

aphorismo

todavia é exata *a/o* ~~sentença~~ de Buffon. ~~;~~ *a/A* carta do prela-

do terminava assim: "

"Em todo o anno não ha quem vá um domingo

á matriz, e agora lhes chegou este zelo. Leem-se as

cartas de excommunhão~~,~~ às paredes, correm-se ~~de~~ ba-

nhos, fazem-se as festas da *p/P*ascoa e Natal aos negros

do vigario, e sobretudo está o santissimo na egreja

e tem a chave della um secular, thesoureiro da

confraria, que entra nella de dia e de noite, e

nisto se não adverte. Tudo o que ha na egreja ma-

triz hei de mudar para baixo, e só o altar de S.

Sebastião com o santo, sua fabrica e confraria, e

para ter cuidado

um sino, heide deixar na matriz; ~~para q~~

da egreja heide pôr um ermitão."

Imagem 186

A camara resistiu; o governador entregou os seus bons officios, e os paulistas moveram o pelourinho a suspender a excommunhão até a revolução de el-rei.

Na carta então dirigida pela camara a Affonso VI veio estado um alvará regio ordenando que os paulistas, bem como outros ministros, fossem morar no alto da cidade, o que elles não faziam, encontrando-se dos versos:

Por prosper aos venerandos plantos
A subida da infame ladeira.

Alem da carta regia, temos a carta do bispo D. Francisco, nos principios do mesmo seculo, (1701), dando conta á rainha da conjuncta historia da mendicidade da fé. O bispo diz: "e delongando-se... a necessidade dos ministros da fé, que privados das commodidades necessarias ás suas subsistencias, procuravam a vivenda no centro da povoação, foi mais difficil o serviço da egreja, e consequentemente poder exacta a pratica dos deveres de cada um dos empregados nas especies e cargos annexos da cathedral."

Transcrição (imagem 186)

tinta preta e azul

c

resistiu
A camara ~~insistiu~~; o governador ~~(o Alvarenga)~~ interpoz
~~mo~~
os seus bons officios, e ~~o prelado~~ moveu o prelado a

suspender a excommunhão até ~~fins~~ resolução

~~final~~ de el-rei.
Affonso VI
Na carta então dirigida pela camara a ~~el rei~~ vejo

citado um alvará ~~do *el*~~ ordenando que os prelados,
regio
bem como outros
~~governadores e *reaes*~~ ministros, ~~reaes~~ fossem morar
~~circunstancia~~ ~~deu a idéa da~~
no alto da cidade, ~~razão que me~~ ~~autorisou a expli-~~
o que elles não fa*z*iam, circunstan- [z] sobrescrito em azul
~~escrever~~
~~ção concisa do acto do prelado~~
cia que me deu ideia dos dous versos:

Para poupar ás reverendas plantas
A *s*ubida da ingreme ladeira. [s] sobrescrito em azul

~~Estes dous versos ainda se verificam justificam~~ texto em tinta azul a partir daqui
~~E se~~
~~E poderia ainda citar~~
Alem da carta regia, temos a carta do bispo D.
dando
Francisco, no principio do seculo seg.[te], (1703), ~~endereç~~
~~en~~
conta á rainha ~~dos~~ da complicada historia da

mudança da Sé. O bispo diz: "~~e~~ *o/E* alongando-se... a resi-

dencia dos ministros da Sé, que privados das commo-

didades necessarias ás suas subsistencias, procuraram a

~~vi~~ vivenda no centro da povoação, foi mais difficil

o serviço da egreja, e consequentemente pouco exacta a

*p*ratica dos deveres de cada um dos empregados nos
*b*eneficios e cargos annexos da cathedral."

Imagem 187

Nota (Carta 5ª

... Entre a ermida
que ao ~~[illegible]~~ nazareno antique estava
a piedade christã, e este edificio
que alberque foi de meninos enjeitados,
~~[illegible] pag.~~
~~A casa do pedreiro [illegible] o provido emprego,~~
A casa do pedreiro ~~[illegible]~~ aos filhos meus . . . . pag.

~~[illegible]~~ Não era preciso lembrar ao leitor catholico que
S. José era carpinteiro em Nazareth. A casa do pedreiro
(segundo diz o Vizarro, tom. III pag. 177, nota) ficava entre
a ermida de S. José ~~[illegible]~~ e o edificio, que
foi cadêa e é hoje camara dos deputados.

Transcrição (imagem 187)

tinta preta

Nota (Canto I

. . . . . Entre a ermida
nazareno
Que ao ~~nazareno~~ artifice votára ~~a~~

A pied*o/a*de christã e esse edificio

Que albergue foi de miseros culpados,
~~E albergue foi de miseros culpados,~~
~~A caza do prelado aos olhos surge. . . . . pag.~~
E onde hoje trôa o popular congresso,
A caza do prelado ~~se levanta~~...
aos olhos surge. . . . . pag.

tinta azul

~~Traz Pizarro á uma~~
Não será preciso lembrar ao leitor catholico que

S. José era carpinteiro em Nazareth. A casa do pre*lado*

(segundo leio *n/em* Pizarro, tom. III, pág. 177, nota) ficava entre

a ermida de S. José *~~depois* egreja~~) e ~~*o/a*~~ o edificio, que

foi cadêa e é hoje camera dos deputados.

Volta (Cont.)

Entre a grande e fecunda magistratura
Compareceu do prosperado Villeloba,
He este a flor dos doutores da cidade,
Vigario do prelado . . . . . pef.

O benemerito Domingos de Almeida Villaloba,
era o vigario geral, e exercia ~~ado~~ interinamente
a prelazia do Rio de Janeiro.

Transcrição (imagem 188)

Nota (Canto I

Entre as quaes figura magestosa

Campeava do profundo Villalobos,

Que era a flor dos doutores da cidade,

Vigario do prelado. . . . . pag.

O licenceado Francisco da Silveira Villalobos,

era o vigario geral e exercera ~~antes~~ inter*e/i*namente

a prelazia ~~.~~ do Rio de Janeiro.

tinta preta
marca d'água Al Masso

Nota (Cont. 1)

. . . . . de que era

Convencido capacho . . . . " pag.

Capacho ~~ainda~~ não está ~~ainda~~ ainda incluido nos dicionarios no sentido que se dá o povo: pessoa que espionet em favor servil ~~subserviente~~. A locução ~~pode~~ Todavia é pitoresca e merece as honras de cidade. ~~Fazer parte de um escriptor~~ Creio que não é de um escriptor ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~

Transcrição (imagem 189)	tinta azul e preta
Nota (Canto II	
. . . . . de quem era	
Convencido capacho. . . . . pag.	
Capacho ~~é um~~ está ~~autor~~ incluido nos diccionarios	
não ainda	
no sentido que lhe dá o povo para exprimir um homem	
servil. todavia	[servil.] em tinta preta
~~subserviente~~. A locução ~~pouco~~ é pictoresca e merece	1ª rasura em tinta preta
as honras de cidade. ~~Tarde ou cedo, essas e outras~~	rasura em tinta preta
Penso que mais de um escriptor	tinta preta
~~vão~~	
~~creações populares e vão indo *pesar* os thezouros da~~	rasura em tinta preta
~~moedas~~	
~~lingua, como riquezas de bom cunho.Co~~	
a tem empregado neste sentido; nos diarios é vulgar.	tinta preta

Imagem 190

Nota (Cant 5

Segue o imperito escrivão Cardoso.. pag.

O padre Rafael Cardoso foi quem ~~motivou~~ interessou o ouvidor geral a entregar a devassa. (~~[illegible]~~).

Cardoso e Villalobos são ~~as duas~~ figuras que a historia nos apresenta; ~~todos~~ os demais companheiros de Almeida são personagens de imaginação; ~~a estes, esses á parte,~~ a uns e outros dei as feições e o caracter convenientes á acção e ao genero do poema.

Transcrição (imagem 190)

tinta preta

Nota (Canto I

Segue-se o impavido escrivão Cardozo. . pag.

O padre Raphael Cardozo foi quem ~~noticiou~~ intimou o ouvidor geral a entregar a devassa. ~~(Veja Annaes)~~.

Cardozo e Villalobos são ~~as duas~~ figuras que a história me offereceu; ~~todos~~ os demais compa-nheiros de Almada são personagens de imaginação; ~~a estes, como áquellas,~~ a uns e outros dei as feições e o caracter convenien-tes á acção do poema. e ao genero

Imagem 191

Nota (Cont. II)

Para o beço superior do grande Abreu - pag.

Superior o beço é ~~tr~~ tradução de equanimis la
rati, não Daxinta, mas de Filinto Shupio, que assim
se exprime numa nota: ~~A~~

Transcrição (imagem 191)

Nota (Canto II)

Para o baço espraiar do grande Almada . . pag.

Espraiar o baço é ~~tr~~ traducção de epanouir la rate, não *hu/mi*nha, mas de Filinto Elysio, que assim se exprime n'uma nota~~.~~ : ~~A~~

tinta azul
marca d'água Smith&Meynier Fiume

Imagem 192

Nota (Carta IV)

E que alli mesmo á hora dos santos cyprios
(Pois de longe vem já os nossos costumes!)
Ousavam ainda entrar por ella... pag.

—

Era este um dos mais inveterados abusos; apesar
de todos os decretos, o regedor de todo os tempos ia
namorar as moças nas egrejas. Já em 1657,
dous annos antes da acção do governo, D. Affonso V.
ordenára que se prohibisse que os homens
fallassem com mulheres nas egrejas, sob pena
de açoites. No anno seguinte foi estendida a pro-
hibição ao clero secular e regular aquelles
beguas que o vedam, ainda que lhes não fal-
sem. (Veja Bivarro, tom. V, p. 19).

Com o tempo, voltou o abuso, e no capitulo seguin-
te, o bispo D. Frei Antonio de Bertano pro-

Transcrição (imagem 192)

tinta preta

a

Nota (Canto IV)

E que alli mesmo á luz dos bentos cyrios

(Tão de longe vem ja os maus costumes!)

Ouzavam inda suspirar por ella. . . pag.

–

Era este um dos mais inveterados abusos; a*pesar*

de todos os decretos, os rapazes de todos os tempos iam namorar
~~namerar~~ as moças nas egrejas. ~~Em~~ Já em 1*8/6*57, dous
~~um~~ annos antes da acção ~~deste~~ do poema, D. Affonso V*I*
~~expediu~~ orde*nou/nára* que se *~~puzesse* [ileg.] ao~~ prohibisse que os homens
fallasem com mulheres nas egrejas, suas portas

e adros. No anno seguinte foi estendida a pro-
~~prohi~~
hibição aos que somente as esperassem *nos/na*quelles

lugares para as verem, ainda que lhes não fallas-

sem. (Vide Pizarro, tom. V, p. 17).

~~Nesse *primeiro* ficou de todo~~
Com o tempo, voltou o abuzo, e no se*g/c*ulo seguin-

te, o bispo D. Frei Antonio do Desterro pro-

Imagem 193

Subiu a conversação ~~[illegible]~~ e quantas vezes portas e vadios dos templos, "principalmente em dia de festa e concorrencia"; pastoral de 14 de março de 1767 (Veja Visaro, VI, 17).

~~Alguem parece que o antigo [illegible] para ir de novo Rio de Janeiro. Não era mais [illegible] a metropole, a [illegible] não existia a até principiava de Nicolau Tolentino:~~

~~Busca alguem feito [illegible],~~
~~Em perfeito já dos [illegible],~~
~~Ao domingo [illegible],~~
~~Vai [illegible] é [illegible] amores~~
~~Cada [illegible] encontrado.~~

~~[illegible] nos [illegible] regia a raça portugueza;~~

Transcrição (imagem 193)

b

hibiu as conversaç*ão/ões* ~~nos adros~~ e ajuntamentos nas e adros d*a/os* templos, "principalmente em dias de festa e concurrencia," : pastoral de 14 de março de 1767. (Veja Pizarro, VI, 17).

~~Nem parece que o costume fosse só do nosso Rio de Janeiro. Não era mais austera a metropole, a dar novo credito a esta quintilha de Nicolao Tolentino:~~

~~Busca algum fofo morgado,~~
~~Que *já* solto já dos tutores,~~
~~Ao domingo penteado,~~
~~Vae dizendo á toa amores~~
~~Pelas pias encostado.~~

~~Hoje não há cartas regias nem pastoraes;~~

Nota (Carta IV)

Como nos dias de solemne festa
de grande acclamação . . . . . Vej.

~~[illegible]~~
~~[illegible]~~
~~[illegible]~~
~~[illegible]~~

~~[illegible]~~ a que alludo neste estudo seria porém a de acclamação de D. João IV, em 1641, quando aqui chegou a noticia da ~~[illegible]~~ perda de ~~[illegible]~~ dominação castelhana. Com ~~[illegible]~~ esplendidas, a ser exacta a Relação que dellas faz um anonymo, e que o Sr. Varnhagen communicou ao Instituto Historico, em cujo Revista, tomo V, foi publicada esmaecida.

Duraram sete dias e constaram de ~~[illegible]~~ alardo de tropas, touros, encamisada, canas, ~~[illegible]~~ vanilhas, mascaras e comedia. Um trecho da alludida Relação dará ideia, não só do que foi a festa, mas ~~[illegible]~~ do estylo do narrador: "Foi o principio das festas

Transcrição (imagem 194)

tinta azul com sobrescritos em preto
marca d'água Smith&Meynier Fiume

a

Nota (Canto IV)

Como *nos dias da solemne festa* — sobrescrito em tinta preta

Da gr*ande acclamação*. . . . . pag. — sobrescrito em tinta preta

~~Sabem~~ ~~as~~
~~É sabido que essas festas de argolinhas, canas e~~
As festas
~~cavalhadas soem muito de nossos avós. As festas~~

~~de que fallo nos dous versos~~
a que alludo nesta estancia foram as da acclama-

ção de D. João IV, em *18/16*41, quando aqui chegou — sobrescrito em tinta preta

a notícia da *~~revolução* triumphante de Portugal~~,
queda da ~~[ileg.~~]c*astelhana*. Foram — sobrescrito em tinta preta
dominação
~~realmente esplendidas~~
esplendidas, a ser *exacta a Relação que d*ell*as f*az — sobrescrito em tinta preta
e
u*m a*no*nymo*, ~~e~~ *que* o Sr. Varnhagen commu- — sobrescrito em tinta preta
em cuja Revista,
nicou ao Instituto Historico, ~~que~~

tomo V, foi ~~publica~~ reproduzida.
alardo de
Duraram *sete dias* e constaram de ~~um *sem*~~ — sobrescrito em tinta preta
manilhas, mas- — sobrescrito em tinta preta
tropas, touros, encamis*ada*, *ca*n*as*, ~~argolinhas~~ — sobrescrito em tinta preta

caras e comedia. Um trecho da alludida Relação
também
dará ideia, não só do que foi a festa, mas ~~principal-~~

do estylo do narrador: "Foi o principio das festas

Imagem 195

4

uma encomiada que parecia morta, alguns dias
a rua da cidade 116 carretões, com tanta com-
petencia dirigidos, tão brasileiros brazos, e tão
historicamente curiosos, que em Athenas foi avaro
nem Italia deixou de se prodigalizar Brasil...
... E para maior alegria se lhe aggregaram dous
carros, ~~com~~ cheios de verdes e apparatos de ramos
e flores, e tão prendados de musicas, que em
cada esquina de sua passeio que o carro do
cem se tocava ~~bem~~ harmonia; ouçai o bien-
cerado José Fernandes de Fonseca, e observa
com com pelos unicos nesta e que nascem
o bosso, não só de invenção como de sonoro."

Não menos curioso é que o diz o redactor
oficial da Camaradas: "... Que cria a cidade tão cheia
de maravilhas, que vai perdendo pelo brilhante esplen-
dor do planeta monarcha e substituindo as estrellas
na pineles e ruas, promovem tantos combinados
brasileiros no varia de invenções, que o ~~[illegible]~~ surpreendeu
o pensamento nas horas, e se confundia no numero, pois
o barulho do logar parece que se dilatava com elles
nesta occasião."

Transcrição (imagem 195)

c/b

tinta azul
marca d'água Smith&Meynier Fiume

uma encamisada que fezéra mostra, alegrando todas
as ruas da cidade 116 cavalleiros, com tanta com-
petencia luzidos, tão luzidamente lustrozos, e tão
lustrozamente custosos, que nem Milão foi avaro
nem Italia deixou de ser prodigamente liberal...
...E para maior alegria se lhe aggregaram dous
carros, ~~com~~ ornados de sedas e apparatos de ramas
e flores, e tão prenhados de musica, que em
cada esquina de rua parecia que o coro do
ceu se havia ~~huma~~ humanado; acção do licen-
ceado Jorge Fernandes da Fonceca, e obrada
com seus filhos unicos nesta e que merecem
o louro, não só da invenção como do sonoro."

Não menos curiozo é que ~~o~~ diz o narrador
acerca das luminarias: "...~~E~~ e se viu a cidade tão cheia
de luminarias, que não fazendo falta o brilhante esplen-
dor do planeta monarcha e substituidas as estrellas
nas janelas e ruas, formavam tantos cambiantes ~~tor~~ [~~ileg.~~]
tornasóes no vario de invenções, que se enredava
o pensamento nas luzes, e se confundia no numero, pois
o limitado do logar parece que se dilatava com ellas
nesta *oca/occa*zião."

Nota (Carta IV)

. . . . . Por mar eles
chegaram alternadamente ao corrimento
que não tornava a clarear lanterna... pag.

A illuminação só começou no governo do
conde de Oeiras, em 1790. Até então havia o
recurso de trazer lanterna; a unica illuminação
era ~~uma~~ as lampadas que de longe em longe
alternavam ~~a~~ ~~outra~~ alguns ~~[illegible]~~ oratorios pelos
esquinas.

Transcrição (imagem 196)

tinta preta

Nota (Canto IV)

. . . . . Gaz nem oleo

Os passos allumiava ao caminhante

Que não trouxesse a classica lanterna. . . pag.

A illuminação só começou no governo do conde de Rezende, em 1790. Até então havia o recurso de trazer lanterna; a unica illuminação eram ~~umas~~ as lampadas que de longe em longe allumiavam ~~os nic~~ alguns ~~*nichos*, *dos*~~ os ~~nichos~~ oratorios postos nas esquinas.

Imagem 197

Nota (Canto IV)

Que que cure nau da Belliosa Hollanda... pag.

Eram continuos os ~~ventos~~ ventos de algarve

~~[illegible]~~

expedição Hollandeza. E ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~

~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~

Transcrição (imagem 197)

tinta preta / inédito

Nota (Canto IV)

Ou que uma nau da *H/B*ellicosa Hollanda . . . pag.

Eram continuos os ~~sustos~~ receios de alguma
~~avisara o reino~~
expedição hollandeza. ~~;~~ ~~mais de uma vez~~ ~~e eram~~
occoreram
~~aviso de hist~~ se
~~os governadores avisado de que alguma tentativa pre=~~
~~anno regio~~
~~meditava. contra as cort~~
~~O *principal* cuidado de todos~~

Imagem 198

Nota (Canto V)

Se nascem com baldas de meirinho
Os capitães do mato . . . . . 14.

~~A carta~~
Os capitães do mato tinham sido creados
~~pouco antes~~, mais recentemente, talvez nos annos anteriores,
com o fim de destruir os quilombos ~~de escravos~~ e capturar
os escravos fugidos, que com muita e ameaçavam
a vida e a propriedade dos senhores de engenho, ~~não~~
~~menos que a população da cidade~~
bem como as da população da cidade. ~~Mas isto é~~
~~pouco, que a rigor que os taes quilombos fossem~~
~~creados pelos~~ ~~pessoas~~ ~~Odeuen verdade~~ ~~Espalhe o terror~~,
~~exigir tranquilidade~~ ~~pois~~ ~~os~~ ~~e~~ ~~mais~~ ~~certos valores~~
~~da toda a população~~ Veja Barros, ~~tomo~~ ~~total~~ ~~14~~ ~~cV.~~

Transcrição (imagem 198)

tinta preta
marca d'água Al Masso

Nota (Canto V)

Que nasceras com balda de meirinho

Ou capitão do matto. . . . . . . pag.

~~A *camara*~~
Os capitães do matto tinham sido creados
~~pouco antes,~~
mui recentemente, talvez no anno anterior,

com o fim de destruir os quilombos ~~de escravos~~
e capturar
os escravos fugidos, que eram muitos e ameaçavam

á/a vida e a propriedade dos senhores de engenho, ~~não~~

~~menos que a população da cidade.~~
bem como as da população da cidade. ~~Manda a~~

~~justiça que se diga que os taes quilombos foram~~

~~creados pelos *povos* *mesmos* *senhores* daquelle tempo,~~
~~com os seus~~
~~cuja barbaridade para com escravos está *além*~~
~~a este respeito~~
~~de toda a expressão. Veja Annaes, tomo III, IV, e V.~~

Nota (Canto V)

Que será desta miseria criança
Se o padrinho lhe falta? . . . . . pag.

—

Será preciso dizer que a palavra padrinho é aqui um eufemismo?

Transcrição (imagem 199)

Nota (Canto V)

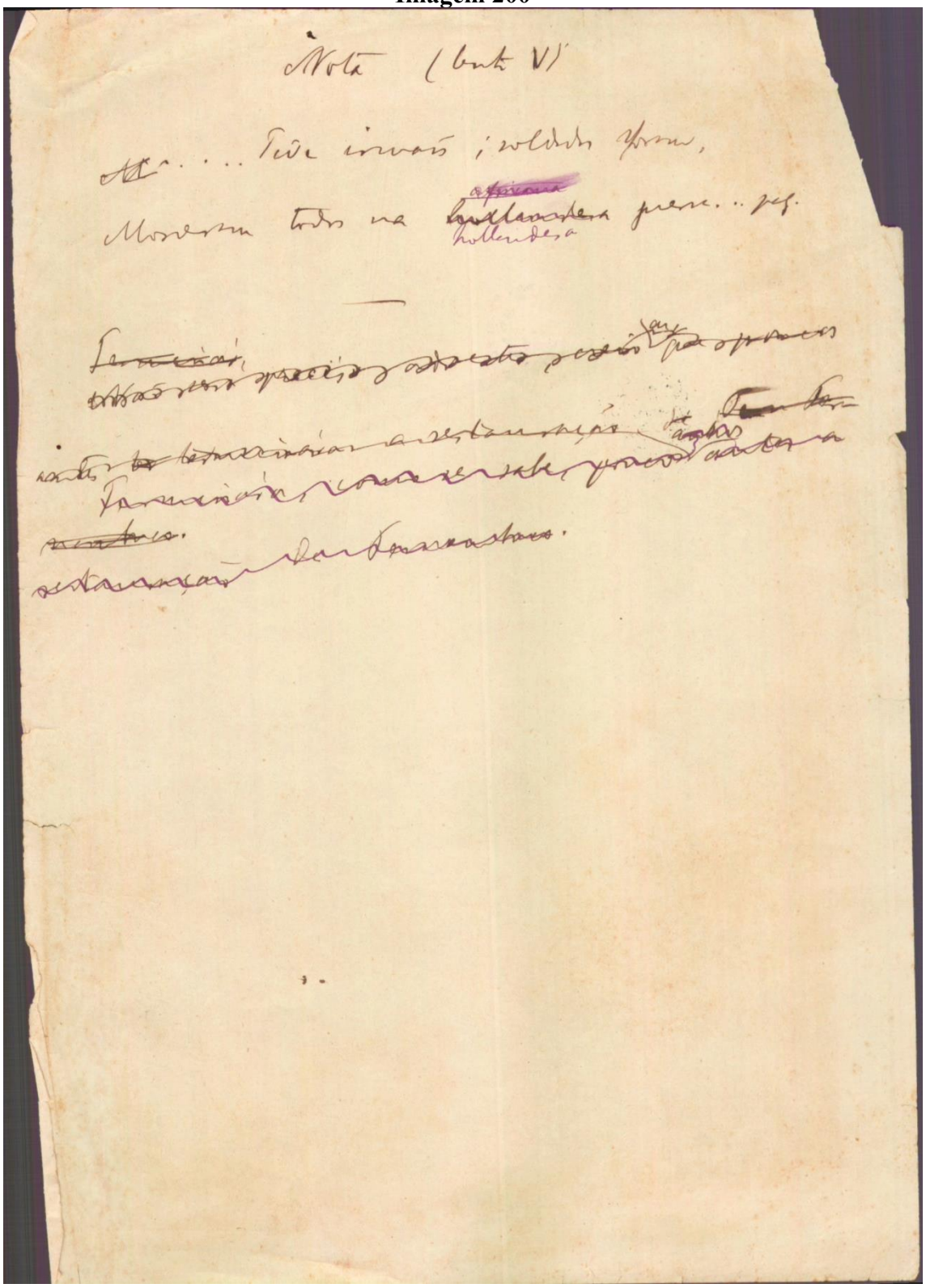
Que ser*á/a* desta misera criança

Se o padrinho lhe falta? . . . . . pag.

Sera preciso dizer que a palavra padrinho é aqui um euphemismo?

tinta preta

Imagem 200



Nota (bota V)

Ah.... Tive invasão, voltado Porto,

Morreu todo na ~~holandesa~~ apoiana holandesa preso... pelo.

~~Francisco, [illegible] pelos [illegible] apoiados~~

~~[illegible] Francisco [illegible] a restauração. Francisco [illegible] a restauração.~~

~~Francisco [illegible] que [illegible] a restauração da Espanha.~~

Transcrição (imagem 200)	tinta preta com rasuras e acréscimos em azul
Nota (Canto V)	inédito
~~M~~ . . . . . Tive irmãos; soldados foram,	
~~africana~~	tinta azul
Morreram todos na ~~hollandeza~~ guerra . . . pag.	rasura em azul
hollandeza	tinta azul
–	
~~Terminár~~ ~~eu~~	
~~Não será preciso atestar creio que o *proucos*~~	
~~antes ter terminára a restauração de Per Per-~~	
~~annos~~	
~~Terminára, como se sabe, poucos antes a~~	rasura em azul
~~nambuco~~	
~~restauração de Pernambuco~~	rasura em azul

Imagem 201

Canto

Como aquelle cavallo de hippiatria... pag.

O cavallo de Job. ~~[illegible]~~ vasa. ~~[illegible]~~ como as hippiatrias hão de conter uma magnifica pintura, ~~[illegible]~~ pela voz de Jehovah. ~~[illegible]~~ quando ~~[illegible]~~ as maravilhas da creação e as obras d'elle seu infinito poder.

"Onde estavas tu quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo se é que tens intelligencia..... Por ventura dás fortaleza ao cavallo ou cobres de rincho o seu pescoço? Por ventura o fazes dar saltos como os gafanhotos? O fogoso respira das suas ventas por terror. Escava a terra com a sua unha, salta com brio; corre ao encontro dos homens armados. Não conhece o medo nem cede á espada. Sobre elle fará ruido a aljava, e vibrará a lança e o escudo. Atropelando esquinas e rinchando sobre a terra, e não faz caso do som da trombeta. Logo que ouve o som da trompa diz: Vah, cheira de longe a batalha, a exhortação dos capitães e o alarido do exercito. (~~Job~~, ~~X~~ (Job, XXXIX, ~~X~~ 4, 19-25.)

Transcrição (imagem 201)

tinta azul
inédito

Canto

Como aquelle cavallo da Escriptura . . . pag.

O cavallo de Job. ~~No capitulo XXXVIII XXXIX,~~
IX
As ~~pessoas que entre nós~~ leem as
~~19-25, o Senhor Jehovah interpellando.~~
~~versi essa magnifica sublime pintu~~
Escripturas hao de conhecer essa magnifica pintura,
~~19-25~~
~~do cavallo do que~~ quando enumera as
posta na boca de Jehovah, ~~quando interpella a Job~~
~~para [ileg.]~~
~~*sobre*~~ maravilhas da creação e as obras do seu infinito

poder.

"Onde estavas tu quando eu lançava os

da terra? Dize-m'o se é que tens intelligencia . . . . . Por

ventura darás fortaleza ao cavallo ou cercará de

rincho o seu pescoço? Por ventura o fará dar saltos

como os gafanhotos? O fogozo respirar das suas ventas

faz terror. Escava a terra com a sua unha, salta

com brio; corre ao encontro dos homens armados. Não

conhece o medo, nem cede á espada. Sobre elle fará

ruido a aljava, se vibrará a lance e o escudo. Arro-

jando espumas e rinchando sorve a terra, e não

faz cazo do som da trombeta. Logo que ouve o *som*

da bozina, diz: Vah, cheira de longe a batalha, a

exhortação dos capitães, e o alarido do exercito. (~~Job, I~~

Job, XXXIX, ~~2~~ 4, 19-25.)

Imagem 202

Nota (Canto VI)

A plebe de hervas que punceava o solo. – pag.

—

Plebe de riachos é uma bella metaphora de João de Barros (Veja Decadas 2ª liv. 8, cap. 1). Igual metaphora li uma vez na Revista Britannica: "... os oito planetas do nosso systema, sem fallar dos seus satellites nem da plebe de asteroides..."

Transcrição (imagem 202)

tinta preta
inédito

Nota (Canto VI)

E a plebe de hervas que juncava o solo... pag.

–

Plebe de riachos é uma bella metaphora de
liv.
2ª, ~~cap~~. V, cap. I
João de Barros (Veja Decadas). Egual metaphora
~~li~~ ~~de uma revista inglesa,~~
~~achei ha tempo n'um artigo traduzido [ileg.]~~
li uma vez na Revista Britanica:
~~na Revista Britannique:~~ "... os oito pla=
~~traduzido n'uma art~~

netas do nosso systema, sem fallar dos seus satellites nem
e da plebe d*os/es* asteroides..."

Imagem 203

Nota (Canto VII)

Leva explosão no cerebro do Alencar pag..

Leva por levemente. Não vulgares nos bons autores estes exemplos de adjectivos empregados adverbialmente. ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~

Transcrição (imagem 203)

tinta preta

Nota (Canto VII)

Leve entorna no cerebro do Almada pag . . .

Leve por levemente. São vulgares nos bons autores

estes exemplos de adjectivos empregados adverbialmente.

~~Gonçalves Dias, que versava os classicos, traz mais de~~
~~traz mais de um exemplo~~
~~um exemplo nos seus~~
Gonçalves Dias, que versava os classicos, muitos exemplos
cunho. tirados de seus
traz e de bom ~~cunh~~. Citarei dous, ~~dos seus~~

admiraveis Tymbiras:

A nossa incuria grande eterno asselam.
(Canto I).

Os olhos turvos

Levou a extrema vez o desditozo

Áquelles ceus d'azul, áquellas mattas,

Doce cobertas de verduras e flores.
(Canto III).

Imagem 204

Nota (Lente XII)

. . . . . .

. . . . . .

Depende do reitor a sua causa,
(que é certamente voto de não deixar
o triunfo superior aos demais triunfos). Pelo

Não é preciso lembrar a influencia dos jesuitas naquelle seculo. Nesse não era insignificante, a ingerencia do

Lisboa portanto não podia ser mais natural. A mesma camara, enviando cinco annos antes a corte um procurador seu para obter do rei algumas reformas, não o fez sem uma attestado do reitor do collegio, o qual começava por estes termos: "Certifico que considerando o estado presente desta provincia, frequencia, e opulencia passada do seu commercio e grande diminuição a que tem vindo, e o geral agasto de todos os moradores da terra, alem de muitos relevantes serviços do serviço de Deus e de S. Magestade, e tem entendido todos os religiosos desta collegio, que necessita a republica de mandar á corte um cidadão etc."

Transcrição (imagem 204)

Nota (Canto *V*III)

. . . . . ~~Se do voto~~

. . . . . Se do voto

Depender do reitor a nossa causa

(Que é certamente voto de mão cheia~~)~~

E trunfo superior aos demais trunfos)... pág.

Não é preciso lembrar a influencia dos jesuitas na-
~~e bastava~~
quelle seculo. Entre nós era immensa; ~~e e incontesta-~~
a sugestão do
~~vel. Basta dizer que cinco annos antes~~
~~vel. Cinco~~
Lucas portanto não podia ser mais natural. A
enviando
mesma camara, ~~querendo~~ cinco annos antes~~,~~

~~enviando~~
á corte um procurador seu para obter do rei algu-

mas ~~medidas~~ não o fez sem um attestado do reitor
reformas,
do collegio, o qual começava por estes termos: "Certifico

que considerando o estado presente desta praça,

frequencia, e opulencia passada do seu co*mer/mm*ercio

e grande diminuição a que tem vindo, e o geral aperto

de todos os moradores da terra, alem de muitas outras

razões do serviço de Deus~~,~~ e de S. Magestade, ~~se~~ tem
collegio,
entendido todos os religiosos dest*a/e* ~~cidade~~ que

necessita a republica de mandar á corte um cidadão seu, etc.
"

tinta
marca d'água Al

Imagem 205

Nota. (Carta VII)

Vinham do refeitorio que era perto. — pag.
[illegible] prosperidade da sua nobre companhia ... pag.

—

Não é isto uma expressão vaga e malevola. ~~[illegible]~~ ~~carta [illegible]~~ relação do padre Ferrão Cardim, companheiro do padre Christovam de Gouveia na ~~[illegible]~~ visita feita aos collegios da Companhia no Brasil em 1590, tratando do ~~collegio~~ do Rio de Janeiro, ~~[illegible]~~ lê-se esta informação:

"... Tambem tem uma cisterna que dá boas aguas, o melhor se dão no refeitorio que é meio anno e são finos: nem faltam comes mesmamente bacoras, assafates, rabanos e outros generos da horta da Portugal em abundancia; o refeitorio é bem provido do necessario, a carne na qualidade e gordura se parece com a de entre Douro e Minho; o peixe é vario e muito, e ate para ver as pescarias de vara-pira, e quando a conquista, vale o arratel a quatro reis, e se é perdiz ~~[illegible]~~ [illegible], a rede e meio, e com um tostão se farta toda tarde... ~~[illegible]~~ Finalmente em geral era ~~[illegible]~~ o melhor provido, se o refeitorio de Coimbra, se este,

Transcrição (imagem 205)

tinta preta
marca d'água Al Masso

Nota (Canto VII)

Vinham do refeitorio que era farto... ~~pag~~

E proprio de tão nobre companhia... pag.

–

Não é isto uma expressão vaga e malevola. *A*

~~carta *enterava*~~ relação do padre Fernão Cardim, compa-
~~longa carta~~
nheiro do padre Christóvam de Gouvêa na ~~missão~~
visita
em 1590,
feita aos collegios da Companhia no Brasil, tratando

do ~~collegio~~ do Rio de Janeiro, ~~escreve~~
traz as seg^{tes} informações:

"... Tambem tem uma vinha que dá boas uvas, os

melões se dão no refeitorio quazi meio anno e são

finos; nem faltam couves mercianas bem duras,

alfaces, rabãos e outros generos de hortaliça de Portugal

em abundancia; o refeitorio é bem provido do ne-

cessario, a vacca na qualidade e gordura se parece

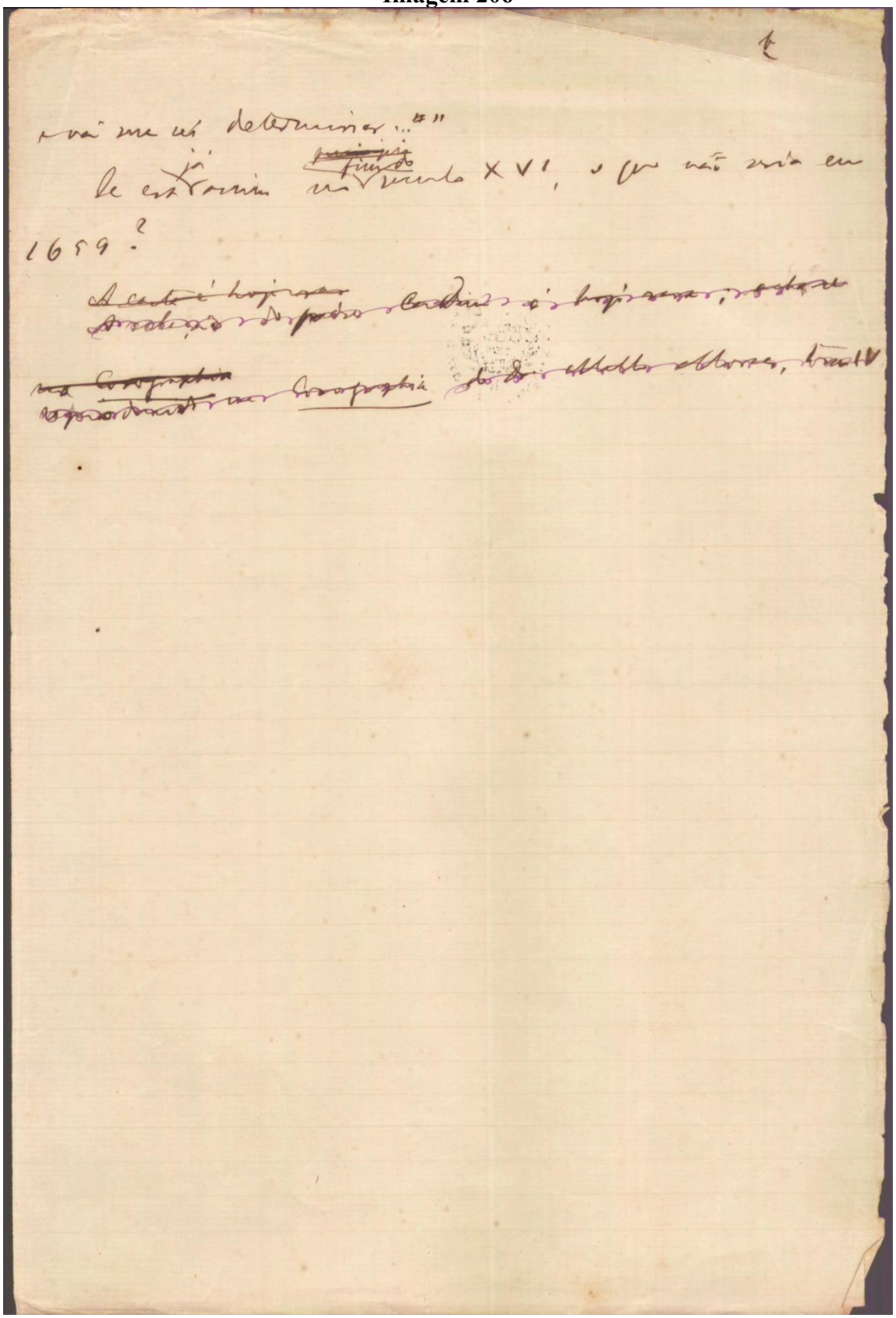
com a de Entre Douro e Minho; o pescado é vario

e muito, e são para ver as pescarias da sexta-feira,

e quando se compra, vale o arratel a quatro reis,

e se é peixe ~~tem~~ escama, a real e meio, e com um
sem ~~e residem nella de~~
tostão se farta toda a casa~~;~~... Duvidava eu qual era
~~ordiario vinte e oito padres e irmãos....~~
o melhor provido, se o refeitorio de Coimbra, se este,

Imagem 206



vai me eu determinar..."

Já se estava no fim do século XVI, o que não seria em 1659?

A carta é hoje na Biblioteca de Paris. Cadiz é hoje na Espanha, está na Geografia do Abbade Abbeses, trad.

Transcrição (imagem 206)	tinta preta
b	marca d'água
	Smith&Meynier Fiume
e vá sua lei determinar .. " "	
~~principio~~	
ja fim do	
Se era assim no seculo XVI, o que não seria em	
1659?	
~~A carta é hoje rar~~	
~~A seleção do padre Cardim é hoje rara; acha-se~~	rasura em tinta azul
~~na Corographia~~	
~~reproduzido na Corographia do dr. Mello Moraes, tomo IV~~	rasura em tinta azul

Nota (Canto VIII)

Canam dizer aos velhos... pag.

Anam dizer perceri ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ forma irregular ou
~~[illegible]~~ irregular, ~~[illegible]~~
~~[illegible]~~ a que não conhecia entre outros
~~[illegible]~~ (tradução de Ferreira)
~~[illegible]~~ de Filinto: "Anam contar os velhos..."

Gonçalves Dias emprega ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ também ~~[illegible]~~ e em mais de
~~[illegible]~~ uma ocasião, aquela maneira de dizer: lisarei ah
~~[illegible]~~ exemplo dos Tupinaes:

Anavam contemplando os de Itajuba
Repetidas proezas.

(Canto III)

Transcrição (imagem 207)

Nota (Canto VIII)

E amam dizer aos solitarios echos... pag.

dizer ~~irregular~~ ~~ou~~
Amam ~~contar~~ parecerá ~~gallicismo~~
forma irregul*ar* ou
exemplos,
gallicismo a quem não conhecer, entre outros, est*a/e/a*
~~(trad~~
(traducção de Oberon):
~~locução~~ de Filinto "Amam contar os velhos..."
~~expressão~~ ~~*seus*~~
~~modo de dizer~~ ~~*mais*~~
Gonçalves Dias emprega ~~esta maneira~~
tambem ~~este modo~~
,e em mais de
~~seus v~~
~~de dizer~~
uma occazião, aquella maneira de dizer:/. Citarei este

~~ver~~
exemplo dos Tymbiras:

Amavam contemplar-te os de Itajuba

Impavidos guerreiros.

(Canto III)

tinta azul e preta
marca d'água Smith&Meynier Fiume

Nota (Carta VII)

. . . . . do collegio

Alva ha sido tambem de grande mal
no conflicto do marquez, a que o povo
tem tido entrego jus, e que de lei está
pertencer claramente á congregação . . . pag.

Não ~~foi~~ cabe ~~ao publico~~ ao tribunal de terceira instancia o acto
da excommunhão, de começo, como elle ~~expõe~~ permittia na
sentença XIV desta carta, (do patriarcha D. Fr.ᶜᵒ de Silveira dia,) em 1677,
quando ~~tudo~~ vetou o collegio, não o pode Antonio Brit,
mas o pede Bernardo Soares. ~~O povo~~ ~~tinha~~ ~~do~~ ~~pelo~~ ~~antiga~~ de se não
poder de ter do marquez o marisco ~~do que se mostra~~ pois seu sentido
~~tinha a~~ e a lenda e medeira pois os seus ~~[illegible]~~ cortes. O collegio ~~[illegible]~~
substancial impedido, (allegando que o marquez lhe pertenciam) e a camara substituir a causa do
povo; ~~[illegible]~~ intervenção até a espada espiritual, que cortou
o ~~[illegible]~~ nó gordio. O rei entretanto deu razão ao povo e á camara.
~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ cumpra
Lisboa, nos Annaes, Carta IV, explica desta a camara
pretenção do collegio:

Transcrição (imagem 208)

tinta preta

Nota (Canto VII)

o restante da nota está fora de ordem aparece na imagem 13 do manuscrito reproduzida na próxima página

. . . . . Este collegio

Alvo ha sido tambem das frechas suas

No conflicto dos mangues, a que o povo

Quer ter antigo jus, e que de ha muito

Pertencem *clerante* á companhia. . . . pag.

nota reproduzida por Astrogildo Pereira

Não ~~foi o~~ coube ~~ao prelado~~ de Souza Almada o acto
a~~o~~ Manoel
da excommunhão, da ameaça, como elle ~~enfim~~ promette na
ao prelado dr. Franc.º da Silveira Dias,
estancia XIV deste canto, mas ~~a outro prelado,~~ em 1677,

sendo ~~senhor~~ reitor do collegio, não o padre Antonio Forti,
povo ~~tirava~~ de
mas o padre Barnabé Soares. *O/Os/O* ~~povo~~
~~pobres~~ estav*am/a* de ha muito no
gozo de tirar dos mangues o marisco ~~de que se susten-~~

~~tava , e~~ para seu sustento
e a lenha e madeira para as suas *~~chaças*~~. *A/O* collegio tentou
casas
allegando que os mangues lhe pertenciam,
subitamente impedill-o, e a camara sustentou *o/a* cauza d*os/o*
povo;
~~pobres~~; ~~veiu então~~
interveiu então a espada espiritual, que cortou
o ao povo e
~~este~~ nó gordio. O rei entret. deu razão á camara.

~~Para explicar a dúvida em que [ileg.] *estão*~~ curioza
Lisboa, nos Annaes , *liv/to*mo IV, explica desta á mane*ira* deteriorado

a pretenção d*os/o* collegio:

Imagem 13

"Hajão (a causa) que por antiga tradição se constatou
que os pedes de companhia tinham pedido de sesmaria
o que se compreendia desde a barra do rio, que tomou
o nome de Alecaú, para dentro p.ª elle acima, e
para banda de concedido, ~~[illegible]~~ representaram e apparecem que
se ~~[illegible]~~ tinham engannado no que haviam pedido, p.ª alem
abagadiços a terra da sesmaria, que se ~~cobria~~ cobriam de agua
enchente, e dentro p.ª ins interiores e impenetraveis que a
terraõ, apóis de bem ~~[illegible]~~ reinteirados, começando
as suas terras donde se acabavam os mangues rio
acima; ~~[illegible]~~ o que tudo lhes permitto
tido elles pleno conhecimento a dita, vão fortalecendo
ao principio o uso ~~[illegible]~~ comum dos mangues...."

Transcrição (imagem 13)

b c

" Expôs (a camera) que por antiga tradicção era constante

que os padres da companhia tinham pedido de sesmaria
se
o que comprehendia desde a barra do rio, que tomou

o nome de Macacú, para dentro p^{r}. elle acima, e
requereram
que sendo lhe concedido, ~~requereram~~ e oppuzeram que
tinham
se ~~tinha~~ enganado no que haviam pedido, p^{r}. serem
cobriam
alagadiças as terras da sesmaria~~,~~ que se ~~cobriam~~ de agua

enchente, sendo p^{r}. isso estereis e infeccundas para a

lavoura, afim de serem ~~ret~~ reintegrados, começando

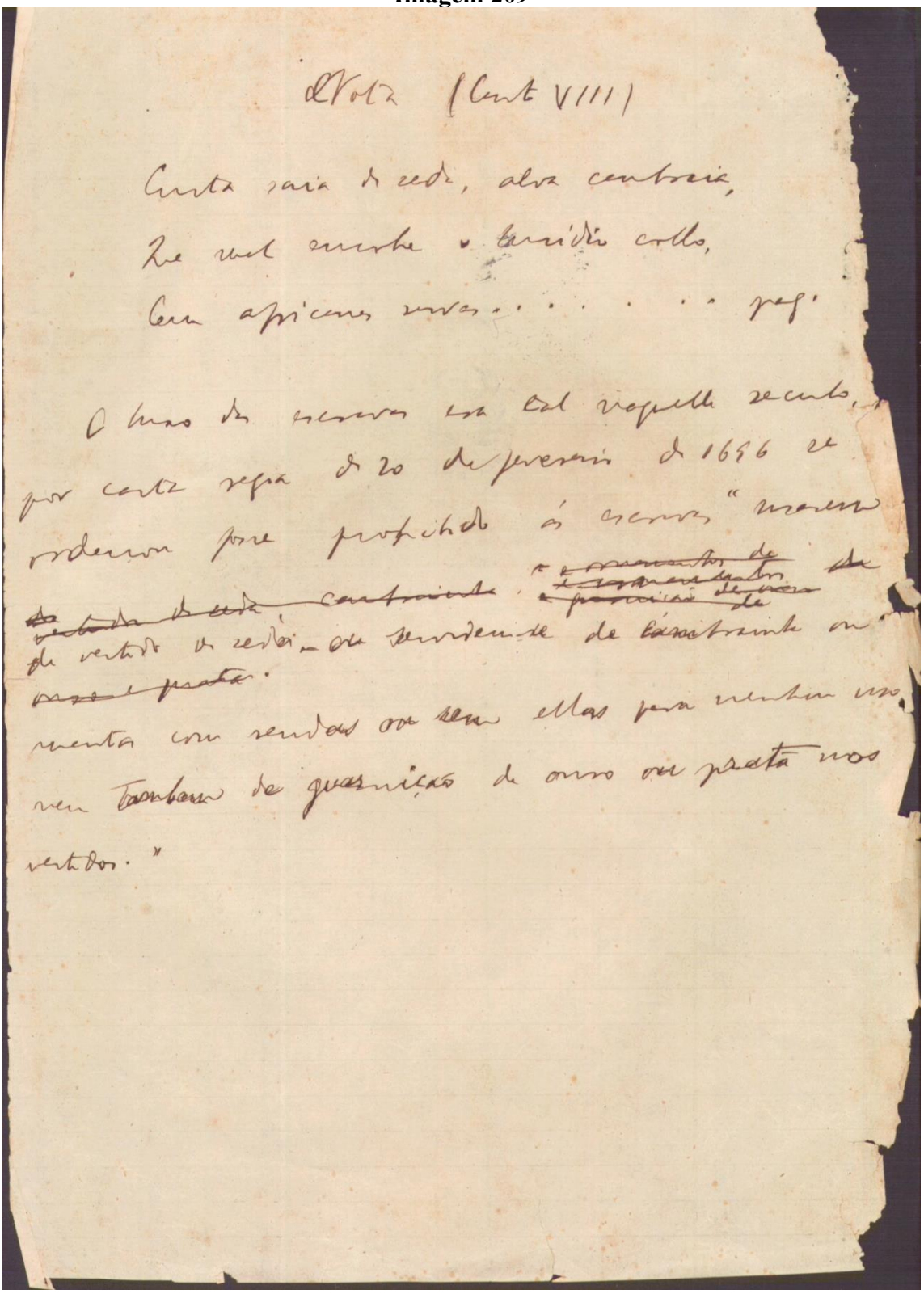
as suas terras donde se acabassem *as/os* mangues rio

acima; ~~outra tanta terra;~~ o que sendo-lhes permit-

tido elles *ficaram* com ambas as ditas, não *tolhendo*
commum
ao principio o us*a/o* ~~comum~~ dos mangues~~.~~ ...."

tinta preta
nota reproduzida por
Astrogildo Pereira

Imagem 209



Volta (Cent VIII)

Curta saia de seda, alva centoeia,
Que mal encobre o barrido collo,
Com apicoes ricos . . . . . pag.

O luxo das escravas era tal naquelle seculo, que por carta regia de 20 de janeiro de 1696 se ordenou que proibisse ás escravas "usarem ~~de vestidos de seda, centoeiras~~ ~~e ornamentos de tecidos de ouro e prata~~ de vestidos de seda, ou tecidos de barrinha ou ~~ouro e prata~~.

nem com sendas ou sem ellas para sentar uso, nem tambem de guarnições de ouro ou prata nos vestidos."

Transcrição (imagem 209)

*N*ota (Canto VIII)

*C/N*urta saia de seda, alva cambraia,

Que mal encobre o luzidio collo,

Cem africanas servas. . . . . pag,

O luxo das escravas era tal naquelle seculo, *que*

por carta regia de 20 de fevereiro de 1696 se

ordenou fosse prohibido ás escravas "uzarem
~~de~~ ~~e ornamentos de~~
~~vestidos de seda, cambrainha~~ ~~e ornamentos de~~
~~de ouro~~
~~e guarnição de~~
de vestidos de seda, ou servirem-se de cambrainha ou
~~ouro e prata.~~
manta com rendas ou sem ellas para nenhum uso,

nem também de guarnições de ouro ou prata nos

vestidos."

tinta preta
nota reproduzida por
Astrogildo Pereira

deteriorado

* Este foi o primeiro dia. No segundo, que era o de segunda feira, oitava do Corpo, verificou-se o alardo geral das tropas no campo de N. S. da Ajuda. Na terça feira, houve touros; na quarta, canas, com duas quadrilhas de cavalleiros: uma capitaneada pelo proprio governador, outra G. Vasqueanes; na quinta, uma comedia em theatro improvisado na praça, mas choveu tanto, que a comedia teve de ser representada na casa do governador; na sexta, ~~a festa na~~ ~~por causa da~~ ~~interrompeu as festas~~ houve por motivo da chuva; no sabbado, manilhas, em que tiveram grande parte o governador e Vasqueanes. ~~Este~~ Deste ~~Diario~~ honrado Fluminense, ~~segundo~~ dir a Relação, ~~em todo~~ que "em todos os festas houve bizarro e bizarreou lustroso."

Transcrição (imagem 210)

* Este foi o primeiro dia. No segundo, que era o de segunda feira, oitava da Pascoa, verificou-se o alardo geral das tropas no campo de N. S. da Ajuda. Na terça feira, houve touros; na quarta, canas, com duas quadrilhas de cavalleiros; uma capitan*i/e*ada pelo proprio governador, outra p^{r}. Vasqueanes; na quinta, uma comedia em theatro improvisado na praça, mas choveu tanto, que a comedia teve de ser representada
nada houve
na casa do governador; na sexta, ~~a chuva~~
~~por causa d*as/a*~~
~~interrompeu as festas~~
por motivo da chuva; no sabbado, manilhas, em que tiveram grande parte o governador e ~~o~~
Deste honrado diz
Vasqueanes~~. Este distincto~~ fluminense, , s~~egundo~~
"
"~~todas~~
a Relação, que – "em todas as festas luziu bizarro e bizarreou lustrozo."

tinta preta
é um trecho
da advertência que foi publicada na *Revista Brasileira*, como "A assuada"